

APOSTILA AULA 01

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 01 - O QUE É A UMBANDA?

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciça expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

UMBANDA: ORIGENS E VISÃO HISTÓRICA

Deparei-me com uma postagem no Facebook que me chamou a atenção não pelo seu contexto e talvez até pela sua exatidão no pleito desejado, mas sim pela falta de informação na exposição do mesmo e na tendência a repetir conjuntos de "ideias" e "discursos" rasos e sem fundamentação histórica e sequer cultural.

A História da Umbanda é repleta de lacunas e nunca iremos conseguir completá-las a contento, contudo com um pouco de estudo histórico, etimológico e até mesmo cultural, conseguimos compreender o formato da constituição do povo brasileiro e claro podemos passar isso para a constituição da cultura e por consequência das religiões aqui nascidas.

O Umbandista procura muito sobre como acender velas, como agradar Orixás e atualmente em como estar atualizado nas agendas sociais e políticas. Só que peca quando tange a entender a sua própria religião que é um reflexo da sociedade formadora ou pré-sociedade brasileira, por assim dizer.

O texto que eu encontrei foi o seguinte:

"Porque é tão fácil entender que Ogum não é São Jorge, que Iemanjá não é Nossa Senhora, mas ao mesmo tempo é tão difícil aceitar que Jesus e Oxalá não são a mesma coisa?

E que, portanto, a teologia UMBANDISTA não deve ser derivada do cristianismo, mas sim do sistema yorubá de pensar?

O resultado dessa recusa a encarar com seriedade os fatos é a perpetuação de conceitos estranhos às religiões de matriz africana e a total deformação das suas estruturas teológica e filosófica:

Céu, inferno, pecado, virtude, dogma, salvação, condenação, pureza, impureza...

Nada disso nos pertence.

Todo respeito a Cristo e seus fiéis, mas é mais que hora de aceitarmos quem somos.

Caso contrário, assinamos embaixo do projeto de apagamento da cultura afro-brasileira e indígena e colocaremos no lugar mais um cristianismo místico genérico da América Latina."

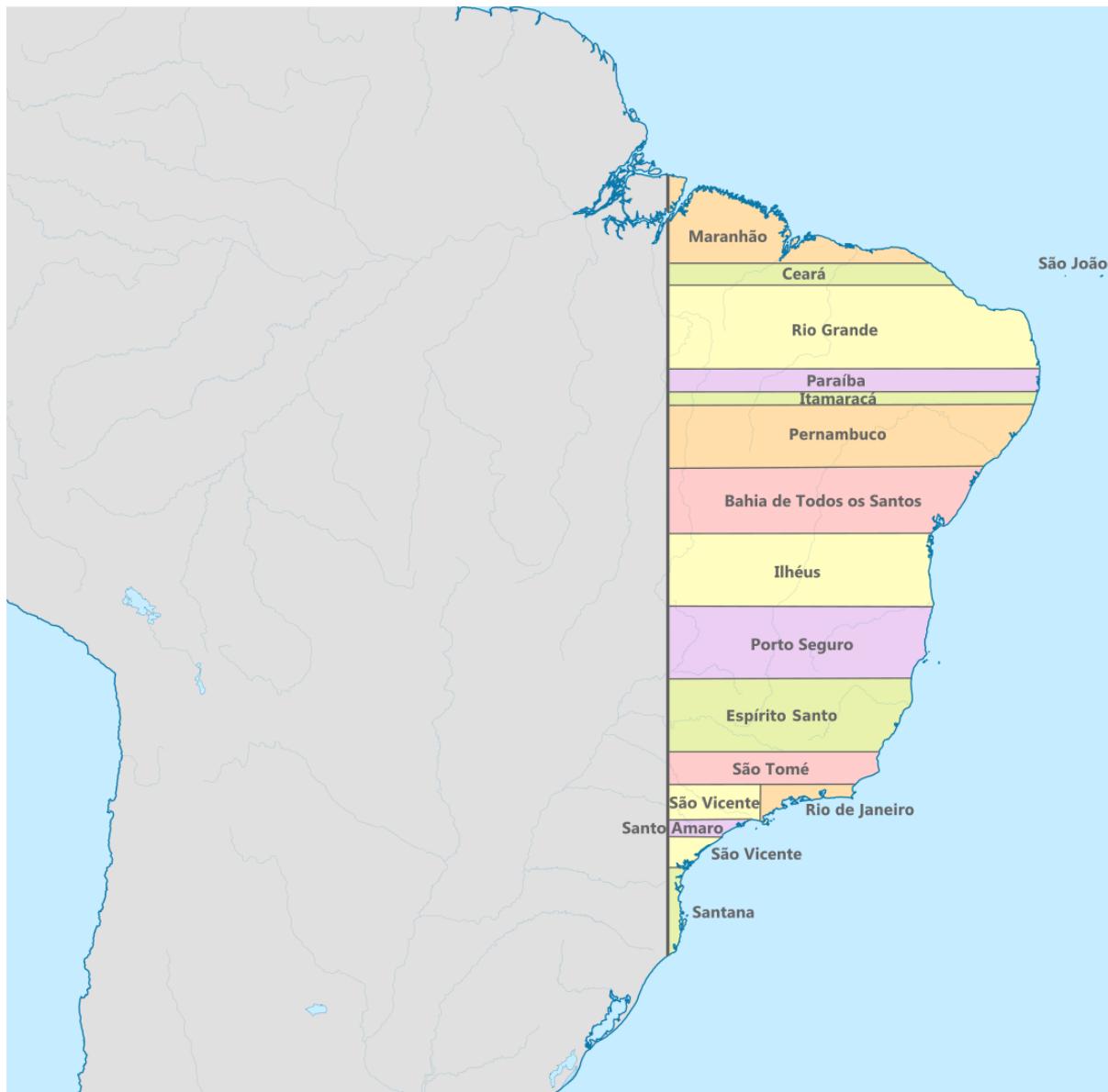
Aqui me chama a atenção alguns pontos colocados que é de grande preocupação, elenco-os:

1. Falta de conhecimento do que é Sincretismo e de seu uso pregresso até mesmo antes da colonização.
2. Umbanda não é derivada do Cristianismo, mas tem que ser pensada no "sistema" yorubá.
3. Recusa em aceitar com seriedade os fatos e criar conceitos estranhos às religiões de "matriz africana".
4. Apagamento da cultura afro-brasileira e indígena.
5. Cristianismo místico genérico da América Latina.

Esses pontos me chamaram a atenção e acredito que é preciso um pouco de contextualização para entender o equívoco do autor.

O primeiro ponto é o entendimento de como foi formado o Brasil. A gente chama muito de Brasil Colônia, porém não há relatos dessa nomenclatura ser utilizada no Brasil e tampouco na Europa. O termo mais correto é o Estado do Brasil que não compreendia toda a extensão do território brasileiro.

Em 1534 começaram a ser fundadas as capitâncias hereditárias. Faixas de terras localizadas na costa leste brasileira, sem adentrar a sua zona meridional, como uma forma de marcar a presença portuguesa na América sulista sem ocorrer a intervenção de potências navegantes como as espanholas, inglesas e holandesas.



Capitanias Hereditárias – 1534

Como podemos perceber na imagem acima (clique para aumentar) a terra que seria o Brasil era dividida em faixas: Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Bahia de Todos os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Tomé, São Vicente, Rio de Janeiro, Santo Amaro, e Santana.

Essa divisão perdurou durante um tempo até que em 1621 houve a mudança da sua divisão: Estado do Maranhão e Estado do Brasil. Sim, grande parte do que hoje consideramos Brasil, não era chamado de Brasil.



Dois Estados – 1621

Já em 1709 temos uma expansão que demarca o rompimento do famoso Tratado de Tordesilhas, que definia que a parte oeste do continente sul-americano seria de

propriedade da Espanha, gerando estados um pouco mais definidos do que conhecemos hoje.



Mapa do Brasil em 1709

Lembrando que a família Real Portuguesa só chegou ao Brasil em 1808 e que a independência do Brasil do Reino de Portugal se deu em 1822.

No mapa acima vemos divisões completamente estranhas para nós, pois algumas das regiões ainda mantém seus nomes até os dias atuais. Podemos perceber principalmente a região Norte do Brasil chamada de Grão-Pará, a Região Sudeste e Centro-Oeste chamada de São Paulo, a inexistência do Estado do Espírito Santo, sendo este parte da Bahia, também percebemos uma geografia bem diferente na região do nordeste brasileira onde a Bahia está “diminuída” e a região de Pernambuco está expandida.

Pois bem, isso pode ser um indício de muitos dos “baianos” da Umbanda possuírem sotaques que não são característicos do estado da Bahia (desfazendo um dos muitos mitos) além do seu traje típico do sertanejo Pernambucano e das palavras como Oxente, Cabra e Peste, comum na fala do Espírito dos Baianos de Umbanda. Sendo que o sotaque do Baiano natural do estado da Bahia é mais cadenciado, mais lento em alguns aspectos.

Até 1815 Pernambuco manteve a maior parte da sua extensão territorial sendo que algumas partes se tornaram os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe.

No nordeste a capitania de Pernambuco era vista como uma das mais lucrativas para o povo europeu devido a exploração da cana-de-açúcar. A mão de obra escrava primordial em terras brasileiras foi a indígena, contudo sabemos que os europeus (ingleses, holandeses, franceses e portugueses que aqui estavam) não conseguiram ter sucesso com os nativos em sua gana exploratória.

A solução (indigna) foi sequestrar e traficar povos oriundos da África para servir de mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar.

A escravidão já era realidade desde 1530 no Brasil, contudo a exploração do africano começou por volta de 1539 e 1542, principalmente na região de Pernambuco.

Portugal já tinha contato com os povos africanos, principalmente os de origem Banto (ou Bantu) desde 1483 por meio do explorador português Diogo Cão. Inclusive o mesmo levou alguns congoleses para Portugal, retornando ao Congo por volta de 1485 trazendo os mesmos convertidos para o cristianismo. Inclusive o Manicongo (ou Rei do Reino de Congo) Nzinga a Nkuwu foi batizado e convertido em 1491 se tornando João I do Congo.

O povo Banto é compreendido como um conjunto de diversas etnias que tem uma similaridade cultural e linguística, sendo as línguas mais comuns o Kingongo (Kincongo), o Umbundu e o Kimbundo. Compreendiam as regiões da África Subsaariana, onde estão localizados atualmente Angola, Congo, Gabão, Camarões, Moçambique, Zimbabwe, Parte do Sudão, África do Sul e etc.

Este foi o primeiro povo explorado (principalmente o de origem congolesa e angolana) que foram trazidos como mão de obra escrava para o Brasil, sendo também a sua maioria.

Os africanos de Origem Banto foram trazidos principalmente de Angola, Moçambique, Benguela e Congo e levados a locais como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão.

Durante os séculos XVIII e XIX, Angola foi a principal fonte exportadora de mão de obra escrava para os portugueses, ou seja, foram trazidos para o Brasil. Estima-se que 75% dos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil eram de origem Banto.

Desta forma fica implícita a sua maioria e com isso a sua capacidade de trazer também a sua cultura para cá. Cultura essa que se manifesta pelo "sincretismo" ou "Proto-sincretismo" onde as religiões destes povos acabaram por assimilar os Deuses e Divindades, assim como a cultura de outros povos para reforçar a sua própria crença. Então é totalmente aceitável que um Banto pudesse cultuar sua divindade local, seu Inquice e também uma divindade estrangeira (como eles viam Jesus, os santos e afins).

Essa cultura já existia na África e foi trazida conjuntamente com os africanos bantos para o Brasil e não era forçada, mas sim uma questão cultural de agregação de forças ou Mojo (Moyo) como alguns falam. Essa palavra em Yorubá pode ser associada com Axé, força vital.

Aqui vemos que o Povo Banto não cultua Orixás, mas outras formas de divindades não individualizadas e também os Inquices que representavam forças naturais, além disto compreendemos também que eles associavam aos ancestrais um caráter divino.

[Para mais informações consulte: A Religião dos Bantos: Novas Leituras sobre o Calundu no Brasil Colonial por Robert Daibert.](#)

Aqui refutamos o ponto 1 e ponto 2 da nossa listagem no começo dessa postagem, ou seja, já havia sincretismo na África e também a maioria do povo formador cultural de origem africana no Brasil tinha cultura Banto e desta forma não cultua Orixás, ou seja: NÃO ERAM NAGÔS (YORUBÁS).

A QUESTÃO DA MATRIZ AFRICANA.

Um outro desentendimento que há é sobre a MATRIZ AFRICANA das religiões como Candomblé e por consequência da Umbanda. O Candomblé (ou Candomblés, pois existem vários) são nitidamente de origem Africana ou seja de Matriz Africana. Em outras palavras, são religiões brasileiras que beberam da fonte africana original para se fundamentarem (contudo de uma forma diversa da crença primária em terras africanas).

Contudo a Umbanda não é de Matriz Africana pois também bebe de fontes indígenas e europeias (por mais que queiram descharacterizar isto). Há claro o entendimento de um certo embranquecimento da Umbanda e das Macumbas por meio de discursos eugênicos, mas temos que encarar os fatos reais, a cultura européia é presente em nossa cultura brasileira também.

[Para saber mais leia: A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira de Renato Ortiz.](#)

Ao se negar o impacto do índio (afinal a Umbanda é nitidamente um culto de Caboclos e Pretos-Velhos) nós estamos refutando a origem mista da própria Umbanda, tirando todo seu encantamento das práticas nativistas.

Então entramos em contrassenso com o ponto 3 e 4 de nossa listagem pois exacerbar de forma equivocada a Umbanda como Matriz Africana buscando um purismo Yorubá é apagar a identidade Banto e Indígena da religião. Denota uma total falta de compreensão da própria origem da religião e do povo formador.

Essa é uma característica (infelizmente) do povo brasileiro que não consegue ler mais de um livro de história aceitando tudo de bom grado conforme figuras proeminentes se manifestam. Aceitam como gado que vai para o abate sem contestar e

tampouco tem forças ou argumentos para contestar pois nunca abriram um livro que não um romance espiritual.

CRISTIANISMO MÍSTICO GENÉRICO DA AMÉRICA LATINA

Essa é outra afirmação que me incomodou pois ao denotar que o cristão é apenas o católico como muitos tentam compreender, acaba nos levando a incorrer no maior erro que é ver a religião como uma inimiga histórica sem analisar seus feitos.

Erros, equívocos e atrocidades ocorreram em todas as religiões e em todas as culturas e sociedades, inclusive nas africanas e indígenas.

[Para saber mais leia: Escravidão – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares.](#)

Porém o cristianismo empregado dentro das práticas de Umbanda é realmente místico, pois é essa a característica da Umbanda, uma religião mística que faz uso da magia para sua expressão religiosa.

O cristianismo aqui empregado é o cristianismo popular que deu origem às benzedeiras e raizeiros, deu origem a magia popular e as simpatias e principalmente deu origem a estrutura cristã brasileira descentralizada da Igreja. Veja isso com o clássico termo “católico não-praticante”, ou seja um católico que não respeita os dogmas e regras da Igreja Centralizadora.

Desta forma ele não é de fato um católico, só se identifica assim por falta de um outro termo mais adequado.

Esse mesmo católico dança no Carnaval, comemora a páscoa, ainda tem festa de Halloween e poderia fazer simpatias para afastar o mau olhado e desvirar o bucho da criança.

Entendem como é uma contextualização errada? O uso das imagens católicas pode ser até contestado nos Congás, contudo o uso das imagens dos Orixás também, afinal vimos acima que grande parte da influência da Umbanda é Banto e desta forma

deveríamos representar os Inquices (que não tem estatuetas e personalizações). Como fazer não é mesmo?

A REFUTAÇÃO DE TUDO

Agora se você ainda acredita que a Umbanda é Africana com influência Yorubá e que está sendo apagada, vamos pegar termos comuns falados dentro do terreiro e analisar etimologicamente para descobrir suas origens.

Temos como: Aruanda, Atalaia, Arranca-toco, Banda, Calunga, Cambona, Cambone, Camutue, Candomblé, Canjerê, Canjica, Canzua, Capangueiro, Catular, Congá, Curiá / curiador, Dendê, Engira, Farofa, Fundanga ou funganga, Ganga, Macaia, Macumba, Maleme, Mandinga, Marafó, Miçanga, Milonga, Mirongas, Molambo, Mucuiu, Pemba, Quimbanda, Quiumba, Quizila, Quizumba, Sacaanga, Saravá, Tatá, Vumbi, Zimba, etc.

São todos de origem Banto, curioso né? Como um terreiro com cultura Yorubá vai usar termos de linguística Banto em grande profusão (inclusive grandes partes da língua portuguesa, principalmente a brasileira, acaba tendo diversas influências do Kinongo, Umbundo e principalmente do Kimbundo).

Para saber mais leia: Novo Dicionário Banto do Brasil; Nei Lopes, Editora Pallas.

Vamos a alguns exemplos:

- **Aruanda:** De Luanda, Reminiscência da memória coletiva do negro brasileiro que teria conservado de São Paulo de Luanda, Capital de Angola, porto africano do tráfico de escravos. Passou com o tempo a deixar de designar o porto de Angola, para se transformar em um lugar utópico, como uma pátria distante, um paraíso a liberdade perdida, terra da promissão (ENCICLOPÉDIA, 1970 a, verbete "Aruanda").
- **Atalaia:** Encontrada no clássico ponto de Pombagira (Pambu Njila, outro nome Banto): "Lá na Atalaia de Pomba Gira, de Pombagirê para que eu não caia".

Significa sentinela, vigia. Vem do Quimbundo *tala, de vigiar e o quinongo *laia de igual significado.

- **Arranca-Toco:** Popular nome de Caboclo e Exu de Umbanda, mas seu significado é um pouco diferente no dicionário Banto. Motim, Tumulto.
- **Banda:** Lugar de origem de uma entidade de Umbanda; linhagem: "Saravá sua Banda". Do Quimbundo mbanda, zona, correspondente ao quinongo mbanda, província, distrito ou parte de um país.
- **Calunga:** Do termo multilingüístico Banto Kalunga que encerra a ideia de grandeza, imensidão, designando Deus, o mar e a morte.
- **Cambona:** Do Quimbundo Kamona, rapariga (moça). Ajudante do Pai de Santo.
- **Cambone:** Cambono. Considera-se o bemba *kambone, testemunha.
- **Camutue:** Cabeça. Do quimbundo kamatue, cabecinha.
- **Candomblé:** Religião Brasileira de culto aos orixás iroubanos, voduns daomeanos ou inquices bantos. A raiz do termo está certamente no elemento banto ndombe, negro (quimbundo: kiandombe, quinongo e umbundo: ndombe).
- **Canjerê:** Reunião de pessoas para práticas fetichistas. Feitiço, Mandinga. Proveniente de njele que é uma cabaça cheia de pequenos objetos, usada para exorcismos pelo povo ndau, de Moçambique. Pode ser também no quinongo nkengele, que significa rodopiar, girar, e no ronga khongela, adorar, rezar.
- **Canjica:** Seu étimo é do quimbundo kandjika, que significa papa.
- **Canzua:** Local ou terreiro ou salão onde se realizam as cerimônias, nos rituais de origem Banta. Casa, na linguagem dos terreiros. Do quimbundo nzua, cabana.
- **Capangueiro:** "Oxalá mandou, já mandou buscar, os capangueiros da Jurema, lá no Juremá". Do quimbundo kapiange, irmãozinhos.
- **Catular:** Raspar a cabeça, fazer o santo, iniciar-se. De katula, privar, tirar, remover, do quimbundo e do quinongo.
- **Congá:** Corruptela de Gongá. Altar de Umbanda. Recinto onde fica este altar. Do quimbundo ngonga, cesto ou cofre. No antigo reino do Ndongo, a palavra ngonga designava uma espécie de sacrário onde se guardavam as relíquias da pátria.
- **Curiá:** Sorver bebida alcoólica, beber. Do Quimbundo kudia, beber ou beber (Umbundo).
- **Curiador:** Bebidas preferidas de certas entidades.
- **Dendê:** O fruto do dendzeiro, óleo extraído desse fruto. Do quimbundo ndende, tâmara, fruto da palmeira Elaeis guineensis.

- **Engira:** Reunião de adeptos da cabula. De origem banta: ou do quimbundo njila, giro; ou do umbundo ochila, lugar da dança. Daqui deriva a palavra Gira para definir as sessões de Umbanda.
- **Farofa:** Mistura de farinha com gorduras e às vezes outros alimentos. Entre os africanos de origem banto há a palavra falofa ou farofia, segundo Capello e Ivens.
- **Funganga ou Fundanga:** Pólvora, do quimbundo fundanga.
- **Ganga:** Provém do termo nganga que significa feiticeiro.
- **Macaia:** Proveniente de makaya (quinongo). Mata, bosque, floresta, local de oferendas rituais. Makaya é plural da palavra kaya, que significa folhas.
- **Macumba:** Makumba é o plural de dikumba, cadeado, fechadura. No quinongo Makumba é plural de Kumba, prodígios ou feitos miraculosos ligados ao Cumba, feiticeiro.
- **Maleme:** Perdão. Do quinongo ma-lembe, saudação desejando paz, saúde, etc.
- **Mandinga:** feitiço, bruxaria, talismã.
- **Marafo:** Cachaça. Do quinongo malavu, vinho.
- **Miçanga:** Conta de vidro miúda. Do quimbundo misanga, fio de conta de vidro, rosário ou colar.
- **Milonga:** Feitiço, sortilégio, Bruxedo. De Milongo, do quimbundo, milongo, remédio.
- **Mironga:** Mistério, segredo. Do quimbundo milonga, plural de mulonga, mistério.
- Molambo: Trapo, pano velho, rasgado ou sujo. Roupa esfarrapada. Do quimbundo mulambu, pano atado entre as pernas.
- **Mucuiu:** O mesmo de mocoíu.. Pedido de benção nos terreiros de origem banta. Do quinongo mukuyu, espírito.
- **Pemba:** Pedaço de giz. Pó extraído da raspa do giz. Do quinongo mpemba, giz, correspondente ao quimbundo pemba, cal.
- **Quimbanda:** Sacerdote de culto de origem banta. Do quimbundo kimbanda, sacerdote e médico ritual correspondente ao quinongo nganga.
- **Quiumba:** Espírito obsessor. Importuno, paulificante. Do quinongo kínumba, Espírito.
- **Quizila:** Ojeriza, aversão. Proibição ritual, tabu alimentar ou de outra natureza. Do termo multilingüístico kijila (quimbundo) ou kizila (quinguana). Proibição, castidade, jejum, tabu alimentar.
- **Quizumba:** Confusão, briga. Alteração de quizomba, provém do quimbundo kuzuma, do iaca kizumba.

- **Sacaaanga:** Termo para designar espíritos bentos. Provém do quinongo saka, sacudir, agitar + o quimbundo uanga, feiticeiro. Aquele que espanta o mal. Feiticeiro que faz exorcismos.
- **Saravá:** Significa Salve. Bantunização do português salvar, saudar.
- **Tatá:** Relacionado ao quimbundo tata, pai.
- **Vumbi:** do quinongo evumbi, morto.
- **Zimba:** Originalmente o ponto riscado é chamado de Zimba. O mesmo que carimbo (selo). Origem do quinongo zima, bater, bater com.

Acho que deu para compreender como a exposição é longa e o pensamento que devemos ter não pode ser raso como o da postagem proposta.

O entendimento da Umbanda se dá em pilares aqui explorados da cultura Banto, com posterior integração de alguns elementos de culto Yorubá, porém ainda há a presença massiva (e não explorada neste texto) da filosofia espírita, do catolicismo popular e das muitas culturas indígenas presentes no trabalho.

A cultura do uso do Tabaco, por exemplo, não é de origem africana, mas de origem nativista brasileira, sendo o Tabaco provavelmente uma palavra de origem Taino (povos que habitavam as ilhas de Cuba, República Dominicana e Haiti, entre outros). Ela se espalhou por toda a América, apesar de ser originária dos Andes.

O tabaco é usado ainda de forma fumada por meio de cachimbos, cigarrilhas e charutos, assim como em forma de rapé.

Isso porque não vou entrar nas questões linguísticas, ritualísticas, nas plantas e ervas, nas divindades e tudo mais que também existe dentro do trabalho indígena.

Outra curiosidade sobre a influência banto é o uso de atabaques sendo tocados diretamente pelas mãos, o que na cultura yorubá não ocorre, sendo que eram usadas varinhas para essa prática.

CONCLUSÃO

Novamente peço a todos leitores, que são diferenciados pela busca de informação sensata e de confiança, para que não se permitam engendrar em agendas

de certa forma deturpadas, que podem prejudicar ainda mais a luta que é feita pela valorização da cultura africana, nativista e também brasileira.

A Umbanda é nitidamente uma religião cabocla, no contexto de ser uma religião miscigenada composta por diversas etnias que não são as que estão no poder e não são eugênicas.

Então para trazer real informação e cultura para nossos leitores, nós indicamos diversos livros que foram usados como fontes para esse trabalho, além da enciclopédia britânica e de outros textos de mestrado e doutorado disponíveis na internet pelos portais acadêmicos.

Não desvalorize sua religião e sua cultura em busca de uma pureza que está deturpada reproduzindo um conteúdo pouco explorado e muitas vezes usado de forma sensacionalista por algumas pessoas para angariar movimentação para suas páginas e perfis.

Use seu discernimento, mergulhe a fundo nas questões e veja que aqui exploramos um pouco só dessa questão e que isso deve ser muito mais debatido e estudado.

Saravá!

A UMBANDA NÃO COMEÇA COM ZÉLIO!

No dia 15 de Novembro de 2020 além das eleições municipais e também da comemoração da Proclamação da República, muitos comentavam nas redes sociais sobre o Dia Nacional da Umbanda, exaltando Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como seus fundadores.

Isso é de uma estranheza ímpar, apesar de ser esperado em um país onde poucos realmente procuram se aprofundar nos temas que transitam em suas vidas. Onde você escrever corretamente é sinônimo de elitização e onde você tentar dar educação a quem deseja (e todos precisam) é visto com maus olhos pelos poderes vigentes.

Zélio, como já falamos diversas vezes tanto no blog, quanto em nosso [canal no YouTube](#), não foi o FUNDADOR da Umbanda como muitos pensam.

Primeiramente a gente deve parar de pensar rasamente e ir procurar outras coisas além de NOMES. Nomes são dados por nós para designar algo para o nosso entendimento, então é bem possível que antes mesmo da assunção de um nome tivéssemos a prática a que aquele nome se refere, afinal criar um nome sem um objetivo não faz muito sentido.

O que caracteriza a Umbanda não é seu nome, mas seu corpo de práticas e rituais. Uma religião aberta a todos, onde a mediunidade tem papel fundamental e onde aprendemos não só as práticas religiosas mas as questões de magia popular e magia folclórica também.

Uma religião que preza pela Caridade, Simplicidade e Humildade e que dá voz a todos os espíritos de ancestrais que aqui passaram derramando o sangue nesta terra, sejam eles indígenas, africanos ou europeus. Se esteve no Brasil e aqui morreu, tem lugar dentro da Umbanda.

Um culto onde práticas com velas, com ervas, com fumo e perfumes é muito comum. Onde a música tem uma grande importância e a celebração de um povo também, principalmente no compartilhamento da comunidade dos pratos típicos e rituais dos Orixás, Voduns ou Inquices.

Se há a manifestação de espíritos de ancestrais (Caboclos, Pretos-Velhos, etc) e essas pontuações acima, então é Umbanda. Mas eles não chamavam disso antes e pouco importava o nome.

Ao estudar sobre cultura indígena, principalmente a Tupi, percebi que pouco importava o nome que eles davam a religião deles, que isso só tomou forma mesmo com a invasão da terra que hoje é o Brasil pelo povo Europeu. Então, eles praticam algo que chamamos hoje de pajelança, mas é bem possível que nunca deram esse nome para sua prática. Por que a Umbanda seria diferente?

Lembrando que Zélio, na manifestação do Caboclo das 7 Encruzilhadas, disse que iria fundar uma nova religião e só posteriormente denominou-a de Alabanda, que segundo o que nos chegou significaria "Ao lado de Deus", onde Alá é o nome de Deus em Árabe e Banda seria algo como "Ao Lado".

O nome Umbanda só foi assumido em 1909, como dizem, por soar bem.

Ora! Então o nascimento da Umbanda não é 1909? Não, não é e nunca foi!

A Umbanda é ancestral e já temos essa definição vinda da África onde o termo Mbanda era muitas vezes traduzido como Umbanda no encontro da língua portuguesa com o Kimbundo. Mbanda seria a "arte da cura".

Desta forma, podemos ver que os traços ancestrais da religião realmente vem da África, mas não a definem, pois aqui ela tomou uma forma própria, de fato uma UMBANDA, aceitando o aportuguesamento da palavra Banto o que já demonstra a miscigenação não só nas pessoas, mas na cultura e na religião.

A Umbanda do Brasil é distinta da de África, mas bebe muito de sua origem, acrescido de elementos ritualísticos indígenas (temos muito mais do que vocês pensam, a começar pelo fumo) e também de práticas populares do catolicismo e do espiritismo francês.

Claramente, como as práticas que hoje chamamos de Umbanda já existiam, a inclusão do Espiritismo foi posterior. O termo espiritismo foi popularizado com o lançamento do Livro dos Espíritos em 1857. Mas com certeza as práticas rituais já aconteciam pelo menos desde 1700.

A inclusão do espiritismo foi tardia e está errada? Não de forma alguma, até porque o espiritismo se propõe a explicar algo que acontecia e sempre aconteceu desde a época pré-histórica que é a comunicação de encarnados com o plano espiritual, porém isso não tinha um nome, Kardec apenas consolidou, compilou e formatou uma identidade ou doutrina para o entendimento do europeu do século XIX.

O mesmo ocorreu com Zélio, que pegou esse entendimento do que seria a Umbanda e consolidou num corpo doutrinário, sendo assim ele não pode ser o CRIADOR ou FUNDADOR da Umbanda, pois suas práticas já eram populares por meio de outros nomes, da mesma forma que ele mesmo e nem seus guias deram o nome de Umbanda e só alteraram posteriormente para esse título.

Além disso, o nome já existia e já era consolidado desde épocas remotas advindo da África, mesmo que em outro contexto.

Então a religião de Umbanda brasileira é muito mais antiga do que tentam fazer parecer. A data é importante? Sim, é importante pois é um marco histórico e oficial, mas é um marco da aceitação da sociedade branca para práticas das pessoas pretas e indígenas ou do povo miscigenado.

Entende como a questão é muito mais profunda e que simplesmente dizer: "Parabéns Umbanda, 112 anos" é extremamente preconceituoso, racista e até imoral?!

Quando uma religião é dada como acertada ou oficial? A partir do entendimento do branco ou da dominância de uma sociedade?

O Cristianismo não é visto como uma prática desde a época de Cristo, sendo que o mesmo nunca deu esse nome para sua prática religiosa? O cristianismo só não ganhou esse corpo de fato após a aceitação do Império Romano? Mas já existia o cristianismo e as práticas cristãs anteriormente, certo? Sim...

Com a Umbanda é o mesmo! Então não se importe com o nome, mas com a forma, com a ritualística.

Em Codó muitos dizem praticar Umbanda, na Paraíba e em Pernambuco muitos Juremeiros dizem praticar Umbanda. Apesar de serem diferentes da Umbanda sudestina, ela ainda é Umbanda dentro do entendimento dos pilares básicos.

Umbanda é mais que um nome... Umbanda é a definição de uma essência mestiça, cabocla, de origem popular e essencialmente integrativa.

Vamos raciocinar e só depois vamos me odiar? (talvez isso nem ocorra)

RAIZ E TRADIÇÃO NA UMBANDA

Quando se fala de Umbanda Tradicional a gente remete direto a visão da Umbanda fundamentada pelo Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Contudo, essa não foi a primeira manifestação de Umbanda e também não é a única manifestação de Umbanda.

A própria Umbanda de Zélio, que é identificada como Umbanda Branca e de Demanda, acaba por tomar a fama no mito fundador por ser a que mais foi explorada midiaticamente e ainda o é até hoje. A questão é que do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ele deu o nome a religião de Allabanda, algo completamente diferente do que ouvimos falar sobre Umbanda.

Cremos que a Umbanda Brasileira é uma versão derivativa dos candomblés de Caboclo, que por sua vez já derivam do Candomblé Angola. Existia algo próximo ou similar a um trabalho de Umbanda já em terras Angolanas e do Congo, conhecido como Mbanda, que na pronúncia se torna Umbanda (aportuguesando a palavra).

Porém ao chegar ao Brasil as crenças deram origem a prática do culto de Mikisi (plural de Nkisi) e também do culto a ancestralidade por meio dos espíritos guias desencarnados.

O mesmo também era observado em parte da sociedade nativa brasileira e o confrontamento e posterior amálgama dessas culturas a gente pode dizer que é a Umbanda, ainda temperada com práticas elementais, mágicas, populares e católicas da Europa.

Então quando falamos de tradição ou raiz, muitas vezes queremos apenas definir a origem da linhagem que estamos seguindo. Uma pessoa que segue o Zélio, como é o caso das Sete Tendas Originais¹ seguem a mesma raiz da casa do Zélio, porém divergem em algumas questões, isso se dá por um motivo claro:

As raízes podem ser as mesmas, mas o caule, ou tronco, os galhos e as folhas acabam gerando outros frutos.

E isso pode ser visto com o mito fundador da Tenda de Umbanda Mirim, que é dado como fundado por meio da mediunidade de Benjamin Figueiredo e a manifestação do Caboclo Mirim.

Esta manifestação só ocorreu após a intervenção de Zélio e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ou seja, teoricamente era para ele seguir a mesma doutrina, mas ele diverge completamente da proposta de Zélio e do próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, não desfazendo ou tendo qualquer demérito em sua obra, muito pelo contrário.

O mesmo ocorre com várias e várias tendas, terreiros, barracões e nações: Bebem de um lago, mas habitam outros locais de caça e aprendizado.

Assim também o é na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, que bebe da raiz de Pai Dito, uma Umbanda Tradicional fundamentada com cultura Banto e muita influência do povo do Congo, onde geralmente se apresenta como uma Umbanda de Nação Congo, porém não segue estritamente o que a casa fundadora Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida apregoa como diretrizes bases.

Muita dessas mudanças se dá pela chefia espiritual da casa, não exatamente do dirigente ou da dirigente, mas muito mais dos Espíritos Guias Chefes da casa que trazem a suas práticas e suas condutas para dentro do terreiro e as colocam como normas, regras e objetivos a serem observados por todos que lá estão.

Isso só faz a Umbanda ser mais rica em suas formas e seus cultos, impedindo que elas se cristalizem com o passar do tempo, mas que também não percam a suas origens.

Não existe uma Umbanda verdadeira, tampouco existe uma só Umbanda Tradicional. O que existe é a Umbanda em sua "multiculturalidade" e isso só é enriquecedor.

Saravá a Umbanda!

¹ Tenda Espíritas derivadas da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (original e matriz da Umbanda Branca): Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita

Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita São Jorge, Tenda Espírita São Jerônimo, Tenda Espírita Oxalá e Tenda Espírita Santa Bárbara.

A UMBANDA BRASILEIRA: UMA ORIGEM

Em minhas férias fui até Pernambuco para desfrutar um pouco das paradisíacas paisagens de nosso grande país. Pensando em descansar e conhecer um local que até então só ouvira falar, não estava muito preocupado com a espiritualidade, religião e suas repercussões.

Contudo, não dá para fugir do assunto quando o mesmo lhe é colocado como uma tarefa. Tá no sangue, tá na alma e parece que cada canto que eu vou, algo me chama a atenção para fazer uma comparação com os temas religiões, principalmente com a Umbanda, que é minha religião professada.

Em meio a esse e outros pensamentos, ainda influenciado pelas mídias digitais, tive contato com diversos “influenciadores da macumba” sempre a exaltar a origem da Umbanda como algo criado pelo médium fluminense Zélio Fernandino de Moraes. Por outro lado, também me chegaram várias postagens exaltando a cultura do candomblé de origem Nagô dentro das práticas Umbandistas, trazendo uma Africanidade e um legado à mesma.

Outrossim, como sabem eu não compartilho dessas opiniões, tendo uma imagem da formação da Umbanda como algo muito mais complexo do que a simplicidade de uma revelação a uma só pessoa ou a retomada de práticas – de outro formato dado – para as práticas já tidas na áfrica, agora em solo brasileiro.

Isso não sai da minha cabeça e tenho que assumir que até mesmo fico um pouco perplexo com a facilidade que as pessoas tem de aceitar “verdades absolutas” e se dizem espiritualistas ao mesmo tempo. O que posso deixar aqui legado é que eu tive um insight incrível analisando a cultura do povo pernambucano, seus jeitos e trejeitos, sua forma de falar, seu sotaque, suas gírias, seus coloquialismos e tudo mais.

Se dentro de um só País – de proporções continentais, mas ainda assim um só país – temos uma cultura tão diversa dessas, o que dizer de um continente inteiro diferente entre si e abarrotado de culturas, tribos, línguas, povos distintos e com grande passado ancestral?

Por isso mesmo, analisando sem paixão a Umbanda, podemos perceber que alguns temas – tão fixados e propagados, como uma lavagem cerebral – caem por terra. Para isso basta ter um pouco de senso crítico!

Podemos partir de uma premissa que as religiões espiritualistas – e a Umbanda incluída nesta – não tem verdades absolutas e não se prendem a ela, pois compreendem que a realidade é vista em muitas dimensões, relativas à própria realidade pessoal de cada indivíduo.

Desta forma, se um indivíduo pode mudar suas opiniões constantemente e sempre estar angariando mais cultura, informação e sabedoria, como podemos dizer que no astral não é o mesmo? Além disto, há a defesa histórica, que alguns propagam, pois existem “FATOS” sobre essa fundação, sendo que a história está a todo momento se retratando e se alterando, com novas evidências a serem analisadas.

Allan Kardec, codificador do Espiritismo, dizia que o processo de investigação deve ser constante. Não é porque as perguntas contidas na codificação haviam sido respondidas que deveria-se parar com a investigação. Ainda dizia mais, que se a ciência – com sentido de conhecimento – conseguisse mudar o que ali estava, que ficássemos com a ciência, deixando bem claro que a mudança faz parte dos paradigmas espiritualistas.

Uma das afirmações defendidas pelos condecorados e influencers de Umbanda é a da sua ancestralidade em terras africanas. Dito é que a Umbanda é uma religião afro-brasileira derivada do Candomblé, sem a menor preocupação em explicar que o Candomblé não é uma religião centralizada e que possuem diversas nações e raízes, divergentes entre si e que se alicerçam nas culturas formadoras da mesma: Ketu, Nagô, Jejê, Fon, Bantu, Angola, Congo, etc.

Afirmar que a Umbanda é afro-brasileira é limitar a importância da incorporação de outras culturas dentro da formação da religiosidade e, também, do próprio povo brasileiro. Como amálgamas bem coesos de práticas diversas, que encontravam sinergia, podemos navegar da África para a América pré-colonização.

Ainda assim, a influência da colônia é sentida não só na cultura portuguesa católica, mas principalmente nas crenças populares. A religião na visão popular, toma outra forma, outra conotação que não a canônica de Roma. Além disto, podemos

explorar a África com abrangência pela multicultura lá presente, reparando que a maior parte da influência africana foi ressignificada em terras brasileiras, vindo a se tornar toda uma nova cultura, com ascendência africana, mas agora com características próprias.

Grande parte disto é graças a capacidade de incorporação e assimilação de culturas diversas que os povos de origem Banto, possuíam. Conseguiam, de maneira antropofágica, colocar as religiões exteriores dentro do seu contexto cultural.

Da mesma forma vemos isso na Umbanda, sendo influenciada em muito pela cultura dos povos de Angola e do Congo, tendo poucas influências – comparativamente – dos povos da Nigéria e do Benin, como é o costumeiro – e equivocado – de se assumir e afirmar, precocemente. Percebemos muitos disto, pelo meio de tocar atabaques por exemplo – que se for seguir a ideia original da formação da Umbanda por Zélio, não fazia parte do ritual original – em que os povos de tradição Nagô e Fon, acabam tocando os mesmos com “baquetas” e no caso da cultura Banto com as próprias mãos, similar ao que ocorre na Umbanda.

Ainda não iremos comparar com as questões fundamentadas por Zélio Fernandino de Moraes. Para isso, retornarei ao tema mais a frente neste texto.

Grande parte da ritualística de Umbanda também se alicerça com a comunhão com os espíritos dos ancestrais como movimentadores da vida além-túmulo, que trazem benesses e curas para os povos aqui ainda encarnados.

Para exemplificar a comunhão de ideias que a Umbanda possui, podemos usar da mais polêmica das entidades, o Exu.

O Exu, como orixá, é cultuado em religiões de tradição Yorubá, mas um estrangeiro para as religiões de cultura Banto. Os povos de Angola, Congo e imediações tinham outros conceitos sobre essas entidades que atuavam no mesmo espectro e nos mesmos domínios. É correto afirmar que existem ao menos quatro entidades distintas que fazem parte ou todo o papel de Exu para os Bantos.

Desta forma, podemos assumir que as figuras são opostas, diferentes e que não são o mesmo tipo de estereótipo ou arquétipo como nos forçam a aceitar. Contudo a coisa fica ainda mais bagunçada – para alguns fica evidente, quem tem olhos de ver – quando o nome exu é associado às entidades espirituais atuantes da Quimbanda da Umbanda.

Quando disto, podemos ver que a maioria das entidades que se manifestam sob o aspecto e arquétipo de exu, como guia-espiritual, tem claros trejeitos e roupagens europeias, apenas usando do nome do Orixá de cultura Nagô. Ainda assim, muitos falam de temáticas católicas, astrológicas, cabalistas, numerológicas e alquímicas. Grande parte de conhecimento que tem origem ou no Oriente Médio ou na Europa, ou que de certa forma, era trabalhado na Europa. Além de suas roupas, como cartolas, capas, espadas e outros.

Pombagira como sua contraparte feminina também se apresenta com elegantes vestidos de bailes de salões europeus, bebendo de espumantes – bebida européia – e se mostrando sempre como uma dama lindíssima, adornada de tesouros e jóias que podem levar o homem a perdição com sua fala. Oras, esse mito, essa lenda, essa figura é trabalhada totalmente dentro do aspecto europeu.

Isso não é embranquecimento da religião, mas uma tradução simbólica da comunhão das culturas e dos pensamentos dentro das correntes de Umbanda. Ontem, o colonizador se tornou hoje o colonizado simbolicamente, a partir do momento que dentro da Umbanda – casa de Caboclo e Preto-Velho – Exu é convidado. Em outras palavras, antes o Europeu, dominando os povos ancestrais da terra brasileira e os nativos da África, hoje devem pedir permissão de trabalho e estão subjugados a hierarquia e poder destes Caboclos e Pretos-Velhos.

Este tipo de pensamento é fruto de uma cultura de assimilação, transmutação e ressignificação dos mitos. Se pensarmos em um contexto puramente tradicional, qualquer mudança seria visto como "heresia". Lembrando sempre que a manifestação de Caboclos e Pretos-Velhos são emblemáticas.

Uma “miscigenação” entre índios e europeus resultou nos Caboclos. O Preto-Velho, por outro lado, é fruto do colonialismo e da vida de trabalhos forçados, extraído de sua terra, para aqui no Brasil assumir um nome brasileiro ou na maioria das vezes, nascer no Brasil, sendo fruto de uma ancestralidade que era original da África. Hoje o Preto-Velho, assume a sua roupagem, como símbolo da sabedoria, professando por muitas vezes uma crença católica popular, entremeada com suas práticas adquiridas da ancestralidade africana e mantém unidas essas duas vertentes que querem sempre separar.

Essa mistura a princípio caótica é a essência do povo brasileiro em união com suas muitas influências culturais. Vejam que o Caboclo poderia ser negado em tribos indígenas por não ser exatamente nativo e não ser também europeu – o que resultaria em perseguição e preconceito do colonizador. O Preto-Velho, negando simbolicamente a sua pertença ancestral, também se tornaria pária. Ambos não teriam uma origem ou um povo para serem identificados, sempre estando à margem. Da mesma forma que a maioria do povo brasileiro, ou seja, somos um povo sem passado, mas que através da mescla cultural pode criar todo um novo futuro de tolerância, compreensão e entendimento.

Podemos refutar também a ancestralidade – puramente africana – da Umbanda vendo que em seu mito fundador, o grande anunciador da religião fora um Caboclo, de origens anteriores (e ainda presentes em suas manifestações espirituais e roupagens) de vestes clericais jesuítas e em um primeiro trabalho já a presença dos pretos-velhos para trazer uma fundamentação a religião.

Mas defender o purismo encontrado em tempos antigos na TENSP (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) é aproveitar-se de uma validação "frágil" visto que muitos que o fazem, nunca nem sequer tiveram contato com o que era praticado dentro da Umbanda de Zélio.

De qualquer forma, ainda posso afirmar que a Umbanda de Zélio é apenas uma das muitas que surgiram e de certa forma é uma comprovação que o método do CUEE ([Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos](#)) funcionou. Pois, dentro da minha concepção, análise e vivência, a Umbanda surgiu em diversos pontos do país, com diferenças na forma dos cultos, mas com uma base sólida que confirma o [CUEE](#).

Eu digo isto por ter sido feito em uma Casa em que o trabalho tem mais de 70 anos e que já é a terceira casa fundada na tradição. Se formos analisar isso friamente, a casa fundadora, que deu origem a casa que viria a dar origem a casa em que trabalho, é anterior a 1908. Além de que as pessoas lá não tinham internet ou meios rápidos de terem informações sobre a Umbanda de Zélio, lembrando que as práticas dele só se popularizaram mesmo – como dizem por aí – após o encontro com uma sumidade da Umbanda, que evitarei falar o nome, mas por volta da década de 1970.

O que quero dizer com tudo isto é para terem cuidado com o radicalismo e analisarem as coisas de uma perspectiva mais abrangente. A Umbanda é uma religião

BRASILEIRA é uma religião de integração. Procurar ou postular um purismo, seja ele nativo, europeu ou africano (como se a África fosse um só povo) é ingênuo no mínimo e leviano no ponto máximo.

A Umbanda não é derivação de uma religião, mas o resultado de uma realidade diferente, novas e que é ímpar no mundo todo, formada pela multipluraridade cultural brasileira para atender os anseios deste povo carente de uma origem. Podemos afirmar então que a origem da Umbanda é a INTEGRAÇÃO.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes a magia e a espiritualidade.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

UMBANDA DE CABOCLO; Decelso; Ed. Eco.

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS SETE LINHAS DE UMBANDA; SOUZA, Leal;

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 02

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

**AULA 02 - INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA
UMBANDA**

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso “Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge” e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

A ÁFRICA E A UMBANDA

A influência africana é inegável dentro da Umbanda, inclusive algumas pessoas tendem a dizer que sem a África não há Umbanda e tenho que levar isso em consideração. Bebemos tanto desta fonte, por meios marcados pelo sofrimento, mas é incrível como o impacto das culturas africanas desempenham em toda a vida brasileira, seja na cultura, na dança, na música, no folclore, na comida e na religiosidade.

Mas quando falamos em África, o que vem à sua mente? A maioria das pessoas ainda acreditam que África é um grande país. Porém, a África é um continente incrivelmente grande, o terceiro em extensão territorial com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados.

Se já não bastasse tanto território, também é o segundo continente mais populoso do planeta. Sendo assim tão populoso podemos dizer que também é um caldeirão de culturas, mas que sempre é expresso de uma forma minimalista e com um olhar muito eurocentrista no ensino básico do Brasil.

A África possui 54 países, sendo que encontramos uma grande variedade cultural, linguística e religiosa. Na África encontramos católicos, cristãos, muçulmanos e vários povos que cultuam as religiões tradicionais.

No Brasil, apesar de sermos grandemente influenciados pela cultura africana, sofremos também de um racismo e preconceito muito grande, isso se dá até mesmo na academia, quando os estudiosos tentam "defender" a cultura do povo africano.

Segundo Nei Lopes, até antes da década de 1970 havia um preconceito antinegro muito embutido na historiografia brasileira. Exaltava-se muito a evolução dos africanos letRADados (arabizados, com foco muçulmano) em detrimento do restante da população africana que fora trazida como cativos para o Brasil. Os Bantos, que foram, de longe, os que mais foram trazidos à força ao Brasil, eram menosprezados e inferiorizados como uma "cultura inferior, indolente e preguiçosa".

Contudo, grande parte da predominância da influência na nossa cultura, seja na música, linguagem, no conhecimento natural e até mesmo no processo de resistência dos quilombos era Banto. Então abra sua mente e mergulhe na cultura africana, entendendo que ela não é um país, mas um MUNDO imenso em um só continente.

O ISLAMISMO E SUA INFLUÊNCIA

Todo mundo já ouviu a expressão: “*Quem não pode com mandinga, não carrega patuá*”.

Mas o que poucos sabem é a compreensão total desta expressão. Mandinga era o termo utilizado para se referir ao povo africano escravizado que tinha uma cultura islamicizada, professavam o islã e se identificavam com a religião profetizada por Mohammed/Maomé.

O termo mandinga (assim como Malê, Mossurubi ou Mossurumim) são usados para designar esse povo, que supostamente rompe com as práticas *fetichistas* da religião tradicional (ou religiões) africanas e encontra a iluminação nas palavras de *Alláh*.

A religião islâmica provém dos povos árabes, já no século VII da Era Cristã¹. Os povos árabes eram os ocupantes da Península Arábica, conhecida como Oriente Médio por alguns. Hoje encontramos os seguintes países na Península Arábica: Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Kuwait, Omã e Catar. Ainda temos parte do Iraque e da Jordânia.

Em tempos passados, na parte desértica da península viviam povos nômades que se dedicavam à criação de rebanhos, chamados de beduínos. Neste local a cidade de Meca era considerada um grande centro comercial, para onde todos se dirigiam para fazer suas transações. Como um ponto de encontro de muitas pessoas, também acabava-se por ter uma prevalência na religiosidade (pré-islâmica), pois neste local estava localizada a Caaba.

A Caaba, hoje sagrada aos povos muçulmanos, já existia antes do advento do islamismo e era basicamente um altar em pedra preta onde havia representações das divindades cultuadas (divindades pagãs) pelos povos árabes da região. Há relatos de que havia mais de 300 representações de divindades pagãs na Caaba.

Dentro dessas divindades, podemos encontrar, segundo Nei Lopes, a entidade Al-Uzza, representando o planeta Vênus; Manat, que se associa à morte; Wadd, que se associa ao amor e Allat, uma representação de um deus solar.

¹ Usaremos o termo AEC (Antes da Era Cristã ou Comum) para o antigo termo Antes de Cristo (AC) e EC (Era Comum) para o antigo termo Depois de Cristo (DC).

A criação de uma cultura islâmica se baseia em uma revolução por diferenças sociais, levando-se em consideração que os beduínos começaram a adquirir posses e explorar a mão de obra menos favorecida. A união dos povos árabes em uma unidade se dá em 610 EC, por meio da revelação do Islã. Este ano também marca o ano zero, marco inicial do calendário muçulmano.

Vejam que a religião nasce também com o anseio de liberdade e ao mesmo tempo tem a influência em sua construção das questões sócio-econômicas da época. Como Meca era tida como uma cidade de grande movimento econômico, unificar a ideia de deuses em um só deus, poderia inviabilizar a presença das romarias em sentido a Meca, contudo vemos que isso é substituído com a OBRIGAÇÃO de todo muçulmano com condições de ir a MECA pelo menos uma vez na vida.

Claro que houve muita perseguição e Mohammed tem que fugir para se refugiar em Medina (400 km de distância de Meca) no ano de 622, conhecido como o ano da Hégira (fuga).

Porém, os pilares centrais da fé islâmica estavam a cada dia conquistando mais e mais adeptos, principalmente pela questão de que dentro da fé islâmica todos os homens são vistos como iguais, sendo assim depois de 8 anos da fuga, Mohammed consegue retornar triunfante a Meca.

Nei Lopes acredita que o islamismo é uma união de judaísmo e cristianismo, dentro de um contexto árabe. Para tanto eles acreditam que só há um DEUS, que é Alláh e que Mohammed é seu único profeta. Contudo, eles também tem bases judaicas com a crença em anjos, sendo que o próprio Corão (que significa a Leitura) foi transmitido pelo Arcanjo Gabriel diretamente para Mohammed, que consta na lenda que não sabia ler e escrever.

Os muçulmanos também creem na unidade do povo por meio dos patriarcas, sendo que o patriarca original é Abraão, que acaba dando origem a Isaac e a Ismael, sendo o primeiro o "criador" do povo judeu e o segundo o "criador" do povo árabe.

Um dos preceitos mais interessantes é que o indivíduo islâmico deve sempre buscar melhores condições de vida.

Após a morte de Mohammed, os seus sucessores levaram o Islã para toda a Península Arábica, além de Pérsia, Síria, Índia e partes do Norte da África. No continente africano os árabes conseguem se expandir a partir do Egito e se expandem por todo norte da África, onde hoje encontramos o Marrocos, a Tunísia, a Argélia, a Líbia, o próprio Egito, Saara Ocidental e o Sudão.



Retomaremos sobre os Mandingas, também chamados de Malê e o patuá mais a frente.

A ÁFRICA

O continente africano é considerado o continente da vida humana. Supõe-se que os primeiros hominídeos e humanos tenham surgido no continente africano e se espalhado por todas as demais regiões do planeta.

Contudo, com uma história tão antiga, sua independência só seria uma realidade em meados do século XX, quando houve grandes movimentos revolucionários pela libertação do colonialismo europeu que devastou a África.

Quando há esse movimento, começamos a definir os limites políticos e as regiões deste continente, onde encontraremos a África do Norte ou Setentrional, se estendendo pelos territórios do Saara Ocidental, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito. A África Ocidental acaba sendo a região abaixo do deserto do Saara e antes da chegada da grande floresta tropical, onde estão a Mauritânia, Senegal, Cabo Verde, Mali, Gâmbia, Guiné Bissau, Parte do Chade, Níger, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Costa do Marfim, Gana, Burkina-Faso, Libéria, Togo, Nigéria, Benin e uma parte da República de Camarões.

A África Oriental inclui a Etiópia, parte do Sudão, a Tanzânia, o Quênia, Ruanda, Somália, Burundi, Djibuti, Comores, Maurício, Reunião e Seycheles, Madagascar e Uganda. Essa região já se encontra banhada também pelo Oceano Índico.

A África Austral ou África do Sul (não confundir com o país) é a região que compreende Malaui, Zimbábue, Botsuana, Namíbia, Lesoto, Suazilândia, África do Sul e Angola.

A África Central é onde encontramos a outra parte de Camarões que não está incluída na África Ocidental, partes do Sudão, o Sudão do Sul, parte do Chade, a República Democrática do Congo, o Congo, Gabão, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe.

Claramente percebemos que pela proximidade do Egito e consequentemente da África do Norte (Setentrional) e a África Oriental à Arábia, teremos uma forte influência dos povos árabes e de sua religião nessa faixa de terra.

Além das rotas comerciais, também havia sempre a fuga de pessoas da península arábica (contra as perseguições) para a África. Temos relatos de comerciantes

pré-islâmicos, de origem árabe que já se encontravam fixos em países como a Etiópia e a Somália. Os Árabes chamavam a região conhecida como África como *Bilad al-Sudan*, que quer dizer "País dos Negros".

Considera-se que entre 3000 e 2500 AEC povos já semi-assentados, com produção agrícola e coletores, eram encontrados na região onde hoje temos a Etiópia e se expandiram seguindo o curso do Rio Níger. Para nos situarmos melhor em relação ao tempo, consideramos que o Egito floresce em 4000 AEC e cai sob domínio Persa em 525 AEC.

Sabemos que depois o Egito seria invadido por diversos povos e impérios, sendo o primeiro o Império Macedônico (não confundir com o atual país Macedônia) por meio de Alexandre, o Grande e depois pelo Império Romano, em 332 AEC e 3 AEC respectivamente. Porém sua islamicização só iria ocorrer em 639 EC.

Dentro dos grandes impérios que encontraremos na África, além do Egípcio, podemos destacar o Império de Gana (não confundir com o atual país Gana), o império do Mali e posteriormente o Império Songai.

Apesar de usarem até hoje que o povo islamicizado é quem deu origem aos grandes impérios, já encontramos vestígios de grandes civilizações em regiões como Ifé, Oyo, Benin, Kanem, Gao, Mali, Gana, Djolof e Kasson, antes da islamicização.

Segundo Nei Lopes, entre os séculos VI e XI, povos falantes da língua Iorubá, como Oyó, Ifé, Ilexás, Efan e outros, fixam-se na região atualmente conhecida como sudoeste da Nigéria, partes do Benin e do atual Togo. Eles viriam a ser conhecidos posteriormente como Iorubás. No século XVI, Ifé foi conquistada por "povos estrangeiros", sendo que os atuais Iorubás seriam descendentes destes, desta forma os "verdadeiros" Iorubás, fundadores de Oyó e Ifé, não compartilham uma linhagem direta com os povos invasores.

Nei Lopes nos traz em seu livro "Bantos, malês e identidade negra", que as provas para isso seriam "os emblemas, insígnias e cerimônias que diferem sensivelmente dos usados e praticados pela nobreza iorubá contemporânea, em relação às referências simbólicas propaladas por outros grupos que se dizem descendentes dos reis da primeira fase de Ifé."

Ryder (1984, p.7) diz que: "no século XVI, de concreto sabe-se que os falantes do Iorubá foram expulsos da antiga Oyó pelos nupês (tapas), estabelecendo-se no território onde se localiza a atual cidade de Oyó".

Vejam que a cidade muda de lugar, mas mantém o nome. Ododua, que conhecemos com um Orixá é considerado o grande ancestral, que acabou sendo divinizado por meio do culto e é tido como o próprio filho de Olorum (o Deus Supremo). Ododua é quem funda a cidade de Ifé, centro da cultura Iorubá. Oyó, por sua vez, foi fundada por um descendente de Ododua, sendo que em algumas lendas temos que foi seu filho Oraniã. Mas aonde entra Xangô aqui? Xangô é um dos descendentes de Oraniã.

Segundo Palau Martí (1964, p.27), Ifé é a cidade central das cidades-Estado Iorubás, porém a que mais sobreviveu ao tempo é Oyó. Em Oyó encontramos os Alafins, que segundo Martí, Ododua teria sido o primeiro Alafim, seguido de Oraniã e por Xangô. O sexto alafim teria sido Aganju, um Orixá também conhecido dos Candomblés, ora visto como o Pai de Xangô, ora visto como uma qualidade do mesmo.

Aqui vemos que história, mito e religião se misturam, segundo os historiadores, Aganju seria um descendente de Xangô, provavelmente um neto e não seu pai.

Algo que acho de extrema importância ressaltar é que o mito se torna história ou a história se torna mito, sendo propagado de boca a ouvido, alcançando proporções divinas. Por exemplo, os reis de Ifé, e por consequência o grande rei de toda Federação de Cidades-Estados Iorubás, era chamado de *Oni*, e ele usava um paramento que é uma espécie de cortina à frente do rosto, feita de miçangas. Encontramos esse mesmo tipo de paramenta em Oxalá e na maioria das Orixás Femininas.

Sabemos, por meio da historiografia que a religião tradicional, entendia que as forças da natureza eram importantes e devem ser cultuadas, da mesma forma que os antepassados, como forças vitais em estado de divinização e isso se espalha por praticamente toda África.

O Islã ao chegar na África se depara com as religiões tradicionais bem enraizadas e tidas como núcleo central da cultura e vida de todo povo da África, seja ao Norte, Centro ou Sul.

O curioso é que o Islã, que chega à partir do Egito, não proíbe as práticas religiosas que já existiam, de certa forma elas acabavam se mesclando, resultando em uma prática islâmica muito própria da África (sincretismo?).

O Islã acaba penetrando em todas camadas sociais já no final do século VII, mas se consolida entre o século XI e XIII, no norte da África. Albert N'Goma diz que existiram quatro fases do Islã na África: Fase Berbere, Fase Mandinga, Fase Songai e Fase Peule.

Não podemos esquecer que os árabes também se fazem presentes na Europa, na península ibérica, principalmente no Reino de Al Andaluz ou Andaluzia.

Mandinga, como falamos no começo, é o nome dado a um Estado, que fora anexado ao Reino de Gana em torno de 1240. Então, os africanos islamizados da região de Mandinga, eram conhecidos como Mandigas ou Malês (provavelmente da corruptê-la de Mali, o nome do Império).

O ISLÃ E A PRÁTICA TRADICIONAL

O Islã enfrenta resistência dos já cultuadores das práticas religiosas tradicionais, dentro da concepção Iorubá (ou Nagô, como posteriormente foram chamados) encontramos a ideia de haver duas almas em cada indivíduo, sendo que uma seria a Alma Imortal e a outra a Alma mortal.

A figura do Babalaô era muito importante dentro das práticas religiosas, tidas como o intérprete do Ifá, oráculo que ditava a vida e a morte do povo Iorubá. Atualmente, os teólogos aceitam que existia uma "religião tradicional africana", porém essa ideia só foi aceita em um evento de 1961, organizado pelo escritor senegalês Alioune Diop: O Colóquio de Abidjan.

O entendimento da Religião Tradicional só se dá na porção final do século XX, para algo que era praticado mesmo antes da era comum. Eles acreditam que exista uma Força Superior, uma Inteligência Suprema que criou tudo e que ele tem como suas manifestações e gestores as forças da natureza e os espíritos daqueles que já se foram.

Os Orixás seriam essas forças naturais e que comungam com o Deus Supremo, porém eles seriam habitantes do ORUM, o plano espiritual e não poderiam estar

presentes no plano físico, tendo como seu intermediário EXU, o agente dinâmico da conversa e da mensagem.

Algo que quero aqui abrir os parentes é que apesar de não haver um diabo cristão na África como muitos tentam associar a Exu, eles entendiam os conceitos de bem e mal, até mesmo porque dentro do processo Islâmico há a figura de Iblis ou Shaitan, os opositores de *Alláh*.

Então cai por terra essa da inocência africana no que tange o bem e o mal.

Como esse povo tinha muito enraizada a tradição religiosa como se fosse uma tradição étnica mesmo, a sua cultura (como vemos com judeus), não havia como expurgar completamente essas práticas, muitas delas então são associadas, reproduzidas, reinterpretadas e assimiladas dentro do processo islâmico africano.

Cissoko (1964, p 102-103) nos diz que o negro africano adotou o Islã em suas práticas exteriores, simplificando seus rituais e adaptando-o ao seu modo de ser. (Sincretismo?). Reproduzo:

"dividiam o Império do Mali: o animismo² estava vivo na massa popular e se expressava no culto aos espíritos, à natureza [...] e aos ancestrais [...]. Os animistas se organizavam em confrarias [...]. Seus chefes gozavam de grande consideração junto ao povo. O Islã recrutava seus adeptos nas camadas superiores da sociedade, entre a aristocracia política e comercial e nas cidades. No Mali, o Islã era tolerante.

Os reis muçulmanos não se empenhavam em converter seus súditos. Alguns deles até mesmo professavam uma fé duvidosa. Por outro lado, o soberano islamizado não tinha o mesmo poder místico do rei da religião tradicional. O Islã, como sublinha Cheik Anta Diop, tende a dessacralizar o soberano enquanto o animismo tende a divinizá-lo."

² Animismo é a forma religiosa baseada na crença de que todos os seres da natureza possuem uma alma (*anima*).

Deschamps relata:

"No islã negro-africano, a magia pagã não desapareceu. O marabu³ concorre com adivinhos e curandeiros no mesmo terreno mágico, apenas através de processos diferentes. Ele confecciona e vende amuletos⁴ que são geralmente versículos do Corão num estojo de couro. E se utiliza, também, do êxtase e da invocação dos djins, espíritos maléficos."

Curioso que aqui vemos que os próprios líderes religiosos confeccionavam amuletos, que são os famosos patuás carregados pelos mandingas, usando da fé islâmica e que eles entram em êxtase (transe, incorporação) chamando (invocando, incorporando) os *djins* (daemons, antepassados, espíritos, etc). Apesar do termo *Djin* ser traduzido como Gênio (o gênio da Lâmpada), a associação é imediata com os *Daemons* (Demônios atualmente, mas em uma ideia original de que eram inteligências exteriores) que podemos associar aos Espíritos e Entidades.

Temos em diversos relatos, como em Margoliouth (1929, p.120) que era comum a criação de amuletos e também remédios mágicos com partes do Corão (alcorão). Eles pegavam os textos sagrados e criavam um uso mágico para ele, sendo o mais comum lavar partes deste texto (geralmente escritos em pergaminhos, ou seja, pele de caprinos e ovinos) ou papéis e dar essa água de beber ao enfermo.

Encontramos relatos sobre os Orixás terem também sido influenciados pelo Islã, conforme o excerto de João José Reis (1986, p. 152-155) encontrado na obra de Nei Lopes:

"No mais aprofundado estudo sobre os malês até então escrito no Brasil, lembra que a tradição nagô relaciona os negros islamizados aos orixás funfun, à frente dos quais se coloca Obatalá, e isso: porque todas as representações simbólicas desses orixás se baseiam na cor branca, largamente usada pelos malês; pela utilização da água - elemento vital de Oxalá (Obatalá) - em inúmeros rituais e cerimônias"

³ Homens, que se dedicam à prática e ensino da vida religiosa, entre os Muçulmanos. Podemos supor que o termo Marabô (Exu Marabô) tenha surgido daí.

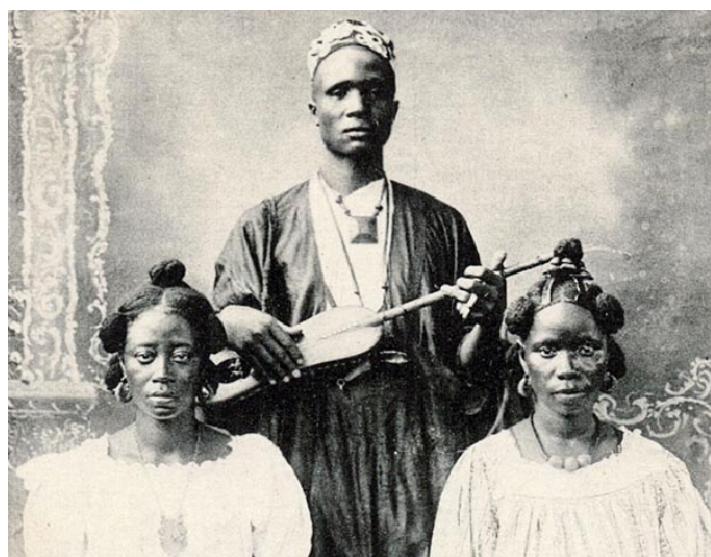
⁴ Patuás

privados e públicos dos malês; pela consagração da sexta-feira - Dia de Oxalá - como o dia do jejum muçulmano, etc."

O interessante aqui em se notar é que já havia um sincretismo sem elementos católicos/cristãos já com os malês. Inclusive, Nei Lopes ainda cita "que era comum, segundo J.J. Reis, que na África, os babalaôs, de acordo com determinadas interpretações do jogo de Ifá, costumavam aconselhar seus consulentes a iniciação na religião dos alufás (Islã), pois o décimo segundo odu, dos dezesseis que existem, estaria ligado intimamente a tudo o que é muçulmano."

Inclusive parte desta cultura sobreviveu em Cuba onde é muito comum ouvir praticantes de Palo e Santeria saudarem as pessoas com a expressão: *As salam aleikum.*

Então, retornando lá no começo do nosso pensamento, os Muçulmanos africanos trazidos como escravos para o Brasil, eram conhecidos como Malês, Mussurumin, Musulmi ou Mandinga. Eles carregavam no pescoço um saco de couro, onde encontrava-se em seu interior, passagens do Corão, como uma proteção, um amuleto. A esse amuleto se dá o nome de Patuá.



Os Mandingas dentro da história da escravidão no Brasil, ocupavam em grande parte posições de capatazes e até capitães do mato, encarregados de manter os demais "escravos" presos e evitar suas fugas, assim como ir atrás daqueles que fugiam.

Desta forma, eles gozavam de certa "liberdade", no ir e vir. Alguns negros de outras etnias e culturas, tentavam escapar fraudando o uso de um patuá, porém, quando se deparavam com um Mandiga, era pedido para ler o que lá estava escrito. Como não havia tradição escrita dentro dos povos Bantos, Iorubás e Fons, eles eram pegos, aí surge a expressão: "Quem não pode com Mandinga não carrega Patuá".

A MAGIA MALÊ

Hoje vivenciamos uma tentativa de volta ao "puro, original", como se a Umbanda estivesse se ocupando de destruir uma memória negra, africana e pura Iorubá. Isso se dá também com o reconstrucionismo Banto. Todas essas frentes são importantes, mas devemos entender que a própria Umbanda, Macumba e qualquer "religião africana" também teve processos na sua essência e modificaram-se por si só.

Como vimos, o processo de misturar a religião tradicional com o islamismo foi algo natural e orgânico, o mesmo viria a ocorrer depois com os cultos nativos brasileiros e o próprio cristianismo.

Ainda no incrível livro "Os Bantos, Malês e Identidade Negra" vemos que Nei Lopes relata os sortilégiros e magias que eram atribuídas (quase sempre) aos africanos islamizados, ou seja, algo que hoje atribuímos ao praticante de candomblé e umbanda. O próprio nome mandinga, que designava um povo, acabou por virar sinônimo de bruxedo ou feitiço.

Manuel Querino nos traz que:

"O feitiço do Malê é inteiramente diverso dos demais africanos. Escreviam em tábua negra o que pretendiam contra a pessoa condenada, apagavam depois com água os sinais cabalísticos e o

líquido era atirado no caminho transitado pela vítima. Para destruir qualquer malefício, possuía o Malê, um pequeno patuá ou bolsa que trazia ao pescoço, contendo uma oração em poucas palavras, a qual era encimada por um polígono estrelado regular, de cinco ângulos, vulgarmente conhecido por signo de Salomão".

Traduzindo, eles criavam Pontos Riscados, Zimbas, apagavam com a água (líquido de Oxalá) e atiravam a água contaminada com o malefício no caminho das pessoas (magia de contágio). No seu patuá de proteção além da oração tínhamos o Pentagrama!

Vemos mais adiante no mesmo livro que em novembro de 1983 descobriu-se misteriosos manuscritos árabes atrás de uma parede demolida de uma loja na rua Buenos Aires, no Rio de Janeiro. Isso foi alvo de reportagem do jornal O Globo em sua edição de 30 de novembro. Encontraram dois pequenos pacotes de pano de aproximadamente 4cm, dentro dos tecidos havia grafado em tinta vermelha, talvez sangue, caracteres árabes. O mais interessante é que funcionários do consulado do Líbano, um diplomata egípcio de nome Abdel Washab Saleh Chawki e o professor João Baptista M. Vargens, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autenticou como uma "macumba muçulmana" os escritos. Os manuscritos eram símbolos de rituais malignos e preces para que um homem abandonasse a esposa e pragas para que ele passasse fome e ficasse pobre caso ele não a abandonasse.

Poxa, estamos falando de uma magia malê de amarração e destruição! Em árabe! Com sangue! Em um patuá!

Algumas outras influências que encontramos dos malês, além da indumentária branca na Umbanda, são os traços de desenhos cabalísticos em fundos mais escuros, em uso de patuás, uso de metais para condução de magia, o próprio filá, turbante ou eketé.

Uma frase que eu sei que você já deve ter ouvido, também é associada com o entendimento Islâmico-africano, principalmente o malê: "Um copo de água não se nega a ninguém".

OS BANTOS

Quando falamos que a Umbanda é Banto, não queremos dizer que ela NASCE lá, até porque realmente encontraremos algo similar a Umbanda nas terras africanas de cultura banto, mas conhecido como Mbanda.

O processo de feitiçaria e cura promulgado nas terras banto são chamados de Mbanda ou Embanda e acabam trazendo em si a figura do Kimbanda (o feiticeiro, o curador). Então em um ritual de Mbanda quem coordena é o Kimbanda.

Mas esse processo não é exatamente como uma gira de Umbanda, mas tem suas similaridades como a manifestação dos ancestrais (entidades) por meio do êxtase (transe, incorporação) e o receituário de beberagens, ervas, feitiços e afins para organizar o sistema energético do indivíduo.

O Kimbanda, no Brasil, toma outro significado, muito associado à feitiçaria maligna, negativa ou a erroneamente chamada “magia negra”. De certa forma o Kimbanda faz a Magia Negra, que é a magia dos negros, mas não exatamente a magia de malefício apenas. O termo usado para os feiticeiros malignos é Muloji e não Kimbanda.

Os povos bantos compreendem uma porção gigantesca do continente África, sendo um dos mais espalhados demograficamente. Porém, essa impressão de união e coesão é apenas uma impressão, sendo eles completamente diferentes entre si, mas oriundos de uma raiz linguística cultura, quase uma raiz proto-banto.

Os bantos e sua cultura acabaram ganhando destaque nos últimos anos, devido a um movimento de revisionismo na história africana no Brasil. Esse movimento é muito importante para resgatar o pensamento, a cultura e as origens, mas ele não pode ser utilizado como argumento político e social para algo que nada tem a ver.

Sabemos que a grande maioria dos africanos escravizados eram de origem banto, e que foram os primeiros trazidos para o Brasil para desempenhar essa atividade. Desta forma, a sua influência é marcante e impacta muito, principalmente porque quando aqui chegaram conviveram com os nativos brasileiros, o povo originário, tanto nos quilombos, nas fugas, quanto nas senzalas, afinal os indígenas também eram usados como escravos pelos europeus.

Nesta convivência e com a sua natureza inclusivista, os Bantos absorveram muito do entendimento mágico e religioso dos povos originais e os reinterpretou conforme a sua própria ritualística e cultura, dando origem a religiões conhecidas como Calundu e Cabula, além do próprio Candomblé de Cabolo.

Mas vocês devem ouvir pouco falar sobre os Bantos e seus Mkisi, até porque os Iorubás e seus Orixás são muito mais proeminentes, isso se dá pela memória histórica fragmentada dos povos cativos, que já não mais existiam em sua natureza "original" e perdiam a sua cultura advinda da África. Quando os Iorubás aqui chegaram, já havia se passado gerações do povo Banto no Brasil, distante de sua cultura e com apagamento de sua memória.

Mas além disto, devemos isso a um apagamento dos historiadores para com os Bantos, que eram considerados inferiores. A academia no seu afã de criar um protecionismo e purismo doutrinário, relegou os reais criadores da cultura brasileira a um ostracismo, quase um esquecimento total.

Vemos esse tipo de preconceito enraizado nas palavras de Afrânio Peixoto, conforme diz ter encontrado Nei Lopes, no *Breviário da Bahia* (1980, p.281):

"A preferência de todo o Brasil, exceto a Bahia, por Angola, é que embora mais feios, menos cultos, eram mais dóceis e obedientes ao trabalho. Muito afeiçãoáveis ao cativeiro, ótimos criados, mas muito estúpidos, diz Taunay."

Também existia o preconceito por dizerem que os "negros" vindos das florestas do Congo ou de Angola nunca haviam criado civilização alguma, o que é uma inverdade como sabemos, pois o Reino do Kongo, o Reino do Dongo e a própria rainha Njinga Mbandi que era rainha do Reino do Dongo e de Matamba, estão aí para desmentir.

O racismo chamado de científico ficou tão evidente contra esses povos que isso acabou até mesmo sendo assimilado pela população. O povo fixou essa imagem na mente e é difícil de tirar. Vemos isso entre os próprios povos de santo, como relata João do Rio (1951, p.13-14, 27), ao entrevistar o "negro Antônio", que estudou em Lagos (capital da Nigéria):

"O eubá (Iorubá) para os africanos é como o inglês para os povos civilizados. Quem fala eubá pode atravessar a África e

viver entre os pretos do Rio. Só os cambindas ignoram o eubá, mas esses ignoram até a própria língua, que é muito difícil. quando os cambindas falam, misturam todas as línguas (...)

- Por negro cambinda é que se comprehende que africano foi escravo de branco. Cambinda é burro e sem vergonha!"

Cambinda é um povo de cultura banto que foi trazido ao Brasil. Vejam o preconceito, colocando o Iorubá com um "quê" de pureza. Esse tipo de associação iria acabar sendo reforçada quando a cultura de Ketu, dentro dos candomblés, que é Iorubá, foi escolhida para ser o "Candomblé Oficial" pelos historiadores, sociólogos e antropólogos. Esse tipo de preconceito é até hoje reproduzido nos praticantes de várias comunidades espirituais Ketu, Alaketu e Nagô, sem a menor fundamentação.

É bem comum você encontrar alguém de Ketu que tenha o conhecimento da influência banto na Umbanda ou mesmo que a ignore, mas que por tradição irá menosprezar a Umbanda como algo inferior, justamente por causa dessa "rixa" entre Iorubá e Banto, criada pelos estudiosos.

Os povos Bantos são em grande número, seja em povos, culturas e línguas (dialetos), contudo podemos destacar três agrupamentos culturais maiores, que influenciaram o surgimento das práticas de Macumba no Brasil, os falantes de Umbundo, Quimbundo e Quicongo.

Os Ambundos, que hoje se encontram na região de Angola, são aqueles que falam a língua Quimbundo. Os Ovimbundos, são os falantes do Umbundo e habitam a região abaixo do rio Cuanza (que faz fronteira com Angola) e os Bacongos, ocupavam a área do antigo Reino de Congo, são os falantes do Quicongo. Para eles, o Deus Supremo pode ser chamado de Suku (Ovimbundos) ou Nzambi (para os ambundos, congos e bacongos).

O sistema de organização do povo banto era superior tecnicamente dos povos que antes ocupavam o mesmo território, então eles acabaram por ser mais bem sucedidos em se instalar nesses locais, afastando os antigos indivíduos que lá estavam. Eles possuíam um sistema de organização baseado na estrutura de família estendida, que vai além de pai, mãe e filhos, sendo considerado que os parentes também fazem

parte do mesmo núcleo familiar. A lealdade era algo de extrema importância e havia relações entre diversos clãs baseadas na confiança, mas sempre mantido por um chefe, esse chefe, geralmente o mais velho do clã familiar, tinha a responsabilidade sobre todo o sistema familiar, seja o econômico, o comportamental, social e também o religioso.

O sistema matriarcal e a presença feminina nas famílias era muito valorizada, sendo que por se focar na pecuária, formavam grandes rebanhos bovinos e caprinos. Esse gado produziria riquezas, alimento, vestuário e uma infinidades de bens de consumo posteriores, mas também era a medida de riqueza de cada família, sendo usado para pagar o DOTE da mulher para o casamento.

Quando havia interesse em casar-se com alguém, o futuro marido daria PARTE de seu rebanho para a família da noiva como forma de indenização e cortejo. Desta forma a noiva "saí" daquela família e começa a fazer parte da família do noivo. Desta forma, ter várias filhas era um meio de se prosperar economicamente também.

Com isso também vinha a presença e a necessidade da figura da mulher, como ponto central da cultura banto, por isso grandes candomblés e terreiros do passado, tem na figura feminina e no sistema matriarcal a sua grande diferença dos sistemas patriarcais dos europeus.

A EXPLORAÇÃO DO POVO CONGO E BACONGO

Ao olharmos no mapa político do continente africano iremos perceber que existem dois países que se chamam Congo: A República do Congo (Congo-Brazzaville) e a República Democrática do Congo (Congo-Quinxassa). Essa é uma organização moderna, que existe após a colonização européia no século XIX e XX da África, não representando toda a grandeza do antigo Reino do Congo.

A República do Congo foi colônia dos franceses, enquanto a República Democrática do Congo, fora colônia dos belgas e um dos cenários de maior atrocidade da história recente humana.

Contudo, o contato do povo Congo com os europeus ocorreu primeiramente com os portugueses. A fundação do Reino do Congo é atribuída ao chefe Nimi-a-Lukeni no século XIV. Ele é o fundador da cidade Mbanza Kongo, que era a sede do reino e era

chamado de *Muene Kongo* ou *Manicongo*, de forma aportuguesada, que significa literalmente o SENHOR DO CONGO.

Nimi-a-Lukeni é tido como um herói mítico e divinizado, sendo um dos primeiros grandes antepassados cultuados pela tradição religiosa do Congo. Ele possuía a alcunha de "O Ferreiro", pois era considerado aquele que forjou a grande nação do Congo.

Por volta de 1480, um explorador português chamado Diogo Cão chegava próximo ao Reino do Congo, na tentativa de conhecer as terras e estabelecer algum contato com os povos que lá habitavam, contudo, apesar de ter trazido alguns congoleses para dentro de suas embarcações e enviar alguns representantes do povo português para o reino, ele decidira partir de volta para Portugal, levando consigo como "refém" os congoleses, deixando seus confrades em terras africanas.

Ele retorna após um ano com o povo africano e acaba recebendo seus marinheiros novamente, desta forma começa-se a estabelecer uma troca entre o povo do Congo e o Reino de Portugal, principalmente por interesse do manicongo Nzinga Nkuwu, que posteriormente, em 1491, se tornaria João I do Congo, transformando a capital Mbanza Kongo em São Salvador.

Existia uma relação entre os portugueses que ajudaram com seu poder bélico a conter revoltas dentro do Reino do Congo e o próprio Manicongo e parte da sua "conversão" ao catolicismo se dá por interesses políticos, essa conversão não dura, (assim como da maior parte dos manicongos e ngolas) sendo que por muitas vezes os governantes voltam a assumir os seus nomes naturais e a praticar a religião dos seus ancestrais.

O povo congolense não queria ser "domesticado" pelos portugueses e não tinha interesse real na conversão, mas entendia que eles queriam um intercâmbio, para que sua sociedade pudesse se modificar conforme o que acreditavam ser necessário para o crescimento do Reino. Justamente nessa necessidade de agradar o povo português, na esperança de angariar tecnologia e novas formas de controle, o Manicongo Afonso I (Mvemba-a-Nzinga) acaba concordando em vender alguns indivíduos que não gozavam de proteção das leis do Reino do Congo, geralmente criminosos ou prisioneiros de guerra.

Portugal vê nisso a grande chance de angariar mais recursos e financiar as colonizações de suas ilhas e territórios com mão de obra escravizada cedida pelos grandes Reis da África e neste processo começam a incitar revoltas, discórdias, guerras, para que consigam tirar proveito disto.

Apesar do sistema escravagista existir na África, ele nunca fora executado do jeito que os portugueses e demais europeus o fariam. O sistema escravista africano considerava que o "patrono" de determinado escravo tinha responsabilidades sobre o indivíduo, permitindo-o cultuar sua ancestralidade, dando de comer, beber, vestir e dormir, além de olhar para suas questões de saúde e bem-viver. Eles possuíam folgas nas semanas trabalhadas e geralmente eram recompensados por seus esforços, raramente sendo punidos de forma física pelos seus "patronos". Muitos escravos neste sistema acabavam até vindo a integrar a família do seu patrono posteriormente, após cumprido seu "tempo de escravidão e servidão".

Com os portugueses a escravidão tomou outra forma, sendo um sequestro não só dos indivíduos mas de seus direitos individuais, sendo que muito se considerava se eles possuíam almas e eram explorados, expatriados e retirados de suas culturas e famílias. O ser humano então se tornou em um bem de consumo e servidão, algo não visto antes na história do mundo, no processo de escravização.

O Reino do Congo a partir disto começa a se desestabilizar e fragilizar, sendo invadido por diversos povos, principalmente pelos ferozes guerreiros Jagas, que vinham do reino de Matamba (atualmente parte do país Angola).

Os Jagas se sentiam vilipendiados, oprimidos e queriam vingança após o Reino do Congo, incitado pelos portugueses, invadirem e capturarem de forma sangrenta os indivíduos daquele reinado. Então essa invasão dos Jagas, era uma vingança, uma retribuição do que haviam sofrido. Os Jagas invadiram e destruíram tudo ao seu redor, fazendo com que o novo rei Álvaro I do Congo, tivesse que pedir ajuda aos portugueses, para restabelecer a ordem e as condições mínimas de vida na cidade de São Salvador (antiga Mbanza Kongo).

Vendo que havia sido um tiro pela culatra a ajuda dos portugueses, o rei Álvaro II, sucessor de Álvaro I, tenta conter o tráfico de escravos, fazendo com que os portugueses migrem para o Dongo, que futuramente se tornaria o Reino de Angola.

Em 1555, o Rei do Dongo declara sua independência do Reino do Congo e do Manicongo. Desta forma, acabam sendo influenciados ainda mais pelos portugueses a capturar indivíduos nas guerras fomentadas e aceitas pelo Ngola (rei do Dongo), como prisioneiros e permite que os próprios portugueses capturem os indivíduos para explorá-los como mão de obra escrava.

A RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE BANTO

Como já citamos, o sistema de religiosidade banto é quase sempre visto como algo arcaico, primitivo e inferior ao sistema sudanês ou iorubá de crença. Isso se deu por motivos que a academia e os estudiosos, além dos escritores colonialistas, impuseram sobre a observação dos povos bantos.

Nei Lopes cita Galvão e Selvagem (1952, v III, p.218-219):

"A vida espiritual dos negros é uma tragédia contínua, representada entre o nascimento e a morte. O temor do sobrenatural, com todas as representações que a sua imaginação pode admitir, é o facto dominante da sua espiritualidade religiosa. A sua religião é um complexo mal articulado de crenças em que intervêm, ao mesmo tempo, o reconhecimento da existência de um Criador Supremo, as forças e ou espíritos malfazejos e os agentes animados ou inanimados que decidem, favorecem ou impedem as obras do mal e as obras do bem. Como Criador Supremo acreditam em NganaZambi, um deus superior, distante e vago, que parece independente ou indiferente entre os conceitos do Bem e do Mal: um Criador que se reconhece, que se ama e se respeita - mas que não se teme. De Zambi não vem nem o bem nem o mal. Vem a vida dos seres e a criação das coisas. É um autor, um pouco indiferente à sua obra. O bem e o mal são obra de agentes, nem sempre determinados mas constantemente ativos - os feitiços que segue a vida e a morte, o prazer e a dor, a fortuna e a desgraça, que se aliam a uns e outros, que se deixam subornar com sacrifícios e ritos que espreitam todos os atos e manifestações dos seres. E a vida dos negros decorre entre a esperança de merecer os favores de uns e o pavor de sofrer a perseguição de outros."

Porém, em 1940 o missionário belga Padre Placide Tempels cita em seu "La philosophie bantoue" uma visão diferente da religiosidade banto, onde a noção de uma força (Moyo, Mojo, Humba) se torna primordial em detrimento do ser, e a orientação da vida do povo banto se dá em uma eterna perseguição de aumentar essa força e de

impedir que a perca ou diminua. Essa força é o que os Iorubás chamam de Axé e é o ator principal dentro da experiência religiosa banto. Isso se dá com o sentido de FORÇA VITAL, onde tudo no universo apresenta um princípio fundamental de força, seja os seres vivos, os espíritos, os animais, as plantas, os minerais, os locais e até o sentido de consciência coletivo.

Se você fica doente é porque sua *força vital* está diminuindo ou de certa forma estagnada, da mesma forma para curar isto é preciso acrescentar *força vital* que se dá por meio de oferendas, sacrifícios e atos religiosos.

Desta forma os advinhos (sacerdotes) se tornam figuras muito importantes nessa sociedade, sendo eles os indivíduos que conseguem saber e distinguir quando uma pessoa está em sofrimento por diminuição da sua força vital, de onde surge essa diminuição e o que se faz para resolvê-la.

O próprio culto aos mortos se dá como uma forma de ENVIAR um pouco de força vital a seus antepassados, pois os antepassado que são negligenciados pelos seus familiares acabam sucumbindo a segunda morte, ou seja, acabam se tornando esquecidos e parte do TODO, perdendo sua individualidade e isso afetaria TODA a energia da Família.

O povo banto tem a concepção de que nós nascemos constantemente no mesmo seio familiar, sendo assim, podemos hoje ser a reencarnação de um antepassado, que se negligenciado anteriormente virá com menor força vital e poderá ocasionar problemas para TODOS da família e seus futuros descendentes.

O entendimento aqui é o da comunidade, onde o indivíduo não é tão importante quanto o coletivo.

O entendimento é que DEUS está acima de tudo, pois ele é o próprio criador e a força vital em si, o inciado e o insustentável, que se sustenta por si só. Segundo depois pelos primeiros homens criados por Zambi, eles são os criadores dos primeiros clãs familiares e são considerados os mais próximos de Deus, após isso vem os ancestrais e antepassados (aqui as nomenclaturas se misturam, podendo em certos casos se referir aos primeiros homens e outras vezes aos familiares mortos).

Segundo Altuna (1985, pg. 58-51), a crença banto é inspirada em uma pirâmide vital, onde a hierarquia se dá por ordem de importância, sendo que encontramos Zambi,

os Arquipatriatas (Antepassados), os Espíritos da Natureza (Inquices⁵), os Mortos Familiares (Ancestrais) e na sequência os Reis, Chefes de Reinos, Tribos e Clãs, os Especialista sem Magia e Sacerdotes, os Anciões e a comunidade. Após viria os seres humanos, os animais, os vegetais, os minerais, os fenômenos naturais e os astros.

Sulayman S. Nyang, professor gambiano cita (1982, p.30) "Essa concepção do homem definida por Mulago. "Para o banto, a vida é a existência da comunidade; é a participação na vida sagrada (e toda vida é sagrada) dos ancestrais; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes".

Vemos Nei Lopes destacando: "*Embora, na pirâmide das forças que constituem o universo, os ancestrais estejam mais longe da Divindade Suprema que os espíritos da natureza (Inquices), seu culto (dos ancestrais) supera em importância e em eficácia, por exemplo, o culto dos orixás da tradição iorubana, irradiada a partir dos atuais Nigéria e Benin. E Embora, ainda, aqueles espíritos sejam hierarquicamente mais importantes que os ancestrais, estes podem ser também associados a força da natureza, como é o caso entre os bacongos, dos Nkisi, que às vezes estabelecem com os homens pactos bilaterais com obrigações de ambas as partes (Thomas; Lueau, 1981, v. I , p.78).* Assim, se algo como a ordem moral é coisa que a divindade suprema não se ocupa, por estar muito acima e muito além, os ancestrais são os guardiões dela e se incumbem de castigar os descendentes que não a respeitem (Balandier, 1968, p.330). Os ancestrais atingem às vezes um tal grau de sacralização que acabam por ser considerados como divindades secundárias ou mesmo divindades de primeira ordem."

Luneau Thomas (1981, v. I, p. 78) cita: "*Entre os bantos, então, a onipresença dos ancestrais é flagrante: 'Nenhum trabalho nos campos, nenhum casamento, nenhuma cerimônia de puberdade podem ter lugar sem que estejam em ligação com os mortos).*

Essa é uma relação que vemos muito presente na Umbanda, onde as figuras dos Ancestrais Divinizados, como os Caboclos e Pretos-Velhos sobrepõe em muito a presença dos Orixás, Voduns e Inquices, tomando uma grande importância e sendo a bússola de conduta moral e o grande oráculo da religião umbandista. Estou para dizer, que na prática de Umbanda, seu adepto acaba se aconselhando com as entidades (os ancestrais), antes da tomada de qualquer decisão seja de que ordem for em suas vidas.

⁵ Forma errada de se referir aos Mikisi. Nkisi (Inquice) é um espírito da Natureza, Mikisi é seu plural.

As entidades de Umbanda se emprestam da cultura Banto quando é dito que os pretos-velhos, caboclos e exus começam a ser parte integrante da família espiritual (comunidade) formada pelos terreiros, sendo reverenciados como Pais e Mães, em sentido de respeito e importância.

Contrariando a ideia padronizada de que é uma religião fetichista e animista, encontramos entre os bantos que a figura ancestral é um símbolo para suas atitudes. Não podemos considerar que isto seja idolatria, pois o mesmo não se curva diante da madeira, do gesso ou do metal de que são feitas suas representações, mas sim da concepção de que aquela arte lhe toma.

Uma arte sacralizada (e toda arte é sagrada aos bantos) comum é a criação das máscaras representando ancestrais e forças da natureza. Essa é uma atividade tanto artística, quanto religiosa.

Essa efígie ou signo se torna a representação de uma ideia, conceito ou individualidade, desta forma podemos também associar isso ao uso das imagens nos terreiros de Umbanda, onde vemos a estátua de um santo representando um conceito e não exatamente o SANTO que representa, naufragando assim com o sentido do sincretismo por assimilação e substituição. Em outras palavras, como existe essa premissa banto dentro da Umbanda, ao se referenciar a São Jorge, como Ogum, nem sequer Ogum ou São Jorge estão sendo cultuados, tampouco a imagem que ali está, ela apenas representa algo, um gatilho mental e emocional, para a força que ela é associada, independente da sua denominação dada por outros.

O entendimento aqui é que mesmo São Jorge sendo um santo aos católicos e Ogum sendo um Orixá aos Iorubás, para o banto, essas representações tem outra significância. Eles não medem sua religiosidade pelo prisma dos outros, mas dentro de uma ideia própria e de um conceito de pertencimento. Ao ver essa imagem, ele associa a força marcial, de guerra, de abertura de caminho e possivelmente ao inquice *Nkosi*.

Com o entendimento do processo escravagista, a chegada dos bantos no Brasil se dá para impugná-los nas fazendas e no interior das colônias, sendo assim, os mesmos ainda mantinham parte de sua cultura e principalmente o sistema de linguagem. Diferente dos africanos tidos como escravos urbanos (que eram a minoria, mas que acabavam por definir o que se entendia pelo negro africano), os escravizados que

trabalhavam nas lavouras, não tinham tanto contato com o povo europeu e conseguiam manter certa estrutura das suas línguas nativas.

O maior quilombo que temos notícia, de Palmares, era uma estrutura banto de administração, em sua maioria populada por dissidentes e nascidos em terras brasileiras com origem banto, porém também encontramos outros povos, como os mestiços, indígenas e até mesmo brancos, que procuravam os quilombos, pois existia uma ideia de fartura em suas terras.

A própria palavra Quilombo, surge do termo quimbundo *kilombo*, que traz o significado de reunião ou união.

A importância do povo banto é tanta e se tornou quase imperceptível por destruição da memória desse povo pelos academicistas que elegeram o sistema lorubá como a pureza africana.

Grande parte das festas populares que vemos, como as congadas, os fandangos, os folguedos, o próprio bumba-meu-boi e afins são resultantes da cultura e da arte banto. Inclusive o próprio carnaval nasce da junção das tradições festivas africanas de origem banto com as procissões católicas do Brasil colônia. Para aqueles que procuram abolir o sincretismo com falsas premissas e discursos, lembramos que deveriam também abolir o carnaval, EXTREMAMENTE e ORIGINALMENTE sinrético.

A opressão cristã dentro da África Banto existiu, assim como dentro do território colonial brasileiro, porém a visão reproduzida é um conceito preconceituoso contra os bantos, que eram tidos como frágeis e inferiores, pois suas próprias manifestações religiosas por serem inferiores não poderiam conter a estrutura católica.

Os bantos intercambiam os sistemas religiosos e se adaptam, absorvendo o que lhes parece acertado e não sendo servis em suas concepções religiosas. Como já dissemos, mesmo os reis do Congo e do Dongo, por muitas vezes convertidos, voltavam às práticas tradicionais, demonstrando como essas eram IMPACTANTES e IMPORTANTES. Sem a família e o sistema tradicional de religião não existia o indivíduo, pois ele não existia sem a comunidade, que dependia da crença na ancestralidade e na religião, formando um ciclo indissociável.

Essa ilusão de que a adoção do sistema católico se deu passivamente é apenas uma forma preconceituosa de entender o banto e sua cultura assimiladora e muito adaptada.

Inclusive a suposta perseguição dentro das fazendas não são exatamente como retratadas, sendo que a distância da colônia e do braço forte da Igreja era tanto, que demorava-se meses e até anos para algo ser "SABIDO" e "CONTROLADO", isso quando falamos das cidades litorâneas. Agora pense nos processos nas fazendas no interior das capitâncias e colônias? Em muito, a prática religiosa era permitida, encorajada e até mesmo participativa por parte dos elementos "cristãos" da mesma.

Podemos dizer que o banto transforma suas práticas em um catolicismo peculiar envolvendo suas ideias tradicionais e dando um novo corpo a sua religião em terras brasileiras. Nei Lopes cita o exemplo de João de Camargo, no início do século XX, que em Sorocaba (São Paulo) cria a Igreja Negra e Misteriosa da Água Vermelha, após revelações dadas por espíritos e divindades. Nesta igreja sobressaia a importância dos santos negros como Santa Ifigênia, Santo Elesbão e São Benedito, que segundo Nei Lopes, era chamado de *Rongondongo*, uma estrutura linguística claramente banto.

Roger Bastide cita que além das imagens dos santos havia a pedra (otá) do santo depositada a seus pés, no altar.

Nei Lopes diz: "Assim, em nossa avaliação, eles (bantos), no Brasil, apenas intercambiaram valores culturais, e não 'imitaram servilmente', como já se disse, rituais católicos e tradições rituais de outros grupos africanos (os fon e os iorubás)"⁶

A Macumba, termo que acaba sendo usado de forma indevida e muitas vezes sendo "defendido" por uma contextualização piegas de ser um "instrumento musical", aparece mais fortemente no Rio de Janeiro e em São Paulo. A macumba é claramente de origem banta e tomou uma forte categorização depreciativa.

Enquanto, os ritos de origem sudanesa e suas variantes⁷ acabam sendo defendidas como "Candomblé"

⁶ Defendendo uma individualidade, originalidade e personalidade das culturas religiosas banto, seja ela a religião tradicional, os calundus, a cabula, a macumba e até mesmo a Umbanda. Essas práticas não precisam e nunca precisaram do Candomblé Jejê-Nagô.

⁷ Batuque no Rio Grande do Sul; Xangô em Pernambuco, Tambor de Minas no Maranhão, etc.

Contudo, a palavra *Candomblé* é de origem banto e vem de uma etimologia discutível, mas coerente que é Candombe, ou seja, "Dança, Batuque".

Veja, que até a terminologia usada para designar o suposto culto puro africano no Brasil, que é defendido como uma continuidade da prática africana em terras brasileiras, usa um termo BANTO!

Infelizmente, a maioria do povo Ketu toma uma concepção errônea e preconceituosa, reforçada pela academia e pelos próprios dirigentes e adeptos, de que são superiores espiritualmente, culturalmente e religiosamente do que as práticas bantos. Quantas vezes nós já ouvimos que a "umbanda é um candomblé mal feito" ou que "onde já se viu usar coisas de candomblé na Umbanda"? Porém, quando vamos investigar, o candomblé é que acaba usando do que os bantos praticavam e posteriormente essa tradição banto dará origem a Umbanda.

O CALUNDU

O Calundu é uma expressão religiosa não centralizada baseada na tentativa de resgate das práticas religiosas originais das terras banto. O termo calundu vêm de "Quilombo de Calundu", onde Quilombo provém do termo *Kilombo* e significa "união ou reunião" e Calundu, provém do termo *Kilundu*, que significa "ancestral, espírito de pessoa que viveu em época remota)⁸. Desta forma podemos inferir que Quilombo de Calundu significaria: "Reunião dos Espíritos Ancestrais". Isso lembra muito o que fazemos na Umbanda, certo?

Segundo Nuno Marques Pereira, (Compêndio narrativo peregrino da América, 1731): "*São uns folguedos ou adivinhações que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos, também usam deles cá, para saberem várias coisas; como as doenças de que procedem; e por adivinharem algumas coisas perdidas, e também para terem ventura em suas caçadas e lavouras, entre outras coisas.*"

O termo era usado para designar toda e qualquer prática espiritual e religiosa de origem africana no Brasil até o século XIX, onde começa a ser usado o nome *Candomblé*, para diferenciar os cultos bantos dos cultos iorubas.

⁸ Dicionário Banto-Português, Nei Lopes.

Inclusive a inclusão desses “escravizados” dentro das comunidades católicas, lhes garantiam meios de se organizarem para suas outras manifestações religiosas. Pares (2006, p.101; 124) cita: “É que, entre eles, a participação tanto em rituais católicos quanto em calundus, não eram sentidas como contraditórias; e sim como uma interação benéfica.”

Encontramos registros de 1864 da figura de Anna Maria, angolana, chefe religiosa de um lugar chamado de Dendezeiro, em Salvador. Seria um registro daquilo que entenderíamos como Candomblé de Caboclo. Temos também a figura de Gregório Maquende, nascido em 1874, de pai natural de Angola, sendo o herdeiro do terreiro fundado por Constâncio da Silva e Souza.

O sistema Iorubá acaba prevalecendo segundo algumas fontes, por conta do intercâmbio entre o estado da Bahia e o Golfo do Benin no século XIX.

Além disso, encontramos posteriormente a influência banto na concepção da Cabula, onde muitos relatam que é uma ideia bem próxima do que é a Umbanda. Isso se dá pelos termos usados, também serem recorrentes dentro da prática umbandista, tais como Tatá para designar o dirigente ou o espírito que se manifesta no dirigente, a sessão ser chamada de mesa, o chefe da mesa sendo chamado de embanda e os seus ajudantes serem os cambône.

A estrutura da Cabula se dá pelo mistério, pelos iniciados, tal qual uma maçonaria, sendo que os iniciados chamados de *camanás*, não podem revelar nada das tradições sendo até imputada pena de morte por envenenamento a estes. Os profanos ou não-iniciados são chamados de *caialós*.

A reunião dos iniciados (*Camanás*) é chamada de engira, que na Umbanda se torna Gira. As vestimentas são sempre camisa e calças brancas, com os pés descalços. Desta forma Nei Lopes diz: “*Então, a cabula é que nos parece ter sido a velocidade inicial da Umbanda, religião hoje inegavelmente brasileira, mas que tem raízes na África dos povos bantos, raízes essas que, em meados do século XX, eram alimentadas com a tentativa de reafricanização representada pela modalidade chamada ‘omolocô’ (nome originário do quimbundo ‘muloko’, juramento, ou do suto, povo do sul da África, na forma ‘moloko’, significando ‘genealogia’, ‘geração’, ‘tribo’)*”.

A palavra Umbanda tem origem também banto, tanto no Quimbundo quanto no Umbundo, seu significado acaba sendo a capacidade de curar, uma medicina, a arte de cura. A palavra original se dá no Quimbundo como *imbanda* e no Umbundo como *mbanda*, sendo que o plural destas foram é "kimbanda". Esse termo também é usado para designar o feiticeiro ou curandeiro que praticava a *mbanda*.

Nei Lopes ainda acrescenta: "*Ainda na Umbanda, um elemento que efetivamente religia, mais diretamente essa modalidade ao universo religioso dos povos bantos é a presença dos "pretos-velhos". Essa presença aproxima os rituais umbandistas do culto aos ancestrais; fazendo pressupor, inclusive, uma aproximação dos bantos ao espiritismo de Allan Kardec - chegado ao brasil em meados do século XIX -, porque, através dele, podiam manter contato com seus mortos. Daí terem surgido após a abolição, as entidades chamadas "pretos-velhos", os "cacurucaios" (do quimbundo 'kikulakaji', ou seja, 'ancião'), que representariam espíritos de antepassados, e antepassados bantos, como expressamente indicam a maioria de seus nomes - Vovó Cambinda, Vovô Congo, Pai Joaquim de Angola, Vovó Maria Conga, etc.*"

A língua banto, seja o quicongo, umbundo e principalmente o quimbundo, são predominantes dentro do linguajar brasileiro e do português falado no Brasil. Contesta-se até mesmo que o Nagô / Iorubá seja tão importante, pois essa linguagem acaba sendo restrita dentro dos contextos religiosos, culinários e em parte de música, sendo que as línguas banto acabam fazendo parte do vocabulário de uso comum em seus termos, não nos soando como "estrangeirismo" ao falar.

Até mesmo a fonética da língua banto é dada como parte do nosso português, mesmo na língua não-oficial e não formal. Flor, se torna fulô, negro se torna négo, salvar, se torna saravá e assim por diante. Além da prática de usar nomes familiares (apelidos) para os nomes próprios, tal como: Chico, Donga, Iaiá, Joca, Juca, Maneco, Sinhá, Sinhô, Zeca, etc.

Em "O Candomblé bem explicado" vemos um excerto interessante sobre a união dos Bantos, trazidos como escravos, juntamente com os indígenas já escravizados em terras brasileiras:

"Os índios logo se identificaram com a nação bantu e a ela se uniram quando os participantes desta nação aqui chegaram para trabalhar como escravos. Esta parceria era uma tentativa de ambos se resguardarem contra seus opressores e de protegerem seus

interesses sociais e suas necessidades religiosas. Nesta união, foram se mesclando, adquirindo e trocando costumes, crenças, conhecimentos sobre a natureza. Foi a partir desta junção que surgiram os primórdios da Umbanda, que tem nos seus caboclos a figura dos nossos ancestrais indígenas, e nos pretos-velhos, a sínteses dos nossos ancestrais escravos. A Umbanda é então a religião que foi criada no Brasil, amalgamando saberes africanos e indígenas com o saber europeu, por meio do sincretismo com a religião católica."

Aos puristas que elencam os Iorubás como os originais e mais puros dentro do contexto religioso africano, citamos ainda um outro excerto de mesmo livro: "Na África não se conhece o culto chamado candomblé, pois esta designação é somente brasileira; lá o que existe é o culto às divindades, individualizado por regiões, cidades e até mesmo famílias."

Mas a pergunta que se tem é onde que se perde a identidade banto e se dá espaço para a identidade Iorubá, em outras palavras, quando o inquice se torna orixá? Isso se dá pela distância geográfica e histórica da chegada dos povos bantos, cultuadores dos Inquices, que ocorreu no século XVI, XVII e que se perdeu nas gerações seguintes. Quando da chegada dos Iorubás, final do século XVIII e XIX, já tivemos uma perda da identidade devido ao falecimento dos ancestrais que haviam sido trazidos da África Banto e também de seus descendentes. Desta forma, para manter os conhecimentos, misturou-se em uma adoção orgânica o conhecimento de outras nações africanas para dar sentido àquilo.

Se olharmos para os Orixás de Umbanda vamos encontrar mais semelhanças com os Inquices e com a identidade Banto do que propriamente para os Orixás Iorubás.

SINCRETISMO DENTRO DAS PRÁTICAS BANTO?

Sincretismo é sempre um tema muito debatido e pouco compreendido, envolvendo paixões e muita construção errada de pensamento. Quando falamos em sincretismo as pessoas acham que é algo que vem a substituir o que já existe, em outras palavras, um Orixá seria entendido como um Santo, sendo que o Santo substituiria o Orixá.

Contudo, esse é um pensamento limitado e não reflete a complexidade do processo sincrético, que não começou com o cristianismo, tendo o próprio cristianismo sofrido processos sincréticos, assim como o judaísmo.

Como já vimos em textos anteriores, o próprio islâmismo africano é cheio de referências, inclusões e práticas diferentes do islãmismo em sua origem árabe. Isso já pode ser considerado uma forma de sincretismo.

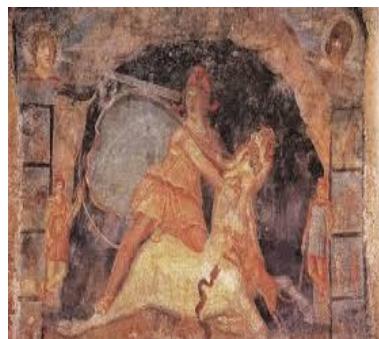
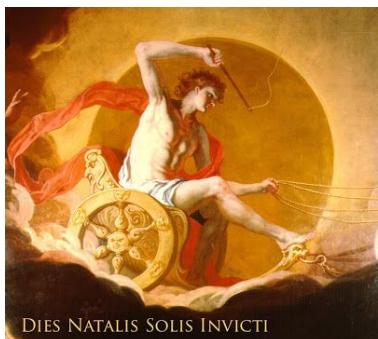
A figura do próprio Jesus Cristo, foge totalmente o biotipo dos judeus padrões vivendo na Galiléia há 2024⁹ anos.



Possível representação da fisionomia de Jesus baseado nos indivíduos da região da Galiléia.

⁹ Texto escrito em 2021.

O Jesus que conhecemos dentro da Igreja Romana com olhos azuis e cabelos loiros, está muito mais próxima da representação dos deuses pagãos já cultuados pelos povos romanos, sendo uma representação aproximada de Apolo, Mitra ou do Solis Invictus.



Acima representação de Solis Invictus, Mitra e Apolo

Sobre o sincretismo dentro do Calundu, Sweet (2003, pg. 7) rejeita a ideia. Acredita que há um contato entre ambas as religiões, calundu e catolicismo, mas que a prática feita pelos africanos banto era superficial, onde o corpo doutrinário do sistema religioso banto se mantinha de certa forma intocado e independente. Contudo ele entende que houve uma reinterpretação do catolicismo, incluindo-o dentro das práticas do Calundu. As simbologias e as necessidades eram adicionadas conforme as circunstâncias.

Marcusi (2006, pg. 112) relata que Luzia Pinta, angolana natural de Luanda, no território de Angola, já antes de 1743, quando fora condenada no tribunal inquisitorial de forma presunvida, vivia em Minas Gerais, na região de Sabará, prestando serviços e atendimentos espirituais à população com a prática do Calundu. Marcusi acredita que Luzia Pinta tinha uma interpretação própria das religiões: católicas e banto, não sendo a prática original e tampouco o catolicismo, mas algo compreendido por ela e pelos que praticavam o Calundu como uma recriação do sistema de crenças adaptado para o novo solo.

A proximidade do Calundu com a Umbanda é perceptível, seus rituais acabavam por acontecer nos espaços domésticos, seja urbano ou rural, nas casas e fazendas, atraindo várias pessoas de todos os segmentos sociais, não se restringindo a um público de cativos, ex-cativos e marginalizados (Silveira, 2009, pg. 18).

A dança tinha um importante papel, assim como os cânticos, todos acompanhados dos toques dos instrumentos de percussão. Esse expediente era usado para influenciar os adeptos a entrarem em transe. Geralmente, usavam roupas para a ocasião, decoradas com fitas e penas nas cabeças. Mais uma vez reforçando sua proximidade com a Umbanda atualmente praticada.

QUEM SÃO OS INQUICES, ORIXÁS E VODUNS

Tabela Comparativa Orixá, Inquice, Vodun e Santos. Existem diversas terminologias, escolhemos as que mais são conhecidas. Como método comparativo pode haver discrepâncias em outras catalogações.

ORIXÁ	INQUICE	VODUN	SANTO
Oxalá	Lemba Dilê /	Lissá	Jesus Cristo
Ogum	Inquoce / Roximucumbe	Gú	São Jorge
Oxóssi	Congobira / Cabila	Aguê	São Sebastião
Xangô	Zaze Luango	Quevioço	São Jerônimo
Iansã	Matamba	Sobó Babadi	Santa Bárbara

Iemanjá	Dandalunda/caiala / Caitumbá	Abé	Nossa Senhora dos Navegantes
Oxum	Quissambo/ Quissimbi	Aziri	Nossa Senhora da Conceição
Nanã	Gangazumba/ Zumbarandá	Nánà	Santa Ana
Omulu	Cavungo / Caviungo	Sapatá	São Roque
Oxumaré	Angorô	Dã	São Bartolomeu
Ossaim	Catendê /		São Benedito
Exu	Aluvaiá	Lebá	Santo Antônio / Diabo
Ifá	-	Fá	-

OS POVOS IORUBÁS

Os Iorubás, também chamados de nagôs, constituem um grupo étnico (e também tronco linguístico) da África Ocidental. Originalmente, só os indivíduos da cidade-estado de Oyó era considerado Iorubá, sendo que essa nomenclatura acabou se espalhando para as demais regiões em torno de Ilé-Ifé e Oyó.

Hoje consideramos que a Nigéria (em seu sudoeste), o Benim, o Gana, o Togo e a Costa do Marfim, são considerados Iorubás. Encontramos o povo Iorubá também referidos como Ketus ou Queto, Abeocutá e outros.

Considerado o Candomblé por excelência, a prática pelo povo Iorubá se dá pela Nação Ketu ou Nagô. O termo Iorubá ficou conhecido em 1826, por intermédio do Capitão Capperton, em um manuscrito de língua árabe, encontrado na terra dos Hauçás. Considera-se que as grandes nações e cidades-estados Iorubás começam a se formar com a expansão mercantil e nômade dos povos berberes. Porém, o entendimento como uma unidade só se dá no século XIX, como um agrupamento Iorubá.

Nós consideramos geralmente um povo como se ele tivesse compreensão de ter pertencimento a um determinado grupo. O ocidente, principalmente os povos europeus, sempre estigmatizam e generalizaram aqueles que lhes são estrangeiros. Assim se dava com os povos ditos bárbaros, pelos romanos, que nada mais eram os povos que não falavam latim.

Com os Iorubás é o mesmo caso, apesar dos Iorubás originais serem pertencentes a nação-estado de Oyó, depois isso é expandido e entendido como todos os agrupamentos próximos nas cidades e nas etnias semelhantes, tais como: Egbá, Egbado, Ijebu, Ijexá, Ekiti, Ondo, Akoko e Owo, entre outros. Apesar do centro de poder deste povo estar na cidade de Ifé (Ilê-Ifé), a cidade de Oyó foi quem resistiu por mais tempo em uma situação de poder.

Assim como os povos bantos, o entendimento de uma força vital que permeia toda a criação também faz parte do centro religioso Iorubá, essa diminuição ou equilíbrio do axé se dá geralmente pelos processos de oferendas, os chamados *ebós*, que tem a função de redirecionar o fluxo das energias, possibilitando boa saúde, fartura, saúde e melhorar o destino do indivíduo.

Também comprehende-se a estrutura familiar por meio da família estendida, onde o sistema é dado além de pai, mãe e filhos.

Os mitos, que encerram verdades morais dos heróis divinizados e deuses, são chamados de *Itans*. Essas lendas e história dos Orixás, pontuam sempre uma verdade a ser aprendida, nem sempre sendo exatamente o ocorrido. Podemos encontrar diversas variações das lendas, conforme as cidades e povos que as conta, sendo que a participação de Ogum em uma pode se dar como um grande beneficiador da tecnologia e em outras como um indivíduo lascivo e vingativo. Isso se dá com todos os Orixás, pois os *Itans* eram contados a partir da perspectiva dos povos, então um povo derrotado iria "diminuir" as capacidades do Orixá do povo conquistador.

Cada povoado, cidade ou agrupamento tinha um ou mais orixás próprios, que estavam ligados a figuras mitológicas ou heróis do passado, que foram divinizados ou até mesmo a localidades geograficamente marcadas como o Rio Níger (Oyá), Rio Osun (Oxum) e o Rio Ogun (Iemanjá). Quem parece não obedecer a esse paradigma são: Obatalá e suas manifestações (Oxaguiã, Oxalufã, Oxalá), Orunmilá (Dono do Ifá) e Exu.

O Deus maior, criador dos Orixás, é dado como Olorun ou Olodumaré. Consideradas divindades maiores, encontramos: Obatalá, Odudua, Ogum, Exu, Orunmilá, Omulu, Ossain e Xangô.

De forma mais restrita existem as divindades ligadas a clãs, cidades, aldeias e povos, consideradas divindades étnicas ou regionais. Xangô, apesar de ser considerado uma divindade abrangente, também é a divindade regional em Oyó, sendo considerado até mesmo um Rei do passado. Iemanjá tem seu culto fortificado em Egbá, Ogum em Ekiti, Airá em Savé, etc...

Pierre Verger relata que mesmo antes da vinda dos africanos de origem Iorubá ao Brasil, a mistura já ocorria entre os cultuadores das divindades. Contudo, por exemplo, o grande caçador Oxóssi, que tem um culto bem considerado em terras brasileiras, era tido como um dos muitos Caçadores (Odés) e não exatamente o mais proeminente. Oxóssi é o nome pelo qual chamamos o Odé de uma flecha só do Itan do pássaro das la Mi Oxorongá. Porém, existiam diversas divindades com a qualificação de Odé. Mas no Brasil, Oxóssi se torna tão proeminente que é considerado o grande rei do Reino de Ketu, formando o candomblé que seria "acreditado" como o mais puro.

Algo que deve ficar claro é que os adeptos do Ketu com certeza irão dizer que sua religião tem mais de cinco mil anos de existência, contudo isso é impossível de ser afirmado, visto que o candomblé (como já falamos anteriormente) não existe na África, sendo uma religião reinterpretada tendo como base o culto tradicional da região de Ketu, neste caso específico. O primeiro registro de uma casa de Candomblé Ketu se dá em 1830, na Barroquinha, também chamado de Engenho Velho ou Terreiro da Casa Branca, com o nome verdadeiro de *Ilê Axé Iá Nassô Ocá*.

Vendo desta forma o candomblé formatado e aceito é o de origem Nagô/Iorubá, mais certamente o de Ketu, com forte influência da identidade de Oyó (Xangô). No próprio Engenho Velho, vemos que o terreiro é de Oxóssi, mas o templo principal é dado a Xangô.

Outro dos mais conhecidos terreiros, o do Gantois, é fundado após uma dissidência do terreiro da Barroquinha, por Maria Júlia da Conceição Nazaré. Conhecido como Sociedade São Jorge do Gantois, Terreiro do Gantois ou *Ilê Iaomim Axé Iamassê* é um dos terreiros tombados pelo IPHAN.

Após nova divergência, cria-se outro ilê bem conhecido em todo território nacional (e internacional) o *Ilê Axé Opô Afonjá*, sendo essa a casa onde Pierre Verger é feito Fatumbi.

O povo Iorubá, por ser um dos últimos que foram trazidos ao Brasil, acabou por preservar a sua memória religiosa de forma mais intacta que os povos bantos já aqui encontrados, que já estavam em sua terceira ou quarta geração. Desta forma, por assimilação muitos bantos se aproximaram da religião Iorubá, fazendo com que o processo da mesma, assim como o aculturamento pelos Orixás se fizesse presente. Contudo a forma de trabalho com os Orixás, suas comidas, suas formas ritualísticas divergem muito da originalmente encontrada em África, sendo uma adaptação ao novo solo.

Apesar dos Orixás não serem cultuados como na África, eles ainda exercem um grande impacto no entendimento popular, sendo usado de seus nomes para designar as divindades de outras nacionalidades, sejam elas outras etnias africanas ou até mesmo dos deuses nativos do povo originário, por aproximação, similaridade e sincretismo.

Outros povos, conhecidos como povo Fon ou Jejê (de forma depreciativa), se tornam também presentes, mas acabam não sendo tão preponderantes, fomentando mais algumas práticas no nordeste brasileiro como o Xangô de Pernambuco e o Tambor de Mina, além do Candomblé Jejê e Jejê-Nago, onde os Voduns aparecem com mais efetividade.

Alguns de seus voduns já eram cultuados pelos Iorubás na África, sendo trazidos também como elementos sincréticos do culto Iorubá, sendo eles: Ewá, Oxumarê, Nanã Burukê e Omulu (Obaluaiê).

E O QUE ESSES POVOS LEGARAM A UMBANDA?

Como vimos nesta longa exposição, a Umbanda bebe em sua raiz africana depende muito da consideração Banto de religião, por meio do entendimento dos ancestrais e das forças naturais e de como há um equilíbrio pela força vital nos processos da nossa vida cotidiana. O processo de ancestralidade e culto a aqueles que já se foram, sendo dado oferendas e até mesmo a sua invocação para tratar os que aqui ainda estão, é preponderante, levando em consideração a comunidade, o coletivo e não o eu.

Contudo vemos a inclusão das práticas Iorubás em seus sistemas de organização e também por meio da inclusão dos Orixás, de seus pratos e oferendas, das suas magias e de seus *Itans*.

Podemos dizer que em 90% da raiz africana da Umbanda, prepondera a cultura banto, sendo que os 10% restantes se dividem entre os Iorubás, Malês e Fons.

Dos Iorubás e Fons pegam-se as divindades e suas lendas, dos Malês as mandingas, breves e patuás, além do próprio Atabaque que vem de uma palavra árabe, e as vestes brancas, mas é o coração Banto que pulsa na Umbanda.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes a magia e a espiritualidade.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

BANTOS, MALÊS E IDENTIDADE NEGRA; LOPES; Nei.; Ed. Autêntica.

O CANDOMBLÉ BEM EXPLICADO; NAÇÕES BANTU, IORUBÁ E FON; KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera; BARROS, Marcelo (org.); Ed. Pallas.

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 03

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

**AULA 03 - INFLUÊNCIAS EUROPÉIA E
INDÍGENA NA UMBANDA**

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso “Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge” e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

A ORIGEM DO POVO JUDEU

É impossível falar sobre cristianismo sem antes visitar as bases do judaísmo e de como esse foi constituído. Para compreender a sua religião, primeiro devemos entender que judaísmo não é só religião.

Judaísmo se trata de uma etnia, uma cultura, um povo que acredita descender de tribos que viviam na terra de Canaã. Atualmente, neste local encontram-se os países de Israel, Síria, Jordânia e Palestina.

O judaísmo se baseia no patriarcado, sendo seu fundador um homem da cidade de Ur, na Mesopotâmia (onde encontramos o Iraque hoje) e que migraram para Canaã. Abraão, antes só Abrão¹, teve a promessa de Deus de que sua prole seria vasta e cobriria todo o mundo. Contudo, Abraão, já de idade avançada e sua esposa Sara, não conseguiam engravidar.

Sara então pede para que Abraão tome a sua escrava Agar, que engravidou e gerou Ismael, o primogênito de Abraão. Porém, Deus (YHVH) abençoa Sara e lhe dá a capacidade de gerar filhos mesmo com idade avançada, então Sara dá à luz a Isaque, contando Abraão com 100 anos à época.

Ismael e sua mãe Agar são exilados e vão para onde hoje é a península arábica, dando origem ao povo árabe. Isaque se casa com Rebeca e dá à luz aos gêmeos Esaú e Jacó. Apesar de Jacó ser aquele que dará origem ao povo hebreu, Isaque preferia a Esaú.

Jacó só se torna aquele com a bênção da família, pois enganou Isaque. Sabendo que Esaú era seu preferido, Isaque aproveita da cegueira do pai (pela idade) e se passa por Esaú, tomando suas bênçãos. Jacó então vai até a Mesopotâmia e desposa as irmãs Raquel e Lia, dando origem às doze tribos hebraicas, com seus patronos: Ruben, Simeão, Judá, Zebulão, Isacar, Asher, Neftáli, Efraim, Manassé, Gad, Benjamin e Levi.

¹ Abrão se torna Abraão quando sai de Ur em direção a Canaã. Sarai, se torna Sarah, da mesma forma. Abrão vem do termo judaico Ibrim, que significa "Pai Excelso". Abraão, vem do termo Ibrahim, que significa "Pai de Muitos".

José, filho de Jacó é aquele que seria vendido aos egípcios como escravo, pois gozava da preferência do pai, despertando nos demais o ciúmes, a inveja e a cobiça. Contudo, José, provido do dom da profecia, ganha a confiança do capitão da guarda do faraó egípcio. No Egito, José estuda, se tornando um escriba.

Os irmãos de José, procurando fugir de uma seca que aflige o mundo, vão até o Egito, quando encontram o irmão poderoso, sem o reconhecer. Porém, José os perdoa e diz para trazer todos seus irmãos e pais para o Egito. Assim se dá a suposta vivência no egito do povo "israelita", que viria a ser escravizado posteriormente².

Só seriam libertados sob a liderança de Moisés. Moisés (Moshe) é tido como o mais importante profeta hebraíco, por ter diretamente com YHVH³ e aquele que recebe as leis de Deus.

2. Êxodo de Israel do Egito e Entrada em Canaã



² Não existem evidências históricas e arqueológicas desta escravização.

³ O Deus Hebraíco.

Percebiam que a essa altura, Abraão que habitava Canaã, dando origem a Isaque e Jacó, este último partindo para o Egito, por meio de José e posteriormente há uma retomada da peregrinação, chamado êxodo, onde Moisés após conseguir a libertação do seu povo, rumava de novo para a terra prometida: Canaã.

Moisés era descendente da Tribo de Levi, que viriam a se tornar os Levitas, ou em outras palavras, os legisladores, aqueles que promulgavam as leis e fariam-as serem cumpridas.

Apesar de ser aquele que levaria seu povo à terra prometida, Moisés morre antes de chegar na tal terra, no Monte Nebo.

Foi sucedido por Josué⁴, que derruba as muralhas de Jericó.

O que devemos perceber é que até aqui estamos falando de povos hebraicos, descendentes de Jacó e de seus 12 filhos (eram mais filhos, mas formaram 12 tribos). Na terra prometida, encontramos futuramente o Reino Unido de Israel e Judá.

O Reino de Israel é também reconhecido como o Reino do Norte ou Reino de Samaria, enquanto o Reino do Sul é conhecido como o Reino de Judá.

Esses reinos viviam sendo "invadidos" por povos estrangeiros, sendo os filisteus os mais conhecidos, que daria origem ao mito de Davi e sua linhagem de Reis. Porém, outros povos também avançavam sobre esse território, como os Assírios, os Persas, os Macedônios, e os Babilônios.

Essas invasões, segundo a crença israelita era devido a idolatria⁵ dos povos, sendo uma punição de YHVH sob seu povo. Com a invasão do território dos Reinos de Israel e Judá, pela Babilônia em 586 A.E.C., a cidade de Jerusalém é destruída, o templo construído por Salomão é queimado e os nobres são levados para o cativeiro.

O cativeiro durou até por volta do ano de 536 A.E.C., sendo libertados por Ciro, rei da Pérsia, que permitiu que eles retornassem à sua terra. Contudo o Reino de Israel havia sido dizimado e a maioria dos sobreviventes pós-exílio babilônico era proveniente da Tribo de Judá, eis então que temos os Judeus, aqueles que são da tribo de Judá.

⁴ Outro nome para Josué é Oseias, Joshua, Yehoshua, Yeshua, Iesous (em transliteração grega), Jesus em Latim, mas não é o Jesus filho de Maria.

⁵ Resquícios históricos nos mostram que eles cultuavam diversos deuses.

Podemos considerar então que o Judaísmo só surge após o regresso do exílio babilônico em torno de 536 A.E.C.

O cristianismo nasce do seio judaíco e das bases do antigo testamento. Não há como compreender o Novo Testamento sem olhar as bases que deram origem ao povo judeu.



O CRISTIANISMO

O cristianismo surge supostamente da figura de Jesus Cristo. Jesus é a versão latinizada do termo grego *Iesous*, que por sua parte advém do hebraico *Yeshua*, que tem o significado de "Deus Salva". A palavra *cristo*, vem do grego *khristós* que significa "o Ungido".

"Cristianismo é a religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré. É a religião com maior número de seguidores do mundo, aproximadamente de 1,5 a 2 bilhões, o que representaria um terço da população humana. A fé cristã compartilha com o judaísmo a crença na tora, chamada pelos cristãos de "Pentateuco" ou "os cinco Livros" e também todo o "Antigo Testamento". Mas revela sua continuidade, no evangelho ou "Boas Novas" de Jesus Cristo e outros textos de seus discípulos, conjunto de escritos que chamamos de o "Novo Testamento", primeiro compêndio doutrinal e moral do Cristianismo. O Cristianismo surgiu com o início da pregação dos ensinamentos de Jesus Cristo, aos 33 anos de idade, posteriormente com a expansão e difusão desses ensinamentos para todos os povos. Os seguidores desta doutrina, os cristãos, creem em Jesus como Filho de Deus, o Messias esperado e citado no Antigo Testamento. Jesus viveu, sofreu, morreu e ressuscitou para salvar a Humanidade do pecado" (PILAGALLO FILHO, 2008, p. 190).

Jesus viveu na região da Palestina, atualmente o local onde encontramos Israel. Apesar de nosso calendário ser baseado em Antes de Cristo e Depois de Cristo, há indícios de que Jesus tenha nascido na realidade em torno de 4 A.C., ou seja, 4 anos antes do ano Zero (que supostamente era seu nascimento), na região da Judeia. A Judeia era parte do Império Romano dessa época.

O cristianismo a princípio era uma forma de professar o judaísmo, porém desde o século I, houve uma abertura aos gentios (aqueles que não eram judeus) para se converterem ao cristianismo. Devemos entender que o cristianismo nesta época não era o Catolicismo Romano e ainda integrava muito as bases legadas por Jesus a seus apóstolos.

Na época de Jesus podemos encontrar três grupos religiosos que rivalizavam entre si sobre o Judaísmo: Saduceus, Fariseus e os Essênios.

Os Saduceus eram os mais ortodoxos e não permitiam que a Torá⁶, fosse interpretado ou compreendido por povos não tradicionais, que não pertencessem ao grupamento Saduceu. Curiosamente, o cristianismo romano em seu início irá absorver muito dessa ideia, com suas missas em latim e com pouco acesso das escrituras pelo povo.

Os Fariseus, tidos como grandes inimigos nos textos bíblicos, eram os mais abertos a interpretações e adaptações das palavras da Torá às necessidades do momento. Entre as diferenças entre os saduceus, os fariseus acreditavam na vida após a morte, no juízo final, na ressurreição dos mortos, em anjos e em demônios.

Já os essênios eram tidos como místicos, mestres espirituais e grandes curandeiros. Acreditavam na vinda do messias, para reinstalar a ordem e a justiça no mundo.

Jesus é tido como aquele que veio diretamente de Deus, o Messias prometido, concebido de ventre imaculado. Porém sua mãe Maria (Myriam) não era descendente direta de Davi e dentre as profecias que deveriam ser cumpridas, estava que o messias descenderia diretamente da linhagem de Davi, contudo José, seu pai (supostamente adotivo), era descendente dessa linhagem. Desta forma podemos perceber que a suposta gravidez imaculada de Maria é apenas uma figura de linguagem, proveniente de um possível erro de tradução entre as palavras Virgem, no sentido de casta, da Virgem, no sentido de Pura.

O cristianismo não foi promulgado por Jesus, sendo que este nunca se identificou como um criador de uma nova religião. Muitos usam da passagem dita a Pedro: "Tu és Pedro, e em ti edificarei minha igreja", como justificativa para criação dessa religião, contudo a palavra Igreja provém do grego ekklesia, que significa reunião, comunidade ou assembleia.

Era sabido que os primeiros cristãos, sendo perseguidos pelos sacerdotes judeus, acabavam por se reunir nas catacumbas e em cavernas, então, eis a definição exata da palavra igreja, uma reunião de pessoas.

Base, do entendimento do cristianismo se dá pela interpretação de Paulo de Tarso sobre a vivência. Paulo, antes Tarso, era um perseguidor de cristãos e gentios,

⁶ Livro sagrado Judeu.

sendo acometido de uma cegueira no caminho de Damasco com a visão do Cristo, que veio trazer a ele a vida missionária.

Paulo, foi o grande responsável pela criação do cristianismo, assim como da sua expansão pelos territórios gregos e orientais. Contudo, a religião que conhecemos hoje como Catolicismo, só viria a começar a surgir em torno do século III, com a relativa ascensão dos bispos (*episkopos*) entre os fiéis. Estes bispos ganhavam poderes civis, além dos religiosos e difundiam cada vez mais a fé.

No século IV, o imperador Constantino se transformou na religião oficial do império romano. Com isso foi criada a Igreja Católica Apostólica Romana, ou seja, uma comunidade universal baseada nos atos dos apóstolos, só que sob entendimento Romano.

Com a queda de Roma, a hegemonia do poder católico se dividiu e muita atividade missionária foi feita nesse período para que o cristianismo permanecesse vivo além dos muros romanos.

A expansão em massa do cristianismo não ocorre nas cruzadas como todos pensam, sendo que essas foram grandes derrotas para o poder da Igreja, quando vistos do ponto de vista histórico. A igreja se expande de forma absoluta, como uma religião massiva e abrangente, só a partir das grandes navegações, em torno do século XVI em diante.

O CATOLICISMO POPULAR

A religião cristã ou catolicismo é um conjunto de crenças pagãs reinterpretadas baseadas na vinda messiânica de Jesus entre o povo judeu. Contudo, dentro do próprio império romano, figuras de culto centralizadas no Deus Mitra, no Solis Invictus e até mesmo no deus Greco-Romano Apolo, ainda eram muito apreciadas.

Ninguém substitui uma religião do dia para a noite, muito menos a força, afinal, se não é possível praticar a religião abertamente, iremos praticá-la na escuridão, tal como era feito no cristianismo primitivo.

Vimos que um grande poder centralizado, na figura do Papa, era necessário para abrandar os entendimentos das muitas esferas de poder. Haja vista que na idade média havia diversas interpretações acerca do cristianismo, sendo que a primeira delas, considerada uma heresia⁷ é a crença dos Cátaros.

Os Cátaros ou Catarismo, acreditavam em dois deuses, sendo um inteiramente bom e outro mau. Princípio semelhante é encontrado no Zoroastrismo, religião persa do século VI A.C ...

Os Cátaros acreditavam que o Deus bom era o Deus trazido por Jesus, o Deus do Novo Testamento e o Deus Mau era o deus do antigo testamento. Basicamente o Deus bom era responsável por tudo que era espiritual e o Deus Mau por tudo que era material, sendo até mesmo atribuído ao Deus do Velho Testamento a alcunha de Satanás⁸.

Para os cataristas o entendimento que toda matéria era criada pelo Deus Mau e estava corrompida em pecado, incluindo o corpo humano, afetava as crenças da igreja monoteísta católica. No monoteísmo católico crê-se em um só Deus, e este deus é o criador de tudo que há visível ou invisível.

Ainda dentro do sistema oposicionista, os Cátaros acreditavam que Jesus nunca tivera um corpo carnal, sendo a manifestação em espírito de Deus, sendo que o corpo físico era apenas uma vestimenta. Não acreditavam na visão da trindade cristã, rejeitavam a ressurreição, rejeitavam o batismo, eram vegetarianos em sua maioria, com

⁷ Do termo latino haeresis, significando uma opinião, pensamento ou escola de pensamento diferente. Pensamentos rejeitados pela igreja.

⁸ Satanás provém do termo Shaitan, que significa o opositor.

exceção do consumo de peixes, acreditavam na visão de sexo como algo pecaminoso e corrompido e tudo que dele provinha, seja o leite, os queijos, manteiga, os ovos e até mesmo outros seres humanos.

Justamente por esses pensamentos contrários ao poder centralizador da Igreja Romana, foi instituída a primeira Inquisição, como um tribunal privado da igreja, onde seriam julgados os casos de heresias. O primeiro tribunal público só foi criado em 1022, sendo que em 1183, inquisidores avançavam sobre as crenças Cátaras, para suprimi-los. Em 1209, o Papa Inocêncio III, ordenou uma cruzada contra os cátaros, e após 20 anos, praticamente todos foram dizimados.

O Gnosticismo bebe muito de crenças dos Cátaros.

Colocamos aqui em datas para mostrar que desde que uma heresia é constituída, até sua punição, demorava muito. desde o movimento surgindo em 1100 até sua dizimação em 1229, se passam mais de 100 anos. Isso, levando em consideração que a heresia estava contida no território europeu, próxima a sede da Igreja em Roma, concentrados no norte da Itália e Sul da França.

Agora, imaginemos em 1500, baseados na viagem de Cabral que durou 44 dias de Portugal para o Brasil.

O catolicismo ou cristianismo da Colônia era muito diverso, sendo que a população praticava o seu entendimento sobre a religião, muitas vezes recheado de visões de religiões pagãs e de feitiçaria popular. É bom ressaltar que muitos degredados foram enviados para o Brasil.

Dentre esses degredados estavam pessoas que eram acusadas de curandeirismo, bruxaria, feitiçaria e outras práticas não bem vistas pela igreja no velho continente.

Chegando a terra que viria se tornar o Brasil, essas práticas só ganharam força, com o contato entre o conhecimento dos povos indígenas, dos povos africanos que para cá eram trazidos e também da ausência da igreja em nossas terras.

Aqui a crença cristã tomou outra forma, sendo praticada quase que de forma diferente, pelas diversas comunidades espalhadas e sem o poder centralizador da Igreja. Vemos que a Igreja quando da fragmentação do Império Romano, quase não sobreviveu,

precisando massificar sua disseminação por meio de missionários. Esses também vieram as colônias, mas grande parte deles também entraram em contato com os conhecimentos de outros povos, sendo que temos grandes nomes do catolicismo com "boatos" e envolvimentos em práticas ditas pagãs nas colônias.

O catolicismo popular é um misto de feitiçaria, com superstições e um pouco de crença evangélica da fé romana. Contudo, o tempero dela é sempre baseado nos entendimentos da comunidade.

Esse tipo de prática vem a se miscigenar para dar origem aos Catimbós, os Candomblés de Caboclo e Almas e aos Calundus, sendo que a Umbanda deriva disto e com isto também aprende, pratica e modifica seu cerne.

Quando dizemos que há cristianismo na Umbanda, falamos deste cristianismo próprio e popular, onde Cristo é muito diferente do Jesus Cristo da Igreja Romana, onde o Santo Antônio pode ser "torturado" para encontrar um casamento, onde São Longuinho é pago com três pulos para encontrar um objeto perdido, onde Santa Luzia limpa os olhos de quem tem doenças nos olhos, onde Santa Clara recebe ovos no telhado para abrir o clima, etc.

Totalmente do culto da Igreja que suprime esses tipos de práticas, consideradas heresias, paganismos e ultrajantes a fé cristã.

O ESPIRITISMO NA UMBANDA



O Espiritismo foi codificado por Allan Kardec, ou melhor, por Hippolyte Léon Denizard Rivail, um educador francês, que havia estudado no Liceu de Pestalozi e que acabou ganhando sua notoriedade como o fundamentador ou codificador da Doutrina dos Espíritos.

O termo "Doutrina dos Espíritos" reflete o pertencimento dos conhecimentos às inteligências incorpóreas chamadas de Espíritos. Sendo assim, Kardec foi meramente um inquiridor, coordenador e organizador dos ensinamentos passados pelos espíritos que criaram a codificação espírita.

O termo espírita por ele utilizado se populariza como um termo universalista, sendo que há a criação de neologismos como Kardecismo, para designar a crença na doutrina pura codificada por Allan Kardec. Outro termo fundamental nas obras de Kardec é o "médium", por consequência a Mediunidade.

Kardec fora o grande pesquisador, até então, do processo de comunicação com o plano sutil, sendo assim um dos que mais escreveu sobre o processo intelectual da mediunidade, tirando dúvidas fundamentais e definindo bases que são seguidas, até hoje, por diversos agrupamentos espíritas e espiritualistas.

O Professor Rivail nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, França, tendo falecido em 31 de Março de 1869, na cidade de Paris. O professor ouvira falar sobre um fenômeno muito recorrente na sociedade parisiense que eram "as mesas girantes".

Em maio de 1855, por meio da sua observância científica, começa a frequentar as reuniões das mesas girantes, primeiramente para negar o efeito e o fenômeno, para posteriormente perceber que as mesas que respondiam por tiptologia, traziam mensagens reais, de cunho intelectual. Começava aí a Jornada do professor Rivail, rumo ao entendimento dos fenômenos espíritas (termo por ele cunhado).

No material de apoio, vocês encontrarão mais textos sobre o espiritismo, mas recomendo a leitura do Livro dos Espíritos e Livro dos Médiuns para instrução.

O QUE É O ESPIRITISMO?

Já tentou responder a esta questão que dá o título ao texto? Parou para pensar? Pois, então, espírita é diferente de espiritualista – isso ouvimos a todo momento. Espiritismo é uma doutrina fundamentada por Allan Kardec, etc.

Mas você realmente parou para pensar no que é o espiritismo? Antes de mais nada quero deixar um alerta de que esse é um texto que pode incomodar e em momento algum eu tive a intenção de desrespeitar essa doutrina da qual fiz parte e tenho enorme apreço.

Tecnicamente, o Espiritismo é um termo criado para determinar uma doutrina trazida por espíritos superiores, através de comunicações mediúnicas e organizado pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. Porém eu pergunto aos espíritas, o que é preciso para ser um dos seus pares.

Essa doutrina tomou o corpo da religião, especialmente no Brasil, fugindo um pouco do que era sua proposta inicial, a união entre filosofia, moral e ciência. Utilizando-se dos livros básicos que são: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, Gênesis e O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Devemos sempre analisar o cenário da época, uma França, pilar do iluminismo europeu, onde o positivismo imperava, tirando do centro das questões os Teos e colocando o Humano em seu lugar.

Surge uma força exterior que vem trazer uma frente totalmente diferente, mostrando a continuidade da vida, a preexistência e a sobrevivência do Espírito antes da vida na Terra, na Reencarnação, na Comunicação com o Mundo Invisível, entre outros aspectos.

Apesar de podermos dizer que isso são dogmas ou regras, para os espíritas não o são. É dito que Espiritismo é uma religião sem dogmas ou rituais. (O que esse escritor respeita, mas humildemente discorda).

O que vemos é que o Espiritismo não deveria ser uma posse de um determinado grupo de seguidores, visto que os livros foram editados pelos Espíritos para todos, e ao mesmo tempo, apesar das configurações da época e seus preconceitos e

conhecimentos vigentes, era impossível explorar todas as facetas das religiões mundiais. Poderíamos dizer que pode se aplicar as Leis do Espiritismo em diversas religiões, sem que este perca sua identidade religiosa.

Na época moderna, as reuniões espíritas se dão em casas chamadas de Centros Espíritas, onde basicamente se vai atrás de paz de espírito e instrução sobre a doutrina. Desenvolvem-se algumas atividades de cunho moral e evangelizador como as palestras sobre os livros da doutrina, os cursos de aprendizes do evangelho, a moral espírita infantil e mais reuniões com essa conotação.

Além disso, percebemos as reuniões de assistência espiritual através do tratamento via passe magnético ou espírita, administração da água fluidificada, aconselhamento espiritual e as reuniões de desobsessão, essa última geralmente reservada aos trabalhadores da casa e vetada a participação dos visitantes.

O Espiritismo tomou formas multifacetadas, inspirados por Kardec, mas continuamente influenciados por outros escritores, dentre os quais o mais famoso Francisco Cândido Xavier, através de obras dos Espíritos André Luiz, Emmanuel e mentores diversos, além claro das cartas destinadas às mães sofredoras que sempre tiveram sua presença nas reuniões da Casa do Caminho.

Apesar de ser uma doutrina com forte valor intelectual, é procurada por pessoas de todas as classes sociais, pois é dito que a morte acaba por igualar a todos como irmãos.

Porém vemos uma grande influência católica na seara espírita, dando lugar para preconceitos trazidos desta religião. Totalmente comprehensível visto que o discurso cristão é muito forte dentro do espiritismo e o mesmo sempre se confundiu com o poderio católico nesse País continental. Além disso, muitos dos novos espíritas eram antes católicos, agora convertidos.

Há algo que gostaria de citar, é o recente preconceito do espiritismo – ou melhor de alguns adeptos espíritas, utilizando a doutrina – contra as demais religiões, principalmente as de cunho afro-brasileiro e a Umbanda.

Realmente eles tem razão em afirmar que Umbanda não é Espiritismo, mas desqualificar com bases em textos do século XIX algo que surgiu posteriormente, é no mínimo estranho. Falham esses adeptos em seguir as próprias diretrizes do codificador

do Espiritismo, onde é dito que é necessário o exame racional de tudo antes de refutar algo, e que a Fé Inabalável só é a que pode encarar a razão face a face em todas as eras da humanidade. Mas aqui já estamos desdobrando para outro escaninho.

O que quero dizer é que, por uma infelicidade, muitos espíritas hoje leem escritores que são notoriamente espiritualistas, e não espíritas, afirmado que seguem o seus ditames romanceados pois estão de acordo com o espiritismo.

Podem até estar por ser algo universal, mas muito deveria ter sido pesquisado e atualizado, o que não foi feito, apenas aceitando os textos de Kardec como uma livro religioso inefável, infalível e impossível de ser refutado – estranhamente o próprio Kardec se contradiz e se corrige várias vezes entre a Revue e os Livros.

Essa doutrina é fantástica, e poderia dar aos seres humanos uma visão bem mais ampla da humanidade e do mundo espiritual, oremos para que a influência “espiritólica” e também de “paraquedistas do espiritismo” sejam dirimidas, para que a verdadeira mensagem tome novamente forma.

Para ser espírita não basta ler os livros essenciais e os romances, seria necessário ler as obras básicas, alguns romances, fazer parte dos grupos de atendimento, das palestras, dos passes, dos cursos e – o mais importante de tudo – vivenciar os valores morais propagados pelo Espiritismo e pelo Evangelho Segundo o Espiritismo.

É bom sempre lembrar que Kardec também bebeu em fontes mais ancestrais, visto que esse nome utilizado pelo educador francês é referente a uma encarnação em que o mesmo fora um Druida. Há algo de magia no Espiritismo? Pois se fossemos a tudo refutar, o nome do codificar poderia ser o primeiro. Deixo agora duas citações suas para ponderação:

Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fosse feito, mas fazei-lhe, ao contrário, todo o bem que está em vosso poder fazer-lhe.

Allan Kardec

Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado.

Allan Kardec

POVOS NATIVOS DE PINDORAMA

O Brasil não foi descoberto, foi invadido. Essa terra antes chamada de Pindorama era povoada por diversos povos de etnias diversas. Os que primeiro tiveram contato com o português foram os Tupiniquins na região de Porto Seguro, atual estado da Bahia. O povo tupiniquim é um dos muitos povos de origem Tupi.

Segundo Kaká Werá: “*o índio mais antigo desta terra que chamamos de Brasil se autodenomina Tupy, que na língua sagrada, o abanhaenga, significa tu = SOM ou BARULHO e py = PÉ, ASSENTO. Em outras palavras o som assentado o som de pé o som ENTONADO. Desta forma o índio é uma qualidade de espíritoposta em uma harmonia de forma.*”

Para os povos indígenas o SOM é extremamente importante e a CRIAÇÃO DO UNIVERSO se fez por meio do SOM.

Mas o povo Tupi é apenas um dos ramos que separam “linguisticamente” o povo indígena. Para o povo Tupi, haviam os Tupis e os Tapuias. Os Tapuias eram todos os indígenas que não faziam parte da grande família das línguas tupi, seriam os outros “índios”. Existem relatos de que esses povos já estavam aqui na terra chamada Brasil, antes mesmo da chegada do povo Tupi.

Em 1500, existiam aproximadamente 5 milhões de indígenas no território brasileiro, sendo que podemos considerar que eles formavam mais de 200 nações distintas. Os povos Tupis ou do tronco linguístico Tupi-Guarani foram os que mais tiveram contato com o povo europeu, por habitarem o litoral do Brasil em toda sua extensão, do norte ao sul.

Os demais grupamentos e povos acabavam ficando no interior. Dentro de uma classificação mais atualizada consideramos quatro grandes troncos linguísticos, os Tupis-Guaranis, os Aruak, os Macro-Jê e os Karib.

A prática religiosa também era bem diversa, sendo que cada povo tinha elementos distintos, mas todos comungavam de similaridades. Seus deuses poderiam mudar, mas o entendimento que tudo é sagrado não mudava:

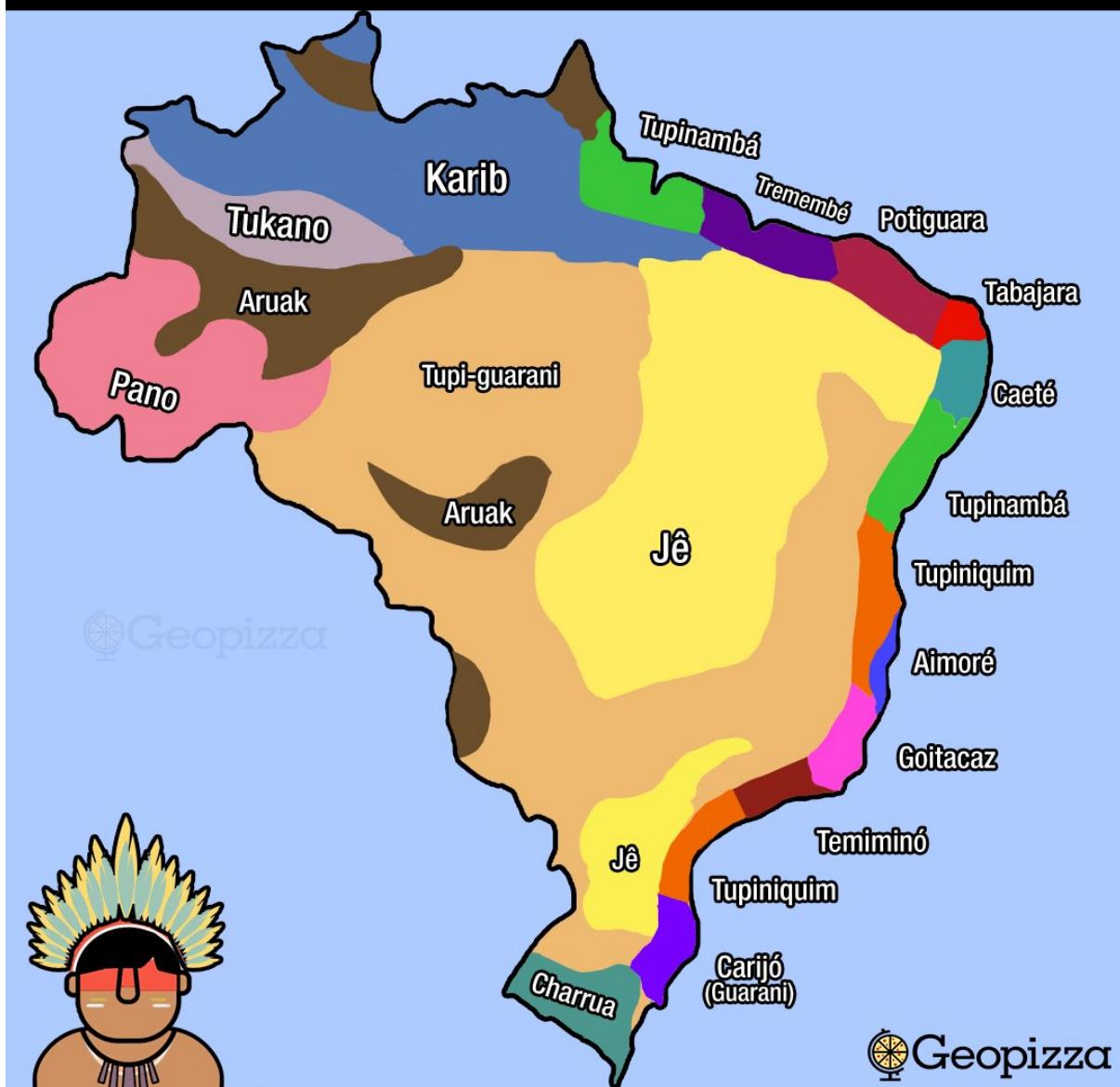
Segundo Funari (2009, p. 203):

"Para os índios que antigamente habitavam o território brasileiro, "cerimônias, festas, rezas, cantos e proibições, tinham como chão um corpo mítico, inerente ao cotidiano, sem nítida distinção entre o sagrado e o profano, familiar para todos, embora os pajés detenham um conhecimento profundo. Para muitos povos, a morte não existia. As pessoas faleciam fisicamente, porém, retornavam espiritualmente em corpos de animais."

A suposta aceitação do povo europeu pelos indígenas tupis se deu baseada em um certo mito, contado por Pilagalla Filho:

"Uma das crenças mais importantes do povo tupi no período imediatamente anterior à chegada dos portugueses foi a de que, na direção do nascer do sol, haveria uma terra mágica, de plena felicidade e fartura, um verdadeiro paraíso: era a chamada terra sem males, uma terra em que ninguém haveria de morrer e a qual todos deveriam se dirigir. Em vez da terra tão sonhada, no entanto, os grupos indígenas encontraram os portugueses e, com eles, as doenças, o cativeiro e outros males. Além disso, ao serem capturados, foram submetidos ao processo de catequização católica, com o que se pretendia que abandonassem suas antigas crenças e adotassem a religião dos colonizadores. Entre outros efeitos que este processo provocou, houve as reações de indígenas catequizados, que se rebelaram contra a ordem sócio religiosa que lhes era imposta e, subvertendo radicalmente a catequese recebida, trataram de refazer o caminho rumo à "terra sem males" (PILAGALLO FILHO, 2008, p. 97)."

POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS EM 1500



Fonte: Geopizza Podcast

RELIGIÃO NATIVA BRASILEIRA

Falar sobre religião nativa brasileira é o extremo do errado, afinal, não existia uma religião e nem sequer existia a ideia de Brasil. A gente vê que as questões de limites foram impostas pós-colonização, pois por meio das grandes estradas no continente que viria a ser chamado de América, conhecidos como Peabirus, vemos que era possível ir do litoral da cidade de Santos até os outro lado do continente em Potosí, na atual Bolívia.

A diversidade era imensa e os sacerdotes indígenas, por nós chamados (erroneamente) de pajés, eram os líderes espirituais das comunidades e povos originários.

Basicamente, o conhecimento era transmitido por meio oral, através de histórias, cânticos e danças. As celebrações e iniciações marcaram não só o aprendizado, mas também era um método de manter a tradição sempre viva. O mais importante para os povos nativos era saber LER a natureza e seus movimentos e entender que nada é estático, tudo muda.

O verbo, o som, as palavras possuem sentido para os indígenas além do significado em si, todas elas são um espírito. Existe uma alma em torno daquela palavra. A vida está sempre em movimento, mas a natureza também está e devemos procurar encontrar a harmonia de espírito e de matéria (da forma).

O entendimento é que existem divindades ligadas à criação e também ao processo de manutenção do mundo, que são chamados por alguns povos de *Nanderus* e a própria terra é uma divindade. Essas divindades contam também com a ajuda dos antepassados, dos anciões e ancestrais.

Segundo Kaká Werá:

"Os Nanderus são os ancestrais do ser humano. Essas divindades têm muitos nomes, pois somos muitas nações com muitas línguas diferentes, ou seja, muitas formas de perceber as realidades sagradas. Esses especialistas da natureza podem ser chamados de entidades sagradas, as quais, juntamente com as quatro divindades dirigentes, formam o que o índio chama de ancestrais primeiros. É da natureza do índio reverenciar os ancestrais, os antepassados. E ele

faz isso em sinal de gratidão, pois foram eles os artesãos, os modeladores e os moldes do tecido chamado corpo, feito dos fios perfeitos da terra, da água, do fogo e do ar, entrelaçando-os em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um ser, que é parte da grande música divina. Em gratidão e memória dos que amalgamam o pote-corpo para que a palavra habite, se expresse e flua, existem os ritos, as cerimônias, as danças e os cantos sagrados. Como a terra é a própria materialização da expressão de todos os espíritos, alguns povos do passado recente chamaram o conjunto de celebrações e ensinamentos de tradição da Grande Mãe."

Werá, Kaká. A terra dos mil povos (p. 22). Editora Peirópolis.

Aqui encontramos a ideia central da figura do ENCANTADO que é tão cultuado na pajelança cabocla, rural e nos catimbós, encantarias, umbandas e outros segmentos religiosos que bebem da cultura indígena.

O termo usado para designar na academia a prática religiosa nativa é o Xamanismo, porém é um termo impreciso. Usamos (de forma equivocada, mas menos equivocava que Xamanismo) o termo Pajelança.

Xamanismo é uma prática dos povos siberianos onde os Xamãs (sacerdotes) tem contato com o mundo espiritual, geralmente de forma projetada (pela emanação da sua consciência para o plano dos espíritos) e lá processa seus encantamentos e confrontamentos.

Dentro do entendimento nativo brasileiro, os Pajés na verdade são curandeiros, líderes, chefes da tradição e grandes feiticeiros. A sua atuação é por meio das ervas, dos cânticos sagrados, da evocação dos espíritos da natureza, pela comunhão com os ancestrais e por uma diversidade de feitiços que ele aprende quando desperta Pajé.

Muito do que praticamos na Umbanda no entendimento natural, advém dos povos originários. Práticas de Fumo e a sacralidade desse elemento e de outros vegetais, os cânticos, as entonações, o jeito do caboclo chegar e muito mais.

Os povos africanos trazidos como escravos tiveram um intenso intercâmbio cultural e religioso com os indígenas, ressignificando seus cultos e aprendendo com os donos da terra.

Desta forma, aprenderam com os indígenas a chamar os encantados, as divindades da natureza, mesmo que dessem o nome de seus deuses a eles e a trabalhar com toda malha energética que havia aqui neste canto do mundo.

A questão principal aqui é compreendermos que infelizmente a tradição "PURA" se perdeu, após a dizimação dos povos indígenas que acontece até hoje. Muito da própria pajelança indígena já não é a originária e inclusive vários povos já esqueceram suas línguas nativas e lembrando que o SOM é sagrado, sem a língua nativa, a magia não acontece.

Esse tipo de atividade acabou se tornando uma pajelança rural, que posteriormente foi chamada de cabocla quando adentrou as cidades e vemos na Umbanda uma tradição baseada na Pajelança Urbana.



TORÉ E JUREMA

Como dissemos, o termo pajelança é utilizado para designar o conjunto não centralizado de prática mágicas, curativas e religiosas dos povos originários, contudo não é por eles reconhecida e nem sequer o próprio pajé usa dessa alcunha.

Pajé, advém do termo tupi *pa'ye* que pode ter por significado a palavra feiticeiro.

Esse tipo de prática, com a chegada dos europeus no Brasil, modificou-se, saindo do seio da população original e sendo procurada pelos próprios europeus e posteriormente pelos brasileiros, filhos de europeus e indígenas, que vieram a ser conhecidos como mamelucos ou caboclos.

Quando a religião nativa (ou suas múltiplas formas) passam para um contexto rural, saindo do contexto tribal, ele toma outra forma de prática. Desta forma, antigamente o Pajé sendo a figura central do culto, com o contato dos encantados do fundo e também dos ancestrais, conseguia curar as doenças e dar aconselhamento a todos da tribo ou povo.

Ao se tornar uma religião rural, o Pajé cede lugar aos mestres, que já são "mestiços" ou descendentes dos indígenas já afeitos a cultura europeia nas fazendas (por meio da escravidão ou das missões jesuíticas). A este tipo de culto damos o nome de Toré.

Toré é uma religião muito similar com as práticas umbandistas no ramo caboclo, onde um sacerdote incorpora espíritos de caboclos que já se foram e estes trazem remédios para as doenças e também conselhos.

O Toré se torna posteriormente, com a inclusão de elementos católicos e africanos em outras denominações religiosas, como a conhecida Jurema ou Catimbó e as menos conhecidas como Pajelança Cabocla, Babaçuê e todas as Encantarias do Norte e Nordeste, principalmente a Maranhense, Piauiense e a Amazônica (do Pará).

Nesta religião a figura central de culto é a árvore da Jurema, tida como um elemento de ligação com o mundo dos encantados. Este mundo que seria habitado não só por encantados, mas por seres místicos e mestres que se encantaram. Encontramos

também os espíritos dos antepassados, que se manifestam nas sessões, com os nomes de caboclos e caboclas.

A Jurema é a árvore, é a bebida, é o plano espiritual e é uma Entidade, além de ser a religião. A Jurema pode ser muitas coisas, mas seu culto sempre é bem determinado pela presença de alguns elementos, sendo eles: O maracá, o cachimbo, o tabaco e o vinho de jurema.

Essa bebida sagrada, feita da raiz da Jurema Preta, possui receitas diversas conforme a tradição juremeira que faz parte. A Jurema é bebida para proporcionar ao adepto uma viagem astral ou um contato facilitado com o mundo dos espíritos, similar ao que ocorre com a bebida chamada Ayahuasca, usada pelo Santo Daime e outras religiões ayahuasqueiras.

Encontramos na Jurema o processo evocatório dos caboclos, que vem até os aparelhos (mídiuns) por meio do chamamento cantado (os linhos ou linhas).

A diferenciação do Toré para a Jurema e o Catimbó é que no Toré apenas aqueles que possuem sangue indígena podem participar, inclusive os "mestiços" ou descendentes de sangue indígena, seja com africanos ou europeus. Por possuírem parte de sangue indígena, é dito que a Jurema se abre para eles no outro lado.

Já no Catimbó e na Jurema encontramos uma assimilação de outros povos, inclusive nas manifestações dos mestres, dos caboclos de pena, dos caboclos de couro e principalmente dos espíritos esquerdeiros (exus e pombogiras). Vemos também a aproximação de outros povos que podem se manifestar na Jurema e no Catimbó, mas dele não fazem parte, como os ciganos.

Dentre as figuras mais conhecidas do meio Juremeiro estão Mestre Carlos, Mestre Malunguinho, Mestra Luziara e principalmente os dois últimos: Zé Pelintra e Maria Padilha.

Zé Pelintra Catimbozeiro ou do Catimbó é diferente do Zé Pelintra da Lapa, malandro carioca. Assim como a Maria Padilha é vista como uma Rainha ou Princesa e não exatamente como uma figura esquerdeira, como as pombogiras.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

1499: O BRASIL ANTES DE CABRAL; LOPES, Reinaldo José; Ed. HarperCollins.

A TERRA DOS MIL POVOS; WERÁ, Kaká; Ed. Peirópolis.

O DIABO NA TERRA DE SANTA CRUZ; SOUZA, Laura de Mello; Ed. Companhia das Letras.

O REINO DOS MESTRES: A TRADIÇÃO DA JUREMA NA UMBANDA; ASSUNÇÃO, Luiz; Ed. Pallas

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 04

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 04 - VERTENTES DE UMBANDA

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

VERTENTES DE UMBANDA

"A Umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da Caridade."

Caboclo das 7 Encruzilhadas

Ao tratar de Umbanda, sempre devemos ter o cuidado de perguntar antes: Qual Umbanda você pratica?

Pode até parecer estranho para quem está começando a se familiarizar com a Umbanda agora – às vezes até para alguns mais antigos de terreiro – que existam diversas Umbandas.

A Umbanda, não é uma religião centralizada, logo não tem um órgão centralizador, como o Catolicismo que possui o Vaticano. Por consequência, não possui um líder ou um representante máximo, apesar de certas vertentes quererem isso ou tentaram isso de alguma forma, criando uma "suposta" codificação Umbandista. Não, de fato a Umbanda é única e múltipla ao mesmo tempo.

Formada ou formatada no plano material pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas, por meio da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes, a Umbanda¹ é um conjunto de práticas e manifestações de diversas culturas, tipicamente brasileiras ou que formaram o povo brasileiro.

Logo, encontraremos práticas de cunho indígena, práticas de cunho africano, práticas de cunho afro-brasileiro e também caboclo e práticas católicas, práticas espíritas e até mesmo magia.

A Umbanda é um organismo vivo, que tem como figura principal o fundador de cada uma das casas, mas por uma questão de reconhecimento, lembramos sempre que a figura de Zélio e do Caboclo das 7 Encruzilhadas, foram fundamentais para a formatação de como hoje conhecemos a Umbanda – ou deveríamos conhecer.

¹ Neste caso nos referimos ao mito fundador, sabendo que a Umbanda era praticada em forma, mas não era batizada com este nome.

Cada casa de Umbanda, traz em si, suas próprias doutrinas, formas de culto e até mesmo sua própria liturgia e teologia. Porém, nunca devemos nos esquecer dos pilares centrais que fazem da Umbanda o que é: Humildade, Simplicidade e Caridade.

Se algum desses pilares não estiver presente não só no discurso, mas na atitude daquele local, não podemos dizer que é Umbanda.

Historicamente, aceitamos a fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade como o início da Umbanda, porém a mesma é formada de diversas práticas que já eram encontradas em diversas outras culturas religiosas. Logo, não podemos falar que a Umbanda foi CRIADA, mas sim homologada, formatada ou fundamentada. Era comum, médiuns das mais distantes partes do Brasil, abrirem suas tendas, terreiros e casas e terem liturgias muito próximas.

Na casa em que fui feito², apesar do fundador nunca ter ouvido falar de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e tampouco de Zélio, muito do que ele praticava vinha ao encontro das práticas da Umbanda Branca³, assim como é encontrado em diversas outras casas das ditas Umbandas Populares ou Tradicionais.

Aqui devemos abrir um parênteses para explicar o termo Tradicional. Se formos pensar na pureza da palavra, iremos definir que tradicional seria apenas a Umbanda trazida por Zélio e presente na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porém, não é o caso.

O melhor termo para isso seria Original, deixando o tradicional para casas que seguem determinada tradição ou que estão mais próximas das tradições originais, que alguns chamam de nações.

Lembrando novamente, que a Umbanda praticada no Brasil, não é Africana e não é uma derivação somente do Candomblé, então até mesmo o termo nação empregado no Candomblé é impreciso ou toma outra definição dentro da Umbanda.

O guia-chefe fundador de um terreiro, tenda ou casa, pode muito bem trazer sua própria liturgia, sua própria forma de cultuar a Umbanda e ainda assim manter o núcleo da Umbanda, por meio da prática da caridade, do emprego da simplicidade e da

² Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida, antigo Templo de Umbanda Mamãe Oxum, na cidade de Santo André - SP.

³ Em partes da Liturgia, apesar da casa se considerar uma Umbanda de Caboclos.

manifestação sempre humilde. As cores de velas podem mudar, pode haver ou não culto aos orixás, pode ser mais africanista ou mais indígena, porém ainda será Umbanda.

Contudo, não se pode parametrizar todas as outras umbandas por meio desta que é praticada. Não é porque praticamos de forma diferente, que podemos assumir que todas as outras formas estão incorretas, ou que nossa forma é uma evolução das formas antes praticadas.

Ouço muito por aí, pessoas julgando que as umbandas mais modernas (NeoUmbandas) são formas mais elevadas e aprimoradas de se cultuar a Umbanda. Também encontro por aí defensores de um resgate a uma suposta pureza da Umbanda advinda da África, no culto aos Orixás.

Porém o próprio termo Umbanda não é da terra dos Orixás⁴, sendo que é um termo derivado da língua kimbundo encontrada nas antigas regiões que hoje compreendem o Congo e Angola. Então, esse discurso é vencido e só demonstra que um dos pilares, o da humildade, está sendo conspurcado.

Devemos sempre buscar os 3 pilares da Umbanda em qualquer casa que visitamos, porém devemos compreender que existem diferenças de culto.

A essas diferenças, a essas umbandas diferentes, damos o nome de vertentes. Vertente está para Umbanda, assim como denominação está para as muitas igrejas evangélicas.

Podemos encontrar diversas vertentes, e se formos levar ao pé-da-letra, existe uma nova vertente sendo fundada a cada nova casa que se abre. Contudo, vamos nos fixar as mais conhecidas para compreensão:

Umbanda Branca:

Tida como a Umbanda original, foi a vertente ou a Umbanda fundada pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes.

Também é conhecida como Umbanda Branca e de Demanda, mas em seu princípio o primeiro nome que tomou foi de Alabanda ou Allabanda.

⁴ Região onde hoje encontramos Nigéria, Togo, Benin.

Alguns ainda usam o termo Umbanda Tradicional para se referir a essa Umbanda, mas acho um termo incompleto, pois todas as vertentes que seguem uma tradição também levam esse nome. Cultuam os Santos, sendo que os mesmos podem ser sincretizados com os Orixás, mas compreendem que Orixá é um termo empregado para designar um espírito elevado, como no caso do Orixá Mallet, falangeiro da linha de Demanda.

Suas 7 Linhas são distribuídas como:

- Linha de Oxalá.
- Linha de Ogum.
- Linha de Euxosse.
- Linha de Xangô.
- Linha de Nhã Shan.
- Linha de Almanjar.
- Linha das Almas.

As entidades que mais se manifestam são caboclos e pretos-velhos. Não usam atabaques, nem palmas e as velas sempre são de cor branca.

Aumbandã:

Conhecida também pelos nome de Umbanda Esotérica ou Umbanda Mirim, foi fundada pelo Caboclo Mirim, por meio do médium Benjamin Gonçalves Figueiredo.

Contam-se histórias que o sr. Benjamin teria sido "feito" pelo próprio Caboclo das 7 Encruzilhadas. Que o Caboclo incorporado em seu cavalo Zélio, teria levado o sr. Benjamim para o mar e saído de lá com ele incorporado no Caboclo Mirim, já com a missão de montar sua Tenda, a Tenda Espírita Mirim e dar continuidade no trabalho.

Aqui vemos a primeira divergência entre a estrutura do Zélio e a nova estrutura que surgia, sendo que o Caboclo Mirim, mudou diversas práticas dentro da liturgia e também trouxe uma nova forma de se compreender as 7 linhas de Umbanda, retirando os santos católicos e dando uma nova visão a compreensão das linhas e dos Orixás, distanciando os mesmos dos Orixás africanos e organizando-os assim em 7 linhas, como as que seguem:

- Linha de Oxalá
- Linha de Ogum
- Linha de Oxóssi
- Linha de Xangô
- Linha de Iofá
- Linha de Ibejis
- Linha de Iemanjá.

Apesar disto acreditam na presença de outros orixás (reinterpretados) dentro da sua ritualística, sendo eles, além dos já citados: Obaluaiê, Oxum, Iansã e Nanã.

O Caboclo Mirim ainda instituiu uma forma de hierarquização para os médiuns, dividindo-os em graus, que são: Cabeça de Bojá-Mirim (iniciantes), Cabeça de Bojá (médiuns de banco, passistas), Cabeça de Bojáguaçu (médiuns que incorporam, médiuns rodantes), Cabeça de Abaré-mirim (Sub-chefe de terreiro), Cabeça de Abaré (Chefes de terreiro), Cabeça de Abaréguaçu (Sub-comandante chefe de terreiro), Cabeça de Morubixaba (Comandante chefe de terreiro).

Preferencialmente se manifestam Caboclos e Pretos-Velhos. Não se utilizam de guias, velas, bebidas, atabaques e imagens em suas sessões e cerimônias.

Aumbhandā:

Apesar do termo ser similar com o anterior, essa é uma escola ou vertente fundada pelo médium Woodrow Wilson da Matta e Silva, conhecida também pelo termo (similar) de Umbanda Esotérica ou Umbanda de Pai Guiné ou até mesmo de Raiz de Pai Guiné.

Alguns defendem que W.W. da Matta e Silva é o sucessor espiritual do Caboclo das 7 Encruzilhadas – o que não é defendido por este autor – porém, podemos encontrar diversas divergências entre ambas as tradições.

A vertente esotérica de Guiné preza mais por um lado esotérico, indianista⁵, com pontos riscados fluidos, lembrando o sânscrito (bem de longe, mas é o defendido pelos seus adeptos) e também traz uma estrutura diferenciada das 7 linhas de Umbanda, sendo a mesma formada por:

⁵ Que provém da Índia

- Linha de Orixalá
- Linha de Ogum
- Linha de Oxóssi
- Linha de Xangô
- Linha de Yemanjá
- Linha de Yori
- Linha de Yorimá.

Não há culto ou a presença de santos católicos ou de Orixás africanos, geralmente se representam as 7 linhas por meio dos pontos riscados de cada uma das linhas.

Trabalham com Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, preferencialmente.

Os Exus trabalham paralelamente como entidade puramente de Quimbanda. Foi herdada por Rivas Neto, que fundou sua própria vertente, a Umbanda Iniciática, mas é disputada por Roger Feraudy, que também criou sua vertente a Aumpram.

Em todas essas três vertentes encontramos algo em comum, que é a crença que a Umbanda é um conhecimento milenar disponível para toda humanidade e que foi reinterpretado com o passar das eras, sendo formado pelo povo da Raça Vermelha, originais dos continentes míticos de Atlântida, Lemúria e Mu.

Umbanda Popular:

Também podendo ser conhecida como Umbanda Simples e Umbanda Tradicional.

Algumas pessoas confundem com as práticas de Umbandomblé, Candombanda, Cruzada ou Umbanda Traçada/Trançada, porém não se trata da mesma.

A Umbanda Popular são as muitas umbandas formadas em uma única casa sem que essa se torne difundida como na prática de franquias.

Podemos considerar que a Umbanda Popular é a Umbanda do povo e dos guias que trazem aquela forma de cultuar, podendo variar completamente de casa para casa.

Justamente por isso é difícil categorizar e acaba-se colocando todas as Umbandas que não fazem parte das vertentes com mais de uma casa disponível, nessa categoria.

Cultuam-se tanto santos, quanto orixás, conforme as ordens de seus Guias-Chefes e também acreditam em diversos Orixás ou linhas de trabalho, assim como a formatação da linha é diferente.

As entidades que trabalham nas Umbandas Populares são os Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus, Pombagira, Baianos, Marinheiro, Mineiros, Boiadeiros, Malandros, etc.

Encontramos a presença de atabaques, música, velas coloridas, alguns praticam oferendas e entregas, uso de bebidas, fumo, etc. Porém, depende mesmo de cada casa.

Na casa ([CCNSA](#)) em que fui feito, podemos classificar como Umbanda Popular⁶ (tradicional da raiz de Pai Dito) e lá não se usa bebidas alcoólicas, não se usa velas pretas e nem sequer oferendas e entregas.

Podemos até mesmo dizer que as Umbandas Populares são as Umbandas TRADICIONAIS de fato.

Umbanda Omolocô:

Umbanda praticada pelo Tatá Tancredo (Tancredo da Silva Pinto), também conhecida como Umbanda Traçada.

Tem forte influência africana, sendo considerada a que mais se aproxima de um candomblé.

Usa-se abertamente do sincretismo dos Orixás com os santos católicos, e encontramos diversas linhas de trabalho, também encontradas nas Umbandas Populares.

Pratica do sacrifício ritualístico e tem inclinação para o Candomblé Nagô / Yorubá, apesar de sua estrutura original ser de origem Banto.

⁶ Umbanda Tradicional de Raiz de Pai Dito

Umbanda de Almas e Angola:

Também derivada de um Candomblé, porém de nação Angolana, sendo que é a derivação do Candomblé de Caboclo, que por sua vez é derivada do Candomblé de Almas, este sendo derivado do Candomblé de Angola.

Muito comum na região sul do Brasil, considera como trabalhadores os caboclos de diversos orixás, pretos-velhos e crianças. Além disso, tem a forte presença do povo das águas e dos orixás, Iemanjá, Oxum, Nanã e Iansã (para alguns) ligados à água. Iemanjá o Mar, Oxum os Rios, Nanã as Lagoas e Iansã a Tempestade.

Umbanda Sagrada:

Vertente criada por Rubens Saraceni em conformidade com as regras ditadas, supostamente, por Pai Benedito de Aruanda e pelo seu Ogum pessoal, Ogum Megê Sete Espadas (Seiman Hamiser Yê).

Reestruturou a ideia das 7 linhas, criando pares vibratórios e chamando-os de tronos, sendo que considera a seguinte formatação:

- Trono da Fé (Oxalá e Logunan/Oyá Tempo).
- Trono do Amor (Oxum e Oxumaré).
- Trono do Conhecimento (Oxóssi e Obá).
- Trono da Justiça (Xangô e Egunitá/Oro Iná).
- Trono da Lei (Ogum e Iansã).
- Trono da Evolução (Obaluayê/Nanã Burukê).
- Trono da Geração (Iemanjá e Omulu).

Tem seus próprios fundamentos, tem sua própria cosmogonia e cosmovisão, sendo uma visão bem diferente das demais Umbandas.

Focam em estruturas deixadas por seu fundador Rubens Saraceni, baseados nos inúmeros cursos por ele ministrados, seja de teologia de Umbanda, seja de desenvolvimento mediúnico, seja de sacerdócio, como os milhares de graus de magia divina que ele instituiu.

É, sem sombra de dúvidas, a vertente mais difundida, devido a facilidade de encontrar sua literatura e também pela facilidade como se formam "sacerdotes", mesmo que isso não seja algo significativo ou sinônimo de que é melhor que as demais.

Trabalham com todas as linhas de trabalho, não importando a vibração que cada Orixá emite, sendo considerado que há caboclo e pretos-velhos, assim como demais entidades, para todas as vibrações e pares energéticos, os chamados tronos.

Além dessas podemos encontrar a Umbanda Guaracyana, a Umbanda Batuque, a Umbanda dos 7 Reinos, Umbanda dos 7 Raios, Umbanda Astrológica, etc. São vertentes e mais vertentes e que nunca irão se findar, com a graça de Zambi, Tupã e Olodumará.

O mais importante quando se diz sobre vertentes é identificar a sua condição e como ela se encaixa naquela sociedade, naquele agrupamento de médiuns e consultentes e de como suas práticas são feitas.

As literaturas consultadas para esse artigo foram as dos autores acima referenciados, procure pelo nome dos fundamentadores ou até mesmo de Leal de Souza, que escreveu sobre a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

AS UMBANDAS – RELIGIÃO COM MÚLTIPHAS FACES.

Que a Umbanda é uma religião plural todos sabem, mas quase ninguém comprehende como pode uma mesma religião ter manifestações tão distintas entre si. Além disso, como cada uma das suas manifestações pode assenhorar-se da própria Umbanda e defini-la como a única vertente verdadeira.

De fato, isso é mais uma crise moral e de ego do que realmente religiosa. A Umbanda foi definida no plano material pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Porém, suas manifestações e influências são bem anteriores, advindas de cultos Banto, da região atual de Congo e Angola; da influência indígena brasileira e também da influência europeia, através do catolicismo popular e do espiritismo.

Infelizmente, hoje em dia há uma NECESSIDADE em africanizar tudo, não reconhecendo que há muito mais valor em uma mistura do que de verdade na pureza doutrinária.

Vejam bem, não existe religião pura, todas sofrem influências de religiões que as precederam. Todas, mesmo as inspiradas por entidades extradimensionais, são fundadas no nosso planeta por seres humanos, que são falhos. Carrega assim tanto a aspiração à divindade quanto a realidade das trevas.

Devido ao influxo de informação desencontrada, muito da Umbanda original e de sua formatação se perdeu. Deu lugar a criações ilusórias e muitas influências de seus criadores.

Então se o criador de determinada vertente acreditava que os Orixás eram africanos, isso ficava estabelecido. Mesmo que na primeira "Tenda oficial" de Umbanda, isso não ocorresse dessa forma.

Não há detimento sobre aceitar que cultuamos "deuses" diferentes dos africanos, até mesmo, pois antes da invasão européia na América e consequentemente a chegada dos africanos em nossa terra, nossos nativos já cultuavam seus deuses e tinham suas religiões e práticas mágicas e todas funcionam muito bem.

O Pajé não precisava evocar Omulu para curar ninguém, ele evocava seus próprios deuses e esses o ajudavam, conforme era permitido.

Claro que podemos ver que a Umbanda não foi criada para ser centralizada, porém algumas coisas fundamentais devem permanecer. Nós podemos reformar uma casa, mudar os móveis, pintar as paredes e até mesmo derrubar algumas paredes e mudar a disposição dos cômodos. Mas não podemos mexer na sua estrutura básica, na sua fundação e nos seus pilares, pois a casa como um todo irá ruir.

Infelizmente é isso que ocorreu, e ainda se pautaram na história interpretada de forma errada, para validar esse argumento.

Zélio Fernandino e seu mentor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, criaram a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e mais sete irmãs: T.E. Nossa Senhora da Conceição, T.E. Nossa Senhora da Guia, T.E. São Pedro, T.E. São Jorge, T.E. São Jerônimo, T.E. Oxalá e T.E. Santa Bárbara. Além dessa ainda "fez" o senhor Benjamim Figueiredo, que viria a ser o cavalo do Caboclo Mirim, fundador da Tenda Mirim e da Umbanda Esotérica.

O próprio Zélio em sua mediunidade através do Orixá Mallet (um de seus guias) tomou Benjamim Figueiredo nas costas e o atirou ao mar. Esse saiu de lá incorporado no Caboclo Mirim, já com a missão de fundamentar outra vertente de Umbanda. Isso foi feito, pois havia necessidade, mas as bases continuam as mesmas. Ninguém quis invalidar o que Zélio pregava conjuntamente com o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Com o tempo surgiram outras vertentes que diziam não ter influência da TENSP (primeira tenda) e foram gerando suas denominações. Incluíam em alguns rituais elementos indianos ou de outras regiões do oriente; alguns africanizavam muito os cultos trazendo influência dos candomblés ketu; alguns mais criaram algo totalmente diferente.

Mas o que podemos dizer sobre se estavam errados ou não? Não estavam, desde que não se mexessem nos pilares da Umbanda. Porém, algumas vertentes recentes o fizeram, apesar de usarem da figura do Zélio para se qualificarem como detentores da verdade.

Só essa atitude, de arrogância, já demonstra para o que vieram. Porém, como possuem capacidades hipnóticas em seus discursos, focados na venda de iluminação

fácil no caminho espiritual, prosperaram. Mas agora a recolha está acontecendo, pegando muita gente de surpresa.

Quando se mexe com a base, mexe-se com o todo. Hoje vemos diversos médiuns com complicações tremendas em suas vidas, acreditando em ilusões e figuras míticas, pautados em arrogância e prepotência. Não aceitando que podemos errar, mas que reconhecer o erro é parte da reforma interior ao qual estamos submetidos. Como dizia Immanuel Kant:

"O Sábio pode mudar de opinião; o ignorante Nunca!"

Então, como saber se estamos em um lugar correto? Fácil! Olhe se o local é simples, se os atendimentos em giras públicas são gratuitos e se a postura dos dirigentes é de um verdadeiro religioso.

Veja em seus atos e atendimentos, se as mensagens tem profundidade de sentido ou se são apenas frases de efeitos estéticos. Veja se estão interessados em vender livros e cursos ou em auxiliar um irmão enfermo, custe o que custar.

É assim, que avaliamos.

Eu acredito que existem diversas vertentes sérias, assim como casas populares. Mas essa Umbanda pasteurizada, homologada e padronizada só faz mal aos médiuns, consultentes e a própria Umbanda.

Mas o fogo purifica! Fica a memória...

PRÁTICA SOLITÁRIA NA UMBANDA

Mais um texto pautado em uma pergunta feita em nossos grupos de estudo pelos nossos leitores, desta vez foi a vez do leitor JM Tomaz Vasconcelos Jr, ele pergunta:

"Como se tornar um médium independente? Aprender a consagrar, benzer, a fazer banhos de descarrego, atrativo e de proteção? Isso deve somente ser aprendido com os guias? Grato."

Antes de responder claramente a pergunta do leitor eu gostaria de contextualizar a prática de Umbanda e também a figura do médium em diversas religiões espiritualistas.

A Umbanda é uma religião com caráter nítido e claro de ser um aporte para os menos favorecidos, sendo um balcão de Pronto-Atendimento espiritual, estando aberto a todos. Desta forma, podemos já considerar que praticar a Umbanda exige mais do que apenas ser um médium, mas ter toda uma sorte de indicações que nos apontam que este é o nosso caminho.

A mediunidade pode ser expressa em diversas manifestações religiosas, até mesmo em religiões que não trabalham diretamente com o fator mediúnico, ou ao menos, acreditam que não trabalham, como as igrejas Pentecostais e também as Carismáticas católicas. Além disso temos o Espiritismo, Budismo, Hinduísmo, Religiões Orientais e toda uma sorte de experiências místicas à disposição.

Só no Brasil podemos citar: Candomblé (Nagô, Jejê, Ketu, Angola, de Almas, de Caboclo, etc), Barba Soeira (Umbanda de Barba Soeira ou Terecô), Catimbó, Jurema, Encantaria, Xangô de Pernambuco, Tambor de Mina, Batuque, etc.

Percebem como existe uma vasta gama de opções? Se formos para o exterior encontraremos: Maria Lionza, Vodu, Voodoo, Santeria, Santia, Obeah, Wanga, Hoodoo, Reglas de Palo, etc.

Gente é muita opção à disposição do "médium"! Contudo o nosso leitor foca na Umbanda, apesar de não versar sobre o mesmo em sua pergunta diretamente. Faço essa suposição visto que a temática do blog é de Umbanda e o grupo de estudos, idem.

Dentro do que compreendemos como Umbanda, não vejo a possibilidade de ser algo praticado isoladamente. A prática de Umbanda solitária é inócuia e não é por vontade das entidades ou de uma regra escrita em pedra.

O fato aqui é que assim que alguém sabe que você incorpora um espírito dentro das práticas umbandistas, com certeza ele irá lhe pedir uma consulta de alguma forma, mesmo que a distância.

Sendo assim, quando incorporado com uma entidade, possivelmente terá alguém do seu lado fazendo o papel de cambone, pois então está formado um terreiro ou um proto-terreiro. Lembrando que Jesus dizia em Mateus 18:20:

"Porque, onde estiverem dois ou três... Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."

Porém, de outro lado, temos o papel do médium como um facilitador das mirongas do astral, mas devemos nos lembrar que nem sempre os guias-espirituais estarão à nossa disposição para um atendimento ou para uma necessidade imediata.

Justamente por isso que os próprios guias-espirituais, quando dentro da Lei de Umbanda, costumam ensinar muitas coisas a seus "cavalos" e também a exigir que esses se tornem mais responsáveis por si mesmos e independentes.

Partimos da figura de um médium passivo para a de um feiticeiro ativo. Apesar da palavra feiticeiro ter tomado conotação negativa com o passar dos anos, eu prefiro utilizá-la pelo empirismo que está em suas letras e em seu significado.

O feiticeiro é aquele que pratica feitiços ou magias populares e que obtém resultados de forma empírica, pela experimentação e pela amostragem. Pela tentativa e erro, ele consolida certas tradições e essas são repassadas para os próximos aprendizes e assim por diante.

Dentro de uma visão da Quimbanda ou da Kimbanda – cujo significado pode ser traduzido aproximadamente como feiticeiro – temos essa independência mais clara. Assim também o é com os pajés em diversas tribos, que se utilizam de meios mais ativos, tais como feitiços, magias, projeção astral, exorcismos; do que propriamente de uma incorporação de espíritos.

De qualquer forma, para se tornar um médium independente e capacitado, devemos primeiro ter um refúgio para descarrego. Da mesma forma que um psicólogo tem seu orientador para desanuviar o pesado fardo que carrega de seus clientes, todo médium deve ter uma casa ou um cuidador com quem passar para descarregar o mesmo. Isso não é ser dependente, isso é saber que todos precisam de todos em um sistema harmônico e simbiótico.

Além disto, para aprender a consagrar, benzer, fazer as práticas mágicas como banhos, defumações, proteções e etc; deve-se sempre procurar o estudo pautado em leitura, reflexão e principalmente vivência em terreiro.

Claro que você pode aprender com seu mentor espiritual, porém a visão dele é limitada a suas próprias experiências pessoais. Em um terreiro você está imerso em diversas energias e conflitos a todo instante. Os Cambones, por exemplo, geralmente se tornam grandes aprendizes, quando fazem rodízio de entidades, ajudando uma entidade diferente a cada sessão.

Desta forma aprende-se os trejeitos e as mandingas de diversas entidades, comprehende-se como atacar diversos problemas de formas diferentes e principalmente aprende-se a ouvir.

O que não se pode fazer é procurar conhecimento para aprimorar-se e se contentar com cursinhos rápidos de Internet que não explicam nada e mais inventam do que realmente trazem aprendizado. Porém, criam falsas seguranças e dão a suposta "garantia" de um diploma ou certificado de que na hora do vamos ver, de nada vale.

Cito aqui uma história pessoal minha, quando fui fazer determinado curso de uma vertente de Umbanda muito popular no sudeste do Brasil e que era a modinha da época.

Resumidamente, me vi entranhado por aquelas informações e quis colocar em prática tudo que era possível e fazia muitas "magias" o tempo todo para os mais diversos propósitos. Isso se dá pela minha natureza perscrutadora.

Certo dia, achando que aquilo me bastava, em uma projeção astral me vi perseguido por uma entidade violenta. Corria desesperadamente tentando fugir, quando tomei consciência do fato e parei, para projetar a "magia" que havia aprendido, de certa forma uma magia que enviava sete espadas para cada uma das mãos e eram usadas

para projetar formas de energia (quase um Hadouken ou Kamihameha espiritual) para afastar esse tipo de entidades.

Claro que isso só era possível após uma longa ritualística e evocação e eu fui fazendo a coreografia e recitando toda a poesia da evocatória, quando a entidade parou na minha frente e começou a RIR de mim e de meu papel de palhaço astral.

Veja, funcionou de certa forma pois a entidade parou de me perseguir, acho que sentindo dó de quão ridículo eu devia estar aparentando e foi embora, mas de fato nem cheguei a fazer a magia.

Em outra oportunidade, tentei fazer o mesmo em uma incursão no astral e toda a minha projeção energética era inócuia, não resultava em nada, só em desgaste de meu próprio ser espiritual. Quando o amparador me disse, tente o simples que aprendeu com os caboclos e então, isso sim, funcionou magistralmente.

Veem como é que são as coisas? Quando se está praticando de forma isolada e individual, falta-lhe a experiência e o diverso. Não ter com quem conversar sobre ou até mesmo "comparar" positivamente as manifestações, acaba cerceando um pouco as suas capacidades e o seu crescimento.

É possível praticar sozinho? De certa forma, até é, mas não será tão eficiente quanto praticar com um grupo ou egrégora.

EGRÉGORAS

O plano astral não é todo igual e nem o reflexo dele aqui no plano material, a gente se subdivide em gostos, tribos, classes, etc. No astral acontece o mesmo, porém por afinidade e por filiação, a isso damos o nome de Egrégora.

Seguindo a Wikipédia:

Egrégora, ou egrégoro para outros, (do [grego](#) egrēgorein, Velar, vigiar), é como se denomina a entidade criada a partir do coletivo pertencente a uma assembleia, ou seja, é um campo de força criado no Plano Astral a partir da energia emitida por um grupo de pessoas através dos seus padrões mentais e emocionais.

Poderíamos até relacionar o inconsciente coletivo de Jung como uma egrégora master, pois querendo ou não, todas as aspirações, frustrações, desejos, e afins vão para lá.

Então ao filiar-se a um terreiro de umbanda você começará a fazer parte daquela egrégora. Mas vamos entender melhor isso.

Um frequentador irá ser amparado pela coletividade do astral referente àquela egrégora como um neófito ou postulante.

Com o passar do tempo e das iniciações que irão ocorrendo, passam a integrar o círculo mais interno da egrégora, e assim por diante.

Então podemos dizer que um consultante faz parte da egrégora de Umbanda na parte externa e também da Egrégora do terreiro e quando passa pelo batismo, confirmação, consagração, coroação e etc. ele vai atingindo os graus mais internos.

Também podemos levar em consideração que dois terreiros diferentes pertencem à Egrégora Umbandista, porém cada terreiro tem sua egrégora individual, com um grupo de consciências e inteligências que atuam somente ali.

Um kardecista também pode estar incluído na egrégora espiritualista ou cristã, e assim por diante.

Todos somos partes de alguma egrégora, nem que seja uma egrégora de amigos com pensamentos comuns, clubes, classes escolares, e demais afiliações que fazemos na vida.

Então a egrégora é em si um agrupamento de ideias, energias e conceitos comuns a um grupo de pessoas.

É importante entender um pouco esse conceito de egrégora, e saber que ela em sua natureza não é boa ou ruim, ela apenas o É.

Esse conceito de egrégora, bem simplificado, já serve para entrar no próximo assunto que é: Como é o pós-vida nas diferentes religiões.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS 7 LINHAS DE UMBANDA; SOUZA; Leal.

HISTÓRIA DA UMBANDA; TRINDADE; Diamantino Fernandes; Ed. Conhecimento

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 05

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

**AULA 05 - ORIXÁS E AS 7 LINHAS DE
UMBANDA**

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso “Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge” e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

OS ORIXÁS NA UMBANDA

Ao falar sobre Umbanda a ideia primeiramente associada é a de Orixás! A Umbanda, assim como o Candomblé¹, é a religião dos Orixás, sendo uma afirmativa usada constantemente.

Primeiramente, nós como estudiosos devemos sempre nos afastar das paixões e das nossas próprias convicções inquebrantáveis, sem que isso deteriore nossa fé. Quando nossa fé é frágil, uma mudança de paradigma pode nos fazer perder completamente a vontade de vestir o branco, ir ao terreiro ou seguir nessa seara.

Como vimos em todas nossas aulas, a presença da cultura africana se dá pela raiz cultural Banto, onde as divindades são chamadas de Bakongos ou Inquices. Inquice ou Miquice (plural do termo Inquice) é o termo aportuguesado para nkisi.

A estruturação de um Inquice não é exatamente a mesma do Orixá. Os Orixás são seres mitificados, provavelmente ancestrais que foram muito importantes e que acabaram ganhando culto, rendendo assim a eles homenagens, ritualística e religião. Percebemos bastante isso dentro do entendimento sobre Xangô, Ododua e Ogum, onde suas expressões nos remetem a reis e heróis do povo Iorubá (e os povos tangenciais) que ganharam, após sua morte, a identidade de Orixá.

Alguns orixás, como Oxum, Iemanjá e Iansã são entidades associadas a locais geográficos, como os rios, mas não TODOS os rios ou todos os corpos de água, como nós fazemos aqui no Brasil². Oxum é a orixá do Rio Osun e só dele, não sendo encontrada no rio Níger ou no rio Ogún. Contudo no Brasil, o Orixá vira dono de TODAS as águas doces, não importa de qual rio estamos falando.

Os entendimentos podem ser bem diversificados em se tratando de religião e teologia, contudo aqui expomos a nossa opinião e visão sobre a questão.

Os Inquice (Miquice) são erroneamente associados aos Orixás, como se um Inquoce (Nkosi) fosse exatamente o Ogun nagô, contudo é a verdade. O Inquice é mais

¹ Existem vários candomblés, mas dentro do entendimento padrão, é associado o nome Candomblé ao culto de nação Ketu (Nagô/Iorubá)

² Iemanjá sendo associada a todas as águas, principalmente o Mar. Oxum sendo associada às águas doces, de todos os rios.

do que apenas um indivíduo, sendo que algumas pessoas consideram o Inquice uma manifestação da natureza, porém ainda assim é impreciso. O Inquice pode ser uma manifestação da natureza, mas não necessariamente o é.

Outro termo usado é Mukixi (Mukisi) que pode se tratar tanto da divindade propriamente dita, principalmente quando esse está manifestado (incorporado), quanto de um assentamento de forças.

Desta forma podemos determinar que o Inquice é mais do que só um "orixá" com outro nome, como muitos dizem, mas trata-se de toda uma tecnologia de culto diferente, podendo representar uma força natural, uma divindade, um assentamento ou até mesmo um feitiço.

Alguns ainda associam a palavra Mukixi a uma máscara ritualística, sendo que ao colocar a máscara a pessoa se torna o Mukixi, ou seja, traz à terra seu antepassado. A associação se dá geralmente a uma mulher que possuída por um ancestral coloca a máscara.

Usando deste raciocínio a tradução mais próxima ao correto da palavra Inquice seria "Feitiço", mas como vimos eles podem significar diversas coisas. Tata Kasulembê, da cultura de Candomblé Angola, diz: "*Um pequeno lago pode ser chamado de Nkisi, uma árvore específica, um pequeno relevo, até uma pequena estatueta pode ser chamado de Nkisi/Mukixi*".

Então essa associação direta de Orixá com Inquice não é procedente ou ao menos é superficial.

Ainda nesse pensamento, se a Umbanda provém de uma cultura Banto em sua parte associada à ancestralidade africana, então os primeiros africanos aqui trazidos para o Brasil não cultuavam Orixás, mas os Miquice. Sendo assim, os Calundus estavam repletas de Inquice, os espíritos que hoje baixam nos terreiros (ancestrais do nosso povo) tratavam com os Inquices. Por que eles usam o termo Orixá então?

Isso se dá pelo sincretismo cultural! O povo Iorubá sendo um dos mais recentes tinhão vivo em sua cabeça, as memórias e a religiosidade de seu local original na África. Esse entendimento se tornou algo visto pelos afro-brasileiros (que estavam destituídos de sua terra e sua cultura, muitos tendo já nascido em solo brasileiro) como uma

lembrança pura do continente dos seus antepassados. E isso se popularizou pelo frescor que havia na memória popular.

NA UMBANDA EXISTE ORIXÁ?

Para começar a falar algo nesse texto primeiro preciso contextualizar a Umbanda dentro do panorama da sua criação e de suas influências.

A religião de Umbanda, fundamentada³ no plano terreno pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (C7E), através do seu médium Zélio Fernandino de Moraes, em meados de 1908, bebeu de diversas fontes.

As influências que foram marcantes na concepção da religião se destacam também na formação do povo brasileiro, isso dito, é onde assumimos que a Umbanda é uma religião com a cara do povo brasileiro.

Sabemos que existiam cultos predecessores a Umbanda, onde haviam as manifestações de espíritos de índios, caboclos, boiadeiros e pretos-velhos. Inclusive, ainda hoje existem essas vertentes, dentre elas podemos destacar a Encantaria e também o Candomblé de Caboclo.

Entre essas influências, podemos destacar os cultos nativistas que adicionaram sua mística através dos encantados da nossa terra, do uso de ervas nativas do Brasil e principalmente do Tabaco.

Porém de todas as influências, a mais polêmica e mal-comprendida é a africana. Pois, não conseguimos distinguir a África como um continente, logo igualamos (simplificamos) todos os africanos como um único povo, em nossas mentes preconceituosas e rasas.

É aí que começa a "mixtureba" de idéias e a desinformação. A Umbanda recebeu sim grande influência africana, mas de um povo de cultura Banto, que habitava a região que hoje podemos compreender como Congo e Angola, basicamente.

Esse povo, nunca cultuou Orixá, nem sabiam o que era de fato. Seu culto era baseado na ancestralidade e no trabalho com Inquices. São deidades africanas de

³ Fundamentar é dar fundamentos e corpo doutrinário, muito distinto de criar.

origem bantu, que representam forças sagradas, porém nós brasileiros para simplificar dizemos que são simplesmente a versão dos Orixás para os Bantus. Isso é o mesmo que dizer que os Orixás são a visão dos Deuses Gregos para os Yorubás, não tem nem cabimento.

"Sendo assim, penso que a nação angola pode revelar valores, costumes e mundividências, mesmo que ressignificados remetem a uma origem africana. Essa não é somente a África sudanesa, de onde se originou o candomblé queto, mas também a África banta, de onde vieram elementos das culturas dos povos da África Central, que, ressignificados, estão presentes no candomblé angola."

Esse esforço de reconstrução das identidades do candomblé reflete o interesse em mostrar a ligação com seu passado africano, não de maneira imutável, mas produzida na narrativa afro-brasileira.

A junção destas rotas fragmentadas ao presente procura reconstruir a genealogia 'não-dita' da nação angola, e constitui "a preparação do terreno histórico de que precisamos para conferir sentido à matriz interpretativa e às auto-imagens de nossa cultura, para tornar o invisível visível" (HALL, 2003, p. 42).

Tese de Doutorado de Ivete Miranda Previtalli – Minkisi e Inquices: Cosmovisão Banta e Ressignificação no Candomblé Angola.

Na origem a Umbanda se baseou na estruturação Católica e só utilizou dos nomes dos Orixás, de maneira aproximada, como referência para as suas Sete Linhas.

Os orixás então eram utilizados apenas para designar os domínios de cada uma das linhas, porém quem as regeia (e rege) é de fato o Encantado com aquela identidade. Nesse caso podemos usar o sincretismo, veja só o exemplo:

- Oxalá é tido como um orixá de pureza espiritual e como o chefe dos Orixás. Aquele que Olorum confiou a criação e a direção do ser humano, para a cultura Nagô. Dentro da cultura popular católica essa visão de pureza espiritual compete a Jesus Cristo. Logo a [Primeira Linha de Umbanda](#), acaba sendo chamada de Linha de Oxalá, com a regência de Jesus Cristo. Ou seja, toda vez que nos remetemos a Oxalá, não é o Orixá Africano que estamos evocando ou

convocando, mas sim Jesus Cristo ou os seus encantados que obedecem a essa linha. O mesmo vale para todos os demais.

⁴Isso é tão real, que podemos perceber que a primeira grafia das Sete Linhas, não respeitava muito bem essa questão dos Orixás, sendo denominadas da seguinte forma:

1. Linha de Oxalá
2. Linha de Ogum
3. Linha de Euxosse
4. Linha de Xangô
5. Linha de Nhan-San
6. Linha de Almanjar
7. Linha de Santo ou de Almas

Percebiam que curioso é o sistema utilizado, porém depois com o tempo ocorreu a mudança para a grafia mais aceita, por uma questão de conveniência.

Isso também decorre da inclusão ou melhor da invasão Yorubá dentro das Umbanda. Muitos ex-adeptos dos candomblés de origem Nagô, acabaram migrando para a Umbanda, procurando uma forma diferente de culto, mas não conseguiram deixar totalmente de lado a sua raiz.

Com eles vieram os Orixás, suas mitologias, seus fundamentos, seus rituais, as quizilas, as feituras e inclusive os atabaques.

Podemos concordar que algumas inclusões são interessantes, como é o caso do atabaque. Eu particularmente gosto, porém já vi pessoas reclamando de tal feito, mas eu vejo a musicalidade do brasileiro sendo representada na sua religião mais característica.

As lendas também quando são adaptadas e recontadas, tem um propósito de compreensão e busca pelo autoconhecimento, tanto quanto como estudamos mitologia grega e seus diversos deuses.

Podemos identificar nas lendas, lições de moral e conduta, que são mais facilmente contadas e reproduzidas quando simbolizadas ou de alguma forma enfeitadas, com alegorias e histórias.

⁴ Outro texto sobre os “potes de poder” podem trazer mais luz a isto.

Com essa invasão cultural, a descentralização da Umbanda e a perda da memória da religião, muitos dirigentes impuseram seus jeitos sobre a forma de trabalho da Umbanda.

Por fim, acabou sendo mais popularizada uma Umbanda fortemente africanizada e descaracterizada da sua origem nativista e mista. Alguns autores chegam a citar que os Orixás, Inquices, Santos e afins são a mesma coisa. Outros dizem que os Santos são Orixás menores, que estão sob a égide desse Orixá Maior, o que para mim, na visão teológica que tenho é um contrassenso.

Por fim, alguns designam que os Orixás na verdade são manifestações de Deus, como se fossem suas faces. Como se o mesmo Deus se dividisse em 7, 14, 16 ou 18 entidades diferentes, se manifestando assim. Aliada a essa concepção ou interpretação equivocada, coloca-se que devemos cultuar os Orixás. Conclusão dos fatos: Hoje a maioria cultua Orixás e se esqueceram dos Santos e, ainda pior, de Deus!

Na Umbanda cultuamos a DEUS, chamado na cultura Bantu de NZambi ou Zambi. Deus é o maior e inofismável! Devemos culto a ELE e só a ELE. Porém reverenciamos as manifestações das forças naturais da Criação através dos seus manifestadores, como os Santos – que são seres humanos que ascenderam a uma condição especial e superior – e os encantados correspondentes.

Então, mesmo que houvesse Orixá na Umbanda, nunca iríamos cultuá-lo, render-lhe amores e curvar a cabeça. Apenas iríamos respeitá-los pela sua representação na Criação, da mesma forma que devemos respeitar uma árvore, um rio, o mar e etc.

O termo orixá na Umbanda, com o passar do tempo, tomou uma outra conotação, designando um espírito guia. Isso acabou gerando mais confusão ainda. Como o nosso recurso linguístico e vocabulário é limitado e com o passar do ano vai ficando ainda mais restrito (as novas gerações sabem bem menos palavras que as gerações anteriores), acabamos ficando impossibilitados de compreender as coisas sem contextualizá-las cronologicamente.

Então sintetizando: Nem toda Umbanda cultua Orixá! Sendo a representação da força natural ou do feitiço uma forma associada de culto, onde por meio da assimilação conseguimos chegar a sistemas teológicos e religiosos parecidos, mas nunca idênticos.

DEUSES, ORIXÁS, SANTOS E OUTRAS DIVINDADES.

Quer confundir um estudante de Umbanda? Fale sobre sincretismo!

Aliás, nem só de Umbanda, mas também de Hoodoo, Vodu, Wicca, Bruxarias e paganismos afins. Todas as religiões sincréticas vez ou outra criam um colapso mental na cabeça do praticante.

Isso quando não descamba para a negatividade e figuras que antes eram deuses em outras mitologias acabam se tornando demônios na atual religião dominante. Assim Baal, um deus muito importante para os fenícios, se tornou Baal Zebut ou como costumamos chamar de Belzebut ou no popular Belzebú. Pazuzu, um deus mesopotâmio acabou se transformando em um demônio, ou melhor, no Rei dos demônios do vento, etc. Mas demonologia não é o nosso foco, isso foi apenas para ilustrar.

Esse artigo quer simplesmente ilustrar a concepção de Orixás, Deuses, Santos e Divindades diversas que encontramos dentro da Umbanda. Vamos a um pouco de contextualização:

Antes de 1908.

Nesse período já existiam (sempre existiram) manifestações de entidades por meio da mediunidade, porém não da forma organizada como conhecemos na Umbanda.

O termo “organizado” que uso aqui não é questão de melhor “arrumado” mas sim da forma como a hierarquia de Umbanda começou a compreender as manifestações espirituais.

Na África já havia manifestações de Orixás que irradiavam seus filhos e os faziam dançar, por meio do seu Axé, assim como nas religiões pagãs e indígenas ocorria o mesmo. Em algumas religiões indígenas era até comum o Pajé⁵ não incorporar, mas sim, por meio de projeção astral, ir ter com os espíritos no plano astral.

⁵ Apesar da mediunidade receptiva também ser usada em ampla escala.

No continente americano, muito antes do colonizador europeu aportar e também do êxodo forçado dos africanos para terras brasileiras (e americanas), os indígenas já tinham suas divindades que se manifestavam nos chefes religiosos.

Apesar de hoje acreditarmos – no meio popular – que os indígenas cultuavam os mesmos deuses, isso não é verdadeiro. Cada tribo tem sua cosmogonia e seu próprio panteão. Alguns têm personagens em comum, mas que divergem muitas vezes nas formas de se manifestar, mas que trazem um mesmo domínio ou regência.

Quando sacerdotes africanos que foram trazidos como escravos tiveram contato com os indígenas, conheceram as ritualísticas desses povos e seu trato com os encantados e divindades. Adaptando assim sua própria religião para conseguir acessar o poder desses seres. Primeiramente chamados de Calundus, encontrou notoriedade como a cultura de Candomblé Angola, que posteriormente derivaria em algo chamado Candomblé de Caboclo que é uma das origens da Umbanda ou uma de suas influências principais.

O sacerdote, naquela época em condição de escravo, sabia que seus deuses haviam ficado presos na sua vila, pois eles eram divindades locais que só conseguiam expandir sua influência através da conquista territorial, da guerra e da conquista cultural também.

Vemos bastante isso na mitologia celta, onde os povos brigavam e guerreavam e os deuses antigos dos perdedores davam lugar aos novos deuses, como se os próprios deuses estivessem guerreando entre si e favorecendo assim com seu poder (ou axé ou moyo) o seu povo. Curiosamente vemos muito disso também na história do povo hebreu que deu origem ao povo judeu.

Os candomblés de origem nagô mantiveram sua crença focada nos seus orixás originais, ou pelo menos assim diziam, pois eles também sincretizaram com os santos católicos (lembrem que falei que poderia expandir sua influência por meio de conquista territorial?). Porém, devemos pensar aqui: Os sacerdotes nagôs não eram estúpidos, eles devem ter percebido que a energia que eles acessavam era similar, mas a entidade que respondia a essa energia ou emanação se apresentava diferente. Será mesmo que mantiveram a originalidade ou foi o povo atual que perdeu isso, esqueceram isso ou simplesmente perderam seu Moyo ou Axé primordial para compreender?

A Fundamentação da Umbanda em 1908.

Com o advento da Umbanda Branca, trazido pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas (C7E) e também seu médium Zélio Fernandino de Moraes, iniciamos uma nova era dentro das práticas espiritualistas brasileiras⁶, onde várias pessoas tentaram organizar o culto. Novamente eu friso aqui que isso não quer dizer que era melhor do que as anteriores, mas apenas uma forma diferente de se cultuar algo.

A Umbanda, assim como os Calundus, a Cabula e outras práticas, desde o seu início trouxe a identidade do povo brasileiro: miscigenado, religioso e muito místico. Podemos ver pela própria figura do Caboclo das 7 Encruzilhadas que ele se dizia Caboclo (filho de índio + europeu) e se apresentava com vestes clericais da sua última encarnação como um padre jesuíta.

Na definição original das Sete Linhas de Umbanda, trazidas pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas e também pelo Pai Antônio, explanada no livro Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda de Leal de Souza, vemos que a palavra Orixá era usada para representar um ser evoluído, um espírito elevado e não exatamente a deidade ou divindade africana.

Além disso, foi definido que as linhas continham esses nomes, mas era regidas por Santos, logo a linha de Oxalá era regida por Jesus Cristo, a Linha de Demanda ou de Ogum era regida por São Jorge, a Linha das Matas ou de Oxóssi era regida por São Sebastião e assim por diante.

Então se formos novamente raciocinar, não foi trazida uma cultura de Orixás, pois Zélio não era africano ou sacerdote africano, tampouco era o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Como poderiam eles terem trazido isso? Quem trouxe essa nomenclatura foi Pai Antônio e o fez, pois era a forma mais comum de se explanar sobre as forças regentes, esse sim o escopo desse artigo que falarei mais adiante.

⁶ Aqui não defendemos se eles estavam certos ou errados, mas que temos realmente esse movimento ocorrendo, principalmente com os famigerados congressos de Umbanda. Esses movimentos em maioria possuíam viés político e racista, de certa forma, contudo ocorreram e devem ser objeto de estudo.

A invasão Nagô na Umbanda.

Particularmente não tenho nada contra a cultura Nagô e os candomblés, porém tenho que deixar bem claro que a Umbanda e o Candomblé, principalmente o Nagô, são coisas completamente diferentes! Não podemos nos permitir nem licença poética nesse caso. Porém, aproximadamente entre a década de 1940-1950 houve uma invasão de membros de cultura nagô e de candomblés nagô dentro da Umbanda.

Com esse aporte de pessoas também foram introduzidas práticas alienígenas⁷ a Umbanda que Zélio preconizada – com esse nome – que se praticava até então, como o próprio uso de atabaque e os pontos cantados referenciando Orixás, com mais frequência e profundidade.

Com isso houve uma mistura tão fortemente costurada que hoje é impossível desassociar Candomblé de Umbanda para a população média. Então hoje justifica-se tudo dentro da Umbanda ou por lendas africanas ou por lendas do candomblé (que já é mais abrasileirada) inclusive um sincretismo mais forte e é aí que a confusão pega forte!

Hoje você ouve em todos lugares que tenha um papo sobre espiritualidade uma afirmação como essa: "Oxalá é Jesus!" ou "Oxalá e Jesus são iguais".

Mas eu posso afirmar uma coisa: Não! Não são! Apesar de trabalharem na mesma dominância e na mesma regência.

Para entender isso tenho que elucubrar um pouco, acompanhe a seguir.

Domínios, Regências e os potes de poder.

Pode parecer até estranho o subtítulo com "potes de poder" o compondo, mas vou explicar. A visão que tenho é de que as entidades sejam elas quais forem não são as mesmas. Existe sim um Ogum Africano, existe sim um São Jorge e hoje existe sim uma entidade que se pode denominar de Ogum de Umbanda que é um misto dessas duas energias.

Não quero me aprofundar em detalhes na criação de divindades ou servidores artificiais, porém o que quero dizer é que o pensamento é poderoso e que a crença gera ou cria muitas coisas, inclusive deuses.

⁷ Alienígena aqui é um termo de algo exterior à prática, de outra cultura e não de outro planeta.

Mas voltando ao assunto, para mim tanto orixás, quanto santos, divindades, ou seja, que tipo de encantado for, têm domínios variados e não são restritos a apenas uma quantidade limitada. Cada um terá o domínio que melhor lhe couber ou domínios, o mesmo pode ser expandido para a questão de regências.

Por exemplo, em algumas tradições Ogum rege o elemento Ar, em outras Ogum rege o elemento Fogo. Porém dentro da minha concepção ele rege os dois elementos, pois um não existe sem o outro, de certa forma.

E qual o problema disso? Nenhum. Mas alguns autores teimam em criar situações fechadas e limitadas, para talvez serem mais didáticos, mas criam também aberrações como reinos minerais e cristalinos, que são composições dos quatro elementos principais segundo a tradição ocidental (ar, fogo, terra e água) ou dos cinco elementos seguindo a filosofia chinesa (Água, Madeira, Fogo, Terra, Metal) ou Indiana (Éter, Ar, Fogo, Água e Terra).

Então para mim, cada domínio atribuído a uma divindade é como se fosse um POTE, uma jarra. Dentro de cada uma das jarras vamos encontrar certos domínios que são abertos a aqueles que conseguem acessá-lo.

Por exemplo, existe um pote da Fé, que tanto a entidade Oxalá, quanto a entidade Jesus Cristo poderá acessar. Esse pote contém a FORÇA, essa sim uma emanacão de Deus Inefável, o criador do Universo (ou universos). Assim como tem um pote onde está a força da LEI (ordem) que será acessível para São Jorge, Ogum, Tyr, Thor, Zeus, São Miguel, Tranca-Ruas, etc.

Para melhor ilustrar essa ideia o artista Roe Mesquita desenvolveu abaixo uma representação gráfica disto:



Imagen 1

Vemos ali um pote universal ou cósmico que é a energia da Lei sendo acessada e irradiada para Ogum, São Jorge (representação de um dos falangeiros da Linha de São Jorge) e Thor, o deus nórdico do trovão. Assim como vemos a energia da fé sendo irradiada para Oxalá e também para Jesus Cristo.

Eles são avatares ou representações dessas energias que não tem consciência, não tem ego, não tem forma e não tem individualidade. Provavelmente essas são as emanações divinas do criador e podem ser infinitas em quantidades, variedades e tipos.

Mas não é obrigatório acessar um só pote ou os mesmos potes, ou seja, apesar de Jesus e Oxalá conseguirem acessar o pote da Fé, Jesus a meu ver também acessa o

pote do Amor e do Perdão. Porém o pote do amor também é acessado por Oxum, por Iemanjá e pela própria Virgem Maria. Mas não é acessado por Oxalá, em sua dominância original segundo as lendas africanas.

Isso fica melhor compreendido na Figura 2 dos muitos potes, onde temos Xangô acessando a força do Trovão, da Justiça e do Fogo; Thor acessando a força do Trovão; Zeus acessando a força do Trovão e da Justiça e Tupã acessando a força do Trovão e do Sol. Mas são entidades diferentes com domínios similares e que se manifestam em alguns aspectos de forma igual, mas não são os mesmos.



Imagen 2

Será que consegui me fazer compreender?

Não vamos cultuar a força por detrás das divindades, tampouco as próprias divindades, mas vamos tentar compreender como elas são trabalhadas, acessadas e usadas para nós.

Alguns magos aprenderam a acessar essas forças sem intermediários, promovendo verdadeiras revoluções para o bem e o mal do ser. Outros tantos acabaram se corrompendo, pois a força é neutra, cega e não tem ética, nós é que damos a ela a condição que ela tomará.

A própria fé quando muito exacerbada gera fanatismo, o que é prejudicial, pois nubla a mente para discernir, questionar e passamos a virar robôs (autômatos) guiados por uma verdade limitada ou relativa.

Espero que isso tenha ajudado a todos a aliviar um pouco os tormentos causados por esse tal de sincretismo.

AS 7 LINHAS DE UMBANDA: HISTÓRICO E EVOLUÇÃO

"Com os espíritos mais evoluídos aprenderemos, Aos menos evoluídos, ajudaremos. Mas a nenhum viraremos as costas."

Caboclo das 7 Encruzilhadas

Como falamos nos textos sobre Vertentes de Umbanda, nem toda estrutura umbandista – as casas, terreiros e tendas – praticam a Umbanda da mesma forma, inclusive a forma como compreendem as forças ou as presença das entidades, é diferente. A essa categorização de forças, damos os nomes de Linhas, sendo mais comum encontrar empregado o termo **"7 Linhas de Umbanda"**.

Antes de entrarmos nas **7 linhas** e nas muitas visões que as vertentes possuem delas, devemos compreender que a palavra "linhas" acaba sendo usada para uma infinidade de coisas e situações dentro da Umbanda, assim como a palavra guia, que ora significa entidade espiritual, ora significa fio-de-contas.

A palavra "linhas", pode ser empregada para designar a Vertente, as sete Linhas básicas de Umbanda, as sub-linhas (chamados por alguns de falanges e legiões) e também as entidades ou a forma de atuação das entidades (linha dos caboclos, linha dos baianos, etc).

Quando falamos de Sete Linhas, estamos nos referindo às sete principais divisões ou categorizações dentro da Umbanda.

Sempre lembrando que isso se dá para uma melhor assimilação por nós encarnados e não significa que as entidades de diversas linhas não se misturem e trabalhem em conjunto. Podemos dizer que as linhas são apenas designações ou funções que cada entidade desempenha com melhor proficiência.

As 7 Linhas de Umbanda

Dentro da estrutura básica dividem-se as linhas por sete, sempre estas sete, sendo irradiadas por Olodumaré, Zambi, Olorum, Tupã, ou outro nome a que nos referimos a Entidade Suprema, Criadora, o Deus Inefável.

As linhas subsequentes são colocadas ou dispostas de forma a obedecerem uma força específica, mas não obedecem uma hierarquização clássica, com exceção de Oxalá.

Justamente por isso sempre veremos, em qualquer estrutura umbandista – ou na maioria pelo menos – a linha de Oxalá sendo a primeira linha.

As demais podem variar na sua posição de aparecimento, porém não significa que a Linha de Ogum (na Umbanda Tradicional a segunda linha) seja mais forte ou tenha mais elevação que a linha de Iemanjá (geralmente a sexta linha).

A escolha do número sete não é ao acaso, ela obedece a uma tradição esotérica muito presente nas terras brasileiras e advinda – ao contrário do que se acredita – da magia européia.

O número 7 representa o completo, a perfeição, um ciclo total, seria a representação de tudo que pode haver. Logo o 7 também poderia ser representado como o Ouroboros, a serpente que persegue a própria cauda e que sempre se renova.



Dentro da Umbanda, das muitas culturas que a influenciaram, encontramos a presença da influência africana da cultura bantu, de uma forma mais impactante. Muito da Umbanda, tem influência da cultura dos povos do Congo e de Angola, porém hoje desconhecemos muito disto. Mas aqui, devemos abrir uma ressalva, pois para o povo bantu o número sagrado não era 7 como costuma-se achar, mas sim o número 9.

Essa informação, a princípio contraditória, só reforça a tese de que a Umbanda não é de fato africana⁸, mas sim uma miscelânea de culturas e informações criadas no Brasil. Encontramos também o número 7 como um número sagrado em alguns povos de cultura Nagô e também Fon.

Então, como o número 7 representa a perfeição, teríamos dentro das 7 linhas, todas as estruturas necessárias do Universo para trabalhar com a Umbanda. Porém muitas pessoas confundem as 7 linhas com sete orixás, tentando criar uma nova estrutura para caber todos os Orixás existentes.

Mas isso é uma tarefa impossível – além de improdutiva e errada – pois não existem apenas sete, nove ou vinte orixás. Existem orixás aos milhares, conforme cada tribo africana, isso sem considerar os Voduns⁹ e os Inquices.

As sete linhas não representam os sete orixás, mas sim forças universais que são sincretizadas ou expressadas (simbolizadas) por determinados orixás.

As 7 Linhas de Umbanda – Umbanda Branca:

Para a Umbanda Branca, de Zélio Fernandino de Moraes e do Caboclo das 7 Encruzilhadas, encontramos a definição das sete linhas como disposta a seguir:

- Oxalá
- Ogum
- Euxosse
- Xangô
- Nhã-Shan

⁸ Essa Umbanda por nós praticadas é uma confluência do pensamento africano Banto, Indígena e Europeu Popular (Mágico).

⁹ Aliás, um Vodum se faz a partir do culto do ancestral, se um ente morre e é cultuado ele se torna um vodum, logo se deifica ou diviniza. Imagine a quantidade de voduns que existem então.

- Almanjar
- Almas

Esses nomes, que aparentemente estão escritos de forma incorreta, foram depois alterados para Oxóssi, Iansã e Iemanjá, por convenção.

Porém podemos admitir mais do que uma simples incorreção dos termos, mas sim uma tentativa de mostrar que não se tratavam dos orixás africanos, a quem se referia o Caboclo das 7 Encruzilhadas e também Pai Antônio.

Dentro da estrutura da Umbanda Branca, todas as linhas possuem regências e são comandadas por um Santo Católico, com exceção da linha de Oxalá e da Linha das Almas.

Sendo que a primeira tem seu regente como o próprio filho de Deus¹⁰, Jesus Cristo e a última sem uma regência declarada, sendo o espaço onde os Espíritos ainda em desenvolvimento – leia eguns, kiumbas, exus e pombagiras¹¹ – estariam trabalhando para a prática do bem e da caridade.

Desta forma, encontramos a Linha de Oxalá, sendo regida por Jesus Cristo; a Linha de Ogum, sendo regida por São Jorge; a Linha de Euxosse, sendo regida por São Sebastião; a Linha de Xangô, sendo regida por São Jerônimo; a Linha de Nhã-Shan, sendo regida por Santa Bárbara, a Linha de Almanjar, sendo regida pela Virgem Maria e a última linha de Santos e Almas, ou só Almas, sem regimento específico.

Essa estrutura é bem divulgada e estudada no livro de Leal de Souza: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda.

¹⁰ Na visão cristã.

¹¹ Exus e Pombagiras dentro da visão Umbandista. São espíritos que ainda buscam sua coroação como Exu e Pombagira de fato.

As 7 Linhas de Umbanda – Umbanda Popular:

Algumas vertentes populares, assim como autores, mudaram a sua estrutura de linhas, para algo um pouco diferente. Autores como Lourenço Braga, além de mudarem um pouco a estrutura básica das sete linhas, também ampliou o seu conhecimento e a forma de hierarquização, subdividindo as linhas em estruturas menores, chamadas de falanges ou legiões.

Claro que esse entendimento também é bem difundido de formas diversas, sendo considerado para alguns autores falange e legião como sinônimos e para outros como subdivisões diferentes.

A estrutura considerada por Lourenço Braga e diversos outros autores contemporâneos a ele, como o próprio Antônio Alves Teixeira Neto (Antônio de Alva), é de que as sete linhas seriam:

- Linha de Oxalá
- Linha de Iemanjá
- Linha do Oriente
- Linha de Xangô
- Linha de Oxóssi
- Linha de Ogum
- Linha Africana.

O que reparamos nesta estrutura – além da reordenação do aparecimento das linhas – é que a Linha de Iansã foi retirada para dar lugar a uma linha chamada Linha do Oriente, sendo essa regida por São João Batista (Xangô Caô) e a Linha de Santos e Almas dando lugar a Linha Africana, onde congregavam todos os Pretos-Velhos (com exceção dos Quenguelês, que se encontram dentro da Linha de Xangô), com a regência de São Cipriano¹², sendo esta chamada também de Linha da Magia.

Essa estrutura foi bem difundida nas umbandas populares devido a literatura que se baseava e apoiava a mesma.

Entretanto autores como Antônio Alves Teixeira Neto mudam seu pensamento a respeito da estrutura, depois admitindo em livros pós década de 1970, uma nova

¹² Mostrando a influência fausto-cipriana dentro da Umbanda

estrutura, onde a Linha do Oriente daria lugar a Linha de Oxum e a Linha Africana daria lugar a Linha de Obaluayê.

Essa ideia é seguida de muito perto pela estrutura do Terreiro de Pai Maneco, do estado do Paraná. No Terreiro de Pai Maneco, fundado pelo Pai Fernando de Ogum, encontramos a sete linhas sendo composta de:

- Linha de Oxalá
- Linha de Ogum
- Linha de Iemanjá
- Linha de Iansã
- Linha de Oxóssi
- Linha de Oxum
- Linha de Xangô.

As 7 Linhas de Umbanda – Umbandas Esotéricas:

Dentro dessa categoria podemos incluir a Umbanda do Caboclo Mirim (Aumbandã), a Umbanda de Matta e Silva (Ahumbhandã – Raiz de Pai Guiné), a Umbanda de Rivas Neto (Ohmbhandã – Iniciática) e a Umbanda de Roger Feraudy (Aupram).

Evidentemente, as umbandas aqui citadas não comungam da mesma estrutura litúrgica e filosófica, mas por trazerem similaridades em seus nomes e a denominação esotérica, fazem com que estejam todas em uma mesma categoria de estudos.

Podemos encontrar em 1952, o Caboclo Mirim dando a sua forma de entendimento das sete linhas de Umbanda, traduzindo-as, como:

- Linha de Oxalá ou Orixálá
- Linha de Ogum
- Linha de Oxóssi
- Linha de Xangô
- Linha de Iofá
- Linha de Ibejis
- Linha de Iemanjá.

Já em 1956, W.W. da Matta e Silva trazendo sua revelação da raiz de Pai Guiné, transporta a ideia de que as sete linhas seriam formadas da seguinte forma:

- Linha de Orixalá
- Linha de Ogum
- Linha de Xangô
- Linha de Oxóssi
- Linha de Iemanjá
- Linha de Yori
- Linha de Yorimá.

Assim como é também seguido pela Umbanda de Rivas Netto e de Roger Feraudy (também não poderia ser diferente, pois ambos disputam a herança de Matta e Silva).

Podemos reparar na similaridade entre as linhas apresentadas, notando claramente o surgimento de novas linhas como a de Iofá – Yorimá e Ibejis – Yori, respectivamente Pretos-Velhos (almas) e Crianças (eres).

Aqui notamos já uma confusão (não estou dizendo que o autor estava errado, mas sim que é comum isso) entre linhas de forças (orixás ou sete linhas principais) e linhas de trabalho.

Além dessa nova estrutura, podemos ainda verificar a mudança de pensamento de Benjamin Figueiredo posteriormente, alterando a própria estrutura das sete linhas praticadas por eles e também adicionando termos ou funções específicas de cada linha: Oxalá é considerada a linha da Inteligência, Iemanjá é considerada a linha do Amor, Xangô Caô (Oriente) é considerada a linha da Ciência, Oxóssi é considerada a linha da Lógica, Xangô Agodô é considerada a linha da Justiça, Ogum é considerada a linha da Ação e Iofá é considerada a linha da Filosofia.

Vemos aqui claramente a mudança das linhas com a inclusão da linha do Oriente no lugar da linha dos Ibejis. Essa ideia de definir funções e outros atributos não era nova e também foi usada por Lourenço Braga, de uma forma um pouco diferente, sendo considerada as linhas com regentes que não eram santos, mas sim anjos ou forças planetárias.

Vemos a Linha de Oxalá, sendo considerada em 1955, com o lançamento do livro "Umbanda e Quimbanda – Volume 2", como: Linha de Oxalá ou Linha das Almas, com a regência de Jesus e a força planetária de Júpiter; Linha de Yemanjá ou Linha das Águas, com a regência do Arcanjo Gabriel e a força planetária de Vênus; Linha do Oriente ou Linha da Sabedoria, com a regência do Arcanjo Rafael e a força planetária de Urano; Linha de Oxóssi ou das Matas (Vegetais), com a regência do Anjo Zadiel e a força planetária Mercúrio; Linha de Xangô ou dos Minerais, com a regência do Anjo Oriel e a força planetária de Saturno; Linha de Ogum ou das Demandas, com a regência do Anjo Samael e a força planetária de Marte e por fim, a Linha dos Mistérios ou Encantamentos, com a regência do Anjo Anael e a força planetária de Saturno.

Podemos perceber que os autores não se fixam em uma só ideia e vão se adaptando e adaptando suas estruturas de pensamento conforme adquirem novas informações.

Lembrando que muitos deles eram influenciados pela maçonaria e também práticas esotéricas e ocultistas, que podem ter influenciado também o seu pensamento sobre a estrutura de Umbanda.

As 7 Linhas de Umbanda – Umbanda Sagrada:

Rubens Saraceni, bebeu também dessas fontes anteriores para fundamentar a sua estrutura de pensamento dentro das lógicas da Umbanda Sagrada.

Separou as sete linhas em funções e dentro dessas em outras tantas, conferindo polaridades a cada uma dessas funções e então chamando-as de Tronos de Deus. Termo que é amplamente confundido com os Tronos Angelicais – e que o autor não se esforça para esclarecer, muito pelo contrário, reforça que os Orixás são facetas divinas acima da compreensão humana e também são Universais, ou seja, o Xangô do planeta Terra é o mesmo que do planeta Júpiter, me pergunto se lá também houve miscigenação cultural.

Dentro desses sete tronos, esforçou-se para colocar quantos orixás fossem necessários, valendo-se até do expediente de criar ou de repetir os Orixás, inclusive de ressignificá-los, mas mantendo-os como estruturas africanas em muitas lendas e justificativas, conforme convinha a necessidade do momento.

Criou então o Trono da Fé, onde encontramos as figuras de Oxalá e de Logunan, anteriormente chamada de Oyá-Tempo (uma faceta de Iansã); Trono do Amor, com as figuras de Oxum e Oxumaré; Trono do Conhecimento, com as figuras de Oxóssi e Obá (Orixá não cultuado na Umbanda até então, de forma mais massiva); Trono da Justiça, com as figuras de Xangô e Egunitá (outra faceta de Iansã), posteriormente renomeada para Oro Iná; Trono da Lei, com as figuras de Ogum e Iansã; Trono da Evolução, com as figuras de Obaluayê e Nanã Burukê e a Linha da Geração, com as figuras de Iemanjá e Omulu (outra manifestação ou qualidade de Obaluayê, mas considerado outro Orixá na Umbanda Sagrada).

Para cada um dos pares ele definiu funções como: ativo/passivo, positivo/negativo, feminino/masculino, irradiador/consumidor, etc.

Também criou os termos como Trono Cristalino, Trono Mineral, Trono da Expansão, Trono da Razão, Trono da Ordem, Trono Consumidor, Trono da Criação, Trono Ígneo, Trono Aquático, Trono Vegetal, Trono Eólico, etc.

Podemos perceber que o próprio mudou o nome de seus Orixás com o passar do tempo, muito isso devido a crítica dos leitores e dos estudiosos, por não conhecerem uma Oyá-Tempo (sendo o Orixá Tempo outra estrutura e de característica masculina, diferente de Oyá-Tempo que era feminina) e mudando o mesmo para Logunan, outro nome desconhecido da maioria dos Umbandistas.

O mesmo foi feito com a figura de Egunitá, que foi muito confundida, principalmente pelo seu sincretismo com Santa Sara Kali, que se deturpou e confundiu-se com a própria deusa hindu Kali, muito devido a saudação desse trono: Kali-yê.

Egunitá por si só também é uma qualidade de Iansã, sendo a terrível qualidade que conduz e domina os Eguns (por isso o radical Egun, no nome Egun-itá). Porém, dentro da literatura saracenista ela é vista como um Orixá do fogo consumidor, aquele

que consome todos os desequilíbrios dentro do Universo, mediante o julgamento do Trono Masculino da Justiça, sendo o seu povo consumidor, ativo e negativo.

Peço perdão se algum termo aqui fugir ou eu mesmo expressar de forma incorreta, mas a literatura do Rubens Saraceni é deveras confusa e se contradiz em seus diversos livros, além disso é difícil registrar tantas mudanças em tão pouco tempo, seja de nomes ou de funções. Então, com toda essa confusão, o próprio "recebeu a revelação" de que o nome desse orixá na verdade era Oro-Iná, outro termo não encontrado.

Em uma conversa no antigo grupo de estudos "Espiritualidade em Estudo", obtive informações – até então desconhecidas – da lenda de lansã, quando essa porta o fogo de Xangô, ou a língua de fogo, como é chamada em algumas tradições.

Essa qualidade de lansã é chamada de Oyá Topé e ela obteve seu poder de fogo por meio de Esú Iná. Abaixo a lenda, retirada do site, Os Mistérios da África:

"Esú Iná era feito de fogo, como uma chama que nunca apagava. Tudo que ele tocava queimava e por isso vivia só. Ele desejava ter uma família e que pudesse conviver sem machucar os que dele se aproximassem.

Iná nasceu no dia em que o primeiro raio bateu na terra, o seu fogo veio desse calor.

O Orisá dos Raios era Sango, então Iná foi até ele pedir ajuda para apagar seu fogo. Sango disse que nada podia fazer, mas que Iná fosse ver Orunmilá, somente Orumilá tinha resposta para tudo.

Iná foi ver Orunmilá e ele lhe disse que em Nupê havia uma feiticeira chamada Topé (o nome Topé é um termo usado para o som do eco) que sabia manipular o ar e os ventos, poderia abafar o fogo e que ele levasse dendê para ela, pois Topé ama azeite de Dendê.

Quando Iná chegou na casa de Topé, ele teve de gritar o nome dela nove vezes, pois Topé responde no Eco, na multiplicação.

Ela então saiu e se mostrou, uma negra exuberante, com roupas vermelhas e pulseiras de cobre, Iná ficou paralisado ao ver tão bela mulher. Ele contou para ela sua situação e ela resolveu ajudar, costurou para ele uma manta de couro de búfalo e jogou sobre ele, o abafamento apagou o fogo, enquanto ele se cobrisse o fogo não reacenderia.

Iná ficou muito feliz e muito grato a Topé, ele entregou para ela o jarro com dendê. Topé abriu o jarro e então Iná lhe deu mais um presente, ele cortou um pedaço de sua pele e jogou para Topé, para que ela sempre tivesse uma chama, mas por acidente a pele flamejante de Iná caiu no jarro de dendê e isso causou uma explosão de fogo que se misturou ao Asé de Oyá Topé e nisso a pele de Esú Iná, o dendê e o fogo se tornaram parte dela, ela se transformou em uma labareda, uma chama viva, seu interior é puro fogo.

HEPA HEEEEEEY OYÁ TOPÉ!"

Percebem a similaridade do nome de Esú Iná com Oro Iná? Pois é! Deixo para vocês essa reflexão.

As 7 Linhas de Umbanda – Umbanda Popular:

Já nas Umbandas ditas populares ou tradicionais, nem sempre se segue uma estrutura de sete linhas fechadas, muitos nem fazem questão de nomear as sete linhas, lidando com elas de forma mais informal ou muitas vezes chamando as linhas de trabalho¹³, por meio das sete linhas ou como se fossem as próprias sete linhas.

Para a Umbanda Popular o que mais vale é a prática da Espiritualidade e não exatamente como ela se processa, apesar que isso não é regra e como tudo que ocorre com as Umbandas Populares, pode variar de casa a casa, sendo que algumas com uma influência maior do candomblé nagô irá cultuar Orixás como Obá, Logun Edé, Orumilá, Ossaim, que não são cultuados diretamente dentro das práticas de Umbanda convencionais.

¹³ Caboclo, Preto-Velho, Baianos, etc.

As 7 Linhas de Umbanda – Meu Pensamento e o Chão de Jorge:

Dentro do meu pensamento houve um desenvolvimento dentro do que pratico na casa em que trabalhava (Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida) e da estrutura apresentada pelos meus guias e mentores, que assumimos no Chão de Jorge¹⁴.

Além disso, muito me veio por meio de insights e de reflexões, não sendo consideradas revelações. Revelação seria se a mesma ideia tivesse permeado a cabeça de diversos médiuns em um mesmo momento, seguindo os princípios deixados por Allan Kardec no Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos.

O que ocorreu é que eu dentro das práticas e da evolução do pensamento (do meu próprio) consegui chegar a uma formatação que julgo confiável e confortável, unindo teorias de diversos autores e praticando a mesma com grande taxa de acerto e pouca rejeição dos meus mentores, quando em diálogo com eles.

Seria então uma estrutura de umbanda, e não uma vertente nova, derivada do pensamento e dos estudos do Perdido em Pensamentos¹⁵, sendo apresentada como:

- Linha da Fé
- Linha da Demanda
- Linha das Matas
- Linha da Justiça
- Linha dos Ventos
- Linha das Águas
- Linhas de Santos e Almas.

Dentro dessas linhas ainda subdividido todas em sete falanges, dentro das falanges subdividido em sete legiões, dentro das legiões subdivididas em sete povos, dentro dos povos subdivididos em sete tribos, etc.

Logo, com essa formatação, podemos colocar toda a sorte de espíritos e entidades, sem sobrar ninguém, conforme suas especializações e as suas familiaridades.

¹⁴ Terreiro por mim chefiado.

¹⁵ Essa estrutura é a que usamos na prática na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

Porém, como a Umbanda não é algo – para mim – redondinho e sem arestas, há algumas subdivisões que são meio ocultas ou ainda assim não reveladas, simplesmente pela falta de estudo e de investigação.

Uma dessas é a própria Linha de Iansã, que não consigo colocar todas as sete falanges ou dar nomes a elas, só conseguindo compreender a falange dos Caboclos(as) dos Ventos. Não serei eu a desvelar isso, até porque não tenho essa capacidade ou pretensão, porém tenho uma proposta (que é a que usamos no Chão de Jorge nesta linha).

Em outros casos eu também consigo enxergar outras linhas como sublinhas, ou melhor, falanges dentro das linhas principais. Neste caso falo da Linha do Oriente, regida por Xangô Caô e que vejo, como uma falange dentro da própria linha de Xangô, no lugar onde outros autores colocam a falange de Iansã.

Então para mim a estrutura ficaria assim:

- Linha da Fé (Regência: Jesus Cristo / Domínio: Oxalá)
- Linha de Demanda (Regência: São Jorge / Domínio: Ogum)
- Linha das Matas (Regência: São Sebastião / Domínio: Oxóssi)
- Linha da Justiça (Regência: São Jerônimo / Domínio: Xangô)
- Linha dos Ventos (Regência: Santa Bárbara / Domínio: Iansã)
- Linha das Águas (Regência: Virgem Maria / Domínio: Iemanjá)
- Linha de Santos e Almas (Regência: São Bento, São Lázaro, São Lázaro de Bethânia e São Roque / Domínio: Obaluayê ou Omulu)

Alguns podem sentir falta da presença de Oxum, Nanã Buruquê e Ossaim, pois são Orixás cultuados dentro da Umbanda com certa presença.

Para o meu pensamento como são Forças e não personificações, eu atrelo-os dentro das falanges das linhas principais, sendo que Iemanjá regeria TODAS as Águas, principalmente a água do mar (salgada) e Oxum seria uma água em específico, as águas doces que possuem movimento (cachoeiras e riachos), assim com Nanã seria a regente das águas paradas e lodosas (pântanos, lagoas e lagos). Dessa forma Oxum e Nanã são falangeiras de Iemanjá.

Já Ossaim estaria presente dentro da Linha das Matas, sendo muitas vezes absorvido pela figura de Oxóssi.

Nessa estrutura, há ainda os falangeiros, os espíritos-guias e a presença dos encantados. Mas isso seria um tema para um outro artigo.

Conclusão:

Essa é apenas uma apresentação do pensamento das sete linhas e não implica na verdade suprema, são formas de manifestação que se consolidaram conforme a prática de cada um e que para cada vertente tem seu sentido baseado em sua estrutura religiosa e teológica.

Apesar de não achar familiar, correta ou afins determinada corrente, não posso afirmar que ela é inexistente de todo, principalmente porque existem pessoas que nela acreditam e por si só já criaram uma egrégora e criaram seus próprios deuses.

Pegue o que aqui foi exposto e faça o seu próprio exercício de imaginação, de discernimento e de conjectura mental. Esperamos que saia mais fortalecido depois das exposições aqui propostas.

ORGANOGRAMA UMBANDISTA: LINHAS, FALANGES E LEGIÕES

O título pode até parecer pretensioso, mas como enxergar o astral na visão umbandista de outra forma? Vejo uma relação muito próxima com as hierarquias militares e com sua versão moderna, a visão corporativa. Neste texto, queremos abordar sobre a divisão das linhas de trabalho da Umbanda, que deixa muita gente confusa e perturbada.

Já deixo aqui de antemão que essa é a minha visão, pautada nos meus conhecimentos e nas minhas experiências, vocês encontrarão toda a sorte de organização por aí. Fiquem à vontade para utilizar a que mais se identificarem.

Desde o surgimento das chamadas 7 Linhas de Umbanda todo mundo se pergunta onde determinado guia deverá se manifestar.

Isso tomou um vulto tão grande, que muitas vezes impede o trabalho assistencial de um terreiro, só pela divergência entre médiuns-trabalhadores e dirigentes em dizer onde determinada entidade tem que "se apresentar".

Para clarear um pouco da ideia, foram sugeridas formas de hierarquização, que começaram lá com Zélio de Moraes e Leal de Souza e foram expandidas por outros autores como Benjamin Figueiredo, Lourenço Braga, Emanuel Zespo, Antônio Alves Teixeira Neto, W.W. da Matta e Silva e muitos outros.

Os trabalhadores de Umbanda estão agrupados em sete linhas vibratórias, sete irradiações primordiais (para o trabalho de Umbanda e não para o Universo em si) e que são classificadas por mim como: Linha da Fé, Linha da Demanda, Linha das Matas, Linha da Justiça, Linha dos Ventos, Linha das Águas e Linha das Almas¹.

A Linha seria a composição básica que é emanada de Deus Inefável ou do Universo, dentro de cada uma teríamos uma flexão ou multiplexação das forças ou um desdobramento das forças principais em outras mais.

Então, dentro da Linha da Fé, por exemplo, temos mais sete subdivisões, que chamamos de falanges. Dentro de cada uma das falanges, por consequência, temos

mais sete subdivisões que chamamos de legiões e assim por diante, ou seja, dentro das legiões, temos sete povos, dentro dos povos, temos sete tribos e vamos assim dividindo até o infinito.

Com esse pensamento, podemos dizer que TODOS os tipos de espíritos acabam encaixando em algum lugar dentro da hierarquização de Umbanda.

Porém, a Umbanda não é documentada como um todo e tampouco isso seria necessário.

Temos um grande volume de informação sobre as linhas da Fé, de Demanda, das Matas, da Justiça, das Águas, mas pouquíssima informação da Linha dos Ventos e suas falanges e também da Linha das Almas, deixando espaço para conjecturas.

Um exemplo da forma de organização que seguimos no Perdido é a seguinte:

1. Linha da Fé (Oxalá, Regência Jesus Cristo)
 - 1.1 Falange de Santo Antônio
 - 1.2 Falange de São Cosme e São Damião
 - 1.2.1 Legião das Crianças
 - 1.2.2 Legião de Omulu (Cura e Almas)
 - 1.3 Falange de Santa Rita
 - 1.4 Falange de Santa Catarina de Alexandria
 - 1.5 Falange de Santo Expedito
 - 1.6 Falange de São Francisco de Assis
 - 1.7 Falange de São Benedito
 - 1.7.1 Legião dos Pretos-Velhos
 - 1.7.1.1 Povo da Costa
 - 1.7.1.1.1 Tribo dos Baianos (Linha de Trabalho dos Baianos)

1.7.1.2 Povo do Congo

1.7.1.3 Povo de Angola

1.7.1.3.1 Povo de Aruanda

1.7.1.4 Povo de Benguela

1.7.1.5 Povo de Moçambique

1.7.1.6 Povo de Luanda

1.7.1.7 Povo da Guiné

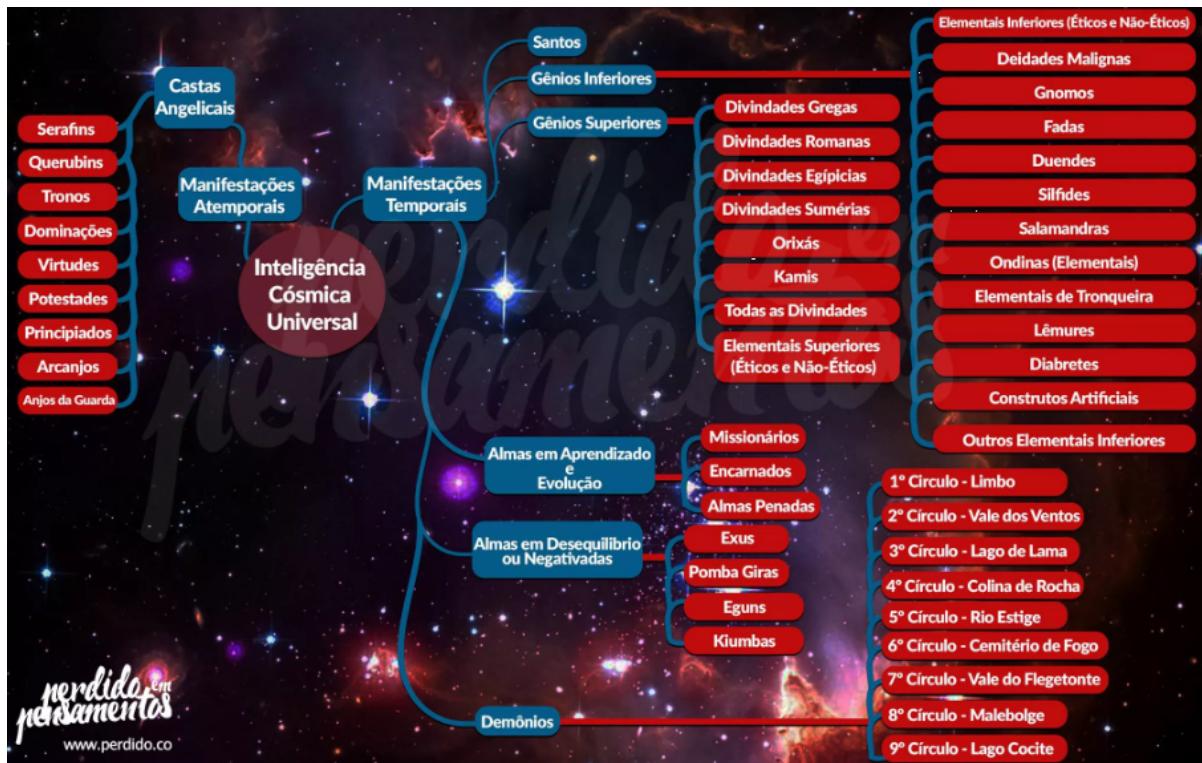
1.7.1.7.1 Tribo de Arruda

Iremos colocar junto ao material didático imagens em alta resolução com essa hierarquização.

Outras manifestações dentro da Umbanda

Apesar de um pouco complexo, podemos dizer que dá para compreender com certa concentração, foco e estudo. Porém, o que ocorre quando temos seres que não são classificados como entidades propriamente ditas? Onde entram os Anjos, Elementais, Elementares, Gênios, Demônios e outras categorias de seres que habitam o astral?

Para facilitar essa compreensão, nosso colaborador Jhonathan Endrigo, criou o organograma abaixo, que também disponibilizamos em resolução melhor no material da sala de aula.



Utilizando de artigos que encontramos no blog Perdido em Pensamentos¹⁶, ele criou esse fluxo para compreendermos melhor a categorização de cada uma das entidades.

Claro que as nomenclaturas e outras determinações, seguem o que o blog promulga, não sendo uma visão universalista. Aliás, toda forma de estudo e categorização serve apenas para que possamos compreender melhor as coisas, dentro do ponto de vista humano. Isto quer dizer, que o Astral tem sua própria regra, que nos é velada.

As **Manifestações Atemporais** são aquelas que não estão presas à noção de tempo que a maioria possui. Foram criadas pelo Divino Criador, anteriormente a criação da matéria ou de qualquer passagem de tempo, justamente por isso não estão sob sua regência. Podem atuar no plano material ou temporal, por meio de manifestações da sua inteligência, mas nunca “corporeamente”, se é que podemos dizer que eles possuem qualquer tipo de corpo.

¹⁶ Origem de todo trabalho de Douglas Rainho. Conheça em www.perdido.co

As Manifestações Temporais são as que foram criadas no interlúdio ou após a criação do tempo, incluindo todas as almas humanas ou não-humanas, e as próprias criações artificiais dos magos (elementares, construtos mentais, sigilos e servidores).

Dentro dessa categorização temos as divindades das muitas culturas, que acessam os poderes atemporais – naquilo que chamamos de teoria de potes – e que muitos confundem achando se tratar de uma só manifestação, estes podem ser tanto Sheditim (Gênios) quanto Divindades artificiais, criadas pela adoração e pelo poder mental dos humanos.

Então, Orixás, Deuses Gregos, Egípcios, Kamis e Elementais Superiores, podem estar atrelados a categoria dos Gênios. Ainda dentro desta categoria temos os gênios inferiores, com poder limitado, geralmente associados aos planos elementais da natureza, mas não restritos a estes.

O que devemos ter em mente é que mesmo se tratando de uma divindade superior, isso não implica que ela seja boa, pois o Bem e o Mal são condições humanas e limitadas para nossa compreensão. O que podemos dizer é que eles são éticos e não-éticos, mesmo assim, lembrando sempre que ética depende da ótica de cada um.

As almas são outras entidades que tratamos muito nas manifestações espirituais, aqui incluímos os encarnados e desencarnados. Dentre estes temos as almas missionárias, as almas encarnadas, as almas penadas e as almas em desequilíbrio e negatividade.

Dentre essas almas, em sua grande maioria, são espíritos humanos, porém na categoria de Exu e Pombagira, podemos encontrar Espíritos Naturais ou Encantados, que são como elementais em sua manifestação ou comportamento.

Uma outra categoria seria a dos demônios, e para tal, usamos a classificação dada pela obra de Dante Alighieri, "A Divina Comédia". Não é exatamente assim, mas usamos desta classificação para melhor compreensão daquilo que chamamos de zonas inferiores, demoníacas ou inferno. Escrevi um artigo sobre isso [Zonas de Sofrimento: Umbral, Limbo, Crosta e Inferno.](#)

Aqui há algo a se destacar, não podemos classificar exatamente o Demônio ou muitos demônios como "SERES" mas sim como cargos, o mesmo que ocorre com os

anjos. Então na posição do famoso diabão Lúcifer, na minha opinião um cargo, já passaram diversos seres totalmente negativados e entregues às trevas.

Contudo, nada é estático no mundo astral, levando os mesmos a se “aprimorarem” e mudarem de condição, deixando o cargo para ser ocupado por outro ser, que assume o cargo de Lúcifer, por exemplo.

E as entidades de Umbanda, onde estão? Dentro das almas Missionárias em grande parte e outros dentro dos Espíritos em desequilíbrio ou negativados.

Essa exposição foi para dar mais recursos para que vocês possam fazer suas próprias considerações. Não existe verdade absoluta, mas sim conceitos e convenções que adotamos para não entrarmos em loop cerebral. Siga a sua própria mente e adote aquilo que melhor lhe couber.

Uma outra forma de enxergar a questão das almas “humanas” é através da [Escala Evolutiva dos Espíritos](#), na qual já fizemos um [estudo extenso](#).

TÁ FALTANDO ORIXÁS NA UMBANDA?

O questionamento sobre Orixás sempre se dá quando a gente diz que não cultuamos Orixás na Umbanda, como visto no nosso [Pensamentos 77](#).

Contudo, o que a gente tem que entender é que a ideia e o entendimento sobre Orixás na Umbanda é bem diverso do culto de nação e do Candomblé, porém isso não implica em não dizer que essas forças não atuam na Umbanda, apenas não são deificados ou individualizados.

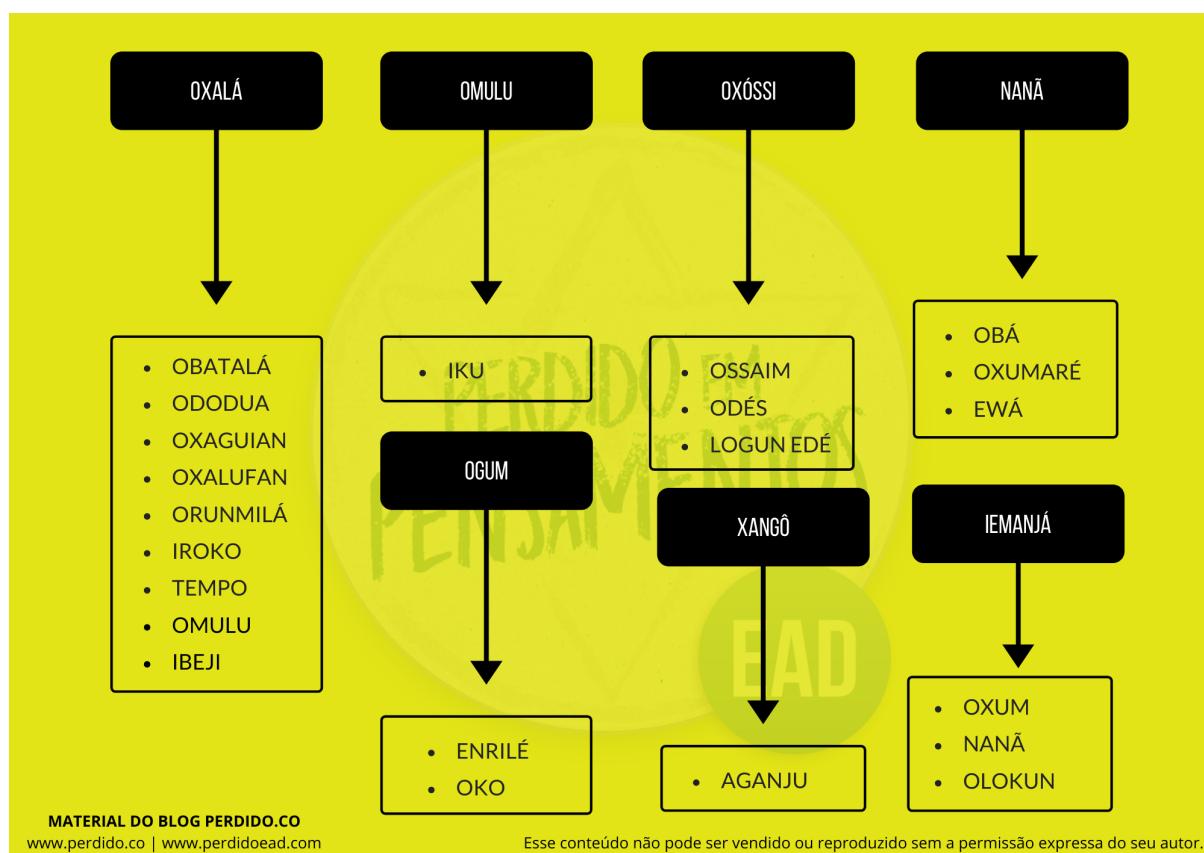
Da mesma forma acabam sempre ressaltando que faltam muitos Orixás tais como: Oxumaré, Logun Ede, Obá e alguns outros mais desconhecidos como Enrilé, Aganju, Iku, Iroko, etc.

Claramente a gente tem que compreender que não há linha para tudo isso de Orixá, contudo cada um desses Orixás representam domínios dentro da natureza universal que acabam sendo encontrados dentro das Sete Linhas de Umbanda, muitas

vezes não trabalhados nominalmente, mas evocados conforme o respeito a hierarquia de Umbanda em Falanges e Legiões.

Sabemos que dentro da Linha de Oxalá encontramos o Orixá Obaluayê / Omulu, dentro da minha tradição eu acabo sempre me referindo a ele como Omulu.

Omulu é o senhor da doença e da terra, acaba sendo a sua versão mais velha, com isso mais sábia e madura. Ele está sob a égide de Oxalá! Um orixá ancestral e o mais importante dos Orixás (sim, tem gente que se esquece de Oxalá na Umbanda...).



E dentro da tradição ainda de Umbanda que sigo o Orixá Tempo e Iroko estão também aí, em algum lugar dessa linha de fé. Onde precisamente? Não faço ideia. Mas também lá estão todos os demais Orixás Fun Fun (do branco), tais como: Obatalá, Orunmilá, Oxaguian, Oxalufan, Ododua, etc.

Encontramos também dentro das linhas de Oxalá sob o domínio de Omulu e cruzado com as forças de Nanã o Orixá Iku, o Orixá da Morte.

Na linha de Ogum encontramos Enrilé, apesar deste ser um caçador e poder ser considerado um dos muitos Odés, ele está ligado muito a saúde física e a força física, um dos atributos de Ogum. Aqui também encontramos o Orixá Oko, que é o Orixá da Agricultura.

Na linha de Oxóssi podemos encontrar Ossaim (Ossanha) e também os demais Odés (Orixás Caçadores), além do próprio Logun Edé¹⁷, filho de Oxóssi¹⁷ e Oxum.

Na linha de Xangô encontramos Aganju, que no Brasil é muito confundido com uma qualidade do próprio rei de Oyó. Neste caso Aganju tem o domínio sobre os vulcões e os terremotos! Enquanto Xangô é o fogo celestial, Aganju é o fogo terreno.

Na Linha de Iemanjá encontramos as clássicas Oxum, Nanã Burukê e Olokun.

Quando adentramos o entendimento de Nanã Burukê, podemos encontrar: Oxumaré, Ewá e Obá. Sendo Oxumaré e Ewá filhos de Nanã, não é de se estranhar, mas e Obá? Bom Obá também tem domínios sobre as águas lodosas, cheias de terra, prováveis enchentes e afins. Então terras com barro (energia da água e da terra misturadas em revolta) são dadas a essa Orixá Guerreira.

Conseguem ver como as coisas são muito mais profundas? A gente explica a superfície e depois a devemos nos aprofundar.

Contudo a maior parte das pessoas se fixa apenas no ensinamento dado superficialmente, também conhecido como conhecimento Exotérico (com X mesmo) e poucos se detém no conhecimento Esotérico (com S) que é fechado a entendedores e merecedores.

Isso se dá também pois muitos não possuem esse conhecimento ou não se colocam na posição de pesquisa e raciocínio para tomarem suas próprias concepções sobre as práticas que vivenciam nos terreiros.

Quando pela observação começamos a aprender e posteriormente refletir geramos sabedoria. Isso só aumenta cada vez mais nossa gama de informações.

¹⁷ No mito original é filho de Enrilé com Oxum.

Para complementar ainda mais essas informações, também disponibilizamos um vídeo sobre o assunto em nosso canal do YouTube.

Para ver o vídeo siga o link: [▶ Pensamentos 78 - Orixás na Umbanda Tradicional](#)

QUALIDADES DOS ORIXÁS NA UMBANDA

Dentro dos candomblés e de alguns cultos de nação é comum ouvir falar sobre Oxaguian, Oxalufan, Xapanã, Obaluayê, Omulu, Logun Ede, Xango Caô, Xangô Agodô, Oxum Apará, etc. Porém, dentro da Umbanda isso não faz muito sentido.

Dentro de outras religiões que cultuam Orixás, esse tipo de qualificação se dá o nome de Qualidade do Orixá. Uma forma de pormenorizar o que cada irradiação divina faz. Claro que na maioria desses cultos e religiões, a visão que se tem do Orixá é de divindade, uma individuação de um poder ou poderes.

Na Umbanda, a visão de Orixá é diferente, mas acabou se contaminando com a mistura entre os cultos e o ingresso de ex-candomblecistas dentro do culto de Umbanda. Isso não é errado, mas um movimento natural de sincretismo e de miscigenação de cultos, a que toda religião está submetida.

Neste texto não estamos querendo apontar quem está certo ou errado, só queremos demonstrar as diferenças entre as qualidades e os cruzamentos (que é o termo usado na Umbanda) dos Orixás em si.

Orixás: Energia ou Indivíduo

Dentro da concepção da Umbanda a palavra Orixá é usada em duas ocasiões:

1. Como uma irradiação divina.
2. Como um sinônimo para espírito evoluído.

Começando pelo segundo entendimento, um Orixá pode ser um espírito de alta hierarquia, que atingiu um grau de elevação moral e intelectual tamanho que pode ser confundido com uma irradiação divina. A esses dão-se os nomes de Orixás

Intermediários ou Intermediadores, também conhecidos como falangeiros. Caso de: Ogum Beira-Mar, Ogum Nagô, Orixá Mallet, etc.

Também pode ser associado aos falangeiros primordiais que dão nome às falanges, como Tranca-Ruas, por exemplo, como diz no ponto:

"Seu Tranca-Ruas é um Orixá

Seu Tranca-Ruas é um Orixá

Na linha de Umbanda ele vem trabalhar

Na linha de Umbanda ele vem descarregar."

Já conforme o entendimento como irradiação divina podemos considerar que seria como uma divindade ou uma individualização dos domínios emanados por Deus Inefável, o que alguns chamam de forças da natureza.

Claro que não é bem assim que as coisas se processam, conforme a gente já comentou em nosso artigo Deuses, Orixás, Santos e outras Divindades, pois o Umbandista e outros cultuadores tendem a achar que tudo se explica pela Umbanda ou pelos Orixás, mesmo que um chinês nunca tenha ouvido falar sobre esse termo na vida.

Então, vamos considerar que as irradiações que chamamos de Orixás são emanações naturais acessíveis por diversas entidades e que por meio destas processam os efeitos e fenômenos mágicos, religiosos e, porque não, naturais.

Contudo, no nosso Universo, tudo se conjuga, tudo se aproxima, tudo se mescla. Um átomo de um elemento ao encontrar outro par do mesmo elemento ou de um elemento distinto, se torna uma molécula de um novo elemento, que conjugado com outros se tornam ainda mais elementos distintos, assim quase infinitamente nesta dança cósmica de atração e repulsão.

Da mesma forma funcionam as irradiações divinas, quando emanadas puramente, podemos considerar ela apenas um tipo de emanação, como por exemplo a energia da fé.

Contudo, se essa energia se entrecruza, ou em outras palavras, se mistura com a energia da Demanda, ela se tornará uma terceira força, que será da fé+demanda.

Usando da linguagem de terreiro, podemos dizer que é um cruzamento da Força da Fé e a Força da Demanda, em seus domínios, resultando em uma terceira energia diferente, dos Guerreiros da Fé.

Então, com a figura de linguagem emprestada dos nomes dos Orixás, quando Oxalá se conjuga com Ogum, encontramos então o chamado Oxaguiã ou Oxaguian. Dentro do entendimento da Umbanda Tradicional.

Vamos a mais um exemplo, como a de Iansã e Oxum, que irá resultar em Oxum Apará ou Opará; Oxalá (Obatalá) + Omulu, que se tornaria Oxalufan, assim por diante.

Só que esses termos não fazem o menor sentido dentro da Umbanda, e por isso que usamos o cruzamento como um denominador ou qualificador. Então uma entidade que traga força de Oxalá e de Ogum é um Soldado da Fé, um Caboclo de Ogum cruzado com Oxalá; como por exemplo Ogum Matinata.

O Ogum Beira-Mar é um Ogum que traz a força de Ogum e também de Iemanjá, ainda entrecruzando por vezes com Omulu. Desta forma é um Caboclo ou Falangeiro de Ogum, cruzado com Iemanjá e Omulu, tendo acesso aos domínios desses três orixás, direcionando-se sempre pelo primeiro, ou seja, seu modus operandi será de um caboclo de Ogum, dentro dos domínios das Águas (emoções) e também da Transmutação e Morte (Omulu).

Estou tentando deixar o mais didático possível esse texto, então já espero represálias pelo mesmo, porém o que importa é se fazer entendido.

A Coroa do Médium e os Orixás

Seguindo esta lógica podemos deixar bem claro que as coroas mediúnicas irradiadas pelos Orixás, funcionam exatamente assim: duas energias que se conjugam, se complementam e se opõem o tempo todo em busca de um equilíbrio.

O Orixá de Frente te dará o direcionamento da sua vida nos aspectos mais racionais e de comportamento, será como você agirá e muitas vezes também demonstrará o que você precisa aprender (e evitar) nesta encarnação.

O Orixá de Juntó te dará o direcionamento emocional, contrabalanceando as forças do orixá de frente, muitas vezes agindo como uma sombra dominadora em nossa vida.

Daí que surgem as duplas, conforme as necessidades individuais de cada médium. Dentro da Umbanda os Orixás que "tomam" a coroa são: Oxalá, Ogum, Iansã, Iemanjá, Oxóssi, Xangô, Oxum, Omulu e Nanã.

Dentro da Umbanda não existem outros tipos de Orixás na coroa, devido a sua interpretação. Desta forma alguém com Logun Edé na coroa, terá de fato Oxum e Oxóssi ou Oxóssi e Oxum.

Conseguem compreender o raciocínio? Pode parecer meio etéreo a princípio, mas comece analisando as pessoas e verá que esse conjunto de Orixás já comprehende todo o espectro emocional do ser humano e já é mais que o suficiente para "encontrar" os direcionamentos das vidas daqueles que seguem por esse caminho.

Ser um filho de Iemanjá e Ogum, implica em ter emoções mais maternas e também direcionamentos mais precisos. Porém, pode ser polarizado negativamente, para ser apegado demais, até mesmo vingativo, sabendo que pode ferir de forma emocional e racional (frio e calculista), aqueles que pretendem ferir. Tudo é polaridade!

AS SETE LINHAS NO CHÃO DE JORGE

O Chão de Jorge segue a filosofia e doutrina ditada pelo Caboclo Rompe-Mato e os demais guias chefes da casa¹⁸, desta forma eles definiram que as setes linhas de nossa tradição seria:

1. Linha da Fé
2. Linha de Demanda
3. Linha das Matas
4. Linha da Justiça
5. Linha dos Ventos
6. Linha das Águas
7. Linha de Almas

Essa hierarquia é respeitada dentro de nossos rituais, contudo serve como apoio didático para o entendimento das manifestações e nunca como um sistema aprisionador e definitivo. As entidades possuem dentro dos seus mistérios o que chamamos de entrecruzamentos, que podem dar a elas acessos a energias de outras linhas, falanges e legiões.

O sistema de organização energética das linhas se baseia na dupla Orixá e Santo, lembrando das nossas teorias dos potes, que apesar de usarmos a identificação do Santo Católico, não precisaríamos de uma imagem para representá-los. Quando saudamos Ogum, não estamos saudando o Ogum africano, mas a ideia, o conceito e a construção do Ogum de Umbanda, que acaba por misturar tanto o Ogum Africano, quanto o Santo Católico, Jorge da Capadócia.

Além disso, nessa construção ainda entra todo entendimento mágico e religioso baseado no que a população (magia popular) tinha desse santo, não necessariamente sendo fiel a sua biografia enquanto encarnado ou aos itans (histórias míticas) dos Orixás africanos.

O que devemos manter em mente é que essa abordagem procura manter tanto preservada a tradição, quanto a dar entendimento que o sincretismo é um recurso e não é o tronco principal da religião.

¹⁸ Caboclo Rompe-Mato, Vovô Francisco do Congo, Baiano Severino e Exu Tiriri da Calunga.

A LINHA DA FÉ

A Linha da Fé é encabeçada pelo par energético Oxalá e Jesus Cristo. Ambos possuem domínios similares, sendo a primeira das sete linhas de Umbanda de nossa tradição. Seus domínios são os que remetem à fé.

Jesus é uma figura muito importante para o mundo ocidental, sua mensagem sobrevive há milênios, apesar de sua existência não ter uma comprovação histórica, gerando muitas controvérsias. Contudo há uma relevância em sua figura, desta forma, todo modo de vida ocidental foi influenciado pelos evangelhos que são tidos como seus ensinamentos¹⁹.

Oxalá, orixá funfun, o senhor do branco, é tido como o mais expressivo e importante Orixá do panteão africano iorubá. Teria sido ele o incumbido por Olodumaré a construir todo o mundo (universo conhecido), mas após ser interpelado por Exu, embebedou-se tremendamente, adormecendo, deixando de fazer o que deveria fazer. Ododua²⁰, vendo Oxalá deitado em um sonho profundo, pega o saco da criação e ele mesmo cria todo o Universo. Envergonhado Oxalá pede desculpas a Olodumaré que o incumbe de criar o ser humano, tanto o homem, quanto a mulher, e assim, disponde da lama de Nanã ele molda os seres humanos para que Olodumaré sobre a vida dentro de seus corpos. Por sua vergonha, Oxalá nunca mais bebeu qualquer bebida com teor alcoólico, sendo que isso pode passar a seus filhos que devem evitar as bebidas alcoólicas.

Oxalá também é chamado de Orinxalá, Orixalá, Obatalá, Oxaguiã e Oxalufá²¹. Recebe também a alcunha de senhor de TODOS Orixás, sendo o maior entre eles.

Uma das características mais marcantes de Oxalá é sua paciência, porém em certos aspectos pode ser muito teimoso. Foi Oxalá quem concede a Exu a primazia sobre as oferendas.

É dito que todos iam até Oxalá, para pedir favores e aconselhamento. Contudo, por causa do grande movimento, Oxalá não conseguia trabalhar, então decidiu colocar Exu em uma encruzilhada, no caminho da sua casa.

¹⁹ Claramente deturpados pelos seus seguidores e principalmente pelo catolicismo romano.

²⁰ O Orixá baseado no mito heróico. Temos relatos de Ododua como homem ou mulher.

²¹ Alguns desses termos se referem a qualidades do orixá Oxalá.

Todos que passassem por lá, deveriam entregar as oferendas e presentes para Exu, assim só ele poderia levar até Oxalá. Oxalá reconheceu Exu, pelo enorme trabalho que esse tinha e decidiu que todos deveriam primeiro presentear Exu, antes de Oxalá.

Nessa lenda vemos a situação da dualidade. Ninguém chega a ordem antes de passar pelo caos ou até mesmo, que não existe luz sem trevas, não existe criação sem entropia. As lendas têm em sua simplicidade, ensinamentos muito profundos.

Na África é considerado um dos Orixás Funfun (branco), grupo de orixás que são dados como criadores da vida e do universo. Dentro da tradição, os filhos de Oxalá assim como o próprio, não podem beber nada que seja alcoólico. Assim como as comidas oferecidas a esse orixá, não podem conter sal ou azeite-de-dendê. Também é dito que não devem se alimentar de carne de galinha-de-angola, e aqui no Brasil, de galinha e frango.

Uma curiosidade é que os filhos de Oxalá, não devem comer carnes vermelhas ou de outras espécies na sexta-feira, com exceção de peixes. Assim, surgiu dentro do costume dos restaurantes servir peixe às sextas-feiras, no cardápio comercial.

Como já foi dito na Umbanda Oxalá é sincretizado com o Jesus Cristo, o mestre nazareno que nos trouxe ensinamentos de paz e amor.

Representa a paz e a pureza espiritual. É a ascensão última do ser humano, em busca de Deus e da perfeição. Muitos espíritos de frades, freiras e padres se manifestam nessa linha, assim como pretos-velhos e pretas-velhas. Ainda podemos encontrar, as almas santas, soldados de fé, Espíritos de Santos e Espíritos Puros Elevados.

Oxalá, usualmente, não se manifesta incorporado. Essa característica se estende a grande parte dos espíritos que trabalham sob sua irradiação. Porém, eles atuam nos bastidores, em grupos de oração e em todo local que estiverem comungando o pensamento de fé e paz. Lembrando bastante as palavras de Jesus: *"Quando dois ou mais estiverem reunidos em meu nome. Lá também estarei eu."*

Eu caracterizo a presença da falange dos pretos e pretas-velhos dentro dessa linha pela questão da ancestralidade. A figura clássica de Oxalá, mostra um senhor, com toda paciência, encurvado e de tez negra. Nada mais próximo do que a representação com esse orixá, contudo isso não implica que os pretos e pretas-velhas não possam trabalhar sobre a irradiação, ou como costuma-se dizer no jargão da Umbanda mais

tradicional, cruzados com a energia das outras linhas. Mas claro que temos algumas exceções, como é o caso dos Pretos-Velhos Quenguelê e também dos Kimbandeiros.

Dentro das suas características, Oxalá carrega a cor branca e irradia no elemento éter. Seu axé pode ser encontrado nos minerais brancos e transparentes, como o quartzo ou cristal de rocha. Seus domínios são a fé, a crença, a religiosidade, a pureza e o amor divino.

Pode ser simbolizado pela cruz, pelo pombo branco, pelo peixe e pela estrela de 5 pontas. Saudamos a suas forças com a expressão: "*Epa Babá Oxalá!*" ou em alguns terreiros mais tradicionais com "*Atotô Abaluayê!*", que significa: eu me coloco em silêncio diante do Senhor da Terra.

Comemora-se o dia de Oxalá, pelo sincretismo, conjuntamente com o Natal. Data reservada pela tradição cristã como o nascimento de Jesus.

Oxalá é o grande pai e por isso sempre deve ser representado nos altares acima dos demais Orixás.

Algo bem claro aqui é a ausência de uso de elementos como álcool e tabaco nas linhas de Oxalá, com exceção dos Pretos-Velhos e suas falanges, legiões e povos.

Dentro da Linha de Oxalá encontramos as falanges:

- Falange de Santo Antônio
- Falange de Cosme e Damião
- Falange de Santa Rita de Cássia
- Falange de Santa Catarina de Alexandria
- Falange de Santo Expedito
- Falange de São Francisco de Assis (Semiromba)
- Falange de São Benedito (Sakaangas)

A LINHA DE DEMANDA

Ogum não é São Jorge e tampouco São Jorge é Ogum, mas ambos são representações da mesma força primordial da Lei, da Ordem e da Demanda.

Primeiro algumas considerações sobre esses três domínios:

O domínio da Lei não é efetivamente a nossa lei terrena. Pode ser que aqui seja liberado o aborto por exemplo, porém não é uma LEI MAIOR. Ainda assim, haverá penas e punições²² (dadas pela consciência do próprio espírito) sobre isso.

Essa Lei a qual nos referimos como suprema é a lei de Causa e Efeito. O domínio da Ordem é a ordem universal, logo às vezes é preciso destruir para construir. O domínio da Demanda não é praticar o mal, mas simplesmente fazer cumprir a lei de Causa e Efeito.

Se você plantar, você colherá, ou nos termos evangelizadores: A Semeadura é opcional mas a Colheita é obrigatória. Justamente aqui que vemos a presença do termo que dá nome a Linha.

Acionar São Jorge ou Ogum, na força da ordem, da lei e da demanda esperando que essa entidade faça tudo do nosso jeito é ser ingênuo. Assim como dizem que acionar Xangô é complicado, o mesmo se dá para Ogum.

Para os filhos de Ogum essa atribuição já ficou bem clara, pois quando se pratica algo que foge da Lei Maior, ou tem característica dúbia ou nebulosa, com certeza logo a frente se tropeça e cai.

Ogum é implacável quando cumpre seus desígnios, mas isso não quer dizer que tudo será pago no tempo que julgamos correto, pois essa força tem uma visão bem mais panorâmica²³ de tudo que está implicado na vida de todos os seres.

A figura de Ogum é associada a São Jorge, que foi um soldado romano a serviço do imperador Diocleciano. Acabou se tornando santo (mártir) cristão. É um dos mais populares santos do mundo, sendo considerado padroeiro de vários países e cidades

²² Esse é um exemplo bem radical, para dar entendimento sobre o que é Lei Maior e Lei Terrena. A culpa, punição e pena é dada pela nossa própria consciência. Sabendo disso, tudo está certo dentro da Lei.

²³ Por isso os conceitos de bem e mal terreno não se aplicam.

como: Inglaterra, Portugal, Geórgia, Catalunha, Lituânia, Sérvia, Montenegro, Etiópia e das cidades de Londres, Barcelona, Génova, Moscou e do Rio de Janeiro.

Tem diversas lendas que são atribuídas a ele, mas a mais clássica é a do Dragão. Muitos dizem que São Jorge matou o dragão, mas na verdade isso não ocorreu. O que acontece é que o dragão é uma simbologia para os quatro elementos primitivos da natureza: Ar, Terra, Fogo e Água.

São Jorge teria subjugado o dragão e entrado com ele na coleira dentro da cidade, ou seja, ele nunca matou o dragão, mas o domesticou ou dominou. Isso é uma alegoria para dizer que ele excedeu os limites materiais e dominou todos os elementos.

Justamente por isso vejo São Jorge tanto com atributos de Fogo quanto de Ar, passando por demais elementos compostos como é o caso do Metal. Podemos considerá-lo um grande taumaturgo²⁴.

Ogum é o Orixá Nagô, senhor do ferro, da guerra, da agricultura e da tecnologia. Curiosamente é dito que no culto original da África só os homens poderiam cultuá-lo. Ainda na cultura africana é dito que Ogum foi um dos primeiros Orixás a descer do Orun para o Aiye.

Eu vejo isso de uma forma simbólica, visto que há relatos de Ogum ter sido um homem encarnado que ascendeu aos céus. Então, digamos que o Espírito que viria a animar o corpo material de OGUM era alguém evoluído que veio em missão na terra e que se encantou (passou a uma evolução ainda maior) se tornando um Orixá com a sua morte.

Também é considerado o Orixá com o culto mais antigo de todos. Na Umbanda esse simbolismo se dá dizendo que Ogum vai à frente sempre! É ele quem abre os trabalhos e que dá o tom de como serão as conversas com o astral.

O que poucos reparam é que Ogum apesar de ser associado a guerra também é considerado aquele que criou a civilização, ou seja, que uniu diversas pessoas em torno de um só objetivo que é manter a ordem para um bem maior, fundando cidades para se protegerem.

²⁴ Aquele que tem grandes prodígios, o operador de milagres, milagreiro, quem faz atos prodigiosos.

Pode ser sincretizado com São Jorge, São Pedro, São Paulo, São Miguel Arcanjo e outros guerreiros da fé.

Os filhos de Ogum acabam atraindo suas qualidades e defeitos, são retos, obstinados e muito corretos; mas podem ser tomados pela fúria, pelo ímpeto e acabam fazendo grandes estragos por onde passam.

Da mesma forma um filho de Ogum, nunca consegue fugir da lei por muito tempo. Se pisou onde não devia hoje, amanhã já estará pagando. Deve evitar sempre os excessos que podem prejudicar seu temperamento, como por exemplo a bebida alcóolica. Seu dia é 23 de Abril e é sincretizado na Umbanda com Ogum.

Essa linha, como a maioria, possui sete falanges que são:

- Falange de Ogum Beira-Mar
- Falange de Ogum Rompe-Mato
- Falange de Ogum Iara
- Falange de Ogum Megê
- Falange de Ogum Naruê
- Falange de Ogum de Malê
- Falange de Ogum Nagô

Uma das curiosidades dessa linha é a questão das entidades e falangeiros, geralmente não se apresentarem com o arquétipo africano (há exceções, como tudo na Umbanda), mas como soldados romanos e cristãos. Mesmo aqueles que têm um lado encantado ainda carregam vários elementos da crença cristã.

Encontramos Ogum em tudo e essa linha é também a responsável pela segurança do terreiro, sendo os VERDADEIROS GUARDIÕES de UMBANDA! O magnetismo de um falangeiro de Ogum é tão temido, que só com a aproximação deles, os espíritos mais fracos ficam paralisados.

Inclusive, é por isso mesmo, que os Exus são tão respeitosos com os Oguns e trabalham para os mesmos como associados.

Não é OGUM que manda na linha de Exu, mas com certeza os Exus temem bastante o braço da Lei que são os OGUNS. Exu e Ogum como Orixás dentro da cultura Nagô/Yorubá por vezes são considerados até irmãos. Mas dentro da Umbanda não existe ORIXÁ EXU. Como então se dá a relação dos Exus (Linha de Trabalho) com a Linha de Ogum?

Ogum é como se fosse a tropa de elite e os Exus como se fossem os soldados desta tropa. Quando há uma demanda dentro da Lei ou mesmo que a afronta, Ogum é chamado para anulá-la e cortar a sua ação. Mas em muitos casos existem questões materiais nas demandas, como o caso de ofertas e despachos. Em outros tantos casos há também um pacto com algum Exu, Kiumba ou Egum, para que a ação maléfica seja eficaz.

Vamos dizer que os Oguns então agem como agentes de um serviço de inteligência que descobrem o que está por trás daquele problema e também onde está localizada a "bomba" e o Exu é quem vai lá meter a mão na sujeira.

O papel de guarda e sentinelas é de Ogum.

Ogum é o senhor dos caminhos, das estradas, enquanto Exu trabalha no encontro desses caminhos.

LINHA DAS MATAS

A Linha de Oxóssi, regida por São Sebastião, dentro da tradição de Umbanda ocupa a terceira escala ou terceira linha. Nesta linha encontramos basicamente espíritos de caboclos e caboclas, sendo eles espíritos de índios e de mestiços de índios e brancos. Podemos encontrar representantes de quase todas as tribos brasileiras e até mesmo de algumas tribos norte-americanas.

Oxóssi tem a regência sobre a lógica, a racionalidade, a cura, a prosperidade e a fartura. É a linha que imprime o sentido de busca por um ideal ou objetivo, porém com sabedoria, sem ser impetuoso ou até mesmo inconsequente.

Entendam que o indígena que ia a mata para buscar a caça (subsistência da tribo) não podia simplesmente se jogar no mato sem saber o que fazer. Ele precisava conhecer os meandros da mata, suas malícias e de seus habitantes, para não virar presa ao invés do predador.

Assim como deveria conhecer ervas que lhe ajudassem a tirar seu cheiro, a lhe curar, onde tinha água, quais alimentos podem ingerir e afins. Caboclos podem conhecer tanto os remédios como os venenos, aliás às vezes os dois são a mesma coisa, apenas duas faces da mesma coisa. Vejam o exemplo da toxina de sapo extraída na amazônia, conhecida como Vacina do Sapo:

"Desde a metade da última década, em grandes cidades do Brasil, começou a se difundir o uso da secreção da rã arbórea Phyllomedusa bicolor , chamada de kambô. Tradicionalmente usada como revigorante e estimulante para caça por grupos indígenas do sudoeste amazônico (entre eles, Katukina, Yawanawa e Kaxinawá), nos centros urbanos tem havido um duplo interesse pelo kambô: como um "remédio da ciência" – no qual se exaltam suas propriedades bioquímicas – e como um "remédio da alma" – onde o que mais se valoriza é sua "origem indígena". O kambô tem se difundido, sobretudo, em clínicas de terapias alternativas e no ambiente das religiões ayahuasqueiras brasileiras, isto é, entre adeptos do Santo Daime e da União

do Vegetal e de suas dissidências. Os aplicadores são bastante diversos entre si: índios, seringueiros e ex-seringueiros, terapeutas holísticos, líderes ayahuasqueiros e médicos.

Todos os caboclos, mesmo os que vêm nas outras linhas, sofrem a irradiação da linha de Oxóssi, que é regida por São Sebastião. Inclusive Luís da Câmara Cascudo relata em seu Dicionário do Folclore Brasileiro que São Sebastião foi visto em carne-e-osso lutando contra a ocupação francesa na baía de Guanabara ao lado de indígenas, portugueses e mamelucos.

Há também uma coincidência envolvendo o nome Sebastião, pois muitos praticantes de encantaria e até mesmo em Portugal, creditam caráter místico a um rei de Portugal chamado Dom Sebastião, que havia se encantado em águas brasileiras e "baixaria" nas sessões com sua corte.

Dentro das práticas litúrgicas da Umbanda, encontramos a figura do Caboclo fundamentando a religião e também a sua prevalência sobre outras linhas excetuando com as de pretos-velhos que acabam sendo pilares irmãos.

São os caboclos, das mais diversas linhas, que acabam tomando a frente na Coroa Mediúnica do umbandista, se tornando assim seu chefe-de-coroa, ou melhor, o espírito responsável pela mediunidade daquele "aparelho".

Os falangeiros de Oxóssi geralmente possuem uma postura mais altiva, aguerrida e representam o ser humano na sua maturidade e toda potência física, mas ainda assim carregado de sabedoria natural.

Porém diferente dos Caboclos de Ogum, sua manifestação é mais alegre, dançante, com brados, sinais e uma teatralidade ímpar. Além disso, são mais comunicativos e até mesmo brincalhões por algumas vezes.

São os falangeiros de Oxóssi que conhecem os segredos das matas e de seus habitantes, são os índios do interior, aqueles que mais representam a sabedoria indígena e podemos encontrar além de guerreiros, também pajés. Trabalham com as ervas e com os encantados da nossa natureza, principalmente os espíritos, a quem chamam de Anhangá ou Abaçai, doutrinando-os e combatendo-os.

A figura que rege essa linha é São Sebastião, um mártir cristão, soldado romano que acabara enaltecendo os corações dos cristãos que eram perseguidos e até mesmo convertendo os soldados pagãos.

Apesar de ser querido de alguns imperadores, Sebastião era muito brando para com os Cristãos, então acabou sendo tratado como traidor posteriormente e sua execução foi ordenada. Sua pena foi a morte por flechadas. Esse simbolismo é o que o associa no sincretismo com Oxóssi, que usa a flecha como arma.

Mesmo sendo alvejado por muitas vezes, Sebastião não morreu, porém os soldados não acreditavam que ele sobreviveria e o jogaram em um rio. Encontrado por Santa Irene e cuidado por ela, recuperou-se, voltando a se apresentar ao Imperador Diocleciano, que ordenou uma nova execução, desta vez por espancamento. Porém desta vez Sebastião sucumbiu e seu corpo foi atirado nos esgotos da cidade de Roma, sendo encontrado e preparado para o sepultamento por Santa Luciana. Devemos lembrar acima de tudo que Sebastião era um SOLDADO e comemoramos seu dia em 20 de Janeiro.

Segundo Pierre Verger:

"Oxossi, o deus dos caçadores, teria sido o irmão caçula ou filho de Ogum. Sua importância deve-se a diversos fatores.

O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante.

O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato freqüente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber.

O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (onile), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente.

O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores (ode) eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos (oso).

Uma lenda explica como surgiu o nome Osoosi, derivado de Osowusi ("o guarda noturno é popular"):

"Olofin Odùduà, rei de Ifé, celebrava a festa dos novos inhames, um ritual indispensável no inicio da colheita, antes do quê, ninguém podia comer desses inhames. Chegado o dia, uma grande multidão reuniu-se no pátio do palácio real.

Olofin estava sentado em grande estilo, magnificamente vestido, cercado de suas mulheres e de seus ministros, enquanto os escravos o abanavam e espantavam as moscas, os tambores batiam e louvores eram entoados para saudá-lo.

As pessoas reunidas conversavam e festejavam alegremente, comendo dos novos inhames e bebendo vinho de palma. Subitamente um pássaro gigantesco voou sobre a festa, vindo pousar sobre o teto do prédio central do palácio.

Esse pássaro malvado fora enviado pelas feiticeiras, as Iyámi Òsòròngà, chamadas também as Eleye, isto é, as proprietárias dos pássaros, pois elas utilizam-nos para realizar seus nefastos trabalhos.

A confusão e o desespero tomam conta da multidão. Decidiram, então, trazer sucessivamente Oxotogun, o caçador das vinte flechas, de Ido; Oxotogí, o caçador das quarenta flechas, de Moré; Oxotadotá, o caçador das cinqüenta flechas, de Ilarê, e finalmente Oxotokanxoxô, o caçador de uma só flecha, de Iremã. Os três primeiros muitos seguro de si e uns tanto fanfarrões, fracassaram em suas tentativas de atingir o pássaro, apesar do tamanho deste e da habilidade dos atiradores.

Chegada a vez de Oxotokanxoxô, filho único, sua mãe foi rapidamente consultar um babalaô que lhe declarou: "Seu filho está a um passo da morte ou da riqueza. Faça uma oferenda e a morte tornar-se-á riqueza".

Ela foi colocar na estrada uma galinha, que havia sacrificado, abrindo-lhe o peito, como deveriam ser feitas as oferendas as feiticeiras, e dizendo três vezes: "Quero o peito do pássaro receba esta oferenda".

Foi no momento preciso que seu filho lançava sua única flecha.

O pássaro relaxou o encanto que o protegia, para que a oferenda chegasse ao seu peito, mas foi a flecha de Oxotokanxoxô que o atingiu profundamente.

O pássaro caiu pesadamente, se debateu e morreu. Todo mundo começou a dançar e cantar: "Oxó (oso) é popular! Oxó é popular! Oxowussi (Osowusi)! Oxowussi!!! Oxowussi!!!"

Com o tempo Osowusi transformou-se em Osoosi."

Claramente podemos perceber semelhanças e grande diferenças entre o Orixá africano Oxóssi e o Oxóssi que a Umbanda cultua, visto que o Oxóssi umbandista parece-se demais com a figura do próprio indígena nativo-brasileiro. Isso só reforça a tese dos encantados terem se apropriado dos nomes das divindades africanas por conveniência, mas que de fato ao saudar Oxóssi, estamos entrando em contato com o encantado ancestral que tem o mesmo domínio, mas é pertencente à terra brasileira.

Como puderam perceber pela breve exposição sobre Oxóssi e também sobre São Sebastião, os mesmos não possuem muitos atributos em comum. Ao contrário do que ocorre por exemplo com Oxalá e Jesus Cristo ou Ogum e São Jorge.

Então de onde vem esse sincretismo? Por que S. Sebastião é o regente da linha de Oxóssi?

Pelo fato de São Sebastião ser um guerreiro e a linha de caboclos ser composta basicamente de guerreiros. Podemos encontrar ali alguns pajés, mas na maioria são Caboclos e Caboclas que se apresentam como caçadores, lutadores, guerreiros e afins. Há ainda uns caciques, mas o Cacique²⁵ também não era um guerreiro?

Além disso Sebastião se alistou no exército romano para levar aos corações dos soldados cristãos um pouco de força e de fé. Para estabelecê-los diante das perseguições políticas e religiosas. Não é exatamente isso que nossos caboclos fazem? Levantam até um moribundo da cama e o acordam para a vida?

As falanges de Oxóssi se apresenta como abaixo:

- Legião de Urubatão da Guia
- Legião de Araribóia
- Legião do Caboclo das 7 Encruzilhadas
- Legião dos Peles Vermelhas
- Legião dos Tamoios
- Legião dos Guarani
- Legião de Jurema

²⁵ Termo popular, porém equivocado para designar o chefe de um povo indígena.

LINHA DA JUSTIÇA

"Ao pedir Justiça para Xangô, esteja preparado para recebê-la!"

Quando se fala em Xangô a primeira coisa que vem à cabeça é o seu domínio sobre a Justiça. Mas vocês sabem de onde surgiu isso?

Também pensamos nas pedreiras, porém Xangô é mais associado ao Trovão e ao Fogo no mitos lorubás. Então de onde vêm isso?

Se a leitura até agora não causou desconforto com o que já sabia sobre Umbanda, acredito que vamos começar a mudar isso nesse momento.

As pedreiras são associadas a Xangô pelo sincretismo com São Jerônimo, podem notar que nas iconografias desse santo, o mesmo aparece constantemente dentro de uma gruta ou próximo de uma rocha.

Logo, podemos afirmar que o domínio sobre as pedreiras não é um atributo de Xangô, mas de São Jerônimo. Contudo mesmo assim ainda é um domínio da quarta linha de Umbanda, a linha da justiça.

O mesmo vale para outras associações de santos com a figura de Xangô, pois podemos encontrar em algumas vertentes a figura de São Pedro. Essa relação não é equivocada quando evocamos a origem do nome de Pedro, que vem de Petrus ou seja Pedra, Rocha.

Seus aspectos, domínios e regências são sempre semelhantes em todas as vertentes umbandistas, regendo a Justiça, Harmonia, Equilíbrio, Racionalidade e o Julgamento. Como responsável da Justiça Divina, acaba trabalhando as sentenças conscientiais de cada um, conforme as leis de Causa e Efeito.

Apesar do termo Justiça Divina (assim como Lei Maior) ter se popularizado através de outras vertentes, os mesmos não são propriedades destas, sendo encontrados e utilizados por casas muito mais antigas do que a própria concepção dessa nova teologia.

Xangô é considerado um Orixá que se encantou, ou seja, era um ser humano que através do processo de encantamento se tornou Orixá. Logo algumas pessoas na região

onde era a cidade de Oyó – região hoje da porção ocidental da Nigéria – clamam serem descendentes de sangue desse Orixá.

Considerado extremamente sedutor e possui dentre seus domínios o Trovão e o Fogo. Seu ponto de Força são as pedreiras! Os Citrinos – cristais de ametista – são considerados como “beijados” por Xangô e Iansã.

Em algumas lendas é associado com Ogum e em outras é considerado seu irmão, de qualquer forma são Orixás que atuam conjuntamente, Ogum sendo a Lei Maior e Xangô a Justiça Divina. Enquanto Xangô julga se está harmônico com as leis do universo, Ogum faz cumprir as regras desse universo.

Xangô tem diversas qualidades e essas são sincretizadas com diversos santos católicos. Suas qualidades acabam sendo refletidas por nomes como Afonjá, Kosso, Lubê, Ajaká, Aganjú Ogodô, Kâo, etc. Para Umbanda quase não faz sentido, com exceção do Xangô Kaô, por sua relação com São João Batista.

Xangô é muito popular no Nordeste onde existe um culto chamado Shangô ou Xangô, também conhecido como Xangô de Pernambuco.

São Jerônimo, por sua vez, foi um sacerdote cristão e um dos Doutores da Igreja. Possuía uma inteligência descomunal e acumulava também as funções como teólogo e historiador. Foi quem traduziu a bíblia para o Latim, sendo que essa edição ficou conhecida como Vulgata.

Ao traduzir as escrituras, São Jerônimo permitiu o acesso da população que conhecia o latim vulgar às palavras sagradas, aumentando e popularizando o cristianismo. Acredito que com isso foi São Jerônimo quem começou com a reforma da igreja, dando acesso às informações antes restritas a poucos sacerdotes e foi grande influenciador de Martim Lutero em sua reforma protestante e na tradução da bíblia para o Alemão.

O que é interessante notar é que Jerônimo era cético, mas depois acabou se convertendo e se tornando um fervoroso cristão. Como podemos perceber em momento algum é citado o domínio sobre a justiça, mas em sua bibliografia é importante o espaço que a Razão tem na figura de Jerônimo. Motivo pelo qual há a sua sinergia e o sincretismo com Xangô.

Aqui começamos a entrar em um terreno árido e espinhoso, primeiro temos que lembrar que a Umbanda não é algo padronizado e nunca houve uma homologação para a mesma.

Eu tenho uma visão que difere um pouco das visões clássicas e mais uma vez reforço que isso não me veio por inspiração divina ou por profecia (a não ser que os insights possam ser considerados desta forma), eu apenas usei um tanto de raciocínio e análise através da prática de terreiro e tomei minhas próprias conclusões.

Assim sendo coloquei essas em prática e teste e vi que funcionavam de forma satisfatória, logo estou confortável com a minha concepção das linhas, porém nunca estou restrito a mudar de opinião.

Dentro das visões clássicas temos Xangô ocupando uma Linha com sua regência e na visão de Lourenço Braga suas falanges são divididas nas seguintes: Falange de Iansã, Falange do Caboclo do Sol e da Lua, Falange do Caboclo Pedra Branca, Falange do Caboclo dos Ventos, Falange do Caboclo das Cachoeiras, Falange do Caboclo Treme Terra e Falange de Pretos-Velhos Quenguelê.

Porém aqui chegamos a um impasse, um pequeno entrave, pois dentro da visão da Umbanda Branca, Iansã não é uma falangeira e sim uma regente de Linha.

Durante muito tempo fiquei pensativo sobre essa questão, associando também que o mistério de Iansã é muito fechado. Mas cheguei a conclusão de que, apesar de Iansã ter uma sinergia muito forte com Xangô - mitologicamente são marido e mulher - ela estaria fora da falange de Xangô, justamente por não estarmos tratando do Xangô Africano aqui.

Mas com isso ficaríamos desfalcados com apenas seis falanges, o que vai contra a ideia do setenário. Apesar de não ser bem uma regra, os próprios falangeiros de Xangô sempre relataram possuir sete falanges dentro desta linha. Após muito pensar, tive um insight e considero então a linha de Xangô constituída da forma abaixo descrita, que logo em sua primeira falange causará estranhamento.

- Falange do Oriente
- Falange do Caboclo do Sol e da Lua
- Falange do Caboclo Pedra Branca
- Falange do Caboclo dos Ventos
- Falange do Caboclo das Cachoeiras
- Falange do Caboclo Treme-Terra
- Falange dos Pretos-Velhos Quenguelê

LINHA DOS VENTOS

A Linha dos Ventos ou de Iansã, regida por Santa Bárbara, é uma das mais misteriosas e menos estudadas, talvez por ser fechada em si mesmo e por ter uma presença massiva de encantados - principalmente os de gênero ou polaridade femininos - acabou-se pelo tempo deixando-se de lado o estudo dessa linha.

Contudo é uma das linhas mais poderosas que já vi se manifestar dentro do terreiro. Quando o toque do atabaque começa a exclamar:

*"Aiê Dindí, Aiê Dindará.
Oya matamba te aruê
Oya matamba te aruá!"*

Simplesmente é impossível negar a força e a energia que se sente com esse ponto.

A presença de todos aqueles espíritos incorporando nas médiuns (nas mulheres) e girando velozmente, mas com graça e leveza, sem tocar umas nas outras, sem derrubar objetos.

Você literalmente sente o vento na sua pele, sendo soprado e toda a sensação de peso indo embora.

Essas entidades nunca falam²⁶ a não ser pequenas exclamações e brados, mas nem precisam das vozes para transmitir as mensagens, isso é algo visceral.

²⁶ Poucas caboclas puras de Iansã falam, porém encontramos vários caboclos e caboclas cruzados com essa linha em outras linhas, como Oxóssi e Ogum, principalmente.

Creio que justamente por essa força e por essa energia é que Santa Bárbara e o sincretismo Iansã, acabaram ganhando um culto de encantaria com seu nome: Encantaria de Barba Soeira, onde ela é Princesa.

Iansã possui outros nomes, também sendo conhecida como Oyá e Egunitá, mais comumente. Dentro do candomblé possui diversas manifestações, sendo que uma das mais conhecidas e também temidas é a de Iansã de Balê, a senhora dos eguns (mortos).

Oyá é um nome que gosto muito de utilizar, pois é sonoro e dá um sentido de respeito completo por essa divina presença.

Dentro de seus domínios e regências encontramos o movimento, os ventos, as tempestades e os relâmpagos (raios). Sendo portadora da língua de fogo (em sua manifestação como Egunitá), queima os Karmas alheios e pune os injustos.

Oyá é a feminilidade em seu aspecto mais aguerrido, da guerreira, da caçadora, da mulher sobrevivente que se sobrepõe à sociedade mais patriarcal.

Aquela que vai a frente demonstrando ímpeto e que se entrega de corpo e alma para todas as vivências da vida. Representada totêmica por um búfalo, diz a lenda que pode se transformar neste animal, que tem um poder incrível, seja na terra quanto na água. Exalta a sensualidade da mulher madura e representa um ciclo total da natureza. Oyá representa a paixão pela vida.

Dentro das suas atribuições está encaminhar os espíritos recém desencarnados para o mundo dos mortos. Oyá está sempre associada a Xangô, que nas lendas era seu marido.

Justamente pela visão da mulher que não precisa de homem foi associada à Virgem Santa Bárbara. Mártir cristã que viveu durante o reinado do imperador romano Maximiano. De família abastada, filha de Dióscoro, um ilustre cidadão da cidade de Heliópolis, teve toda a atenção do pai após sua mãe morrer. Porém, Dióscoro embriagado de ciúmes da filha e de sua beleza, decidiu deixá-la em uma torre, isolada de todos, sendo apenas visitada por seus tutores.

Conseguia das janelas de sua torre ver toda a extensão de terra em torno da propriedade e toda a natureza se criando e respirando à sua volta. Começou a questionar-se sobre a Criação e o Criador, sendo convertida em cristã por intervenção

divina, ao reconhecer na palavra do messias nazareno toda a beleza daquilo que ela só olhava pela janela. Um de seus milagres foi fazer com que uma fonte de água seca há tempos jorrasse novamente água com propriedades medicinais.

Seu pai, Dióscoro não aceitava a conversão de sua filha e tenta matá-la, porém sem sucesso. Submeteu a jovem donzela a maus-tratos e torturas, deixando-a cheia de feridas e pústulas. Com muitas feridas, recebeu certa noite a visita de Jesus (ou de Deus, dependendo da versão da lenda) que a curou instantaneamente.

Santa Bárbara foi decapitada, sendo executada pelo seu próprio pai, quando um raio atingiu em cheio Dióscoro que morreu de imediato. Sendo que o raio também é um domínio de Iansã, há um sincretismo por meio de regências.

Seu dia é comemorado em 04 de Dezembro e geralmente chove.

Iansã realmente é diferente, pois quebra os padrões da Umbanda. O que primeiramente dizemos de não ter uma Umbanda redonda, totalmente explicada, vale para Iansã, aliás é exatamente ela e sua linha que fazem com que isso seja totalmente verdadeiro.

Para começar pelo número tido como sagrado para a Umbanda, que é o número sete. Um número que apresenta um sentido de completude, de um ciclo fechado, da busca espiritual e da perfeição. Com Iansã o seu número sagrado acaba sendo o nove, demonstrando justamente esse lado rebelde de Oyá.

Além disso, há a questão das suas falanges e de seus falangeiros. Não sabemos ao certo quem está dentro dessa falange. Leal de Souza nos diz muito pouco sobre os trabalhadores dessa linhas:

"A linha de Nhan-San (Iansã) consta de desencarnados que na existência terrea eram devotados de Santa Bárbara."

Dentro das práticas de terreiro sei que as caboclas dos ventos fazem parte das falanges de Iansã e só isso. Não temos mais informações a não ser que elas também quebram um pouco do protocolo e acabam sendo encantados sem vivência humana que falam, bem diferente dos outros encantados.

Podendo algumas passar até por caboclas comuns, dando consultas e aconselhando da melhor forma lansã de ser.

Dentro do culto de Barba Soeira (Terecô, que em muitos lugares do Maranhão se auto proclamam Umbanda, também), há uma visão parecida com as falanges de Umbanda, que se compõe na verdade por famílias. Sendo elas compostas basicamente de encantados, como seguem abaixo:

- Família do Lençol: Encantada na Praia dos Lençóis, composta por reis, rainhas, príncipes, princesas e outros nobres e gentis;
- Família do Codó: Família que veio beirando o mar até chegar nas matas de Codó, composta por negros, caboclos selvagens e vaqueiros;
- Família da Turquia: Agregada a Família do Lençol, é composta por nobres de origem turca, cuja encantada mais famosa é Dona Mariana;
- Família da Bandeira: Composta por guerreiros, bandeirantes, caçadores e pescadores;
- Família da Gama: Composta por nobres e fidalgos orgulhosos;
- Família da Bahia: Composta por caboclos farristas que se assemelham aos exus e pombagiras;
- Família de Surrupira: Composta por índios selvagens e feiticeiros.

De qualquer forma é uma visão da encantaria que não encaixa bem dentro da Umbanda e só está aqui a título de informação.

*"Eu vou chamar pelo meu povo para trabalhar
Barba Soeira já vem beirando o mar
Ela vem beirando o mar... Ela vem beirando o mar
Barba Soeira já vem beirando o mar"*

No Chão de Jorge a sua hierarquia ficou explicitada segundo caboclo Rompe-Mato, da seguinte forma:

- Falange dos Ventos (Leié)
- Falange dos Raios (Petu)
- Falange de Balê (Almas, Eguns)
- Falange das Icamiabas (Amazonas)
- Falange do Tempo (Topé)
- Falange do Fogo (Kará)
- Falange das Iamí (Feiticeiras)

Mas essa é a hierarquia usada pelo próprio Rompe-Mato que raramente é aplicada a outros terreiros. É a forma que ele enxerga o processo dos entrecruzamentos e das forças de Iansã.

Em algumas outras tradições como na Umbanda Esotérica, Iansã se torna uma Cabocla, a Cabocla Inhaçã ou Cabocla Iansã.

LINHA DAS ÁGUAS

Todos umbandistas, não há como negar, tem uma linha que prefere mais do que as outras. A linha das águas é a minha preferida, por diversas razões próprias, mas também por ser enigmática, misteriosa e extremamente poderosa, contendo o maior número de entidades encantadas, elementais e também humanos.

Não poderia ser diferente, pois as águas cobrem dois terços de todo nosso planeta, ou seja tem mais água do que todos os elementos restantes. Acredito que no plano espiritual seja proporcional ao plano material.

Mas outro fato que sempre chama muito a atenção nessa linha - apesar de que hoje em dia isso se tornou tão padrão que parou de ser percebido - é justamente o arquétipo que a Orixá Iemanjá tomou.

Originalmente Iemanjá era uma Orixá menor, regente de um rio na Nigéria chamado Yemonjá, depois tendo migrado seu culto para outro rio chamado Ógun, para posteriormente em terras brasileiras tornar-se a própria Deusa da Vida.

Em uma análise mais criteriosa e clara, deixando as paixões de lado, podemos defender a tese de que os deuses não sobem de nível. Logo, como poderia uma deusa menor de um rio e de um povo específico tomar como seu domínio todas as águas do planeta? Sejam as águas doces, as salgadas, as salobras e também as águas de chuva? Por consequência também tendo domínio sobre a vida, a geração da vida e a evolução do planeta? Pois, sem água não há vida.

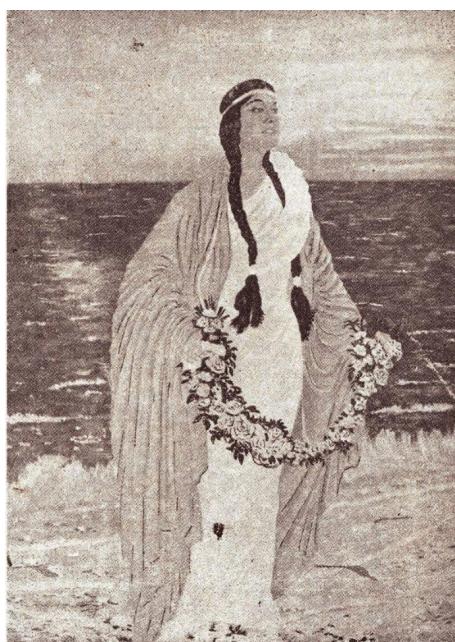
Para tentar responder essas indagações eu tenho um pensamento que é pautado na seguinte afirmação: A Umbanda não cultua os mesmos orixás da África, mas divindades que usam deste arquétipo e se congregam com outras forças.

Os orixás de Umbanda, nem sequer são deuses, mas manifestações de forças universais, individualizadas nas figuras de encantados, divindades e personagens mitológicos.

Dando suporte a esse meu raciocínio vemos que a Iemanjá representada na África, tem a pele negra²⁷ - como os demais orixás - porém a imagem que estamos acostumados a ver de Iemanjá é sempre com a tez mais morena, mas não puxando ao ebano dos deuses africanos. Se assemelham muito com os traços das etnias indígenas que vivem no litoral, tendo cabelos lisos e longos, de cor negra. Você pode ver essa representação original na imagem que segue.

Essa mesma visão foi posteriormente adaptada e modificada para ficar mais próxima do padrão étnico europeu, mas mesmo assim ainda restam alguns resquícios dos traços indígenas.

Isso só me leva a acreditar que o povo nativo brasileiro tinha uma representação similar para a deusa da Vida e a associaram ao nome de Iemanjá.



²⁷ Sim, os orixás são negros em sua representação original, porém podemos considerar que os indígenas também tinham seus padrões de divindades que eram similares à sua própria etnia. Mitologia se modifica. A Iemanjá africana pode não ter sequer forma física, mas quando representada é sim uma deusa NEGRA e isso tem que ser repetido sempre.

Justamente por ter uma abrangência tão grande em seus domínios e regências, o seu sincretismo seguirá o mesmo padrão.

Iemanjá geralmente é sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Conceição, dependendo muito do estado que a cultua.

Podemos identificar qual é o sincretismo adotado por uma comunidade, verificando as datas festivas. A maioria considera o dia 02 de Fevereiro como sendo o dia de Iemanjá, sendo assim podemos afirmar que estão sincretizando a figura de Iemanjá com a Nossa Senhora dos Navegantes, isso é comum na Bahia e no Rio de Janeiro. Já em São Paulo o costume é celebrar no final de ano a festa de Iemanjá, no dia 08 de Dezembro, sincretizada com Nossa Senhora da Conceição.

Contudo eu prefiro o sincretismo sendo feito com a figura da Virgem Maria²⁸, assim como era dado na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Todas as manifestações de Nossa Senhora são uma representação da própria Santa Maria, mãe de Jesus Cristo.

Seja ela Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, etc. Todas são Virgem Maria em um momento específico e com uma vibração específica. Vejo Iemanjá como todas as águas, como a própria vida e também vejo a Virgem como vida em todo seu esplendor.

Esse sincretismo pode gerar certa confusão, principalmente ao considerarmos a Nossa Senhora da Conceição como imagem escolhida, pois a mesma também representa Oxum, assim como também Oxum pode ser representada por Nossa Senhora Aparecida da Conceição. Aliás é esse o sincretismo adotado na Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida²⁹, portanto eles são uma casa de Oxum.

Para alguns adeptos de Umbandas mais modernas, só a configuração das falanges dentro da linha de Iemanjá já causa confusão e até mesmo alguns se sentem ofendidos, pela presença de outras duas orixás como falangeiras de Iemanjá. O que não passa de um erro de interpretação, acreditar que as sete linhas devem representar todos os orixás.

²⁸ No Chão de Jorge adotamos a figura da Nossa Senhora dos Navegantes como a figura que representa a Virgem Maria ou Santa Maria.

²⁹ Casa na qual fui feito.

Como dissemos anteriormente, Orixás tem ego³⁰ e poderiam se sentir preteridos, mas na Umbanda trabalhamos com as forças, as manifestações do Criador, que são isentas de ego.

As linha de Iemanjá costuma se apresentar da forma abaixo:

- Linha das Sereias.
- Linha das Ondinas.
- Linha das Caboclas do Mar.
- Linha das Caboclas dos Rios.
- Linha dos Marinheiros.
- Linha da Estrela-Guia
- Linha dos Calungas.

A Linha das Sereias é chefiada por Oxum (Nossa Senhora Aparecida da Conceição) e a Linha das Ondinas é chefiada por Nanã Burukê (Sant'Ana).

Por incrível que possa parecer, a pergunta mais feita quando se trata da linha de Iemanjá é o porquê que as linhas de Oxum e de Nanã estão dentro da Linha de Iemanjá. Alguns dizem que isso é diminuir o Orixá! Reduzir sua importância e seu poder.

Mas será que o raciocínio não está partindo da premissa errada? Pois como já citei inúmeras vezes as entidades que trabalham na Umbanda são diferentes das entidades dos cultos originais da África (nem melhor e nem pior, apenas diferentes).

O que fazemos são correlações de forças, logo não cabe esse tipo de discussão sobre a individualização de um "poder". Isso faria sentido dentro dos cultos de nação, visto que cada Orixá representa uma Nação e que cada Nação quer ser superior a outra. Questões de guerra e política, como se pode ressaltar, fazem parte da história da humanidade.

Mas dentro da Umbanda, dizer Iemanjá é o mesmo que dizer das águas, ou seja, a sexta linha é a linha das águas e tudo aquilo que faz parte das águas de alguma forma..

³⁰ Para isso é preciso se aprofundar em temas mais densos sobre teologia como o Monismo e o Dualismo.

Oxum é a regente das águas doces, representada no sincretismo por Nossa Senhora Aparecida da Conceição, isso por motivos óbvios. A própria imagem da Santa foi encontrada em um rio, fez milagres dentro do rio e muitas outras coisas.

Além disso, a água doce representa emoção, o que justamente Nossa Senhora Aparecida da Conceição também representa: Emoções. Logo, faz todo o sentido ela ser a regente dos rios e cachoeiras.

Já Nanã é a Orixá da sabedoria, as suas águas são as de lagos, lagoas, pântanos e charcos. Todo lugar inundado que contém lama, que é a matéria prima primordial. Inclusive está ligada ao mistério primordial da vida, pois sem a sua lama, Oxalá não teria conseguido moldar o corpo do homem. Isso é uma alegoria para falar que somos feitos de elementos da natureza, ou moléculas de elementos químicos.

Se Iemanjá é toda água, Oxum e Nanã são águas específicas. Não vejo nenhum problema nisso. A questão toda está no partidarismo! O povo acha que orixá é bicho de estimação e quer que o seu seja mais forte que o do irmão. Isso é apenas simbologia, ter um Orixá de Cabeça significa simplesmente ter algo no que se focar nessa vida para evoluir, é bom sempre lembrar que não tem orixá brigando por ninguém.

O mar apesar de nos parecer ser algo único, tem suas divisões dentro da Umbanda tradicional, de forma a trabalhos específicos ocorrerem no mar para diversos fins.

Na mesma “praia” pode-se fazer trabalhos com diferentes energias e propósitos na Areia, no Beira-Mar, no Alto-Mar e no Abismo (fundo do mar). Claro que de formas simbólicas, inclusive o beira-mar é um limiar entre dois mundos, com o mesmo propósito das encruzilhadas.

Apesar dessa divisão simbólica, todos os espíritos do mar se relacionam, pois consideram o mar e suas imediações um mesmo campo de forças.

A Função da Linha das Águas

Quando visitar um terreiro de Umbanda mais antigo e tradicional, repare que eles cantam para Ogum, logo então fazem a defumação e saúdam Exu e a Quimbanda, as regências de Oxalá, do padroeiro da Casa e em seguida evocam a Linha das Águas para limpar o ambiente de trabalho.

A função mais básica de todas que a linha das águas possui é justamente a limpeza. Principalmente no campo das emoções.

Em uma visão alegórica é como se Ogum chegasse no terreiro e formasse um cordão de isolamento em volta da estrutura física e também da espiritual com seus falangeiros, colocasse Ogum de Ronda para circular o perímetro e outros falangeiros de Ogum, associados ao Exu da Porteira, para fazer a triagem de quem entra e quem sai do terreiro. Seja no campo astral ou físico.

Assim começam as cantorias para defumação, que com suas propriedades causticantes vão dissolvendo os miasmas, as larvas astrais e os cordões energéticos negativos.

Inclusive isso é feito não só no ambiente, mas em todos os presentes, por isso é importante estar presente no momento da defumação. Então a linha das águas vem depois para limpar o que sobrou, das cinzas, dos últimos resquícios de sujeira astral, principalmente a mental. Toda vez que temos um mau pensamento, isto gera uma energia nociva, que irá se transformar em um miasma ou em uma forma pensamento.

Os Miasmas são estruturas pegajosas feitas de matéria mental negativa e que ficam acumulados nas paredes, no chão, nos objetos e nas pessoas. Servem de alimento para larvas astrais e outras sortes de elementais inferiores, que de maneira ordeira deveriam "comer" isso e higienizar o ambiente.

Mas de forma desordenada – ou ativado magicamente para tal fim – se tornam nocivas. O miasma também fica impregnado no ser humano, as larvas vão se alimentar deles e estão se inserindo no seu corpo espiritual, quando acaba ou se torna escasso o miasma, elas consomem o que tem, ou seja a energia da própria pessoa.

Além disso, as larvas astrais são densas e também produzem sua qualidade de energia negativa, o que irá desvitalizar ainda mais o ser que está infestado. Contra isso

geralmente se aconselha o banho de ervas, ou seja, um veículo aquoso para o uso das energias das ervas.

Já as formas pensamentos podem tomar certa “consciência” e se tornarem objetos complexos ou até mesmo atrair elementais que se aproveitam daquela imagem mental criada para sugar energia.

São os casos dos Lêmures, Súcubos e Íncubos. Quando temos essa condição de infestação astral, precisamos de um trabalho mais focado e mais profundo para limpar a questão áurica da pessoa infestada ou obsedada ou até mesmo vexada.

De praxe e tradicionalmente a linha das águas deve ser chamada no início dos trabalhos para limpar o local em que se realizará a gira e no final para levar embora também o que ficou impregnado mediante as consultas. Mas sejamos sinceros, quantos terreiros vocês veem hoje fazendo isso?

Essa evocação é uma rogatória, logo não precisa de forma alguma haver incorporação. Uma simples prece, uma rogativa, já é suficiente para acionar essa linha em nosso benefício.

Lembrando que nenhum espírito de direita irá tomar qualquer atitude que vá contra nosso livre-arbítrio, por isso que eles precisam que seja permitido ou melhor, precisam ser convocados para tal.

Quantos nomes tem a rainha do mar?

Iemanjá é um universo infinito, como diz a música de Maria Bethânia, a rainha do mar tem diversos nomes: Dandalunda, Janaína, Marabô, Princesa de Aiocá, Inaê, Sereia, Mucunã, Maria e Dona Iemanjá.

O Mar sendo o local mais extenso do planeta, ocupando 3/4 de toda a extensão territorial e tão profundo que nem sequer conseguimos mensurar ou conhecer 10% de seus mistérios.

Logo os encantados e espíritos afins com a energia marinha também são encontrados aos milhares. Alguns são conhecidos das lendas e mitos, além das culturas e religiões. Outros nem sequer possuem nomes conhecidos, devido a grande quantidade de entidades que podemos encontrar no mar.

Mãe Iemanjá tem múltiplos aspectos, assim como o próprio ambiente regido por ela. Possui domínios sobre a vida e o mar, além de ser representada na Umbanda, por uma moça morena, saindo das águas.

Muitos nomes também exprimem suas múltiplas facetas e atribuições. No Caribe é conhecida como La Siren, que é a mais próxima da encantada que cultuamos na Umbanda. La Baleine simboliza a origem primitiva da vida, o princípio, e tem sua força máxima expressa no abismo marinho. Com esse arquétipo, traz um aspecto bem mais oculto, mais velado. Lembrando que Olokun - pai de Iemanjá³¹ na mitologia Iorubá - também é considerado como o regente do fundo do mar, do abismo.

Os seus encantados também aparecem de formas parecidas com as sereias da mitologia, metade humano e metade peixe. Inclusive há versões masculinas, raramente encontradas na Umbanda, mas bem comum em cultos caribenhos, nas figuras de homens-peixe (tritões), homens-polvo, homens-serpente-marinha, etc. Essa mesma iconografia foi explorada no filme Piratas do Caribe.

A figura dos encantados que jamais tiveram vivência humana são mais abundantes nessa linha, cheia de mistérios. Inclusive, um famoso marinheiro chamado Martim Pescador é um desses seres que jamais passaram pela experiência humana, ou seja, encarnado.

Outros encantados antiquíssimos e extremamente poderosos são os Calungas ou Exus Marinhos. Podem tanto ser marinheiros ou pessoas que viveram no mar ou próximo a ele, quanto podem ser encantados.

Sua vibração é um pouco diferente dos exus regulares, que são ligados ao elemento terra. Da mesma forma, existem Pombagiras marinhais. Estes calungas adicionam o azul às tradicionais cores preto e vermelho.

Um Exu dessa linha é o Exu Gererê, que se apresenta na forma de um preto-velho que viveu na beira do mar, misturando as manifestações de Exu e também dos marinheiros na já conhecida linha dos pretos-velhos. Não tão bonzinho, como é comum esperar da linha dos pretos-velhos. Tanto que é um exu de difícil trabalho, por pertencer a uma falange extremamente violenta.

³¹ Em alguns mitos Olokun é uma mulher.

Entre as pombagiras, encontramos a famosa Maria Navalha. Mulher da vida que vivia à beira do mar, nos portos do Rio de Janeiro.

É muito comum chamarmos todos os espíritos que se manifestam nos médiuns, que acabam por dar consultas, de marinheiros. Porém, é uma incorreta denominação, pois nem todos foram realmente marinheiros. Dentro dessa linha existem os Capitães do Mar, os Marinheiros propriamente ditos, os Marujos, os Pescadores, os Caiçaras, os Piratas e os Mestres.

No plano astral/espiritual, os espíritos que estão com o perispírito (corpo astral) em estado de degeneração, são levados ao mar, para que sejam restabelecidos em suas energias. Limpam seus negativismos e começam a ser energizados com a energia do mar, a energia da vida, a energia da nossa mãe lemanjá.

O mar é incrível e misterioso. Dá a vida, o alimento, mas também nos cobra muita coisa. Pense, medite e respeite o mar e todas suas entidades.

LINHA DE ALMAS

Essa é a mais polêmica de todas as sete linhas e uma das mais incompreendidas, iremos abordar sobre em nossas aula de Quimbanda, sendo que aqui darei apenas um esboço dessa linha.

Dentro da Umbanda, a Linha de Almas, também chamada de Linha de Quimbanda, Linha de São Cipriano e Linha de Santos e Almas é uma linha complexa e que sofreu muita falta de compreensão por parte dos umbandistas.

Exu trabalha na Umbanda, mas Exu de Umbanda não é exatamente Exu de Quimbanda.

Sendo extremamente temida por diversos umbandistas, essa Linha era até preterida por Zélio de Moraes em sua Umbanda Branca. Por outro lado ela é muito exaltada por outras pessoas, que se seduzem completamente pelo poder de Exu e Pombagira.

A Sétima Linha é regida por São Bento, São Lázaro, São Roque e São Cipriano, vindo daí seu nome Linha de Santos. Não há um orixá imediatamente associado a ela,

pois os Exus não estão sob jugo dos Orixás, porém algumas pessoas associam Omulu e Exu Orixá como os regentes. Isso não é feito no Chão de Jorge.

Falaremos mais sobre isso quando abordarmos a Quimbanda na Umbanda, mas a composição de sua falange é:

- Falange de Malê ou Malei
- Falange das Almas
- Falange do Cemitério ou dos Caveiras
- Falange Nagô
- Falange de Mossorubi
- Falange dos Caboclos Quimbandeiros
- Falange Mista

ORIXÁS QUE NÃO SE ENCONTRAM NAS SETE LINHAS

Acredito que um dos maiores equívocos de autores umbandistas é o de tentar encaixar todos os Orixás do panteão Nagô dentro das Sete Linhas de Umbanda. Muitos confundem as Sete Linhas como Sete Orixás, relegando a Umbanda a uma condição de simplória e superficial.

Simples sim, simplória nunca! Como vimos a Umbanda tem muitos mistérios e uma profundidade filosófica ímpar. Dentre várias religiões que se preocupam antes com os mitos, na Umbanda nos preocupamos com o rito e no que ele encerrará: A prática da assistência caritativa.

Claramente não teremos nunca todos os Orixás encabeçando as Linha, pois se o tivéssemos não seriam Sete Linhas e sim 600 ou mais linhas.

O Panteão Nagô é imenso e isso porque estamos falando de apenas uma região na África. Se adentramos a teologia de todo continente ficariam surpresos sobre quanto nosso preconceito nos cega, iremos conhecer Voduns, Inquice, Orixás esquecidos, Gênios Árabes, Santos Etíopes, deuses de outras tribos e povos e inclusive

os próprios deuses egípcios, pois o Egito também está na África, apesar que muitas vezes ignoramos essa condição.

Para a Umbanda, de forma clássica, os Orixás são manifestações de forças e não individualidades, logo não se preocupe em encaixar todos dentro de tudo. Alguns simplesmente não são cultuados, enquanto outros são absorvidos por Orixás considerados maiores, como é o caso de Ossaim sendo absorvido por Oxóssi, Olukun sendo absorvido por Iemanjá, Enrile por Ogum e Oxóssi e assim por diante.

Ainda assim seus domínios e regências serão apresentados dentro das sete linhas de Umbanda, nas falanges, legiões, povos e tribos. O caso de Oxum e Nanã Burukê é o mais emblemático por ser também o mais direto possível.

Isso não faz com que os Orixás sejam menosprezados ou diminuídos em suas importâncias. De fato, se fossem os deuses africanos, personificados, individualizados e com ego, isso faria toda a diferença.

Mas como são egrégoras criadas com simbolismos em torno de uma força maior, não faz diferença. Não acessamos o Orixá ou o Santo, acessamos a força por trás destes, usando a figura do Santo e Orixá apenas como uma ponte para chegarmos até lá.

Então Oxum estar dentro da Linha de Iemanjá como uma chefe de Falange, não implica em dizer que Oxum “bate-cabeça” e se subordina a Iemanjá. Na verdade quer dizer que Iemanjá é a regente de todas as águas do planeta e que Oxum rege uma água específica, mas elas ainda mantêm suas independências e liberdades.

Deixemos de lado toda e qualquer manifestação contrária a esse pensamento e entendamos que na Umbanda é assim que funciona.

Alguns outros Orixás são cultuados de forma paralela, não tendo uma relação específica e só sendo realmente importantes para vertentes particulares, como é o caso de Oxumaré e dos Ibejis.

Dentro de minhas práticas aprendidas na Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida e também exercidas na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, nem sempre saudamos Oxumaré, mas costumamos saudar Ibejis.

Aqui tenho que destacar que Oxumaré é visto como um contraponto a Oxum, apenas isso. Não sendo colocado a ele nenhum destaque ou uma falange específica para tomar conta. Nunca sequer vi nada além de pontos cantados ou de uma saudação bem rápida no começo dos trabalhos, enquanto na Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida.

Contudo o culto de Oxumaré por meio da sua associação com o inquice Angorô é extremamente importante nos cultos de origem Angola.

Com Ibeji é diferente, pois é automaticamente associado às crianças, então podemos dizer que os Ibejis se manifestam dentro da Linha de Cosme e Damião - apesar de não serem os médicos gêmeos - irradiando a energia da linha de trabalho de crianças, os chamados Erês.

Ainda podemos citar - apesar de não incluí-los dentro de minha tradição - Logun-Edé que é bem popular; Ewá (Yewá) e também Obá. Se formos ainda pensar nas qualidades dos Orixás - algo bem comum no Candomblé - iremos começar a ver inúmeras manifestações diferentes, sendo quase impossível transliterar tudo.

Em Xangô temos Alufan, Alafim, Afonjá, Aganju, Agodo, e muitos outros. Se pensarmos em Oxalá encontraremos Oxalufã, Oxaguiã, Obatalá e até alguns relacionam a Orunmilá (apesar de ser outro orixá).

Mas na Umbanda esse tipo de raciocínio não faz sentido, seria o mesmo que começar a chamar os orixás pelos nomes dos deuses indígenas.

O entendimento aqui parte do pressuposto de que estamos acionando chaves de conveniência, ao associar Orixá, Santo e Encantados como representação de forças do Universo, acabamos por transmitir uma sabedoria extremamente complexa de uma forma bem simples, dando acesso a todas as pessoas e não só aos iniciados, aos mistérios universais.

CORES DOS ORIXÁS (VELAS, FITAS, PEMBAS)

ORIXÁ	VELA ATIVA	VELA PASSIVA	VELA (OUTRA)	FITA	PEMBA ³²
OXALÁ	BRANCA	BRANCA	-	BRANCA	BRANCA
OGUM	VERMELHA	AZUL	PRATA	VERMELHA	VERMELHA
OXÓSSI	VERDE	BRANCA	-	VERDE BANDEIRA	VERDE
OSSAIM	VERDE E BRANCA	VERDE E BRANCA	-	VERDE CLARO	VERDE
XANGÔ	VERMELHO	MARROM	-	MARROM	VERMELHA
ORIENTE	BRANCO, VERDE E ROSA	BRANCO, VERDE E ROSA	-	-	-
IANSÃ	AMARELA	LILÁS	VERMELHA	AMARELA	AMARELA
IEMANJÁ	AZUL-CLARO	BRANCA	PRATA	AZUL-CLARO	AZUL
OXUM	AZUL-ESCURO	ROSA	AMARELA	AZUL-ESCURO	AZUL
NANÃ	LILÁS	ROXA	-	LILÁS	BRANCA
IBEJIS	AZUL-CLARO E ROSA	AZUL-CLARO E ROSA	-	ROSA E AZUL-CLARO	-
SANTOS E ALMAS	PRETO, VERMELHO OU BICOLOR PRETO E VERMELHO	PRETO VERMELHO	BRANCA	PRETO E VERMELHO	PRETA
OMULU	ROXA	BRANCO	BRANCO, PRETO, VERMELHO	ROXA	PRETA

³² Branco serve para todos Orixás quando falamos de Pemba.

FLORES DOS ORIXÁS

ORIXÁ	FLORES	ERVAS
OXALÁ	PALMA BRANCA / ROSA BRANCA	BOLDO, MANJERICÃO, HORTELÃ
OGUM	PALMA VERMELHA / CRAVO VERMELHO	ESPADA DE SÃO JORGE, QUEBRA-DEMANDA, ABRE-CAMINHO, EUCALIPTO.
OXÓSSI	CRAVO BRANCO / FLORES DO CAMPO	TODAS AS ERVAS
OSSAIM	TODAS AS FLORES	TODAS AS ERVAS
XANGÔ	PALMA VERMELHA	LEVANTE, JATOBÁ, ERVA DE SÃO JOÃO, EUCALIPTO
ORIENTE	JASMIM	SÂNDALO, MIRRA, BENJOIN, OLÍBANO, CANELA, NOZ MOSCADA, CRAVO DA ÍNDIA, PIMENTA PRETA
IANSÃ	ROSA AMARELA	PARA-RAIOS, PEREGUN BRANCO, ESPADA DE SANTA BÁRBARA, BAMBU
IEMANJÁ	ROSA BRANCA	BOLDO, LEVANTE, HORTELÃ, JASMIM, LÍRIO BRANCO, ALFAZEMA, ATERMÍSIA
OXUM	ROSA AMARELA E ROSA (COR DE ROSA)	LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA, GIRASSOL, CALÊNDULA, COLÔNIA, ERVA DE SANTA LUZIA, ERVA DE SANTA MARIA
NANÃ	FLOR DE MARACUJÁ, CRISÂNTEMO, GÉRBERAS	AGRIÃO, TRAPOERABA AZUL, PATA DE VACA
IBEJIS	TODAS FLORES COLORIDAS	TODAS AS ERVAS
SANTOS E ALMAS	CRAVO VERMELHO / ROSA VERMELHA	VER NA AULA DE QUIMBANDA
OMULU	CRISÂNTEMO BRANCO E CRAVO BRANCO	PIPOCA, CANA DO BREJO, CACTUS, SUCULENTAS, TABACO, VALERIANA, ALHO, CEBOLA.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e pós-graduado em Teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS 7 LINHAS DE UMBANDA; SOUZA; Leal.

HISTÓRIA DA UMBANDA; TRINDADE; Diamantino Fernandes; Ed. Conhecimento

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 06

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 06 - LINHAS DE TRABALHO

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

LINHAS DE TRABALHO NA UMBANDA

Na Umbanda muitos confundem as SETE LINHAS DE UMBANDA com as LINHAS DE TRABALHO. Aqui devemos, antes de mais nada, ressaltar a ideia de que a palavra LINHA tem vários significados e que podem mudar de terreiro para terreiro, mas em linhas gerais LINHA quer dizer um conjunto de práticas ou de similaridades.

Quando falamos de LINHAS DE TRABALHO, estamos agrupando determinados arquétipos de espíritos por similaridade. Apesar dos espíritos serem diferentes entre si, afinal eles possuem suas próprias personalidades e experiências de vida, eles tem algumas semelhanças, por exemplo os caboclos tem entre eles a questão do sangue nativo, do povo original, seja de forma pura ou mista, por meio do encontro entre um branco e um indígena ou de um indígena com um negro.

Dentro da Umbanda, temos duas linhas que se manifestam em quase todas as casas ditas de Umbanda, que são: Caboclos e Pretos-Velhos.

Em alguns casos vemos autores formando a ideia de uma tríade, um triângulo de forças, no caso: Caboclo, Preto-Velho e Criança, em outros Caboclo, Preto-Velho e Exu¹. Contudo, já vi até mesmo a seguinte formação: Caboclo, Preto-Velho, Criança e Iaras², sendo que as Iaras eram os seres encantados das águas.

Dentro da prática do Chão de Jorge definimos que as linhas principais e primordiais são: Caboclo e Preto-Velho.

Apesar que podemos pensar até mesmo na questão da tríade como Caboclo, Preto-Velho e Encantados, contudo a conformação oficialmente adotada é a da dupla Caboclo e Preto-Velho.

Mas, neste momento vocês podem estar confusos se perguntando, onde fica o Baiano, o Boiadeiro, o Marinheiro, a Criança e os outros espíritos que se manifestam na Umbanda? De certa forma, eles estão inseridos nas outras linhas de trabalho.

Veremos adiante sobre isso...

¹ Essa é uma estruturação equivocada, afinal Exu não faz parte da Umbanda apesar de se manifestar nesta.

² Usada antigamente por Antônio Alves Teixeira Neto.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL PRÉ-COLONIAL

Não dá para falar de Caboclos sem antes falar do povo formador que são os povos indígenas. A base da cultura e da magia que os caboclos trazem vem por meio da sua origem indígena.

Quando dizemos indígenas ou índios a imagem que nos vem à mente é de um povo indolente, vivendo em clima bucólico e isolado. Essa imagem está longe de ser verdadeira. Essa visão deturpada advém da eurocentrização e do estímulo colonial que ainda vivemos.

Os povos indígenas tinham uma sociedade complexa, possuíam diversas linguagens diferentes, tão diferentes que os linguistas até hoje tentam achar um elo comum dentre estas.

Para um entendimento mais amplo, podemos dizer que a linguagem define a cultura e como o povo se identifica. Na Europa grande parte das línguas tem uma raiz única que é a indo-europeia, desta forma mesmo o inglês, o alemão e o latim comungam de uma origem única.

Claramente vemos essa proximidade linguística nas línguas latinas ou romanas, como é o caso do Português, do Espanhol, do Francês, do Italiano e do Romeno. Todas estas foram derivadas do Latim, após a expansão do Império Romano.

Contudo aqui na América existiam mais de 1.500 línguas diferentes e muitas delas de grupos solitários, sem relação com outras línguas. O que mais entendemos como língua indígena é a chamada Língua Tupi-Guarani, que na verdade não é uma única língua mas um tronco linguístico que abrange várias línguas de raiz Tupi ou Guarani.

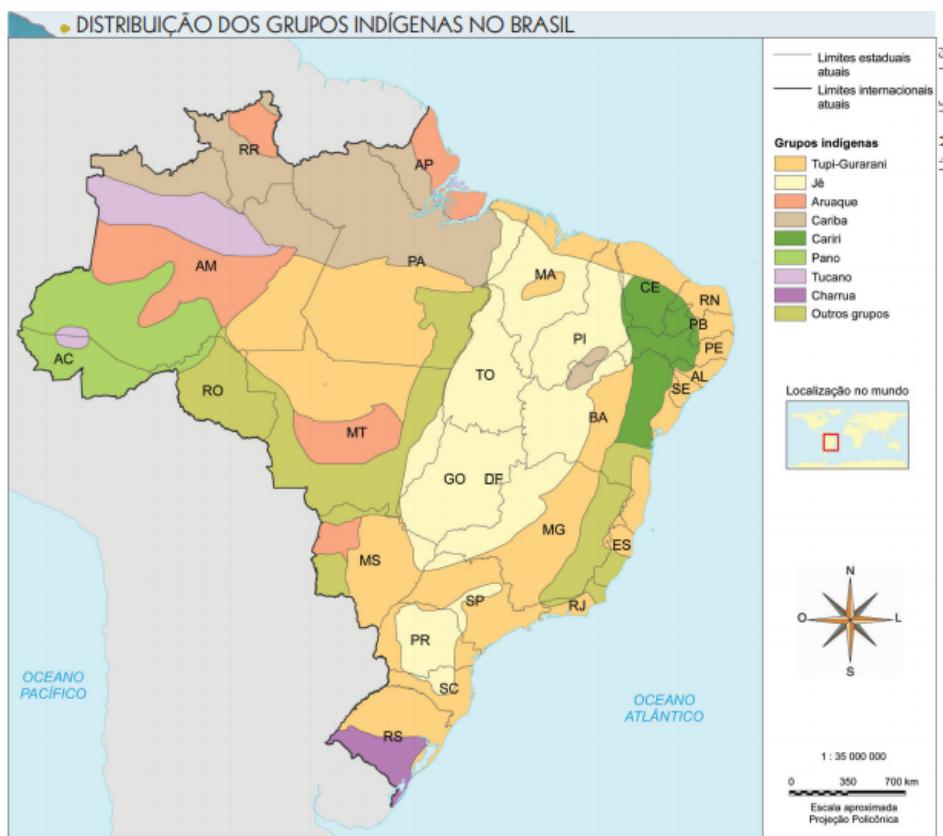
Mas ainda temos várias outras denominações como os Arauks., o povo do tronco linguístico Macro Jê e muito mais que não são categorizados em famílias. É muita coisa!

Desta forma também podemos dizer que a estrutura religiosa deles também é plural e que nem todos reconhecem os deuses Tupis.

Temos que expandir a cabeça nesses processos.

A maioria dos indígenas que tiveram contato com os primeiros europeus e que acabou tendo um contato por mais tempo eram do tronco Tupi-Guarani, pois estes viviam no litoral da terra que hoje conhecemos como Brasil.

Justo nisso devemos ter cuidado ao falar sobre os povos indígenas, pois geralmente os olhamos pelo nosso olhar eurocentrista.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manuel Mauricio de. *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1973. Adaptação.

Um exemplo clássico disto é a palavra Cacique que usamos para designar o chefe político e militar de uma aldeia ou tribo. Contudo esse termo é de origem da língua Carib, presente nas ilhas do Caribe e que tem origem Taino.

Os próprios líderes indígenas do Brasil (ou onde é hoje o Brasil) nunca se identificaram desta forma, não se reconheciam por esse nome. Um dos termos usados era Morubixaba, mas existiam outros termos: curaca, murumuxaua, muruxaua, tuxaua.



Imagen cedida gentilmente pelo pessoal do podcast Geopizza. Recomendo demais os programas deles.

OS CABOCLOS NA UMBANDA

Alguns usam a palavra **caboclo** para se referir aos filhos de indígenas com europeus, contudo essa é uma visão popular. O termo correto usado é mameleco.

O termo Caboclo é um termo mais amplo utilizado também para designar os filhos de indígenas com europeus, mas também para se referir aos mestiços como um todo, quase uma alusão ao povo mais simples, ao povo do interior ou ao caipira como é falado no sudeste.

Entretanto, esse termo ganhou uma nova conotação na Umbanda, geralmente associado a índios (nativos sul-americano e norte-americano) que se manifestam nas giras de atendimento de Umbanda.

Temos ainda como separar os caboclos em: Caboclo Índio, Caboclo de Pena e Caboclo de Couro.

Inclusive, pela história, quem fundou a Umbanda no plano material foi um caboclo, denominado Caboclo das 7 Encruzilhadas, através do médium Zélio Fernandino de Moraes.

Os caboclos trazem consigo a energia das matas e são sustentados pela força de Oxóssi, então podemos dizer que o Orixá que irradia (vibra) para essa linha é Oxóssi, que é o Orixá da Busca, Senhor das Matas, da Fartura e da Caça, também é considerado detentor de conhecimentos e chamado de grande feiticeiro.

Por isso vemos que os caboclos geralmente são espíritos aguerridos, austeros, com uma forte presença física e por vezes falam com um sotaque meio arrastado podendo ou não intercalar algumas palavras que não são bem compreendidas, que podem ser resquícios de línguas nativas perdidas, entoações de preces ou cantos xamânicos e também tupi-guarani, aruak, línguas tukanas e do macro-jê.

Usualmente, os caboclos chegam (incorporam) dando um grito, o qual denominamos brado. É uma forma de mantra para alguns e um grito de guerra para outros.

Contudo isso não é uma regra, muitos trabalhadores dessa linha chegam em silêncio e mantêm um porte e uma fala impecáveis, pois devemos sempre nos lembrar que caboclo é um grau e não uma condição, dentro da Umbanda.

Podem existir caboclos trabalhando sobre a vibração de três Orixás principalmente, segundo a Umbanda Tradicional, são eles: Oxóssi, de Xangô e de Ogum.

Apesar de mais raras, também encontramos caboclos nas linhas de Oxóssi, Xangô e Ogum, contudo é mais comum elas virem na vibração de Iemanjá, Oxum e Iansã.

Porém cada cabocla tem sua particularidade, geralmente as caboclas de Iemanjá e Oxum são encantados que não falam, seres como ondinhas, sereias e ninfas, também às vezes chamadas de falangeiras.

Já as caboclas de Iansã, são também conhecidas como caboclas dos ventos. Estar dentro de uma falange não implica que um caboclo não possa vir cruzado, em outras palavras, sob irradiação de outro Orixá, como é o caso de um caboclo Rompe-Mato, que é um caboclo de Ogum, cruzando na energia de Oxóssi.

O Caboclo representa o homem maduro, porém ainda não velho, que traz consigo a força e o vigor, que vai em busca de seus objetivos.

A cor associada a essa linha de trabalho é o verde, porém cada falangeiro pode ter cores seguindo os preceitos dos seus Orixás irradiadores, por exemplo, um Caboclo 7 Montanhas pode usar vela verde e também marrom ou até mesmo vermelha. Um Caboclo Rompe-Mato geralmente se utiliza de velas verdes, vermelhas e brancas, assim por diante.

Trabalham bastante com charutos, cachimbos de Jurema ou Angico, velas, fitas e pedras. Geralmente atuam na frente do médium, sendo seu mentor ou guia-chefe (porém não é regra).

Eles são profundos conhecedores das propriedades das ervas, principalmente a linha dos pajés. Por meio de unguedos, chás, banhos e defumações conseguem obter melhorias e curas que por muitos são tidas como milagrosas.

É válido lembrar que a medicina ortodoxa se utiliza de alguns princípios ativos das plantas em seus medicamentos, a aspirina é um desses exemplos.

Os caboclos também são grandes doutrinadores, através de conversas e conselhos, muitas vezes de forma direta e até um pouco rústica, conseguem fazer o consultante enxergar os caminhos errados que estão tomando e tomar consciência do que precisam mudar em suas vidas para atingir os intuitos desejados.

São profundos conhecedores também da psique humana, tratam os trabalhos de consulta como verdadeiras sessões de terapia, onde aprofundam o consultante do seu emocional em busca de suas respostas e para saciar suas inquietações.

Sua atuação pode ser ampla, mas eles são especialistas nos domínios de Oxóssi: cura, fartura, conhecimento, etc. E também podem trazer os domínios ou atributos dos seus Orixás de vibração, um caboclo de Ogum trará a Retidão, um de Xangô trará a justiça, o Equilíbrio, a Razão, etc.



Ponto de Força: Matas.

Bebidas ritualísticas: Cerveja, água de fonte, água com mel, suco de frutas, água de coco.

Comidas: Todas as frutas, legumes e hortaliças.

Flores: Todas, principalmente as flores de campo.

Saudação: Okê Caboclo! Okê Cabocla!

Oferendas: As mesmas que são oferecidas para Oxóssi, com alteração de alguns elementos.

Cores: Verde e Branco.

Alguns nomes de caboclos: Arranca-Toco, Cobra-Coral, Tupã, Araribóia, Folha Verde, Samambaia, Caçador, Iara, Janaína, Jurema, Jussara, Jupira, Ventania, Rompe-Mato, 7 Flechas, 7 Folhas, 7 Matas, Pena Azul, Pena Branca, Pena Dourada, Pedra Roxa, Pedra Preta, Pedra Branca, Caiçara, Aymoré, Caramuru, Tupinambá, Tamandaré, do Sol, da Lua, 7 Estrelas, Urubatão, etc.

CABOCLOS E CABOCLAS

*"Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caboclo não tem caminho para caminhar,*

*Caminha por cima das folhas,
Por baixo das folhas,*

*Por todo lugar.
Okê, caboclo."*

A Umbanda começou com os caboclos.

Algo que não poderia ser mais simbólico do que isso, pois justamente o povo indígena foi o povo natural e original do continente americano.

Carregando o nome caboclo, trouxe a herança mista entre o europeu e o indígena, em busca de uma identidade nova, uma identidade brasileira, onde a crença nos ancestrais, nos encantados e também nas novas culturas que agora atravessavam o Oceano Atlântico, poderiam encontrar morada.

Engana-se quem acha que o caboclo só começou a aparecer após 1908, com o advento da Umbanda trazida por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Eles já habitavam aqui, em outras roupagens e só se adaptaram à nova situação que a terra apresentava. Fato semelhante também ocorreu no Haiti com os Loas, que eram ancestrais do local, mas começaram a se apresentar de terno, gravata e cartola, absorvendo a cultura do europeu que agora colonizava sua terra, mas sem deixar de lado as práticas ritualísticas das ilhas caribenhas.

Para a Umbanda, como não há culto aos Orixás e Santos, a figura com quem se dá o contato direto é justamente as linhas de trabalhos ou de entidades.

Além de ser a linha que fundou a Umbanda, também é a linha de trabalho com mais representantes em todas as Sete Linhas. Podemos encontrar caboclos nas linhas das Matas (Oxóssi), de Demanda (Ogum), da Justiça (Xangô), dos Ventos (Iansã), das Águas (Iemanjá) e na Linha de Santos e Almas. Só não encontramos caboclos, da forma que caboclo se manifesta na Umbanda, dentro da linha de Oxalá.

Todos são irradiados por uma força maior que é a força das Matas, então não importa se o caboclo trabalha na Linha de Demanda (Ogum), ele ainda assim terá a força raiz sendo emanada da Linha das Matas.

Isso é o que em jargão de terreiro chamamos de Caboclos Cruzados ou Cruzamento de Forças. Por exemplo, o Caboclo Rompe-Mato, apesar de ser um caboclo

de Ogum, trabalha diretamente com a força de Oxóssi e algumas vezes com a de Xangô. Podemos dizer então que o Caboclo Rompe-Mato é um caboclo de Ogum, cruzado com Oxóssi e Xangô.

Mas e no caso de um Caboclo das Sete Pedreiras? Esse é um caboclo tipicamente de Xangô, mas de qualquer forma ele terá o cruzamento com Oxóssi, pois ele é um Caboclo.

Podemos encontrar outra forma de se expressar isso, no caso deste caboclo podemos dizer que é um caboclo de Xangô que faz sua entrega para Oxóssi ou vice-versa. No caso do Caboclo Rompe-Mato, é um caboclo de Ogum, que faz sua entrega para Oxóssi e Xangô.

Aprender de onde provém o caboclo ou cabocla é muito importante para o médium, pois isso lhe será cobrado no seu ritual de confirmação de coroa.

Justamente por isso é preciso que se mantenha uma proximidade com seus guias, prestando atenção ao seu jeito de trabalhar e também ouvindo seus conselhos e recados.

Eles podem até mesmo dizer claramente, mas geralmente não o fazem, pois entendem que esse descobrimento tem muito a ver com a busca e evolução de cada médium.

Outra forma de descobrir de que linha é um determinado caboclo é analisando seu ponto-riscado.

Neste, serão apresentados elementos das forças com as quais ele cruza. Por incrível que possa parecer de momento, alguns caboclos trabalham para diversas forças, não precisando ficar circunscrito a uma, duas ou três.

Os caboclos, apesar de poderem vir de todas as linhas, são mais frequentemente encontrados nas linhas de Oxóssi, Ogum e Xangô.

Cada um terá um comportamento, temperamento e forma de agir muito particular. Aqui devemos ressaltar que mesmo que haja dois caboclos Girassol em um só terreiro, ambos podem ser bem diferentes entre si, pois ainda são indivíduos.

O nome que geralmente uma entidade carrega, quer designar a falange a qual ela pertence, ou poderíamos dizer, em quais atributos ela melhor se encaixa.

São como profissões, existe o João mecânico e o José mecânico, ambos são mecânicos, mas os dois são completamente diferentes entre si, porém ambos sabem como arrumar um carro e inclusive agem da mesma forma, quando estão consertando o veículo.

A princípio todos os caboclos podem receber suas oferendas e entregas nas matas, porém não é algo que eu pratico, devido a poluição deixada na natureza e a falta de responsabilidade de quem faz a entrega.

Muitos incêndios ocorrem por falta de cuidado de umbandistas, ao acenderem suas velas nas matas. O correto da oferenda é ficar o tempo todo lá, enquanto se "arriar"³ a oferenda, só deixando o local após as velas terminarem de queimar. Claro, que você só vai embora depois de levantar tudo e jogar tudo que é lixo, no lixo.

Um Caboclo muito saudado nos trabalhos de terreiros velhos e tradicionais é o Caboclo Caramuru, porém como sabemos pela história Caramuru foi um português originalmente chamado Diogo Álvares Correia, que passou a vida entre os indígenas.

Inclusive devido a sua origem e por ser labioso recebeu o nome de Caramuru, que em tupi Karamu'ru significa lampreia ou piramboia.

Ora, era um branquelo europeu que viveu com os indígenas mas que se manifesta em linhas de caboclo?

Logo podemos perceber que caboclos são aqueles espíritos que tiveram influência da cultura indígena (e não apenas a conheceram) e mergulharam nela, vivenciando-a.

Vamos adentrar um pouco as múltiplas linhas de trabalho, para compreender um pouco a atividade de cada um dos diferentes tipos de caboclos.

³ Arriar é colocar a oferenda no chão, entregá-la.

CABOCLOS DE OXÓSSI

Talvez sejam os mais conhecidos e os mais ativos na lide do terreiro e da consulta.

São geralmente mais falantes, podem até empreender algumas brincadeiras e sorriem com facilidade.

Inclusive essa característica pode passar para os caboclos cruzados diretamente com Oxóssi, caso de um Caboclo Raio da Mata. Apesar de ser um caboclo de Xangô, cruzado com Iansã, também tem traços de Oxóssi e é capaz desta entidade fazer algumas brincadeiras, para distrair o consulente dos seus sofrimentos. Algo que não ocorre com um caboclo Itapurá por exemplo, que é puramente Xangô.

Você percebe também que gostam de falar com jargões das matas, possuem geralmente luas, flechas e arcos em seus pontos riscados. Trabalham bastante com ervas, frutas, flores e sementes, inclusive receitam muitos remédios populares, unguentos, chás, emplastros, entre outros.

Seu brado geralmente é mais agudo e longo, podem se ajoelhar, mas nem sempre o fazem. Alguns imitam com as mãos os trejeitos de um arco e flecha, apesar de que isso também pode ser sugestionado pelo médium.

Seus campos principais de atuação são o aconselhamento, a direção, a saída em busca de uma oportunidade, a fartura, a prosperidade, a cura, a caça e também o autoconhecimento.

São chefes carismáticos e extremamente de bem com a vida, porém quando são compelidos a ir em uma busca, não medirão esforços e se comportarão como o Grande Caçador que os rege.

Tem atividades magnéticas e energéticas mais fortes durante as fases das luas Crescente e Cheia, pois há mais luminosidade para embrenha-se nas matas e procurar a sua caça, que essa simbologia pode ser o amor-próprio, que jaz perdido, do consulente.

Traz dentro de suas cores o verde e o branco, acendendo velas destas mesmas cores e raramente aceitando outros elementos materiais, quando não muito as ervas.

Podem se manifestar fumando o charuto de folhas de tabaco e também o cachimbo de Angico/Jurema.

O grande Pajé faz parte dos caboclos de Oxóssi e comunga diretamente com a força que conhecemos como Ossaim.

Todos os animais das matas, desde o mais simples inseto até a Yawara (Onça-Pintada) estão sob sua responsabilidade, ativando os encantados que muitos confundem com a figura mitológica do Curupira, para ir atrás daqueles que matam os habitantes da floresta, sem uma justificativa plausível.

CABOCLOS DE OGUM

Os caboclos de Ogum já foram muito mais conhecidos do que são atualmente, justamente pela forma que a Umbanda toma nos nossos dias contemporâneos.

Esses caboclos são extremamente rígidos em suas condutas, não permitindo que ninguém fuja da lei de Causa e Efeito, por mais que lhes doa certas situações.

Eles, ao contrário do que muitos pensam, sofrem e padecem pelo sofrimento dos filhos-de-fé, mas entendem que tudo tem um propósito maior, assim ajudando a cada indivíduo a encontrar esse propósito.

São extremamente racionais e possuem aliados muito poderosos no mundo dos encantados, principalmente elementais eólicos e também ígneos, os mais conhecidos são os silfos e as salamandras, mas não se restringe por aí.

Um dos encantados das matas conhecido pelo folclore como mbaeta'ta (boitatá) é um de seus comandados e age de acordo com os ditames dos caboclos mais graduados dentro das falanges de Ogum.

Esses caboclos, justamente por terem um raciocínio aguçado, são exímios doutrinadores de mentes desequilibradas, trazendo ordem a um local que reina o caos. Atuam também nas desordens biológicas, físicas, mentais, emocionais e espirituais, sendo ótimos curadores, porém não curam exatamente como os feiticeiros de Oxóssi.

Esses caboclos, em contraponto aos de Oxóssi, que são vistos mais dentro das matas, são mais comuns entre as matas e a "civilização", fazendo essa ponte, sendo intermediário destes.

Justamente por essa simbologia atuam no inconsciente e no consciente da pessoa, fazendo esse elo entre os dois, para que então desordens de ordem psicológica sejam compreendidos, aceitos e tratados em um processo de autocura guiada pelos Caboclos de Ogum.

Não são tão falantes como os de Oxóssi e nem tão brincalhões, mas de vez em quando deixam escapar um sorriso. Respiram muito forte e de maneira carregada, sendo um desafio no começo das manifestações espirituais para médiuns mais novos.

Em seus discursos é muito comum ouvir jargões militares ou de ordem, demonstrando exatamente a quem servem. Agem tanto na Lua Cheia, quanto na Minguante de forma mais potente em seus domínios.

Durante a Lua Cheia estão realmente cheios de energia, totalmente empoderados e podem empreender batalhas espirituais, que outros caboclos não conseguiriam, justamente por isso vão a frente nas expedições em zonas umbralinas, conjuntamente com as outras falanges de caboclos.

Durante a Lua Minguante também possuem o poder de ceifar, simbolizado pela lâmina de aço que representa Ogum e São Jorge. Inclusive são os caboclos que menos usam arco-e-flechas em seus pontos, geralmente preferindo luas, meia-luas, folhas, estrelas e lanças, para apresentarem suas forças nos pontos riscados.

Não há uma falange melhor que a outra no geral, mas existem falanges melhor qualificadas para determinados trabalhos. Assim como é na nossa terra, não vamos pedir para um padeiro fazer uma cirurgia cardíaca, pois ele não teve treinamento para isso, assim como não pediremos a um médico para fazer um pão, pois o mesmo não saberá todos os mistérios para criar a saborosa massa de farinha assada. Todos têm suas posições e suas funções e todos se respeitam.

Podem se apresentar com animais de poder, tais como cavalos, lobos, aves de rapina (coruja, falcão, gavião, águias, carcarás, etc) e também com cachorros.

Geralmente não há pajés dentro dessa linha de trabalho, mas pode ocorrer de um Pajé de outra linha ter um cruzamento de forças com a linha de Ogum.

Não são muito afeitos a usar o tabaco⁴, mas podem usá-lo em casos muito específicos.

Traz dentro de suas cores o verde, o vermelho e o branco, podendo combinar outras cores com estas, mas geralmente o verde e o vermelho estarão presentes.

Tem um mistério conjunto com a Jurema (encantada) e costuma trabalhar muito com velas (de diversas cores) por causa do elemento fogo e também com pedras, cristais e minerais (apesar de ser um elemento mais ligado a Xangô, mas os caboclos de Ogum também usam, esporadicamente).

Bradam de forma mais tranquila e rápida que um caboclo de Oxóssi e costuma não ser tão agitado durante as consultas, mantendo sua posição de sentinela o tempo todo. Costumam receber suas entregas em caminhos, trilhas e no entrecruzamento de matas e cidades.

CABOCLOS DE XANGÔ

Esses caboclos praticamente encerraram suas participações nas giras de Umbanda, devido ao preconceito criado por muitos praticantes de que o caboclo tem que ser altivo e falar muito.

Os caboclos de Xangô não são de muita conversa, geralmente estão dentro dos grupos de socorro espiritual para avaliar se uma demanda é ou não justa e necessária.

Atuam dizendo para os demais caboclos e entidades, quais devem ser as penas e prerrogativas de um trabalho, seja no plano material, no plano espiritual e nas zonas umbralinas.

⁴ Por se tratar de uma ferramenta do Pajé.

Trazem dentro de seus simbolismos tanto o machado, quanto a balança, lembrando a todos que o que importa de fato é o equilíbrio, ainda podem usar o borduna como instrumento de poder marcial.

Se apresentam de maneira mais rústica, bruta, firme e quase nunca - quando incorporam - bradam muito longamente ou se jogam ao chão. Geralmente se manifestam com os punhos cerrados e batendo no peito.

O machado que é seu símbolo e também da Força que o sustenta de certa forma, acabou sendo muito mal interpretado. Os caboclos de Xangô se utilizam de machados feitos de pedras, com corte de apenas um lado. Os índios brasileiros não sabiam manufaturar os metais, logo suas ferramentas - em grande maioria - eram feitas com madeiras, ossadas, mandíbulas, garras e pedras.

Trabalham com os encantados das pedreiras, das cachoeiras e dos rochedos, mantendo o equilíbrio das coisas, mineralizando a água e levando-a a todos que dela necessitam.

Justamente por isso, atuam de forma curativa através do passe energético na água e também podem utilizar-se de cristais, pedras e metais para produzir uma modificação energética no corpo astral daqueles que com eles consultam.

Seu discurso sempre será rápido e certeiro, então não podemos esperar muitos mimos advindos de um caboclo de Xangô.

O mais importante aqui é ver que é o caboclo mais "civilizado" aquele que vive mais próximo a cidade e que comprehende o sistema de leis que regem uma sociedade. A ele não cabe dizer se infringiu a lei, mas sim a julgar a pena do indivíduo.

São tidos muitas vezes como insensíveis, mas isso é porque de onde estão conseguem ver os problemas de forma panorâmica.

Geralmente são chamados para casos de injustiça, traição (de todas as espécies e formas), confusão mental, desatino e também em casos de retorno (lei do Karma).

Utilizam muito do cuité com água mineral e também trazem as cores Marrom, Vermelho, Verde e Branco, inclusive em suas velas.

Raramente se apresentam fumando e gostam de agir de forma oculta, só se manifestando quando é realmente necessário. Justamente por isso suas luas de maior influência são a fase de Lua Nova e a Lua Cheia.

Dentro do conhecimento do terreiro é dito que a Lua Cheia e a Lua Nova devem pesar a mesma coisa (consciente e inconsciente) que só assim o indivíduo estará equilibrado. Costumam receber as suas entregas em pedreiras, rochedos e na própria cidade que é feita toda de pedra.

Podem manipular o fogo e também os elementais das tempestades, sendo que o trovão que é característico da força que rege essa linha, também é uma de suas atribuições. Se formos pensar assim, diríamos que Tupã (ou caboclo Tupã) é exatamente um caboclo de Xangô, pois sua manifestação é o Trovão e o Raio.

São líderes políticos, sociais e não líderes militares. Apresentam em seus pontos-riscados geralmente estrelas, sendo de cinco ou seis pontas, o machado e também flechas curvas, raios e trovões.

CABOCLOS DOS VENTOS.

Linha de trabalho regida - e inserida - dentro da Linha dos Ventos ou de Iansã. São em sua maioria encantadas que tem uma proximidade muito grande com os ventos, com as tempestades, com os raios e relâmpagos.

Atuam de forma muito próxima também aos silfos, assim como os caboclos de Ogum. Regem também tufões, ciclones, furacões e toda sorte e fenômenos que envolvem o ar, justamente por isso também rege a fala.

Por ter essa regência sobre a fala, ou a manipulação do ar em ondas que simulam a voz, suas encantadas podem se comunicar pela voz do médium.

Geralmente chegam rodando e dançando e com caras de bravas, podem andar por todo o terreiro girando sem que suas médiuns sequer esbarre em qualquer coisa. São leves e graciosas e suas consultas são pontuais, vorazes e muito acertadas. Por se tratarem de encantadas, geralmente em todas as fases da lua estão com suas energias equilibradas.

Costumam apresentar como animais de poder a figura do Búfalo e também da Jaguatirica. Gostam de trabalhar com outros encantados, sendo que quando se unem com encantados das águas, provocam verdadeiras panacéias nos locais onde estão, limpando tudo e não deixando nada no lugar.

Não costumam se manifestar em médiuns do sexo masculino (apesar de poder fazê-lo) e também vemos poucos Caboclos dos Ventos encantados de Iansã. O Caboclo dos Ventos ou Ventania, que muitos citam como sendo de Iansã, na verdade é um representante de Xangô.

Também não são evocadas dentro das consultas, só quando há uma consulta pontual para que alguma entidade nessa vibração possa se comunicar.

Trabalham bastante com o perfume de alfazema e também com laços e fitas. Não costumamos fazer oferendas para essas caboclas, sendo que elas são ativadas quando há necessidade, por um dos caboclos de outras linhas que não são encantados.

Entretanto podem levar em suas oferendas velas verdes, amarelas e lilases, assim como flores nessas cores e suas entregas são geralmente feitas nas pedreiras ou em campos abertos.

Não costumam riscar pontos, mas quando riscam podemos notar flechas curvas, raios, sinal de vento e também o símbolo do infinito.

CABOCLAS DAS ÁGUAS

Pode parecer estranho eu estar nomeando tanto essa linha de caboclas, quanto a anterior como Caboclas, sendo que podemos encontrar caboclos nelas também.

Estou usando essa regra, neste caso, pela predominância de gêneros que encontramos dentro das linhas de trabalho. No caso da linha das Águas (e do mesmo caso da linha dos Ventos), a maioria dos encantados que se manifestam é de gênero (ou polaridade) femininos.

São caboclas e caboclos que raramente se manifestam para dar consulta, raras exceções são as da Cabocla Indaiá e da Cabocla do Mar ou Cabocla Marinha (também

tem o Caboclo do Mar e o Caboclo Marinho) e da Cabocla Bruxa-do-Mar, que na verdade é uma cabocla quimbandeira.

Dentre esses trabalhadores, há clara prevalência pelo elemento aquático em suas mais diversas manifestações, sendo que as caboclas de Iemanjá, geralmente se ocupam das águas em todas suas manifestações, separando-se assim:

- Caboclas dos Rios e de Oxum: Águas doces.
- Caboclas do Mar: Águas salgadas.
- Caboclas de Nanã: Águas salobras.

O principal atributo desta linha é justamente a limpeza energética do ambiente e das pessoas, atuam ao lado de sereias, ninfas, ondinhas, amaralinas, tritões e todos os elementais das águas e em alguns casos comungam com a deusa Iara e as suas subordinadas.

Não costumam riscar pontos, mas quando são passados pontos podemos encontrar a estrela de cinco pontas (sem cruzar as linhas), representando as estrelas do mar, um cuité, peixes, ondas (tanto na horizontal quanto na vertical), pérolas, conchas e também flechas.

Recebem geralmente as cores verde, azul-claro, azul-escuro, amarelo, lilás e rosa, seguindo o mesmo para suas velas.

Suas entregas geralmente são nos pontos de força dessas entidades, sejam as cachoeiras, rios, beira-mar e o mar em si. Lembrando de que não recomendo essas entregas, pois elas mais poluem do que ajudam.

Uma oferenda clássica dessa linha são os espelhos, pentes, sabonete e perfumes. Recomendo que caso alguém queira fazer esse tipo de oferta, que o faça doando kits de higiene pessoal para pessoas necessitadas.

Uma das oferendas mais aceitas, quando falamos de comidas, é a do manjar branco com ameixas. Eu recomendo o mesmo, que se faça o manjar e que leve para ser compartilhado com pessoas que precisem.

As caboclas das águas em sua grande maioria não falam, apenas emitem um som lamuriante e podemos diferenciar suas origens através da forma como esse choro

se dá, as oxuns (caboclas de Oxum) e dos rios são mais lamuriosas, as ondinhas (de nanã) são mais saudosas e as demais são mais melodiosas.

Em meio aos animais de poder, encontramos todos aqueles que de alguma forma existem nas águas ou que dela podem fazer uso, inclusive sapos, rãs, sucuris e jibóias.

As águas são regidas pelas fases da Lua, logo a força das águas estará no seu ápice na Lua cheia e no seu nível mais baixo na Lua Nova, porém sabendo como usar as energias da lua, pode-se fazer trabalhos magísticos em todas as fases.

Esse é um mistério fundamentalmente feminino, não há como um homem incorporar uma sereia pela diferença no padrão vibratório. Essas entidades são encantados e as regras do politicamente correto não se aplicam a elas.

CABOCLA IARA OU OGUM IARA?

Ogum lara ou Yara é um falangeiro de Ogum, é masculino e representa a força de Ogum presente nas águas doces.

Trabalha geralmente na purificação e na cura e ordena os espíritos que atuam nas cachoeiras nesses aspectos e domínios.

Atua muito alinhado com os Caboclos de Matas e os Caboclos de Rios. É um encantado, não fala nas manifestações mediúnicas e geralmente indica que quer um copo de água doce no seu ponto.

Cabocla lara ou Yara é uma encantada dos rios, vem dentro da Legião de Caboclas de Oxum, na Linha de Iemanjá.

O Encantado é um ser não humano que vive em um plano paralelo ao nosso, mas que acaba convergindo com o nosso plano material/espiritual.

Em alguns casos podemos usar o termo lara às sereias de água doce ou até mesmo a própria Oxum, visto que lara é uma "deusa indígena"⁵.

⁵ Na realidade é um mito caboclo reinterpretado pela Umbanda. Seu nome deriva de Ipupiara que é um suposto monstro marinho nativo, nome este que quer dizer "O que está dentro d'água".

Seu nome originalmente 'Y-îara, pode também ser escrito como Uiara, quer dizer em tupi Senhora das Águas. Nisso pode ser também lemanjá,

Acredito que o termo se encontre mais para lemanjá visto que a figura da Deusa lara é de uma índia com longos cabelos negros e olhos profundamente casatanhos, lembrando muito a imagem de lemanjá clássica que estamos acostumados a ver por aí.

CABOCLOS QUIMBANDEIROS

Caboclo Quimbandeiro é caboclo ou é exu? Todos fazem essa pergunta e eu os comprehendo sendo exus com trejeitos de caboclo ou exus que foram indígenas ou são miscigenados e ainda caboclos com evolução moral não tão evoluída mas uma alta evolução intelectual (poder).

Curiosamente o regente maior da linha dos caboclos Quimbandeiros é um encantado chamado Pantera Negra, que hora pode aparecer como Exu e ora aparece como Caboclo, mas de fato isso se dá mais pela estrutura ritualística de cada casa. Se na casa é permitido Caboclo Quimbandeiro incorporar em giras de direita, eles assim aparecerão e dirão que são Caboclos Quimbandeiros, se não for permitido, dirão que são apenas Caboclos e ainda se a reprimenda for muito grande se manifestam como Exus, nas giras de esquerda.

De qualquer forma, eles trabalham exatamente como um exu trabalharia. Usam do marafo, das cores preto e vermelho, dos punhais, dos padês⁶ e terão até um linguajar muito próximo dos exus.

Dentro dessa linha há diversos caboclos encantados, como o próprio regente. Curiosamente essa falange está cada dia mais longe dos trabalhos de Umbanda. Um outro representante muito conhecido é o caboclo Arranca-Toco e o caboclo Tira-Teima.

⁶ Espécie de farofa dedicada aos Exus. Para saber mais sobre Exus, faça nosso Workshop "Exu - A Sombra da Umbanda", disponível no www.perdidoead.com.

CABOCLO DE PENA, CABOCLO ÍNDIO E CABOCLO DE COURTO.

Nos terreiros mais antigos é comum ouvir pontos que falam sobre caboclos índios, caboclos de pena, caboclos flecheiros, caboclos puri, caboclos de couro e uma infinidade de outros termos.

Caboclos Puris, Bugres e Caboclos Flecheiros são denominações dos chamados Caboclos Índios, que foram realmente indígenas ou são encantados muito próximos a cultura indígena, até mesmo tendo sido deuses menores de algumas tribos.

Eles se manifestam com todo o jeito de índio clássico e inclusive alguns não conseguem se expressar na língua portuguesa. Mas, fica evidente que o tipo de transe tem que ser muito profundo, quando não inconsciente para que esses caboclos índios possam se manifestar.

Justamente por isso eles estão sumindo dos terreiros de Umbanda, pois os médiuns não são mais preparados para possuírem um transe profundo e quase não existem mais médiuns inconscientes.

Os caboclos de pena, são os caboclos que podem ser índios ou mestiços mas que ainda assim tiveram contato com o europeu, o homem branco e "civilizado".

Conseguem dialogar em português, apesar que às vezes eles utilizam muitos termos confusos e palavras erradas, além do sotaque arrastado. A maioria dos caboclos que se manifestam na Umbanda são caboclos de Pena.

Ser caboclo de Pena não quer dizer diretamente ser da família dos Pena, que possuem em suas linhas o Caboclo Pena Branca, Pena Verde, Pena Azul, Pena Vermelha, Pena Dourada, Pena Verde, Pena Preta, Pena Roxa, etc. Mas todos os caboclos da família pena também são caboclos de Pena.

Já o caboclo de couro é como eram chamados os boiadeiros que se manifestavam no começo. Como não havia ainda uma compreensão exata sobre o que eram estas entidades, eles se apresentavam como caboclos (pessoas do interior) que

usavam couro (a roupa típica dos vaqueiros). O seu representante mais conhecido é o próprio Caboclo Boiaadeiro.

Engana-se quem ache que as Sete Linhas não comportam esses caboclos em sua estrutura original, pois os mesmos são muito relacionados com as forças de Ogum e também de Iansã, linha de Demanda e linha dos Ventos, justamente as atividades mais relacionadas com eles quando encarnados.

Raramente vemos um caboclo boiaadeiro ou boiaadeiro que seja encantado, mas existem encantados que adotaram esse jeito, inclusive um personagem folclórico do sul, conhecido como Negrinho do Pastoreio.

Aqui faço uma observação para quem está lendo sobre o folclore ou mitologia e está achando estranho, pois são figuras imaginárias. Pois bem, o imaginário também abriga os nossos caboclos, pretos-velhos, etc.

Tudo depende da crença e do ponto de vista, além disto, quando se acredita em algo e se dá força a algo, cria-se essa estrutura energética (egrégora) e muitas vezes até mesmo dá-se vida às formas pensamentos criadas.

Com essa energia toda massificada, não é de se duvidar que um encantado se aproprie da história, da forma e de tudo mais que nós acreditamos para se apresentar para os seus "crédulos". Isso também vale para entidades negativas e maléficas.

CABOCLO DA FAMÍLIA DOS PENAS

Não confundir os Caboclos de Pena, com os Caboclos da Família dos Penas, que são aqueles que carregam pena em seus nomes, como por exemplo o Caboclo Pena Branca, o Caboclo Pena Verde, o Caboclo Pena Azul, o Caboclo Pena Vermelha, o Caboclo Pena Dourada, o Caboclo Pena Roxa, o Caboclo Pena Preta, etc.

Todos são Caboclos de Oxóssi e suas cores não limitam seus domínios, só dão indícios de onde atuam.

- Branco = Universal, composto de todas as cores.
- Verde = Cura

- Azul = Proteção
- Vermelha = Justiça
- Dourada = Elevação Espiritual
- Roxa = Espiritualidade e Moral. Busca interior.
- Preta = Magia, muita magia!

Também deixe de lado o pensamento icônico e propagado de que o Caboclo Pena Branca é um Caboclo de Oxalá só porque tem o adjetivo Branco em seu nome. Na realidade, ele é um Caboclo de Oxóssi, da família dos Penas e que tem cruzamento com Oxalá.

Já conheci um dos integrantes da família do Pena Branca que trabalhava com cirurgias espirituais na ponta do punhal, além de ser na verdade uma Cabocla, ou seja, uma entidade feminina.

LINHA DOS BOIADEIROS

*"Vocês me chamam boiadeiro
Não sou boiadeiro não.
Eu sou tocador de gado,
Boiadeiro é meu patrão."*

Muitas entidades que aparentemente estão desconectadas das Sete Linhas, encontram uma categorização nas falanges, legiões e povos. Para isso é necessário adentrar no estudo aprofundado das origens das manifestações e também ir a fundo em outras culturas e religiões.

Para começar esse tópico sobre os boiadeiros deixo a seguinte reflexão, que sempre cito em minhas palestras:

*"Os baianos estão para os pretos-velhos, assim como
os boiadeiros estão para os caboclos!"*

Para quem vê a Umbanda com os olhos atuais pode até se chocar com tal afirmação.

Contudo se a gente começa a voltar no tempo, no início das manifestações de caboclos nas mais diversas religiões espiritualista que a figura do caboclo se manifesta, podemos nos deparar com a figura de um Caboclo chamado Caboclo Boiadeiro e de seus pares os Caboclos de Couro. Também citamos isso no tópico destinado aos caboclos.

Os caboclos são também resultado da miscigenação que torna o povo brasileiro tão diferente no planeta todo, pois é o encontro entre a etnia europeia e a etnia indígena, a mistura desses dois sangues, o que os torna realmente caboclos.

Seriam os caboclos que se aproximaram mais dos brancos nos tempos iniciais da colonização brasileira, ainda quando em vida, aprenderam da cultura européia e se colocavam dentro das fazendas, tocando a boiada.

As ideias aqui podem variar, alguns autores consideram os caboclos boiadeiros como caboclos puros (indígenas), outros são caboclos mestiços e ainda para outros é uma linha totalmente a parte. São relacionados com Ogum e Oyá (Iansã), mas também os vejo atuando com energias cruzadas de Oxóssi e até mesmo Xangô.

A sua irradiação com Ogum se dá devido ao uso dos cavalos, que são animais consagrados à energia de Ogum. Porém conduzem espíritos perdidos (irradiação de Iansã), trazer justiça e equilíbrio a locais distantes que outros espíritos não alcançam (irradiação de Xangô) e também se embrenham pelas matas (irradiação de Oxóssi).

Seu domínio sobre os Eguns⁷ é devido a serem considerados aqueles que "tocam a boiada" de espíritos perdidos ou almas penadas para seus locais de necessidade e merecimento, que estavam reservados para eles.

Por meio de laços energéticos ou magnéticos, aprisionam esses espíritos em desequilíbrio - muitos até em estado de catatonia completa ou sonambulismo - e os encaminham aos campos da natureza nos quais poderão encontrar a ajuda que necessitam.

Na minha visão, todas as regências que são atribuídas aos caboclos de pena, também podem ser atribuídas aos boiadeiros.

⁷ Espíritos desencarnados.

Porém dentro de uma visão mais popular é dito que os boiadeiros são exus que evoluíram e mudaram de grau. Eu não vejo isso como completamente equivocado, porém não concordo plenamente, pois para um Exu deixar de ser Exu, ele deveria reencarnar - na minha opinião.

Mas suponhamos que o Exu possa ter evoluído, encarnado, desencarnado e aí então virado um boiadeiro, essa ideia faz sentido para mim.

Outro fato que os difere de exus é sua devocão, principalmente a Nossa Senhora Aparecida da Conceição. Não vemos essa devocão tão acentuada com os Exus.

Sua moral é bem mais evoluída, apesar de nem sempre ser acompanhada da evolução intelectual, o que faz deles espíritos muito próximos de nós humanos que ainda estamos tentando alcançar nossa moral.

*"Seu boiadeiro por aqui choveu,
Seu boiadeiro por aqui choveu,
Choveu que amarrotou,
Foi tanta água que meu boi nadou."*

Em suas entregas vejo muita relação das cores Amarelo e também Vermelho, mas podem usar as mais diversas cores para fitas e velas.

Geralmente gostam do laço de couro e também de instrumentos com muitas fitas amarradas.

O boiadeiro é a representação mais icônica do sertanejo clássico. Seus locais de entrega geralmente são nas estradas, principalmente nas trilhas de boiadas, recebem diversas comidas, inclusive a meladinha (cachaça, mel e limão).

São saudados com o Jetruá Boiadeiro ou Xetruá, algo que perdeu seu significado com o passar do tempo.

Geralmente acompanham as procissões religiosas e quando são interpelados sobre sua religião, dirão que são católicos e devotos da Virgem Maria.

Seus laços são emanações plasmadas por suas próprias capacidades magnéticas, não necessitando do elemento físico em si, usando-o apenas como um símbolo.

Chegam geralmente a incorporar com um sonoro: "Auô Boi!". Não são muito afeitos a darem consultas como outras linhas que veremos mais adiante, mas quando o fazem são sempre precisos, apesar do palavreado simples que muitos interpretam como xucro.

Estão sempre nas giras de Umbanda, mesmo não se manifestando pela mediunidade, trazendo espíritos para ouvir as preleções evangelizadoras.



ANCESTRALIDADE SAGRADA

Os Pretos-Velhos e as Pretas-Velhas fazem parte da origem da Umbanda e representam a ancestralidade e sabedoria.

Seguindo o mito de fundação da Umbanda, o preto-velho foi o segundo espírito a se manifestar em uma sessão umbandista - conduzida pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas - foi Pai Antonio.

Espírito que se manifestava de forma diferente, trazendo certa humildade e subserviência, possivelmente representando a personalidade que era quando encarnado como negro escravizado em terras brasileiras.

Mas ao mesmo tempo que essa figura se mostrava humilde, pacata e até certo ponto-frágil, também era possível antever grande sabedoria e pureza em suas palavras.

A linha dos Pretos-Velhos, para alguns considerada a Linha das Almas, das Almas Santas ou Africana, traduz em muito a Umbanda: Um estrangeiro trazido a uma terra desconhecida servindo de escravo e que tinha a sua liberdade tolhida em todos os aspectos, sendo rebatizado com nomes católicos e carregando profunda humildade.

Apesar da Umbanda ser formada inicialmente pela polaridade: Caboclo e Preto-Velho, acredito que essa linha dos sábios Vovôs e Vovós é a que mais representa os valores umbandistas.

Carregado na mironga e no sotaque, sempre fazendo seus benzeimentos típicos, vemos a confluência entre a cultura ancestral e tradicional com a temática católica, trazendo um universalismo primitivo incrível e eficaz. São os benzedores por excelência e é quase impossível não gostar de falar com um Preto-Velho.

Para algumas vertentes umbandistas os Pretos-Velhos vêm na Linha de Oxalá, em outras na Linha das Almas, para alguns na linha de Yorimá (Umbanda Esotérica/Iniciática) e em outras é a linha da Evolução, sustentada pelos Tronos da Evolução Obaluayê / Nanã Burukê (Umbanda Sagrada).

Dentro da minha tradição eles são representantes da linha de Oxalá, que é o Orixá Ancestral primordial. Até a manifestação de Oxalá lembra em muito a dos Pretos-Velhos

no terreiro, além do fato deles citarem muito: Que o Saravá de Nosso Senhor Jesus Cristo te abençõe!

Mas isso não quer dizer que não sofram irradiação dos demais Orixás, principalmente dos outros Orixás Ancestrais Omulu (Obaluayê) e Nanã Burukê. Além de todos os outros Orixás: Xangô, Iansã, Ogum, Oxum, etc.

Gostam muito de conversar, mas não são diretos em suas palavras. Preferem deixar o filho pensar depois de ouvir uma história.

Utilizam o tabaco - em cigarro de palha ou cachimbo - como forma de descarregar as energias negativas e pesadas, mas podem usar diversas ervas para tais fins.

Conheço alguns Vovôs que usam a mistura de Calêndula, Sálvia, Alecrim, Alfazema, Rosa Branca, Hortelã e Tabaco como fumo ritualístico.

Podem beber café amargo ou adoçado com rapadura ou mel. Alguns lugares aceitam ofertar vinho tinto ou marafo com mel.

Adoram um galho de erva para um cruzamento e um benzimento e podem benzer tanto através da água quanto através do fogo.

Vovô Francisco do Congo ensina um benzimento para ser auto-aplicado: Com um galho de arruda você pode fazer uma cruz em frente a própria testa, depois repete na garganta e por fim repete na frente do coração. Enquanto cruza vai dizendo:

"Senhor de Misericórdia, pelas chagas de Jesus, clamo a ti a vossa luz, para que mal nenhum perturbe o meu pensador, meu falador e meu coração, com amor, com perdão, cruzo a frente e atrás, com humildade e sossego, fico na mão do cordeiro, assim sendo."

Por fim, joga-se o galho de arruda em água corrente ou fora no lixo, fora de casa.

Pode ser feito diariamente ou no intervalo de tempo que desejar. Sempre finalize os benzimentos com o agradecimento a Deus Maior, o Deus Pai e também reze um Pai Nossa e uma Ave Maria e faça o sinal da cruz.

A cor mais utilizada nas velas e fitas dessa linha é o Branco, porém também podemos ver o uso de violeta, roxo e lilás. Algumas vertentes utilizam velas nessas cores e também velas bi-color preta-e-branca.

Seu pratos ritualísticos são: Caruru, Mungunzá, Vatapá, Cuscuz, Bolo de Fubá, Pipoca, Bolo de Milho, Cural, Pamonha, Tutu de Feijão, Feijão Fradinho, Doce de Abóbora, Cocada, Rapadura e Batata Doce. Ainda podem receber coco seco, uvas verdes grandes, melão, pinha e pinhão.

Suas flores geralmente são brancas com muitas pétalas abertas, como crisântemo branco, margaridas, azaléia branca, palmas brancas, dália brancas. Usam como ferramentas o terço, a cruz, a pemba, a bengala, o chapéu de palha, o cachimbo, etc.

Em seus pontos riscados é comum encontrar estrelas, cruzes, cachimbos, espirais (caracóis), bengalas, entre outros. A saudação a essa linha é "**"Adorei as Almas"** ou "**"Iaô Vovô, Iaô Vovó"**".

Dia 13 de Maio, comemora-se a promulgação da Lei Áurea, lei que determina a libertação de todos os seres humanos mantidos em regime de escravidão. Entretanto no meio umbandista também é o dia de homenagear os queridos trabalhadores da linha dos Pretos e Pretas-Velhos.

Entidade conhecidíssima e popularmente difundida. É muito comum encontrar alguém que ao fazer uma brincadeira fala no jeito característico desses abnegados espíritos: Suncê, Mizifio, Zinfio, etc.

É factual lembrar que já haviam manifestações de pretos-velhos mesmo antes do surgimento da Umbanda, mas foi nessa que essa linha se popularizou e se mesclou, não podemos pensar em Umbanda sem pensar nesses queridos guias.

Nem todo preto-velho foi escravo ou é um senhor idoso, alguns espíritos que trabalham nessa linha se apresentam como Pai, Mãe, Vô, Vó, Tio ou Tia.

Contudo nem todos tiveram a passagem pelo cativeiro ou sequer tem ascendência africana.

A linha dos pretos-velhos é emblemática, assumem a roupagem de um africano, ancião e geralmente com nome de batismo cristão. Não há linha que mostre melhor conformidade com o universalismo do que esta.

Ao mesmo tempo em que se pode ouvir um preto ou preta-velha rezar para Zambi, Olorum, Oxalá, também os vêm rezando para Jesus, São Francisco e São Benedito.

Geralmente eles se manifestam com a coluna arqueada, com os aspectos de um ancião mesmo, se sentam em seus tocos ou bancos, pedem o cuitê (cuia para beber água ou café), sua cachimba ou pito (o cachimbo ou o cigarro-de-palha) e uns raminhos de ervas.

Benzedores e mirongueiros, os pretos-velhos eram os curadores naturais do povo da Senzala. Curam as dores da alma e do corpo, com suas rezas, beberagens, banhos de ervas, defumação e muita, mas muita fé.

O simbolismo da simplicidade destes guias aliada a conduta da sabedoria dos anos, os transformam em um dos mais carismáticos dos guias a trabalharem com a assistência dos que procuram os centros umbandistas.

Adoram "prosear" e geralmente depois do benzimento que sempre dão, com ervas, estalar de dedos, cachimbo ou outra forma, vêm uma palavra amiga e de incentivo.

Os Orixás que irradiam essa linha de trabalho são geralmente associados aos Anciões: Oxalá, Obaluayê e Nanã Buruquê.

Geralmente se utilizam de fios de contas (guias) com lágrimas de nossa senhora, cruzes, figas, ou em tonalidades de contas preto-e-branca.

Apresentam-se geralmente na incorporação de forma curvada, andando devagar, com fala mansa e amável.

Salve todos os pretos e pretas-velhas, que eles possam com suas vibrações de amor, caridade e fé trazer para nós a lição necessária de humildade e sabedoria.

Vamos render homenagens a aqueles que nos libertam da escravidão da vaidade e do orgulho todos os dias, com seus conselhos e broncas bem colocadas, sempre "comendo o mingau pelas beiradas".

Saravá a todos Pretos-Velhos e a todas Pretas-Velhas! Iaô Vovô e Iaô Vovó!

LEGIÕES DOS PRETOS-VELHOS

Geralmente na Umbanda tradicional essa linha de trabalho vem dentro da linha de Oxalá. Porém há também duas exceções, a dos Pretos Quenguelê que vem na linha de Xangô e alguns Preto-Velho Quimbandeiros que vêm na esquerda.

O arquétipo do preto-velho lembra muito Oxalá, inclusive usam muito terços, rezas, benzimentos, salmos e passagens bíblicas.

Tem gente que chama eles como povo das almas e isso acaba confundindo eles com os falangeiros da esquerda da linha das almas. Eles são os trabalhadores conhecidos das Almas Santas ou Almas Benditas.

OS POVOS E NAÇÕES DOS PRETOS-VELHOS:

Os Pretos-Velhos recebem algumas alcunhas, que podem dizer sobre sua localidade, mas será mesmo que é isso apenas?

O Preto-Velho não é uma entidade africana (salvo algumas raras exceções) que baixa nos terreiros. O Preto-Velho é na verdade bem cristão, vendo pelos nomes que carregam e pela forma como trabalham. Geralmente são pessoas descendentes dos africanos que foram escravizados já nascidos no Brasil ou foram trazidos para cá muito jovens.

Quando o nome é Pai Francisco do Congo por exemplo, podemos dizer que a sua nação realmente é o Congo? Mas e o que ocorre quando é um Pai João de Aruanda? Onde fica Aruanda?

Os Preto-Velho são separados por povos, se seguirmos a Umbanda Tradicional de Zélio, eles se manifestam na linha de Oxalá. Se seguirmos a Umbanda Popular de

Lourenço Braga, eles se manifestam na Linha Africana ou de Santo, também chamada de Linha de S. Cipriano.

Os mais comuns são:

- Povo da Costa;
- Povo do Congo;
- Povo de Angola;
- Povo de Benguela;
- Povo de Moçambique;
- Povo de Luanda;
- Povo da Guiné.

Mas e o Pai Arruda ou os tantos Beneditos de Aruanda? São povos dentro dos povos. Nesse caso Arruda, no do povo de Guiné e Aruanda no povo de Angola.

Ainda existe o povo de Cabinda, que está dentro da linha de Congo.

Vamos analisar algo? Congo, Angola, Luanda, Cabinda, Quenguelê e Benguela são todas regiões de cultura Bantu. Moçambique também entra dentro dessa influência cultural.

Está ficando clara a relação do povo Bantu com a Umbanda? E que a cultura Nagô/Yorubá é adição recente através do africanismo que tomou conta dessas vertentes modernas da Umbanda?

Entre si ainda mudam muito as manifestações das entidades, o povo de Guiné segue muito uma linha de conversa, de aconselhamento e conhece bastante as ervas.

O povo do Congo já é mais prático, conversam com um tom dócil, mas sempre com uma bronca ou ensinamento por trás e são mais focados nas quebras de demanda também.

O povo de Quenguelê se manifesta na linha de Xangô e alguns Preto-Velhos se portam de forma ereta e altiva, muitos são chamados de Tios, pois os enquadram como espíritos jovens. Mas é só lenda isso de avô, pai, tio, etc.

Ultimamente o nome da moda é Aruanda. O que tem de Preto-Velho de Aruanda por aí não tá escrito. Porém, ser de Aruanda não designa que o espírito provém de Oxalá

(como dissemos pela Umbanda Tradicional todos os Preto-Velhos são de Oxalá, com exceção dos Kimbandeiros e dos Quenguelê).

Na verdade, isso é uma tentativa de criar um super-espírito que teria o poder altivo dos céus, seria um emissário do céu. Lembremo-nos que, seguindo o mito de fundação, quando a Umbanda foi fundamentada, quem se manifestou foi apenas Pai Antônio, apenas isso.

O Preto-Velho fundamental da Umbanda não carregava Aruanda no seu nome para criar uma pompa que não lhe cabia.

Ainda temos alguns Preto-Velhos que são mais abrasileirados, como o caso de Pai João da Caridade, o Nhô João ou João de Camargo.

Então temos também alguns outros Pretos-Velhos com nomes tais como das Almas, dos Cruzeiros, etc... De onde surgem eles? Quase todos estão dentro da linha de Angola, a maior e mais profícua das linhas.

Essa alcunha das Almas não quer dizer que eles são espíritos que trabalham na LINHA das ALMAS, mas que são Almas Santas que se preocupam com o preparo dos espíritos que desencarnam, fazendo-os aceitar melhor a situação em que se encontram e recolhem também os cascos energéticos encontrados nos cemitérios.

São também responsáveis por retirar dos Lêmures, as formas-astrais, que acabam por assustar os visitantes desavisados de cemitérios.

Os pretos-velhos do Cruzeiro também nada tem a ver com Obaluayê como é dito por aí (em partes), ele é apenas mais um servidor humilíssimo que demonstra que através da fé cristã, do calvário e do sofrimento consegue-se recuperar. Eles atuam na recuperação da fé dos espíritos já desencarnados e em sessões de atendimento, também dos encarnados.

Mas onde entra Obaluayê nisso tudo? Não entra! Mais uma modernidade, muito se pega do arquétipo de Obaluayê estar curvado e em uma posição semelhante a que os Preto-Velhos se manifestam. Até o uso das velas é diferente. Apesar dos Pretos-Velhos terem ligações com o mistério ancestral, assim como o próprio Obaluayê / Omulu, não quer dizer que um está subjugado ao outro.

Os Preto-Velho trabalham com velas brancas, com velas bicolor branco-preto ou com velas de tonalidade lilás, roxo, violeta e etc. Mas não é por causa de Obaluayê, mas sim porque essas cores violáceas são consagradas como cores espirituais, cores da morte e da passagem.

Resumindo: A cor já representava essa força, alguém equivocado foi lá e falou que era porque era a cor de Obaluayê, mas na verdade foi o inverso, virou de Obaluayê por já ser uma cor ligada a morte e espiritualidade. Além disso, a cor original de Omulu/Obaluayê é Vermelho/Preto/Branco, sempre usadas juntas ou apenas a vela branca, por Omulu estar ligado ao mistério ancestral onde todos recebem o branco.

POVO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
DA COSTA	Povos que comprehende também o povo da região da Costa da Mina, onde hoje estão os estados de Gana, Benim e Togo.	Povos que tem em sua característica a capacidade mercantilista e são bem flexíveis. Os baianos de Umbanda estão neste povo.
DO CONGO	Povos que ocupavam o local original do Reino do Congo. Abrangia desde o noroeste de Angola, a parte oeste de onde hoje é a República Democrática do Congo, a parte sudoeste e oeste da atual República do Congo e o centro-sul do Gabão.	Povos que tem dentro de sua característica mais marcante o combate aguerrido. São geralmente associados às forças de Ogum e Iansã.
DE ANGOLA	Ocupava o antigo Reino do Dongo, ao sul do Reino de Congo entre os rios Dande e Cuanza, a leste das regiões de Matamba e Lunda.	Povo que traz muito da influência Banto, mas com toques já de mistura dentro das práticas mágico-religiosas. É o grupo mais populoso e com diversos sub-grupos.
DE BENGUELA	Da região onde se comprehendia o Reino de Benguela, pegando a maior parte da província de Benguela e o sul do Cuanza do Sul.	Benguela tem um lado muito mais focado na adivinhação e nos processos de curas espirituais.
DE MOÇAMBIQUE	Da região onde hoje é a República de Moçambique do	Povo mais aguerrido, geralmente formado por

	lado leste do continente Africano e banhada pelo Oceano Índico.	estrategistas militares. Associam muito suas forças as energias de Oxóssi e Ogum.
DE LUANDA	Da região onde era conhecido como Ilha de Luanda, parte do Reino de Dongo.	Povo pertencente a Angola, mas ganhando autonomia. Tem uma forte influência das forças de Oxum e Iemanjá.
DE GUINÉ	Região onde hoje conhecemos como Guiné-Bissau.	Povo de grande conhecimento no que tange às curas por meio das ervas e das rezas. São associados às energias de Ossaim e Oxóssi.
DE ARRUDA	Povos descendentes dos originários de Angola.	Povo que atua na quebra de demanda por meio de ungamentos e magias vegetais. Podem trazer cura, mas preferem o trabalho de luta e recuperação de energia vital. Atuam sob influência de Ossaim, Oxóssi e Ogum.
DE QUENGUELÊ	Corruptela do nome Quenguela na região de Angola.	Povo de Angola, com forte influência dos mistérios ancestrais, é bem mais comum encontrar os chamados Tios e Tias do que os Pais e Mães, neste povo. São associados muito as energias da terra.
DE CABINDA	Parte do antigo Reino do Congo.	Cabinda tem uma forte influência de mistérios próximos a Nanã e Oxum. Atua dentro dos campos emocionais melhor que as demais classificações.
DE ARUANDA	Povos descendentes dos originários de Angola, já em solo brasileiro. Apesar de Aruanda poder ser ligada a uma região conhecida como Arruanda em Angola.	São pertencentes ao povo de Angola mas produzem mais sermões e lições espirituais. São aqueles guiados pela evolução espiritual e estão entre os mais elevados dos espíritos.

POVO DA BAHIA

Lembra quando eu disse que uma das falanges de Preto-Velho é a chamada Povo da Costa? Mas quem estaria lá compondo essa falange? Existem alguns Preto-Velho que são trabalhadores do mar, caiçaras, pescadores, etc. Porém, há um grupo que lá está que ninguém hoje em dia imagina.

É um povo que chega dançando, nada parece com um Preto-Velho clássico e geralmente solta um sonoro: OXENTE! Isso mesmo, os baianos.

A linha de baianos é uma "modernidade" que foi bem aceita dentro da Umbanda. Esta linha não estava na composição original e começou a ser mais vista dentro dos terreiros por meados dos anos 1960-70.

Geralmente são mais comuns no estado de São Paulo, mas podem ser encontrados por todos os cantos. Alguns os chamam de Paraíbas ou Pernambucanos, mas geralmente o mais comum é mesmo baiano.

Porém o baiano aqui não quer dizer especificamente a região do estado da Bahia, mas algo mais amplo, para todo povo do nordeste.

Com a migração do povo do nordeste para São Paulo, muitos dos seus cultos ancestrais acabaram vindo junto. Entenda então Bahia mais como Baía, da questão geográfica.

baía

substantivo feminino

1. fisgr num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar.
2. p.ext. fisgr B lagoa em comunicação com um rio através de um canal.

Chocou-se? Então, isso é tradição.

Os Baianos nem sempre são baianos e podem até ser categorizados como Preto-Velhos.

Aqui a gente entra com aquela coisa estranha de falar de baiano, porque é um povo tão querido que quase não tenho como dizer nada sem lembrar do bom Baiano Severino, meu companheiro, amigo e protetor e do seu Zé do Coco, que trabalha pela mediunidade de minha tia (material) e mãe (espiritual), que é sem dúvida uma das entidades mais importantes na minha vida e que me possibilitou ser o que sou hoje.

Saravá ao povo da Bahia! Jetruá Baianos! Salve sua Estrela! Oxente!



NOVOS ARQUÉTIPOS NA UMBANDA

Dentro da Umbanda o termo arquétipo é utilizado para designar as linhas de trabalhos apresentadas. Desta forma, temos: Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Exus, Pombagiras e mais alguns.

Os arquétipos definem povos originários desta terra ou que estavam em sua base de formação, que é o caso de Caboclos e Pretos-Velhos, por consequência seus descendentes como os Baianos, também aparecem aqui. Alguns outros arquétipos definem profissões, como: Marinheiro, Boiadeiro e alguns Mineiros (raros, mas existentes).

Mas tivemos relatos de algumas linhas um tanto diferentes como as de caminhoneiros, bruxas, circo, palhaços e até mendigos aparecendo em alguns terreiros. Até onde vai a inclusão? Seria uma loucura coletiva? Um erro pontual? Novos arquétipos podem ser adotados na Umbanda?

A compreensão destas linhas e da sua formatação sempre se dá para nós que estamos inseridos na religião e queremos comprehendê-la de uma forma mais lógica, contudo, tudo o que nós formulamos no plano material, não é respaldado ou inscrito em pedra no plano espiritual. Essas estruturas são bem mais flexíveis do que aparentam, mas nós temos limitação em nosso entendimento e acabamos por definir esse mesmo limite em nossas mentes com estruturas hierárquicas e separadas.

Contudo compreendemos que dentro da Umbanda existem duas estruturas fundamentais, as quais damos os nomes de Caboclos e Pretos-Velhos, sendo que todas as demais seriam derivativas destas duas.

Porém temos uma questão aí, não é? A exceção fica por conta de Exu e Pombagira, que tem outro sistema de classificação próprio, pois estas entidades não são pilares da Umbanda, mas convidados desta.

Pode parecer estranho ouvindo assim, afinal a Umbanda está cheia de Exus e Pombagiras, mas isso fica mais claro quando entendemos que na Umbanda todos os espíritos podem participar, mesmo que não façam parte do pilar estrutural da religião.

Em nosso [podcast, no episódio 94 do Papo na Encruza, sobre Catimbó e Jurema](#), o pai Aderbal cita que dentro das suas práticas aparecem os povos ciganos, mas que de

fato eles não fato eles não pertencem nem ao catimbó e nem a jurema, mas por se aproximarem, eles possuem direito de trabalho e fala. O mesmo ocorre com os povos ciganos na Umbanda, assim como Exus e Pombagiras.

Mas voltando ao começo...

Como assim só tem Caboclo e Preto-Velho na Umbanda?

Pois é, é isso que a tradição apregoa. Os povos nativos, conhecidos dentro da Umbanda como caboclos e os povos africanos trazidos para o Brasil como mão de obra escravizada são as bases da formação da cultura de Umbanda.

Claramente que outras influências foram exercidas dentro da Umbanda como o próprio cristianismo popular e as práticas de magia ibérica, com uma tardia exposição ao espiritismo e uma invasão desse pensamento após 1920.

Caboclo acaba se tornando um termo genérico para indígena, porém é impreciso. O termo caboclo era empregado de duas formas distintas. Servia ora para designar o mestiço entre europeu e indígena, por outras vezes simbolizava o homem do campo, do interior, simples.

Com esse pensamento podemos dizer que TODOS os homens "simples" no ponto de vista das classes econômicas dominantes eram vistos como caboclos ou homens da terra. Desta forma, os boiadeiros que viviam no campo, tocando boiada podem ser considerados caboclos, os chamados caboclos de couro.

Na verdade, dentro dos caboclos temos três categorias: Caboclo Índio, Caboclo de Pena e Caboclo de Couro.

Com esse mesmo pensamento, os marinheiros também seriam uma espécie de caboclos, sendo conhecidos como Caiçaras, por muitas vezes. O Marinheiro da Umbanda não é exatamente um indivíduo que serviu a MARINHA MILITAR, mas pode ter servido a marinha mercante, ter sido um pescador, um homem do litoral e até mesmo um naufrago.

E os pretos-velhos?

Bom, os pretos-velhos também acabam enveredando para o ramo caboclo em algumas oportunidades, principalmente os descendentes de indígenas com africanos,

que eram tidos em alguns casos como caboclos boiadeiros nas fazendas. Mas na umbanda raramente veremos eles se manifestando como caboclos, sendo que quando se manifestam eles falam que são Caboclos Africanos como o Pai Zulu ou Caboclo Africano Zulu, como exemplos.

Contudo, temos a figura do baiano, que muitos nem sabem se tá na direita ou na esquerda da Umbanda, pois eles trabalham tanto com coisas de cunho elevatório espiritual (na visão da Umbanda, o pensamento coletivo), quanto com coisas mais materiais (na visão da Umbanda, um pensamento mais individual).

Quem são essas figuras? Eles são espíritos de ex-sacerdotes, feiticeiros, que possuem sangue originário africano ou são seus descendentes e que trazem as suas mandingas para os chãos do terreiro. Eles podem fazer tanto magia de direita, quanto de esquerda, pois um sacerdote ou pai/mãe de santo também o fazem dentro do seu ofício nas macumbas.

Os baianos são considerados pretos-velhos mais jovens, tanto em questão de idade em vida, quanto de mais recentes no desencarne. Muitos são colocados dentro da categoria do Povo da Costa, na Legião dos Pretos-Velhos, dentro da Falange de São Benedito, na Linha de Oxalá.

Então para facilitar, siga o diagrama abaixo:

ARQUÉTIPOS NA UMBANDA

CABOCLOS

- Caboclo Índio
- Caboclo de Pena
- Caboclo de Couro
- Boiadeiros
- Marinheiros

PRETOS-VELHOS

- Pretos-Velhos (Linha de Oxalá)
- Pretos-Velhos de Xangô (Quenguelê)
- Baianos



Mas e quanto a essas novas linhas? Seria possível com o avanço da religião outras profissões serem incluídas? E os outros povos como os indianos, egípcios, astecas, celtas, etc.?

A tentação de criar novas linhas para incluir todos os espíritos do mundo é muito grande, contudo, o que é a Umbanda? É uma prática religiosa brasileira de culto aos antepassados da nossa terra. Quem são esses antepassados? Os povos formadores do povo brasileiro.

O Egípcio, o Turco, o Celta, o Asteca, o Indiano, o Judeu, todos esses povos, não foram formadores. Podem até serem incluídos trabalhando aqui e acolá, mas não são os povos formadores.

O Brasil é o país onde mais tem descendentes de japoneses fora do Japão, porém não somos um país formado por japoneses.

Para esses povos encontramos a linha do Oriente, ou melhor, [Falange do Oriente, incluída dentro da Linha de Xangô, sob a regência de São João Batista \(Xangô Caô\)](#). Aqui nesta linha encontramos egípcios, astecas, toltecas, maias, caraíbas, judeus, árabes, berberes, celtas, romanos, etc.

Encontraremos samurais? Pode ser que sim, afinal tem o povo do Japão incluído, assim como da China e outros povos do oriente.

Mas e quanto a novas profissões como caminhoneiros, palhaços, artistas circenses? Eu creio que isso já é um pouco de exagero. Podemos ter bruxas? Sim, mas a maior parte delas ou estão na Falange do Oriente ou se apresentam como Pombagiras. Podemos encontrar os mendicantes? Podemos sim, mas não sei se exatamente uma linha de mendigos. Existem os povos mendicantes dentro dos povos de Exu e Pombagira, que são os Molambos ou Mulambos.

Então, acredito que a religião como uma religião de culto aos antepassados não precisa de novas linhas e novos arquétipos, sendo que isso descaracterizaria essa religião. Contudo espíritos de caminhoneiros, por exemplo, podem se manifestar com algum outro arquétipo, se tiverem a permissão para serem guias de Umbanda.

"Mas isso não seria mentir?" – Você pode estar se perguntando.

A resposta é bem simples: Não!

Afinal, quem garante que em vidas anteriores, aquele espírito não tenha tido uma vivência como um dos povos formadores do povo brasileiro, ou seja, não tenha sido um antepassado? Ele pode resgatar essa existência para o trabalho.

NOMES DE GUIAS IGUAIS

A coisa mais comum é um conselente dar preferência a certa entidade que já tenha familiaridade, ainda mais se ela trouxer um nome na qual o conselente já tenha confiança.

Porém, essa questão de nome das entidades, também traz algumas dúvidas básicas, pois como pode um Caboclo Arranca-Toco estar incorporado aqui e em outro terreiro? Ou ainda pior, como pode no mesmo terreiro ter dois Caboclos Arranca-Toco trabalhando juntos?

A resposta para essas perguntas é simples: É porque são entidades diferentes que se utilizam do mesmo nome!

A ideia pode parecer óbvia para quem já frequenta o terreiro há muito tempo, porém o mesmo não é verdadeiro quando se tratam dos iniciantes.

Os guias espirituais se utilizam na verdade de nomes simbólicos, que representam a sua falange e linha de atuação. No caso do caboclo do exemplo ele é um, entre muitos, caboclos Arranca-Toco.

São espíritos que têm afinidade com o caboclo Arranca-Toco original, que pode até ser mesmo um ser encantado – um espírito que pode nunca ter vivenciado uma existência humana.

Na verdade, o Caboclo Arranca-Toco que incorpora no médium João, pode ter sido André em uma vida, e o Caboclo Arranca-Toco que incorpora no médium José, pode ter sido Sebastião, mas quando tomados pelo arquétipo da sua linha de atuação,

tomam para si os trejeitos e a forma de agir do Caboclo Arranca-Toco original, que seria o sustentador dessas entidades com esse mesmo nome.

Mas mesmo assim, algumas particularidades fazem com que as manifestações sejam próximas, similares, mas nunca idênticas. Isso se deve ao que é comumente conhecido como terceira energia.

Os nomes, em alguns casos, podem ser interpretados, trazendo assim uma maior compreensão sobre as linhas de atuação, Orixás e forças que regem aquele espírito-guia.

Por exemplo, o Orixá patrono da linha dos Caboclos é Oxóssi, independente para qual linha que o Caboclo trabalhe, Oxóssi sempre será seu sustentador. Prosseguindo no nome temos o Arranca e Toco, Arranca pode ser considerado como uma chave para a energia de Ogum, pelo gesto de força que representa essa palavra e Toco é o que restou de uma árvore morta, podendo ser atribuído a Omulu.

Logo esse caboclo é apadrinhado por Oxóssi em sua linha, ainda sendo um caboclo de Ogum e Omulu, militando nessas forças. Assim dizemos que é um Caboclo de Oxóssi cruzado com Ogum e Omulu, apesar de que na Umbanda Tradicional apenas Oxóssi, Ogum e Xangô, arregimentaram caboclos.

Ogum é a Ordem e Lei, Omulu pode ser considerado o efeito paralisador, aquele que diminui o tempo das pessoas, cria doenças e as cura, faz minguar mas também faz mudar e outras coisas mais.

Então podemos ter que esse caboclo traz em seus atributos combater a paralisação através da ordem e também atuar trazendo a ordem para seres que se encontram paralisado em suas negatividades.

Poderíamos desdobrar mais e mais ainda, falando que ele é um caboclo que traria a paralisação dos seres negativados de forma ordeira e de acordo com a lei, porém em alguns casos com ímpetos de força.

Mas, essa não é uma ciência exata, devido a algumas entidades militarem em mais forças do que simbolizam seus nomes, pois eles podem optar por ocultar alguns atributos, que muitas vezes acabam sendo representados em seus pontos riscados; ou

então podem se utilizar de nomes simbólicos mas fechados. Como Pai Joaquim de Angola.

Não dá pra determinar as forças que Pai Joaquim trabalha só pelo seu nome. Nesses casos devemos nos atentar para a simbologia em seus pontos riscados ou, melhor até, perguntar para a própria entidade.

O estudo detido do nome da entidade, sua linha de atuação, seu ponto riscado, entre outros traz para o estudante – como todo médium deveria ser – uma maior assertividade nos trabalhos.

A LINHA DE CRIANÇAS NA UMBANDA

Uma das linhas mais misteriosas dentro da Umbanda e que causa tanto fascínio quanto medo. Esta é a linha das crianças, também conhecida como Linha de Cosme e Damião, Linha de Erês, Linha dos Ibejis e Linha dos Cosminhos.

Esta linha, apesar de poucas informações, é uma das mais confusas, visto que a gente tem várias nomenclaturas para, supostamente, a mesma entidade: Crianças, Erês, Ibejis, Cosmes, Dois-Dois, etc.

Muito dessa confusão se dá pela mistura entre teologia, fundamentação, cultura e mitos dos Candomblés e da Umbanda.

Ibeji, a princípio são entidades ou divindades africanas de origem nagô, que representam o mistério dos gêmeos, dos polos opostos e complementares. Geralmente os Ibeji são representados como infantes. Já, Cosme e Damião, são santos católicos, que praticavam a medicina e que podem também ser confundidos com os Ibeji pelo sincretismo, associando as coisas de forma incorreta.

Mas esse artigo é para falar sobre a linha de Trabalho das Crianças, que está inserida dentro da Primeira Linha, a da Fé (Oxalá), nas falanges de Cosme e Damião. Dentro destas falanges encontramos uma legião dedicada às crianças, que são espíritos em sua maioria encantados, naturais, que não possuíram uma vivência humana anterior.

Quando falamos assim, parece até uma insanidade pensar que existem diversos espíritos que acabam se manifestando na Umbanda, que de fato não tiveram vidas

humanas, porém, diferentemente de outros encantados, esses espíritos possivelmente sentem atração pelo campo material humano e por sua linha evolutiva, tanto no auxílio, quanto numa futura encarnação nesta realidade, para então começar a evolução dentro dos parâmetros humanos.

Associamos a eles uma visão mais infantilizada, pois como espíritos puros, ainda não passaram pelos meandros da existência humana.

Podemos assumir que “não pegaram a malícia e a maldade” que nos é pertinente e por isso muitas vezes se manifestam de uma forma inocente, quase desconexa. Vemos essa estranheza pois muitos se manifestam dizendo que não tiveram pais e mães, que atuam em locais fantásticos onde a natureza é extremamente exuberante e citam personagens que julgamos míticos ou folclóricos como se fossem amigos de um chá da tarde.

Tudo isso se dá pelo seu plano de realidade ser diferente do nosso, porém se manifestam na Umbanda de uma forma pura, para trazer dentro de suas capacidades a magia mais elemental que podemos encontrar. Inclusive é muito comum ouvir a frase: “Em mironga de erê, ninguém consegue mexer”.

Essa frase não é de todo errada, pois os erês por estarem mais próximos a pureza elemental conseguem manipular de uma forma totalmente diferente as energias da criação e da natureza, desta forma para desfazer algo que um erê fez, só outro erê.

Da mesma forma que manifestam esse poder bruto, podem ser extremamente prejudiciais quando mal direcionados, por isso, dentro da Umbanda, todo espírito infantil vem sempre acompanhado de uma figura de autoridade e sabedoria, o que traduzimos como o arquétipo do Preto-Velho.

Justamente por causa dessa sua falta de “maturidade” e de “empatia humana” é que ele não pode ser um Chefe-de-Coroa, porém pode ser sim um Guia-de-Frente, sendo o trabalhador mais frequente nas incorporações e manifestações mediúnicas de auxílio.

Mas ainda temos algumas perguntas não respondidas, como por exemplo, o porquê que esses espíritos são sempre retratados como crianças levadas que gostam muito de doces e fazem sempre travessuras.

Neste caso, a resposta que posso dar é que isso é em grande parte devido a mistificação e ao animismo do médium, que peca em estudo, que peca em aprofundar-se nos mistérios da incorporação e da espiritualidade e que muitas vezes fantasia e dá vazão a seus próprios desatinos e desequilíbrios. É quase uma forma de extravasar a criança interior que esse médium calou durante muito tempo.

Porém, nestes casos devemos ficar alertas e encaminhar os médiuns para um tratamento espiritual. O problema neste caso é que esta é uma visão tão enraizada dentro da cultura de Umbanda, que muitas vezes casas inteiras – inclusive seus dirigentes – se manifestam dessas formas mais esdrúxulas possíveis. Isso seria bom – de fato – para a Umbanda?

Zélio Fernandino de Moraes, já relatava sua preocupação com a manifestação destes tipos de espíritos, que poderiam incorrer da mistificação e do animismo dos médiuns em desequilíbrio.

De outra forma, nem só esses encantados se manifestam na Umbanda como crianças. Temos ainda uma outra classe de espíritos que se manifestam como crianças, mas não são crianças de fato. Estes espíritos usam desta roupagem fluídica para quebrar as amarras de espíritos embrutecidos e corações fechados, fazendo com que a docilidade e receptividade das crianças possam tocar a Alma em necessidade.

Sempre que toco neste assunto, me questionam o porquê de não serem espíritos de crianças realmente vindo se manifestar. Para isso precisamos entrar em debates mais profundos, que nem sempre (nunca!) são agradáveis para nossas ilusões.

O Espírito humano é um ser que se apega às vidas que possui e não abrirá mão tão facilmente de uma identidade que ficou impregnada em seu mental por tantos anos. Para explicar melhor essa questão, precisarei exemplificar.

Levando em consideração uma pessoa chamada Marcos com 80 anos de idade, que venha a desencarnar, podemos considerar que este mesmo espírito possa vir em uma futura encarnação como Antônio e neste caso, desencarnar com tenra idade. Vamos aqui para questões de exemplo fixar a idade de sete anos para essa existência como Antônio, anteriormente conhecido como Marcos.

Uso aqui a idade de sete anos, por ser um número emblemático na Umbanda e também por ser a data limite da mediunidade aberta. Mas também optei por esse limite,

pois a maioria das crianças que se manifestam dentro da Umbanda dizem não ter mais de sete anos, com raríssimas exceções que nem podemos considerar muito, pois pode ser animismo ou mistificação.

Neste caso de nosso exemplo, Antônio, teve apenas sete anos como criança. Levando em consideração a média das crianças, podemos dizer que ele não adquiriu experiências suficientemente para dizer que foi uma encarnação mais importante – do ponto de vista de conhecimento – do que a que ele teve como Marcos. Neste caso ele passou 80 anos inserido em uma vida, com conhecimentos, desafios emocionais, sentimentais, mentais e espirituais.

Quando do desencarne, o Espírito de Antônio sente a vibração e influência da existência como Marcos muito mais forte, e com certeza voltará a se plasmar com a aparência e com todo conhecimento que possuía como Marcos.

Porém, caso ele entre para as fileiras de espírito de trabalho, ele pode assumir sua última forma astral – como Antônio – para dar atendimento como criança nos terreiros.

A questão é como diferenciar um Encantado de um Espírito Humano? Isso se dá pela forma de manifestação. Os Encantados são mais estranhos a coisas comuns do dia-a-dia, irão perguntar coisas bobas que todos os encarnados sabem, pois fazem isso todos os dias. Além disso, muitos não vão comer doces, irão preferir a natureza, irão dar preferência para frutas e sucos, além de claro dizerem que nunca tiveram papai e mamãe.

Compreendemos aqui como é tão complexo esse assunto sobre Crianças?

O que quero deixar claro é que a visão de inocência deles se dá pela não experiência nas questões humanas, porém isso não os torna menos poderosos ou eficientes. Um Erê ou Criança é uma entidade de grande poder de realização que muitas vezes é subjugada ou mal-utilizada. Justamente por isso, devemos muitas vezes nos desfazer de certas ilusões, para entender de fato o escopo dos trabalhos das entidades.

De qualquer forma, eles também são comemorados no dia 27 de Setembro, junto a Cosme e Damião que são regentes da falange maior que os abarca. Saravá a todas as Crianças!

TODOS OS ESPÍRITOS DA UMBANDA JÁ TIVERAM VIDAS?

Quando falamos sobre vidas, podemos nos confundir, pois de certa forma a vida também se faz no plano espiritual e nos planos de encantamento. Existem seres que nunca tiveram um corpo físico como o nosso, mas ainda assim possuem vidas, com livre-arbitrio, com sentimentos e com necessidades.

A esses espíritos damos o nome genérico de Encantados que podem ser de diversos tipos: bondosos, prestativos, altruístas, egoístas, maldosos, inertes, indiferentes, etc.

Existem espíritos encantados que não gostam nada do que nós humanos fazemos e dão um jeito de orientar ou prejudicar, conforme sua natureza. Outros são completamente indiferentes a nossa existência, seja porque não se preocupam conosco, seja porque somos formigas para eles, e alguns chegam a trabalhar dentro da espiritualidade para nos ajudar.

Dentro da Umbanda encontramos encantados em diversas linhas, mas preferencialmente nas de caboclos, falangeiros de Ogum e Xangô, nas linhas das águas e dos ventos, assim como os próprios erês.

Os Encantados vivem num mundo à parte mas que se conecta com o nosso, como se eles se tocassem ou coexistissem, outros vivem em dimensões completamente diferentes e alienígenas, sendo que alguns elementos (como os cristais) servem de portais para que eles possam ser evocados ou acessados.

Existem encantados com formas humanas, humanóides, estranhas, animalescas e até mesmo sem uma forma bem definida. Todos os elementais, gênios, divindades e afins, acabam sendo de certa forma encantados, mas nem sempre encantados naturais.

O encantado natural é aquele que foi CRIADO desta forma. O encantado QUE SE ENCANTOU é aquele que adquiriu essa condição, mudou de dimensão sem passar pela morte, como exemplo temos Xangô, Ogum, Elias, Dom Sebastião, Negrinho do Pastoreio, etc.

Alguns desses encantados podem incorporar, outros podem até simular exatamente uma vivência humana (crianças e alguns marinheiros), mas a maioria é muito diferente e percebemos claramente essa diferença em suas manifestações.

TABELAS RÁPIDAS

LINHA DE TRABALHO	VELA	COR	DOMÍNIOS
CABOCLOS	VERDE	VERDE	CURA, SABEDORIA, PROSPERIDADE, ACONSELHAMENTO, ERVAS, CORAGEM, FORÇA, ABERTURA DE CAMINHOS, HARMONIA.
DE OXÓSSI	VERDE	VERDE	CURA, PROSPERIDADE, ABUNDÂNCIA, INTELIGÊNCIA, CONCENTRAÇÃO.
DE OGUM	VERDE E VERMELHA	VERMELHO	CURA, ABERTURA DE CAMINHOS, DEMANDAS, GUERRA, LUTA, FORÇA, CORAGEM.
DE XANGÔ	VERDE E MARROM	MARROM	CURA, HARMONIA, EQUILÍBRIO, PAZ, JUSTIÇA, SABEDORIA, RAZÃO.
DE IANSÃ	AMARELO	AMARELO	MOVIMENTO, DIRECIONAMENTO, MUDANÇAS, DEMANDA, ENCAMINHAMENTO.
DE OXUM	AZUL-ESCURO	AZUL-ESCURO	SENTIMENTOS, LIMPEZA ESPIRITUAL E EMOCIONAL.
MARINHEIROS	AZUL-CLARO	AZUL-CLARO	TODOS OS ATRIBUTOS DE IEMANJÁ E OXUM.
BOIADEIROS	AZUL-ESCURO	AZUL-ESCURO	CORAGEM, ABERTURA DE CAMINHOS, LAÇAR ESPÍRITOS PERDIDOS, ENCONTRAR CAMINHOS.

LINHA DE TRABALHO	VELA	COR	DOMÍNIOS
PRETOS-VELHOS	BRANCA	BRANCO	PAZ, SABEDORIA, ANCESTRALIDADE, CURA, MAGIA, PROSPERIDADE.
OXALÁ	BRANCA	BRANCO	PAZ, ANCESTRALIDADE, CURA.
QUENGUELÊ	MARROM	MARROM	QUEBRA DE DEMANDA, JUSTIÇA, DESFAZER MAGIA.
BAIANOS	AMARELA, VERDE E VERMELHO	AMARELO	MAGIA, PROSPERIDADE, CURA, SENTIMENTOS.
NANÃ BURUKÊ	LILÁS	LILÁS	ANCESTRALIDADE, SABEDORIA E CURA.
crianças	ROSA E AZUL-CLARO	ROSA, AZUL-CLARO E BRANCO	MAGIA, PURIFICAÇÃO, CURA, PROSPERIDADE E TODA SORTE DE FUNDAMENTO

LINHA DE TRABALHO	COMIDA	BEBIDA	FUMO
CABOCLOS	MILHO	CERVEJA BRANCA	CHARUTO
DE OXÓSSI	MILHO, AMENDOIM E COCO RALADO	CERVEJA BRANCA, ÁGUA DE COCO, SUCO DE FRUTAS	CHARUTOS CLAROS
DE OGUM	FEIJÃO PRETO E MILHO	CERVEJA BRANCA	CHARUTOS CLAROS OU ESCUROS
DE XANGÔ	AMALÁ DE QUIABO E FARINHA DE MILHO	CERVEJA PRETA	CHARUTO ESCURO
DE IANSÃ	FEIJÃO FRADINHO	VINHO ROSÉ	CHARUTO CLARO
DE OXUM	FEIJÃO FRADINHO	VINHO MOSCATEL	CHARUTO CLARO
MARINHEIROS	PEIXE, CANJICA BRANCA E CAMARÃO	RUM, CACHAÇA BRANCA	FUMO PICADO PARA CACHIMBO, CIGARRO DE PALHA
BOIADEIROS	FEIJÃO TROPEIRO	CACHAÇA BRANCA	FUMO PICADO CIGARRO DE PALHA
PRETOS-VELHOS	CANJICA BRANCA	CAFÉ SEM AÇÚCAR	FUMO PICADO E CIGARRO DE PALHA
OXALÁ	CANJICA BRANCA	CAFÉ SEM AÇÚCAR CAFÉ COM CACHAÇA VINHO TINTO	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA
QUENGUELÊ	AMALÁ DE XANGÔ	CAFÉ	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA

BAIANOS	JERIMUM COM CARNE SECA	BATIDA DE COCO CACHAÇA ÁGUA DE COCO	CIGARRO DE PALHA CHARUTO
NANÃ BURUKÊ	QUIRERA AMARELA	VINHO TINTO DE MESA	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA
CRIANÇAS	DOCES E FRUTAS	REFRIGERANTE E SUCOS	-

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e pós-graduado em Teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS 7 LINHAS DE UMBANDA; SOUZA; Leal.

HISTÓRIA DA UMBANDA; TRINDADE; Diamantino Fernandes; Ed. Conhecimento

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.

APOSTILA AULA 07

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 07 - A QUIMBANDA NA UMBANDA

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuênciam expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

A QUIMBANDA NA UMBANDA

Existem diversas teorias a respeito da formação da Quimbanda, porém, o que trazemos aqui é o que mais se aproxima da verdadeira gênese do culto de Exu e Pombagira.

A Quimbanda, assim como a Umbanda, é um sistema de contraposição ao *status quo* da sociedade, baseando-se em um resgate do culto ancestral de origem banto, a **Mbanda**. O *Kimbanda* é o sacerdote, feiticeiro ou curandeiro, responsável por ministrar as medicinas da *Mbanda*.

Em solo brasileiro esse culto toma outro formato, passando a ser a expressão da feitiçaria banto, da feitiçaria do povo originário (indígena) e da feitiçaria popular e ibérica. Desta forma, transforma-se num culto ao oposto.

Para entender isso é fácil. O pensamento era: "Se o Deus do homem que me escraviza e faz mal a mim é bom, então cultuarei o seu adversário" e assim nasce o culto ao diabo dentro da Quimbanda.

Encontramos Exus e Pombagiras, retratados como entidades demoníacas em alguns livros. O que devemos entender é que a Quimbanda é de fato um movimento contrário de resistência às práticas cristãs. Quando digo cristão, estou colocando o poder opressor da igreja e não a fé individual e suas divindades.

Segundo Nicholaj de Mattos Frisvold, a Quimbanda é um movimento de contracultura, de entidades que eram contrárias à imposição das práticas cristãs, que mantinham suas práticas nativas e algumas até mesmo criavam figuras aterrorizantes, associando-se propósitadamente suas divindades aos adversários (Satan) de outras religiões.

Não podemos ser inocentes, devemos compreender o cenário da época. Indígenas, Africanos e alguns Europeus não comungavam das práticas cristãs e não gostavam da imposição forçada. Por isso mesmo, criar um cenário de MEDO é uma prática comum.

Encontramos dois termos nessa jornada, a Kimbanda com K e a Quimbanda com Q.

Kimbanda com K é um culto de origem Bantu, com forte influência da ancestralidade sagrada. Originário de fato da Mbanda (ou Umbanda em Kimbundo) e praticado pelo Kimbanda (aportuguêsado virou Kimbandeiro) que é o Tatá (pai). É um processo mágico de cura e que se assemelha a um xamanismo ou pajelança.

Quimbanda com Q seria a derivação desse culto, influenciado pela multi-cultura brasileira e que é aberto ao sincretismo. Aqui encontramos uma Quimbanda mais "tradicional" com as regras da ancestralidade, mas também encontrariam as Quimbandas mais "pesadas" do ponto de vista popular, com a inclusão de demônios ou a associação de espíritos com demônios. Porém, a prática é quase similar no que se refere ao objeto: tratar uma pessoa naquilo que ela necessita, sem questionamentos morais sob ótica cristã.

Então, a Quimbanda é bem mais eclética do que a própria Umbanda em si, por não ter essas travas fixas. Claro que os tradicionalistas defendem a sua Quimbanda, associando todas as outras como práticas negativas e deturpadas. Mas não estariam eles fazendo exatamente a mesma coisa que os primeiros católicos/cristãos/hebreus com as diversas divindades que cultuavam?

A história se repete, pois a moral cristã está fortemente incutida até mesmo nos NeoPagãos.

Então em resumo os Exus tem uma maior liberdade na prática da Kimbanda e da Quimbanda, quando estão desassociados da Umbanda. Dentro da Umbanda, os Exus devem seguir as regras daquele culto e são geralmente tutelados por entidades de Direita (éticas, sob certa visão cristã ou aceita pela sociedade).

A quimbanda que se encontra dentro da Umbanda é uma quimbanda diferente da Quimbanda (com letra maiúscula) que é uma tradição à parte, assim como a Macumba Carioca. Por isso devemos entender claramente a diferença entre elas.

Se estiverem na Umbanda, os Exus lá irão se manifestar sobre as regras do local, conduzidos pelas entidades chefes do local e são convidados. Raramente um Exu de Quimbanda, com capacitações exclusivas da tradição quimbandeira, irá trabalhar na

Umbanda, sendo mais comum Exus só de "Umbanda"¹, isso falando de forma incorporada.

Já um Exu de Umbanda, atrelado aos ideais da Umbanda, jamais irá trabalhar na Quimbanda da forma como faz na Umbanda, ele irá sim aceitar a forma da Quimbanda de trabalho, pois é sua forma natural de praticar a sua espiritualidade.. Porém isso não faz do Exu da Umbanda um anjo ou guardião, só as regras da casa é que são diferentes. Ainda são seres negativados², densos e que atuam em um processo dual.

QUEM É O EXU DO TERREIRO?

Os mortos voltam para dançar, comer e beber; essa é a métrica dos cultos que trabalham com os antepassados. Quando falamos de Exu, essas atitudes são muito mais evidentes.

Claro, que confundimos Exu de Terreiro com Exu Orixá e isso dá uma margem para tanta polêmica, tanta confusão e tanta discussão, que perde o foco daquilo que o Exu vem trazer em significado.

Primeiramente, o Exu de Terreiro não é o Exu Orixá e não está sob domínio deste. Claro, que dentro das atribuições que damos ao Orixá Exu, tais como: ser dúvida, gostar de pregar peças, nem sempre ser confiável, ser o mensageiro, etc, podemos aceitar essas manifestações nos Exus de Terreiro também.

Segundo a Bruxa Fernanda, autora do livro "Kimbanda - Origem e Fundamento" que pratica a Quimbanda Mossorubi, temos o seguinte apontamento:

"Com a colonização com o advento da escravidão e do tráfico de negros da África para o Brasil, vieram negros Bantus, mais especificamente Mussurumins e Malês de formas isoladas que eram "Kimbandas", ou seja, curandeiros que cultuavam os Ngangas, cuja tradução é "espírito", diferente da grande maioria dos africanos que aqui aportaram que cultuavam Orixás, Inkices e Voduns, originários de nações tradicionais."

¹ Não existe Exu da Umbanda, usamos aqui uma aproximação para se tornar didático. Todo Exu de fato é de Quimbanda.

² Quando falamos de negativados, nos referimos a questão da densidade e da proximidade com o campo material.

Dentro os principais negros que cultuava os "Ngangas" estavam os Malês e os Mussurumins, conforme trabalho de pesquisa elaborada pelo antropólogo Protásio Frikel:

'os Nagôs e os Gegês não cultuam espíritos dos mortos. Quem chama os espíritos dos mortos são os Mussurumins e os Malês.'

Então, percebemos que os espíritos dos mortos que trabalhavam com os Kimbandas eram os ancestrais dos próprios e de todo seu povo. Desta forma, começamos a enxergar paralelos das entidades manifestadas nos terreiros de Umbanda e Quimbanda, que usam o termo Exu e Pombogira para designarem-se.

A Bruxa Fernanda ainda complementa que fora retirado o termo Nganga, dando lugar ao termo Exu, pois o termo era o mais usual, contudo percebemos que não se trata do Orixá, mas de espíritos divinizados e ancestralizados que atuam com forças ctônicas, telúricas e próximas a materialidade.

Algumas coisas como rituais e até mesmo comidas foram adaptados entre o Orixá Exu e os Exus Ngangas ou Entidades. Contudo, a própria ritualística das oferendas já havia sido adaptada e mudada com a chegada ao "novo mundo", com alimentos que não eram encontrados na parte que já era conhecida do planeta pelos Europeus.

Milho, Mandioca, Pimentas, Cachaça e vários outros elementos foram sendo incluídos dentro desta ritualística.

Desta forma, quando trabalhamos com espíritos dos Exus Entidades ou Ngangas, sabemos que estamos trabalhando com ancestrais, que em maioria tiveram vivência humana e voltam para nos auxiliar por meio do transe mediúnico ou da própria evocação ritual.

NOMENCLATURAS DE EXUS

Existem termos dentro da Umbanda, que nem sempre são empregados na Quimbanda. Dentre estes está a classificação de Exu em:

- Pagão
- Batizado
- Coroado

Mas o que são exatamente esses tipos de nomenclaturas?

Antes de abordar essa classificação, quero falar sobre o termo Exu Catiço.

O termo Catiço pode ser expresso como alguém mal, conforme a definição que encontramos no dicionário. Desta forma, ao chamar um Exu de Catiço, estamos imediatamente associando ele a uma prática de malefício exclusivamente. Contudo, esse termo acaba sendo de uso mais corrente dentre os adeptos do Candomblé de origem Nagô, Iorubá e Ketu (que se interconectam na cultura Iorubá).

O Exu Catiço ou Exu-Egun (Espírito de alguém que já morreu), geralmente é despachado antes de começar os trabalhos desses candomblés, para que eles não atrapalhem a ritualística. Claramente, que hoje em dia o termo é usado de uma forma mais ampla, sendo até mesmo absorvido por adeptos dos cultos de Exu para designar e diferenciar os Exus-Ngangas ou Exus-Entidade e o Orixá Exu.

Como vimos até agora, a diferença entre o Orixá e as Entidades que levam o nome de Exu é tremenda. Justamente por isso não podemos aceitar que esse termo seja usado para invalidar, inferiorizar ou menosprezar as entidades de Umbanda e Quimbanda.

Por uma má decisão acadêmica, o foco de estudo da prática religiosa e mágica criada em solo brasileiro advinda da mistura das culturas nativas, europeias e africanas se focou muito em um localidade, um recorte histórico, que acabou sendo "ELEVADO" à condição de PURO E VERDADEIRO. Porém, sabemos que não existe pureza na religião e toda verdade é apenas uma meia verdade.

Desta forma, os acadêmicos elegeram a cultura Iorubá como a crença africana verdadeira, deixando de lado de maneira vexatória e implicando em uma elevada carga

de preconceito dos próprios praticantes de Candomblé de cultura Iorubá para com os mortos e ancestrais cultuados pela religião Banto. Há de se ver em textos antigos, que o próprio povo Banto e sua cultura já eram menosprezados, muitos os consideravam fracos, sem cultura e sem religiosidade. Porém, tudo isso é apenas bobagem e preconceito, que vem sendo quebrado todos os dias por estudiosos sérios e compenetrados que não tem amarras ou são presos aos grandes barracões de Candomblé associados à prática Nagô.

Podemos usar a nomenclatura Catiço para diferenciar o Exu do Orixá, mas sempre sabendo que a significância dele mudou e não mais quer dizer apenas uma entidade maléfica ou inferior.

Quanto aos termos Pagão, Batizado e Coroado, não há consenso. Dentro da minha tradição temos por "verdade" que um espírito nunca morre e se torna imediatamente um Exu, mesmo que ele tenha sido um Tatá-Nganga em vida, ele precisará passar por todos os rituais necessários no astral para ser tomado por essa força de trabalho.

Desta forma, ao desencarnarmos todos nós seremos espíritos vagantes ou errantes que se sintonizam com a vibração dos Exus e então seremos considerados Eguns. Com o passar do tempo, das provações e dos entendimentos, esses espíritos podem vir a se tornarem Exus. O Exu Pagão é o primeiro passo na coroação de um Exu para o trabalho. Neste momento ele é apenas um auxiliar de falanges maiores, sem estar atrelado a um médium e sem a chancela de ser um Exu Tutelar.

Os Exus Pagões não precisam necessariamente ser exus que não acreditam no cristianismo, que é onde o termo pagão é mais aplicado. São Exus que estão em sua primeira etapa na estrutura de conhecimento da função de Exu, após certo tempo e mérito ele é elevado à condição de Exu Batizado, onde poderá dar consultas, ser evocado para trabalhos e comandará outros Exus de menor hierarquia, assim como eguns e kiumbas, que também fazem parte de seus seguidores.

A última etapa nesse processo seria a de Coroamento do Exu, que é onde ele toma a primazia ou liderança de uma falange inteira, compostas de todas as qualidades de Exu e tem autonomia para o trabalho, sendo considerado muitas vezes o Exu Tutelar dos médiuns de Umbanda e Quimbanda.

A CLASSIFICAÇÃO DOS EXUS NA QUIMBANDA DA UMBANDA.

Essa é a visão da Umbanda por mim praticada.

Cheguei a essas conclusões pautado na prática, no estudo e nas informações passadas por aqueles que regem minha coroa mediúnica.

Claramente, as informações aqui contidas seguem essa métrica e funcionam para mim. Contudo, cada casa é um Universo particular e desde que não infrinja as regras básicas da Umbanda: Caridade, Simplicidade e Humildade, são totalmente aceitas e corretas.

Na Umbanda, temos a tradição de separar tudo em um setenário, logo são sete linhas, cada linha tem sete falanges, cada falange tem sete legiões, cada legião tem sete povos, cada povo tem sete tribos e assim por diante.

Dentro da minha visão das sete linhas, a sétima linha, conhecida também como Linha de Santos e Almas é a linha de encontro da Umbanda com a Quimbanda, ou em outras palavras a Quimbanda da Umbanda.

Nesta sétima linha, encontramos os Exus, Pombagiras, Caboclos Kimbandeiros, Cangaceiros, Eguns, Kiumbas e os Pretos-Velhos Kimbandeiros.

A sua classificação é variável e muitos já trouxeram estudos sobre elas, entre eles Aloízio Fontanelle, Antônio Alves Teixeira Neto, N. Molina e até mesmo os contemporâneos Rivas Neto e Rubens Saraceni.

O que é importante ressaltar aqui é que as classificações são mais para nossa compreensão e estudo e que não são exatamente como dizemos no plano astral, ou seja, não encontrará você um Reino com um Rei no Trono e os outros Exus como seus súditos. Isso se dá mais em uma relação energética de sincronicidade e de sinergia em seus trabalhos, também em seus pontos de atuação.

Praticamente como uma fauna própria, um ecossistema preciso, onde definimos os animais em filos, classes e tal, mas isso não faz com que o animal reconheça outro como seu "aparentado". Assim se dá também na classificação espiritual.

Dentro das minhas práticas, vivências, estudos, insights e inspirações, cheguei a uma formação das falanges dentro da sétima linha de Umbanda, a linha de santos e almas.

Essa é uma linha muito peculiar, com exceção da linha das Águas (de Iemanjá) não encontramos espíritos negativados ou amorais nas demais. Porém, ainda tendo alguns exus presentes na Linha das Águas, na linha de Santos e Almas encontramos basicamente só espíritos negativados.

Além disto, há a prática de definir uma regência específica para cada linha, regida por um Santo (representativo de uma força, domínio ou essência divina), porém na sétima Linha, em determinações clássicas há a ausência da regência, criando um caos bem interessante.

Porém eu encontrei uma forma de colocar uma regência, dentro da minha compreensão, com não uma só entidade, mas um colegiado de entidades regidos por: São Bento, São Lázaro e São Roque. Ainda dentro dessa linha encontramos a força de São Cipriano, associado à magia. Vamos a classificação.

Sétima Linha de Umbanda – Linha de Santos e Almas

A linha que faz o contato da Umbanda com a Quimbanda segue uma estrutura similar às demais linhas, temos definida a regência do colegiado regente como uma exceção, porém ela também é composta por sete falanges e dentro de cada uma dessas falanges encontramos sete legiões e assim por diante.

Cada uma das divisões hierárquicas contém um Exu no comando da falange e os demais Exus acabam seguindo esse regente e usando seu nome, como na Umbanda. Em outras palavras, existem diversos Exus Caveiras, porém eles obedecem ao Exu Caveira Primordial e este por sua vez está sobre a regência da Linha dos Caveiras, com seu João Caveira como o regente maior.

A estrutura da sétima linha é a seguinte:

- Linha de Santos e de Almas
 - Falange de Malê ou Malei
 - Falange das Almas

- Falange do Cemitério ou dos Caveiras
- Falange Nagô
- Falange de Mossorubi
- Falange dos Caboclos Quimbandeiros
- Falange Mista

Vamos as falanges:

FALANGE DE MALÊ

Também conhecida como falange de Malei é regida pelo Exu-Rei. Composta de sete legiões, cada legião possui um sub-regente ou tenente. Essas legiões ainda se desdobram cada uma em sete povos (49 povos ao todo) que se desdobram em 7 frentes de trabalho ou tribos (343 frentes ou tribos).

A linha de Malê é encarada como a regência maior dentro dos Reinos de Quimbanda, onde estariam os Comandantes dos Exus. Seriam os Exus que teriam mais poder adquirido conforme as existências, lembrando sempre que poder não implica que ele é bondoso, apenas que tem grande conhecimento.

Apesar da posição de comando, sua função é mais como um grande conselho. Como os Exus são não-éticos, acabam fazendo o que eles querem. Logo, mesmo que fosse determinada uma lei pelo Comando, os mesmos poderiam desobedecer. Então as decisões tomadas aqui acabam ficando como conselhos e sugestões de conduta.

Geralmente, os médiuns videntes os vêem com vestes escuras e muitas vezes não possuem brilho algum, são opacos.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu Rei, Exu Marabô, Exu Mangueira, Exu Tranca-Ruas (ou Tranca-Ruas das Almas), Exu Tiriri, Exu Veludo e Exu dos Rios (ou Campinas).

O termo Malê também é em referência ao povo de Malê, africanos islâmicos trazidos como escravos para o Brasil. Eles sabiam ler, escrever e sabiam matemática.

Viviam de forma mais socialmente próxima do entendimento ocidental³ demais tribos africanas, devido a influência do Islã.

Geralmente, pela cultura, eram escolhidos pelos senhores de escravos para serem Capitães-do-Mato e prevenirem a fuga dos negros escravizados. Como havia certa divergência dos malês com outros povos, esses os viam como infieis, acabavam fazendo essa triste função de forma “despreocupada” e sem peso na consciência. Lembrando que estamos falando de espíritos que se tornaram exus.

Também tinham o costume de levar amarrados no pescoço em um saco de couro, partes escritas do Alcorão e chamavam isso de Patuá.

Esses africanos também eram conhecidos como Mandingas, daí que surge a expressão: “Quem não pode com mandinga não carrega patuá”, ou seja, muitos negros não-malês, tentavam escapar das garras da escravidão fingindo que eram malês, colocando um patuá em volta do pescoço. Porém, quando eram pegos pelos Mandingas, tinham que ler o que estava dentro e esses não sabiam ler, logo eram descobertos.

Não é coincidência essa ser a linha regente do povo de Quimbanda, são espíritos que ainda são escravizados pelas suas próprias dificuldades morais e pelas suas trevas interiores, que conduzem outros espíritos também em mesma situação.

FALANGE DAS ALMAS

O regente desta falange é Omulu-Rei. Pode parecer estranho esse nome, mas uma questão histórica é que esses espíritos eram chamados de Omuluns, depois perderam o N no nome e acabam confundidos com o orixá Omulu. De qualquer forma, isso é algo que é debatido exaustivamente em terreiros mais antigos, pois quase nada ficou registrado de forma escrita.

Muitos dos espíritos que se encontram nessa falange, acabam também recebendo a alcunha de omulus. São espíritos que se apresentam de forma um pouco mais rudimentar, até mesmo grotesca. São cobertos de pelos e com unhas em forma de garra, alguns até se manifestam com chifres e com aspectos lembrando lobos, com

³Forma mais social do ponto de vista eurocentrista.

olhos vermelhos. É bom sempre lembrar que a manifestação se dá assim porque os espíritos podem manipular seus perispíritos para a forma que quiserem.

Como estes atuam nos cemitérios, muitas vezes, lidando com ladrões de ectoplasma, eles precisam se manifestar de forma a assustar tais espíritos ou entidades.

Existe uma casta de elementais inferiores que trabalham ora para eles, ora contra eles, chamados Lêmures. Todas suas entregas são feitas no cemitério também. Essa falange também atua encaminhando as almas ou, às vezes, as prendendo em seus espaços vibratórios para depuração, na maioria das vezes por meio do sofrimento.

Dentro desta falange encontramos Exus que atuam de forma muito agressiva, por exemplo o Exu Mirim, geralmente atuando em trabalhos de extrema complexidade. Dizem que ele só é chamado quando nenhum outro Exu resolveu a situação. Também podemos destacar o Exu Pimenta, que tem esse nome em alusão a queima que a pimenta produz.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu Mirim, Exu Pimenta, Exu 7 Montanhas, Exu Maré, Exu da Meia-Noite, Exu Malê e Exu Quirombô.

Há um mito a respeito desta linha de que estas entidades só obedeciam ordens quando elas fossem ditas ao contrário. Por exemplo, caso o doutrinador ou médium disser a um desses exus que coloque fogo na casa, ele não colocaria e vice-versa. Porém isso dentro da minha investigação é apenas um mito.

Há vários Exus em diversas linhas que são encantados, como é o caso do Exu Quirombô, cujo trabalho não deve ser feito por meio da incorporação mediúnica. Outra curiosidade é sobre Exu Maré, que é muito confundido com o orixá Oxumaré, porém o Maré aqui no nome do Exu tem relação com o movimento e o fluxo do mar.

FALANGE DO CEMITÉRIO

Também conhecida como Falange dos Caveiras é regida pelo Exu João Caveira, chefe do cemitério e por sua consorte Rosa Caveira (uma Pombagira).

Todos os caveiras ou que levam em seu nome algo que lembre caveira – ossos, crânio, esqueleto – está contido dentro desta linha.

Eles se manifestavam com características esqueléticas, às vezes como caveiras completas e por outras vezes apenas com o rosto em forma de caveira e todo o resto do corpo coberto por um manto.

Mas nem todos que se encontram dentro das legiões, povos e tribos do cemitério são caveiras, apenas estão sob o comando destes.

Assim como o povo das almas, eles recebem suas oferendas e entregas dentro do cemitério e atuam de forma mais organizada na saúde, tanto a dando quanto a tirando. Além disso, organizam todo o espaço do Cemitério.

Seu João Caveira (representado pela primeira tumba negra do lado esquerdo) é o regente do campo-santo e sua consorte é a Rosa Caveira (pomba-gira, representada pela primeira tumba branca do lado direito).

Também são ofertados para destruir os inimigos, acabando com sua saúde e energia vital, assim como seus negócios e afins. Logo podemos deduzir que são também ativados para combater tal ativações negativas.

Todo trabalho feito dentro do cemitério, seja qual o intuito for, pode ser feito na força dos Caveiras. Diz a tradição que as mulheres (por representarem a vida) não podem incorporar um espírito de um Caveira (salvo a pomba-gira Rosa Caveira), pois a mesma acaba sendo desvitalizada e fica doente, algumas até ficam estéreis.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu Tatá Caveira, Exu Brasa, Exu Pemba, Exu do Lodo, Exu Carangola, Exu Arranca-Toco e Exu Pagão.

Nem todos se mostram como Caveira, apenas os Exus Caveiras, Ossos, Ossadas, Crânio, etc; que estão na falange do Exu Tatá Caveira.

Entre esses exus não é recomendado trabalhar mediunicamente com o Exu Pemba, Exu Carangola, Exu Pagão e o Exu Arranca-Toco, apesar que existem vários médiuns que acabam evocando e invocando esses exus para o trabalho incorporados.

Quanto a isso devemos manter o alerta e examinar como está a vida deste médium, se está em desequilíbrio justamente no campo em que essas entidades atuam. No caso desses exus, os médiuns têm a necessidade de conseguir dinheiro de maneira fácil.

FALANGE NAGÔ

Essa falange traz um nome conhecido por nós em sua regência, que também rege conjuntamente a falange dos Exus Marinhos dentro da Linha de Iemanjá, o Exu Gererê. Por se tratar de um Exu Encantado, possui uma maior disposição energética para atuar em duas frentes.

Sua principal função é encontrar os espíritos perdidos e enredá-los em suas energias, ou seja prender em espécies de redes. Os Exus que aqui se apresentam entendem muito de magia nas diversas formas: natural (com elementos da natureza), astral (com uso de entidades e forças espirituais) e outras práticas.

Conhecem bastante cultos de vodu e magias similares, das tradições daomeanas e yorubás. Algumas de suas atuações mágicas são quase impossíveis de serem revertidas, geralmente causam até a morte de algumas pessoas (se estiver dentro do seu merecimento).

Muitos ativam essa linha sem conhecer dos malefícios que podem gerar, pois o próprio operador da magia (o encarnado) quando aciona essa linha para trabalhos maléficos ou não-éticos, acaba dando parte de sua energia, em língua de terreiro, põe a mão na macumba também.

São os evocados para trabalhos rápidos e práticos. Essa linha abrange os espíritos chamados de Ganga, povo muito misterioso e altamente violento. Suas incorporações não são feitas por qualquer um, pois é necessário um tônus vital diferenciado para fazê-lo.

Antigamente era comum ver esses espíritos se manifestar em médiuns de forma violenta, chegando a bater com a cabeça na parede até sangrar ou o médium desmaiar, também abrindo feridas nos corpos dos médiuns. Já vi a manifestação de um Ganga, quebrando uma cadeira de madeira ao meio com um chute.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu Quebra-Galho, Exu Sete Cruzes, Exu Gira-Mundo, Exu dos Cemitérios, Exu da Capa-Preta, Exu Curador e Exu Ganga.

A maioria desses Exus não deve ser incorporada por nada, seus trabalhos são feitos geralmente por ativações e oferendas, talvez as exceções sejam o Exu Gira-Mundo, para puxadas (mediunidade de transporte), Exu Capa-Preta e o Exu Curador.

Curiosamente, o Exu Curador (ou curadô) é a princípio bondoso em nossa visão, já que ele cura doenças. Mas vamos lembrar que ele também sabe como produzi-las e o remédio e o veneno são diferentes pela aplicação e pela dosagem. Raramente se vê hoje em dia um Exu Curador em um terreiro.

Outra curiosidade é que o Exu Quebra-Galho é aquele evocado e usado pelos Pais e Mães de Poste que fazem amarrações pelo Brasil afora. Mal sabem eles o que estão angariando para suas vidas.

FALANGE DE MOSSORUBI

O regente desta linha é o controverso Exu Kaminaloá, que é um exu de Função (Serviço) e não deve ser incorporado.

Essa linha tem o predomínio de espíritos que causam (e desfazem) perturbações de origem espiritual, principalmente as mentais. São conhecedores do aspecto mais profundo da psique humana e dos processos físico-biológicos envolvidos entre mente, emoção e matéria.

Também atuam para trazer mais inteligência e melhorar a concentração, estudos e ampliação de dons mentais. Porém trazem desequilíbrios mentais e toda desordem de doenças ligadas ao cérebro, inclusive tumores.

Pessoas que acreditam que podem incorporar todos tipos de exu, mesmo os menos comuns, com nomes diferentes, geralmente caem em perturbações espirituais e colocam toda a culpa na entidade.

Contudo essas entidades estão cumprindo o papel delas na Criação, a culpa é sempre do médium. Inclusive em uma obsessão espiritual mais de 70% (quiçá 99%) é culpa do obsedado, o obsessor só explora a porta aberta e o convite.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu dos Ventos (ou Ventania), Exu Morcego, Exu Sete Portas (ou Sete Porteiras), Exu Tranca-Tudo, Exu Marabá, Exu Sete Sombras e Exu Calunga (Exu Calunguinha ou Exu Duende).

Essa falange é muito complicada. A maioria das entidades que são citadas ou estão em subníveis desta falange não deve ser incorporada e nem sequer evocada.

Porém, estão muito presentes hoje em dia, devido a quantidade de médiuns em desequilíbrio emocional e psicológico. O trabalho com esses exus, na maioria das vezes, é feito através de oferendas, pontos e indiretamente.

Incorporar um exu destes não te transformará em um médium mais poderoso. Poderá causar o inverso e invalidar toda sua mediunidade, podendo até causar doenças físicas e acabar com sua sanidade mental.

Um dos poucos Exus que podem ser incorporados é o Exu da Porteira (ou Sete Portas) porém sua principal função, ao lado dos Oguns é fazer uma triagem dos espíritos que entram nos espaços de culto. Outros exus comuns, porém ainda perigosos, são Exu Ventania e o Exu Morcego.

FALANGE DOS CABOCLOS QUIMBANDEIROS

Para quem acha que só de exu vive a Linha de Santos e Almas (e também a Quimbanda), percebemos aqui a presença de ilustres caboclos. Chefiados pelo Exu Pantera Negra.

Uma falange bem interessante, pois os seus falangeiros são Caboclos "Esquerdeiros" com características de Exu. Isso se dá claramente pela evolução e poder que tais caboclos tem do lado intelectual, porém ainda estão acometidos da baixa evolução moral ou são assim claramente pela sua oposição ao status quo cristão.

A entidade Pantera Negra se manifesta em giras de direita como Caboclo e em giras de esquerda como Exu. Porém não é uma entidade comum de ser vista nos terreiros, pelo menos não por meio da incorporação, pois carrega uma questão de ancestralidade (sangue) com aqueles que são de sua família.

Esse é um fenômeno interessante que encontramos em outros rituais com ascendência indígena e africana, a entidade escolher se manifestar naqueles que carregam seu sangue, seu DNA, sua herança cultural, de alguma forma.

Essa é uma entidade que supostamente descende da realeza de Daomé, ou melhor, a realeza de Daomé descende dessa entidade.

Em Daomé essa mesma entidade é chamada de Agassu. Apesar de seu nome e da sua ascendência felina, ele não se manifestará desta forma, se jogando no chão e ficando “em quatro patas” tentando morder as pessoas. A isso damos o nome de mistificação e o médium precisa passar por um tratamento para voltar ao equilíbrio.

Os Caboclos Quimbandeiros atuam no aspecto das magias negras, curam doenças que são consideradas impossíveis, até mesmo daqueles que são desenganados pelos médicos. Conhecem os veios de minerais nobres e podem enriquecer aqueles que eles julgarem necessário (vide a história do rei de Daomé, atual Benin).

Dentro desta falange também vemos muitos índios que habitavam o continente Americano em sua porção Norte (Canadá e EUA). Por serem grandes guerreiros, geralmente acompanham outros falangeiros de direita até as zonas negativas para combater outros espíritos negativos e fazem resgates. Geralmente são vistos com machadinhas, lanças e até mesmo baionetas, por meio da visão astral.

Nessa linha encontramos os seguintes exus comandando as falanges: Exu Sete Cachoeira, Exu Tronqueira, Exu Sete Poeiras, Exu das Matas, Exu das Sete Pedras, Exu do Cheiro (ou Cheiroso) e Exu Pedra Negra.

A curiosidade dessa linha fica por conta da sua excentricidade, porém dentre seus falangeiros há um que está atuando em todas as casas de Umbanda, pelo menos as que mantém a ancestralidade, que é o caso do Exu Tronqueira. Ele é quem comanda a tronqueira e supervisiona a ação do elemental que lá habita.

FALANGE MISTA

Essa falange, também conhecida como Falange Complementar e Falange Cinza, merece uma explicação prévia para evitar confusões. Trata-se de uma falange muito mal explicada em todos livros e documentos aos quais tive acesso.

Devido a isso, eu, com um esforço intelectual muito intenso de pesquisa, ponderação e o suporte daqueles que me orientam em meus trabalhos, cheguei a uma estrutura aproximada do que julgo coerente, baseado em minhas investigações e práticas.

Com toda certeza será a linha que deixará as pessoas mais confusas, porém isso é até salutar, pois como eu disse repetidas vezes, a Umbanda não é redonda e um pouco de Caos faz bem.

O regente desta falange é o Exu dos Rios, ele aparece também dentro da composição da falange de Malê. Esta falange abriga vários espíritos de outras ordens ou que estão se preparando para tornarem-se Exus.

Nesta falange encontramos Eguns – que são espíritos de desencarnados – e Kiumbas – estes praticando exclusivamente o mal e de forma consciente.

Essas duas categorias de espíritos geralmente estão a serviço de alguns outros Exus. São espíritos em processo de mudança de “posto” ou “função”, praticamente deixando seu lado “Kiumba”, migrando para o lado de Exu “Pagão” ou “Catiço”.

São entidades que geralmente trabalham obsedado os outros e criando as doenças espirituais, por meio da destilação de energias negativas ou da inclusão de aparelhos espirituais, larvas astrais e manipulação de miasmas.

Geralmente são convocados para se tornar “bucha-de-canhão” e que vagam no submundo astral alistando (ou aliciando) outros espíritos para as hordas da esquerda.

Dentro desta linha, conforme o meu entendimento, encontramos também os Exus Africanos (Encantados da África ou Elementais), os Pretos-Velhos Quimbandeiros (exímios magos de Quimbanda), os Cangaceiros (vulgarmente chamados de Baianos de Esquerda), as Pombagiras (espíritos femininos, mas que ainda assim são Exus) e o Exu Pinga-Fogo.

Nessa organização não existem as sete falanges da forma como costumamos a ver nos outros, seria a falange de entrada das Almas para os trabalhos na Umbanda. Os espíritos que aqui se encontram não são menos poderosos que os demais, mas se encontram aqui pela falha na categorização em outras estruturas.

As Pombagiras, que aqui encontram uma falange, intercambiam-se com as diversas outras falanges, atuando em áreas que nem os Exus conseguem atuar.

EXU TEM QUE COMER!

Muitos questionam a frase acima e outros a repetem sem entender do que se trata. Primeiramente vamos compreender os mitos. Apesar de sabermos que o [Exu Orixá é diferente do Exu Entidade \(catíco\)](#) é importante entender os mitos.

Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro

Exu era filho caçula de Iemanjá e Orunmilá, irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi.

Exu comia de tudo e sua fome era incontrolável. Comeu todos os animais da aldeia em que vivia. Comeu os de quatro pés e comeu os de pena.

Comeu os cereais, as frutas, os inhames, as pimentas. Bebeu toda a cerveja, toda a aguardente, todo o vinho.

Ingeriu todo o azeite de dendê e todos os obis. Quanto mais comia, mais fome Exu sentia. Primeiro comeu tudo de que mais gostava, depois começou a devorar as árvores, os pastos e já ameaçava engolir o mar.

Furioso, Orunmilá comprehendeu que Exu não pararia e acabaria por comer até mesmo o Céu.

Orunmilá pediu a Ogum que detivesse o irmão a todo custo.

Para preservar a Terra e os seres humanos e os próprios orixás, Ogum teve que matar o próprio irmão.

A morte, entretanto, não aplacou a fome de Exu.

Mesmo depois de morto, podia-se sentir sua presença devoradora, sua fome sem tamanho.

Os pastos, os mares, os poucos animais que restavam, todas as colheitas, até os peixes iam sendo consumidos.

Os homens não tinham mais o que comer e todos os habitantes da aldeia adoeceram e de fome, um a um, foram morrendo.

Um sacerdote da aldeia consultou o oráculo de Ifá e alertou Orunmilá quanto ao maior dos riscos: Exu, mesmo em espírito, estava pedindo sua atenção.

Era preciso aplacar a fome de Exu.

Exu queria comer.

Orunmilá obedeceu ao oráculo e ordenou:

"Doravante, para que Exu não provoque mais catástrofes, sempre que fizerem oferendas aos orixás, deverão em primeiro lugar servir comida a ele".

Para haver paz e tranquilidade entre os homens, é preciso dar de comer a Exu em PRIMEIRO LUGAR.

Fonte: Mitologia dos Orixás; Reginaldo Prandi; Cia das Letras.

Temos aqui que compreender pontos importantes dentro da mitologia, a questão de Exu ter uma fome insaciável e mesmo em espírito requerer atenção. Sabemos que o poder de Exu é tremendo e por isso mesmo devemos ter todo o cuidado possível, como grande comunicador de todas as esferas da vida é ele quem é detentor da magia dentro do terreiro e faz as coisas funcionarem. Mesmo que não de forma incorporada.

Em algumas religiosidades da cultura Banto, a figura de Exu é substituída por Pambu Njila e até mesmo Aluvaiá, Inquices (Mkice) da região de Congo e Angola. Contudo a ideia é a mesma, sua fome insaciável e a questão preponderante deles poderem fazer comunicação acontecer. Dentro da magia voduista podemos associar também a figura de Simbi, o Loa em forma de serpente que faz a comunicação ocorrer e a magia acontecer.

Veja que dentro do mito Exu come primeiro aquilo que ele GOSTA e depois todo o resto para aplacar sua fome. Desta forma nós devemos dar a Exu o que ele gosta, antes que ele venha se saciar da nossa própria energia.

Da mesma forma, devemos ouvir nossos Exus para saber que tipo de comida eles gostam. Essa generalização de padês que tomou conta da Internet é muito prejudicial para a riqueza cultural que há dentro das religiões de cultura afro, principalmente nosso foco aqui que é a Umbanda.

Existem diversas formas e elementos para fazer um padê ou farofa de Exu e cada entidade vai gostar de comer de uma forma diferente e também gostam de beber coisas diferentes. Exu recebe marafo? Sim, mas não é só isso. Devemos entender, consultar nossos guias e acima de tudo não dar espaço para ilusões. Não existe Exu que gosta de Gin com Tônica e frutas vermelhas, calma lá! Nem Pombagira vai pedir um "Sex on the Beach".

Elementos da comida de Exu

Os padês ou farofas geralmente são compostos de farinhas, líquidos e algum elemento de origem animal (não necessariamente).

Encontramos tanto a farinha de mandioca, quanto a farinha de milho sendo usada para fazer os padês e há uma questão muito interessante em notar aqui, pois o tipo de farinha não é sugerido conforme a "sexualidade" da entidade (no caso dizem que farinha de mandioca para os Exus e farinha de milho para Pombagiras), mas sim pela sua simbologia:

A Mandioca cresce embaixo da terra, portanto é indicada para questões mais materiais, como saúde, dinheiro e prosperidade.

O Milho nasce em cima da terra, portanto é indicado para questões de elevação espiritual, proteção espiritual e demanda.

Da mesma forma existem os líquidos que colocamos para os Exus, que no caso podem ser: Marafó, Gin, Whisky, Champanhe, Azeite de Dendê, Mel e Água.

Como você vai definir o uso? Geralmente a partir da necessidade:

- Marafo, Gin, Whisky são para padês de Exu, que tendem a demandar contra alguém ou algo. Lembrando que a demanda não é ruim, mas apenas uma ferramenta dentro da proteção espiritual e mágica. Ainda podemos considerar a divisão entre Marafo Amarelo e Marafo Branco, sendo que branco é a Cachaça e o Gin e amarelo é o Whisky ou Cachaça envelhecida.
- Champanhe tem o mesmo processo, mas pode ser usada como atratora também, para padês exclusivos de Pombogiras. Geralmente do tipo tinto ou rosé, mas é bom lembrar que algumas Pombogiras preferem licor de anis ou anisete.
- Azeite de Dendê é o clássico e deve ser usado para nutrir e em substituição do sangue, por sua cor avermelhada. Também é usado para esquentar as coisas ou dar corpo as coisas.
- Mel é usado para aplacar a ira de Exu. Não sabemos como o Exu virá a princípio, não sabemos se fizemos algo errado perante a sua ótica ou se estamos em dívida, um padê com mel traz docilidade para a entidade, aplacando seu ânimo para que ele ouça nossos pedidos e não queira criar confusão (porque Exu gosta de confusão).
- E por fim a Água que é algo necessário para toda a vida, basicamente é algo que pode ser dado quando o Exu tem sede, neste caso também serve para processos de saúde.

Outros Elementos

A Farinha e o Líquido já é mais que o suficiente para um padê, porém podemos acrescentar alguns elementos para dinamizar seu processo. Sabemos que Exu gosta de pimenta, então ele se agrada de padês com pimenta. Sabemos que Exu gosta de carne, então podemos dar carne ao Exu, sem necessariamente fazer um sacrifício animal.

Só que cada linha de Exu tem uma preferência, partindo de carne bovina, suína e também de frango a até mesmo formas diferentes de apresentação das mesmas.

O Exu Tiriri que trabalha comigo, gosta de Carne Seca, por exemplo, contudo um Exu da Linha dos Omuluns (Almas) preferem carne de porco, assim como alguns Exus da Linha dos Caveiras. Então por que estamos dando frangos para Exu? Tem que perguntar para ele o que ele quer comer.

Pombagira gostam tanto de coração de boi quanto de galinha, depende muito da entidade. Existem alguns Exus que ainda preferem seus bifes crus e outros passados no dendê, como saber? Basicamente conhecendo a entidade e não aceitando que todas são iguais, pois se fossem não existiam tantos nomes, linhas, falanges e legiões.

Por exemplo, um Exu Caveira pode gostar de receber um padê de farinha de milho, com azeite de dendê e um bife de porco refogado no Azeite de Dendê. Já um Exu da Linha de Mossurubi (que não vou citar o nome por motivos óbvios, por ser uma linha perigosa), prefere que seja feito um padê de farinha de mandioca com azeite de dendê, menga (sangue) de galinha e um fígado cru de boi por cima.

Alguns Exus da Linha das Almas gostam de entregas sem farinha, como por exemplo Pipocas estouradas e colocadas em pratos de barro, regadas de azeite de dendê ou mel, conforme a necessidade, além de um bom fumo.

Tudo depende muito da "NECESSIDADE".

Além disso existem outros elementos que podem ser usados de formas gerais como a cebola e outros para linhas específicas como alho, limão e flores.

Diferenças entre Entregas e Comidas

Aqui tenho que abrir uma ressalva, pois confundimos os padês dados como Oferendas ou Entregas e os padês dados como Comida. A gente alimenta Exu com os dois tipos de padê, conforme a preferência deles, mas quando um Exu diz para levar em um terreiro um Padê para comer, então é para TODOS comerem.

Concordamos que não podemos servir um bife cru para o pessoal da assistência certo? Então geralmente o padê é feito refogado ou quente, como alguns dizem.

A questão é que você deve entender Exu e respeitar todas as falanges de Exu! As coisas não são assim tão genéricas como querem te fazer pensar.

O PREPARO DA FAROFA DE EXU (PADÊ)

Existem várias formas de preparar o Padê de Exu, como vimos já os elementos são muito variáveis. Basicamente devemos lembrar da utilidade do mesmo. O Padê mais simples que tem é o padê de dois ou de três como chamamos.

Em um recipiente despeje um pouco de farinha conforme o intento (mandioca ou milho), despeje também o líquido a ser usado e misture com uma colher de pau que só será usada para esse fim, o de mexer padê.

No padê de dois nós basicamente usamos a farinha de mandioca com uma bebida alcoólica conforme a entidade e a outra parte em azeite de dendê.

Pegue um alguidar (usualmente o de nº 2) e em outro recipiente misture a farinha de mandioca com a bebida alcoólica, quando estiver bem úmida transfira parte para o alguidar, colocando-a de um lado do alguidar.

Misture a outra parte de farinha de mandioca no recipiente usado para misturas e despeje azeite de dendê extra virgem (esses vendidos em casa de Umbanda não serve) e misture. Transfira para o alguidar e coloque lado-a-lado com a outra porção de padê que lá já se encontra.

Para o padê de três, nós usamos o mel também, se esse for o caso, o primeiro preparo deve ser feito com o mel, o segundo com a bebida alcoólica e a última com o azeite de Dendê.

TABELAS RÁPIDAS

LINHA DE TRABALHO	VELA	COR	DOMÍNIOS
EXU	PRETA-VERMELHA PRETA BRANCA	PRETO E VERMELHO	ABRIR CAMINHOS, DEMANDAS, VINGANÇA, FORÇA, VITALIDADE, COMUNICAÇÃO, EMPREGO, PROSPERIDADE, DINHEIRO, SEXO, SAÚDE.
POMBAGIRA	VERMELHA PRETA-E-VERMELHA	VERMELHO	ABRIR CAMINHOS, DEMANDAS, VINGANÇA, FORÇA, VITALIDADE, COMUNICAÇÃO, EMPREGO, PROSPERIDADE, DINHEIRO, SEXO, SAÚDE, SENSUALIDADE, DESEJOS.

LINHA DE TRABALHO	COMIDA	BEBIDA	FUMO
EXU	PADÊ	MARAFO, GIN, WHISKY	CHARUTO
POMBAGIRA	PADÊ	MARAFO, GIN, VINHO, ESPUMANTES, LICORES	CIGARRILHA

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e pós-graduado em Teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

MITOLOGIA DOS ORIXÁS; PRANDI, Reginaldo; Compilação; Cia das Letras.

EXUZADA; RAINHO, Douglas; MESQUITA, Roe; FIDELIS, Luciana; Encruza Livros.

O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA; SOUZA, Leal; Ed. Pensamentos..

UMBANDA (MAGIA BRANCA) E QUIMBANDA (MAGIA NEGRA) - VOL 1 E 2; BRAGA, Lourenço; Edições Spiker.

KIMBANDA: MITOS E SEGREDOS; OMOBATALA, Babá Osvaldo; Autopublicação LULU.

REINOS DE KIMBANDA; OMOBATALA, Babá Osvaldo; Autopublicação LULU.

EXU; FONTENELLE, Aluizio; Parzifal Publicações.

O LIVRO DOS EXUS, KIUMBAS E EGUNS; DE ALVA, Antônio; Editora Eco.

EXU AND THE QUIMBANDA OF NIGHT AND FIRE; FRISVOLD; Nicholaj de Mattos.

TRATADO ELEMENTAR DE MAGIA PRÁTICA; Papus; Ed. Pensamentos.

O PLANO ASTRAL; C.W. Leadbeater; Editora Teosófica.

O FENÔMENO SEU SETE DA LIRA; SIQUEIRA, Cristian; Ed. BesouroBox

NO REINO DOS EXUS; BITTENCOURT, José Maria; Ed. Pallas

OS SENHORES DOS CAMINHOS: EXU, OGUM E OXÓSSI; D'OXUM, Dalva; Ed. Pallas

TRANCA-RUA DAS ALMAS: DO REAL PARA O SOBRENATURAL; OMOLUBÁ; Ed. Cristális

SARAVÁ EXU; MOLINA, N.A.; Ed. Espiritualista

KIMBANDA - ORIGEM E FUNDAMENTO; Bruxa Fernanda.; Ed. Mor.

O LIVRO NEGRO DA QUIMBANDA; Ophis Christos & Necrocosm; Ed. Parzifal.

QUIMBANDA; O CULTO DA CHAMA PRETA E VERMELHA; Danilo Coppini; Ed. Via Sestra.

DESVENDANDO EXU: O GUARDIÃO DOS CAMINHOS; Diego de Oxóssi; Ed. Arolê.

QUEEN OF THE SEVEN CROSSROADS; Humberto Maggi.

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.